EDGAR CAYCE

SOBRE A REENCARNAÇÃO

NOEL LANGLEY

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

EDGAR CAYCE SOBRE A REENCARNAÇÃO

Noel Langley, sob a direção editorial de Hugh Lynn Cayce

Diretor da Associação para a Pesquisa e Esclarecimento, 1967

ÍNDICE

Prefácio por Hugh Lynn Cayce
"Já Vivi Antes?"
Se Já Vivemos Antes, Porque É Que Não Nos Lembramos?
O Subconsciente do Homem É Imortal
Carma Físico e Emocional
O Elemento do Medo no Carma Emocional
Carma Vocacional...
Leituras de Vida para Crianças
O Homem — o Estranho na Terra
O Próprio Credo de Edgar Cayce
A Bíblia Condena a Reencarnação?
Porque É Que a Reencarnação Não Está na Bíblia?
— A História Oculta da Reencarnação
Os Julgamentos das Bruxas de Salem: A "Ética Puritana" na Psique Americana
As Repercussões da Busca por Bridey Murphy
O Trabalho do Dr. Ian Stevenson
A Lei da Graça
Carma de Grupo
A Atitude Atual em Relação à Reencarnação
A Reencarnação no Futuro

Conclusão
Leitura Paralela Recomendada
Apêndice

PREFÁCIO

QUEM FOI EDGAR CAYCE?

Os seis livros que foram escritos sobre Edgar Cayce somaram mais de um milhão de exemplares em vendas. Mais de dez outros livros dedicaram secções à sua vida e aos seus talentos. Foi destaque em dezenas de revistas e centenas de artigos de jornal, desde 1900 até ao presente. O que havia de tão único nele?

Depende dos olhos de quem o olha. Um bom número dos seus contemporâneos conhecia o Edgar Cayce "acordado" como um talentoso fotógrafo profissional. Outro grupo (predominantemente crianças) admirava-o como um caloroso e amigável professor da Escola Dominical. A sua própria família conhecia-o como um marido e pai maravilhoso.

O Edgar Cayce "adormecido" era uma figura inteiramente diferente — um psíquico conhecido por milhares de pessoas, de todas as esferas da vida, que tinham motivos para estar gratas pela sua ajuda. Na verdade, muitas delas acreditavam que ele, sozinho, tinha "salvo" ou "transformado" as suas vidas quando tudo parecia perdido. O Edgar Cayce "adormecido" era um diagnosticador médico, um profeta e um devoto defensor do conhecimento bíblico.

Em junho de 1954, a Universidade de Chicago considerou-o com respeito suficiente para aceitar uma tese de doutoramento baseada num estudo da sua vida e obra. Nesta tese, o autor referiu-se a ele como um "vidente religioso". Nesse mesmo ano, a revista de banda desenhada infantil House of Mystery concedeu-lhe o impressionante título de "O Homem Mais Misterioso da América"!

Mesmo quando criança, numa quinta perto de Hopkinsville, Kentucky, onde nasceu a 18 de março de 1877, Edgar Cayce demonstrou poderes de perceção que pareciam estender-se além do alcance normal dos cinco sentidos. Com seis ou sete anos, disse aos pais que era capaz de ver e falar com "visões", por vezes de parentes que tinham morrido recentemente. Os seus pais atribuíram isto à imaginação excessivamente ativa de uma criança solitária que tinha sido influenciada pela linguagem dramática das reuniões de reavivamento religioso que eram populares naquela região do país.

Mais tarde, ao dormir com a cabeça sobre os livros escolares, desenvolveu uma forma de memória fotográfica que o ajudou a avançar rapidamente na escola rural. Este dom desvaneceu-se, contudo, e Edgar só conseguiu completar o sétimo ano antes de ter de procurar o seu próprio lugar no mundo.

Aos vinte e um anos, tinha-se tornado vendedor de uma empresa grossista de papelaria. Nesta altura, desenvolveu uma paralisia gradual dos músculos da garganta que ameaçava a perda da sua voz. Quando os médicos foram incapazes de encontrar uma causa física para esta condição, tentou-se a hipnose, mas sem qualquer efeito permanente. Como último recurso, Edgar pediu a um amigo que o ajudasse a reentrar no mesmo tipo de sono hipnótico que lhe tinha permitido memorizar os livros escolares em criança. O seu amigo deu-lhe a sugestão necessária e, uma vez em transe induzido por si próprio, Edgar enfrentou o seu próprio problema. Recomendou medicação e terapia manipulativa que restauraram com sucesso a sua voz e reestabeleceram o seu organismo.

Um grupo de médicos de Hopkinsville e Bowling Green, Kentucky, tirou partido do seu talento único para diagnosticar os seus próprios pacientes. Logo descobriram que Cayce apenas precisava de receber o nome e o endereço de um paciente, onde quer que ele estivesse, para ser capaz de se "sintonizar" telepaticamente com a mente e o corpo desse indivíduo tão

facilmente como se ambos estivessem na mesma divisão. Não precisava, nem lhe era dada, qualquer outra informação relativamente a qualquer paciente.

Um dos jovens médicos, o Dr. Wesley Ketchum, submeteu um relatório sobre este procedimento não ortodoxo a uma sociedade de investigação clínica em Boston. A nove de outubro de 1910, o The New York Times publicou duas páginas de cabeçalhos e fotos. A partir desse dia, pessoas perturbadas de todo o país procuraram a ajuda do "homem-prodígio".

Quando Edgar Cayce morreu, a 8 de janeiro de 1945, em Virginia Beach, Virgínia, deixou mais de 14 000 registos estenográficos documentados das declarações telepático-clarividentes que tinha dado para mais de seis mil pessoas diferentes ao longo de um período de quarenta e três anos. Estes documentos são referidos como "Leituras".

As Leituras constituem um dos maiores e mais impressionantes registos de perceção psíquica alguma vez emanados de um único indivíduo. Juntamente com os seus registos relevantes, correspondência e relatórios, foram cruzados num índice sob milhares de cabeçalhos de assuntos e colocados à disposição de psicólogos, estudantes, escritores e investigadores que ainda vêm, em número crescente, examiná-los.

Uma fundação conhecida como A.R.E. (Association for Research and Enlightenment, Inc., P.O. Box 595, Virginia Beach, Virginia, 23451) foi fundada em 1932 para preservar estas Leituras. Como uma sociedade de investigação de adesão aberta, continua a indexar e a catalogar a informação, a iniciar investigações e experiências, e a promover conferências, seminários e palestras. Até agora, as suas descobertas publicadas foram disponibilizadas aos seus membros através das suas próprias instalações editoriais.

Este é o primeiro volume de uma série de livros populares que tratam dos assuntos das Leituras de Edgar Cayce.

Este volume apresenta dados de 2500 Leituras dadas por Edgar Cayce de 1925 até 1944, e trata de problemas psicológicos em vez de males físicos. Assuntos como medos profundos, bloqueios mentais, talentos vocacionais, dificuldades conjugais, educação de crianças, etc., são examinados à luz do que Edgar Cayce chamava de "padrões cármicos" decorrentes de vidas anteriores vividas por uma alma individual nesta terra.

O carma, como ele o via, era uma lei universal de causa e efeito que proporciona à alma oportunidades para o crescimento físico, mental e espiritual. Cada alma (chamada de "Entidade" por Cayce), ao reentrar no plano terrestre como um ser humano, tem acesso subconsciente às características, capacidades mentais e aptidões que acumulou em vidas anteriores. No entanto, a "Entidade" deve também combater a influência de vidas em que emoções negativas como o ódio, o medo, a crueldade e a ganância atrasaram o seu progresso.

Assim, a tarefa da "Entidade" na terra é fazer uso dos seus renascimentos sucessivos para equilibrar os seus padrões cármicos positivos e negativos, subjugando os seus impulsos egoístas e incentivando os seus impulsos criativos. Um dos conceitos mais provocadores trata do porquê e do para quê lógicos do sofrimento aparentemente "desnecessário".

O propósito deste volume é apresentar numa linguagem simples e direta algumas das histórias estranhas e empolgantes dos registos de Edgar Cayce que podem ajudar a alcançar uma filosofia prática para a vida quotidiana.

— Hugh Lynn Cayce

CAPÍTULO UM

"JÁ VIVI ANTES?"

Na tarde quente de 10 de agosto de 1923, num quarto de hotel em Dayton, Ohio, o famoso vidente americano Edgar Cayce

acordou de um sono hipnótico induzido por si próprio para receber um dos maiores choques da sua vida.

Enquanto ouvia a estenógrafa ler a transcrição das suas palavras, Cayce, o mais devoto e ortodoxo dos protestantes, um homem que tinha lido a Bíblia uma vez por cada um dos seus quarenta e seis anos, aprendeu com crescente perplexidade que tinha declarado, de forma categórica e enfática, que, longe de ser um mito mal fundamentado, a lei da reencarnação era um facto absoluto e incontestável.

O seu primeiro medo foi que as suas faculdades subconscientes tivessem sido subitamente requisitadas pelas forças do mal, fazendo dele o seu instrumento involuntário; e ele tinha sempre jurado que, se alguma vez os seus poderes de clarividência o enganassem, não permitiria qualquer outro uso deles.

Agora, com a sua confusão a aumentar, sentava-se e ouvia o relato entusiasmado de Arthur Lammers sobre o que tinha dito. Lammers tinha solicitado estas sessões. Tinha pago as despesas de Edgar desde Selma, Alabama. E, embora Edgar estivesse a diagnosticar e a ajudar a curar os males dos doentes com as suas "Leituras Físicas" há mais de vinte anos, nunca lhe tinha sido pedido antes que se pronunciasse sobre o território proibido do oculto. Lammers, por outro lado, tinha feito um estudo aprofundado dos fenómenos psíquicos e das religiões orientais numa altura em que tais procuras estavam frequentemente confinadas a senhoras de idade em falsas sessões espíritas a tentar rastrear os seus cães de estimação num além canino.

Lammers estava tão jubiloso quanto Edgar estava consternado. As perguntas com que tinha bombardeado o psíquico adormecido tinham sido todas categoricamente respondidas. A última das dúvidas de Lammers tinha sido varrida. E Edgar estava noutro — e talvez no mais crítico — marco do seu árduo caminho pela vida. O seu primeiro impulso foi virar as

costas e fugir. Apenas entreter as possibilidades de que um homem vivesse mais do que uma vida como ser humano neste planeta parecia-lhe um sacrilégio e contrário a todos os ensinamentos de Cristo.

Era até um conceito repulsivo — ilógico, derrotista e macabro. Até o melhor dos bons cristãos achava difícil manter firme a sua fé na promessa de Cristo aos Seus crentes de que Ele ia preparar-lhes um lugar na casa de Seu Pai. Mas, sacrilégio à parte, as palavras não familiares que tinham saído da sua própria boca eram quase incompreensíveis para ele.

Ao contrário de Lammers, a sua educação estava confinada a uma aceitação literal da Bíblia. Aceitava-a à letra, tinha-a ensinado à letra nas suas Escolas Dominicais e tinha extraído dela um conforto espiritual total. Assim, era o clarividente menos equipado que Lammers poderia ter escolhido para navegar em águas tão estranhas e inexploradas.

O que teria acontecido se Edgar tivesse pedido para ser dispensado e apanhado o comboio seguinte de volta ao Alabama? Talvez muito mais do que podemos medir com precisão. Certamente questões maiores teriam ficado pelo caminho além da menor de que este livro não estaria nas suas mãos. Certamente os psiquiatras não teriam entrado em controvérsia sobre The Search for Bridey Murphy em meados dos anos cinquenta — e por mais inconclusivo que esse caso possa ou não ser, serviu como outro marco na peregrinação de Edgar em direção às verdades eternas.

Embora estivesse morto há onze anos, a atenção atraída por Bridey publicitou a sua filosofia em áreas onde nunca tinha penetrado antes, permitindo que as suas palavras trouxessem ainda mais ajuda e conforto aos severamente provados, aos solitários e aos desfavorecidos que se tinham afastado das suas próprias denominações, mas não encontravam consolo nos desertos áridos do agnosticismo.

Foi apenas quando Edgar venceu as suas dúvidas naquele dia em Dayton e permitiu que Lammers continuasse com as suas perguntas que um novo conceito de reencarnação viu a luz do dia. Este conceito não desafiava nem impugnava os ensinamentos de Cristo, mas lançava as bases para uma filosofia espiritual suficientemente poderosa para resistir ao cinismo secular deste século, o mais turbulento de todos.

Edgar Cayce fez disso uma regra: nunca converter ou convencer através de discursos inflamados ou "ofuscando com ciência". Deixava todo o julgamento ao critério do seu ouvinte, e o único propósito deste livro é dar uma imagem tão clara quanto possível da sua teoria do renascimento.

Mais de duas mil e quinhentas pessoas foram ter com ele para saber das suas histórias de vidas anteriores neste planeta. A primeira pergunta lógica deve ser: “Isso fez algum bem a alguma delas?”

A resposta é sim, nos casos em que as “Leituras” foram seriamente estudadas e o seu conselho aplicado.

Era de esperar que uma percentagem razoável de pessoas preguiçosas, embora preparadas para reconhecer as verdades duras e os avisos oportunos, ainda assim deixasse as suas Leituras a amarelecer na prateleira enquanto continuavam nos seus caminhos impenetráveis.

Mas a grande maioria saiu a ganhar, num grau ou noutro. Algumas até transformaram as suas vidas de uma rotina moral para um uso com propósito. (Edgar ensinava que todas as naturezas humanas têm uma coisa em comum: só estão a operar no seu potencial máximo quando as suas preocupações são redirecionadas da preocupação consigo próprias para a assistência aos seus irmãos menos afortunados.

O lugar mais direto para começar, então, deve ser certamente com o estudo detalhado de duas destas Leituras de Vida.

Assim que tivermos acompanhado a aplicação prática da experiência anterior ao esforço presente de um homem, podemos mover-nos mais confortavelmente para as implicações mais amplas da reencarnação. Estas incluirão logicamente as leis inflexíveis às quais a reencarnação se conforma, a sua presença implícita na religião ortodoxa e as razões pelas quais sofreu tal rejeição às mãos da civilização ocidental.

A 29 de agosto de 1927, Alice Greenwood pediu uma Leitura de Vida para o seu irmão mais novo, David, que tinha feito catorze anos três dias antes. Embora Alice já tivesse recebido a sua própria Leitura de Vida, o seu irmão era pessoalmente desconhecido de Edgar Cayce. A mulher de Edgar, Gertrude, conduzia habitualmente estas sessões, mas nesta ocasião as únicas pessoas presentes eram o pai de Edgar, Leslie, a substituir Gertrude, Gladys Davis, a estenógrafa, e Beth Graves, uma visitante.

Gladys Davis era a secretária permanente de Edgar, uma mulher cujo registo impecável de serviço firme e fiel continua até ao dia de hoje.

Tudo o que se sabia de David Greenwood era que ele era um bom estudante, comprava as suas próprias roupas e livros escolares trabalhando como ardina, e gostava de colecionar selos. Além disto, a irmã não possuía qualquer visão especial sobre o seu caráter.

Também deve ser deixado claro neste ponto que Edgar nunca realizava uma leitura exceto a pedido do próprio sujeito ou de alguém responsável por ele. Uma vez em hipnose induzida por si próprio, não respondia a nenhuma outra voz a não ser à do condutor das perguntas. Qualquer desvio deste procedimento resultaria em silêncio, ou na sua declaração categórica: "Terminámos por agora", altura em que lhe era dada a sugestão de regressar à consciência.

Quando este procedimento era de alguma forma violado, Edgar corria um grave perigo pessoal. Numa ocasião, permaneceu num estado catatónico durante três dias, e por duas vezes tinha sido dado como morto pelos médicos assistentes.

Em resposta ao pedido de Alice Greenwood, Edgar seguiu a sua rotina habitual de se reclinar num sofá, com as mãos cruzadas sobre o peito e respirando fundo. Depois, as suas pálpebras tremeram — o sinal para que o condutor as fechasse e fizesse contacto com o subconsciente de Edgar, dando a sugestão para a Leitura de Vida. Neste caso, foi lido o pedido por escrito de Alice para ajudar o seu irmão. A menos que este procedimento fosse temporizado para sincronizar com o tremer das suas pálpebras, Edgar avançaria para além do seu transe para um sono normal e profundo do qual não haveria como o despertar até que ele próprio optasse por acordar.

CONDUTOR: "Terá diante de si a Entidade, David Roy Greenwood, nascido a 26 de agosto de 1918, entre os condados de Perry e Hale, oito milhas a norte de Greensboro, Alabama. Dará a relação desta Entidade com as forças universais, dando as condições que são como personalidades, latentes e exibidas, na presente vida; também as anteriores aparições no plano terrestre, dando o tempo, o lugar e o nome, e aquilo que em cada vida construiu ou retardou o desenvolvimento para a Entidade, dando as capacidades da presente Entidade e aquilo que ela pode alcançar, e como."

Seguiu-se uma pausa, durante a qual o subconsciente de Edgar fez contacto com o subconsciente de David Greenwood. (Se esta leitura se tivesse ocupado apenas da saúde física do sujeito, teria sido imperativo que fosse dita a Edgar a localização geográfica exata do rapaz naquele momento, tal como uma estação de rastreio deve saber a localização precisa de um satélite antes de poder fazer contacto por radar.) Então, ele começou a falar num tom baixo, calmo e sem emoção.

O seu primeiro comentário foi que a maioria das características presentes do rapaz consistia em instintos latentes, em vez de traços reconhecíveis que respondessem a um esforço de vontade. “Encontramos indicações, então, de alguém que é forte de corpo, contudo com inclinações e tendências para defeitos físicos que afligem o corpo ao manifestarem-se na digestão, ou corpo físico. Por conseguinte, a Entidade deve ser avisada contra indulgências que possam trazer tensão e esforço sobre o sistema digestivo.”

Nesta altura, não havia qualquer indicação de que o rapaz viria eventualmente a sofrer de problemas digestivos. Foi um excelente exemplo do poder de precognição de Edgar. Ele prosseguiu então para eliciar a natureza amigável do rapaz, mas sugeriu que ele aprendesse a refrear o seu temperamento vivo antes que se tornasse um problema.

Avisou que, sem uma aplicação responsável da força de vontade e sem uma fé religiosa estável para o guiar, os impulsos do rapaz poderiam continuar a dificultar o seu curso de ação ao longo da sua vida.

De acordo com a memória inconsciente que o rapaz mantinha das suas vidas anteriores, a sua melhor hipótese de sucesso era associar-se a homens de negócios cujo comércio dissesse respeito “a materiais, vestuário, ou de tal natureza. Esta será a tendência e inclinação natural da Entidade... pois com a capacidade de fazer amigos, a viragem é vista no sentido da nobreza de propósito... por conseguinte, a formação de que a Entidade necessita sob tais condições deve começar, assim que seja possível, a fornecer a base correta para tal desenvolvimento.”

Ele prosseguiu então para descrever a vida do rapaz imediatamente anterior a esta.

Abrangeu os últimos anos de Luís XIII e os primeiros anos de Luís XIV em França. Edgar referiu-se a uma rebelião iminente que bem poderia ter sido as revoltas públicas contra a Rainha-Mãe e o Cardeal Mazarin que duraram intermitentemente de agosto de 1648 até à sua submissão final pelo Príncipe de Condé em julho de 1652. O nome de David era então Neil, e ele ocupava um lugar substancial na Corte do Rei, uma espécie de Mestre dos Trajes e árbitro da moda, pessoalmente responsável pelo guarda-roupa do Rei.

Neil serviu o seu amo real fielmente, e Edgar salientou que ele colheria os benefícios da sua devoção ao dever nesta vida presente — uma espécie de medalha de bom comportamento, por assim dizer, transmitida de um eu para o outro.

Que outras características ele herdou?

"Vê-se, no presente, o impulso para ser particular consigo próprio quanto ao vestir, e a capacidade de descrever bem o vestuário de uma sala cheia de gente, se ele se dedicar a isso."

Deve notar-se que a Leitura empregava ocasionalmente uma fraseologia cautelosa, por vezes pedante, e por uma razão muito boa. A mente subconsciente de Edgar Cayce parecia estar a lidar com o francês coloquial do século XVII, que tinha depois de transpor para o idioma inglês moderno da sua mente consciente.

O subconsciente não consiste em matéria tangível; apenas o pensamento existe. Portanto, todas as línguas são uma só. O perigo de má interpretação só poderia começar quando Edgar falasse em voz alta. Assim, a sua preocupação perpétua, uma vez transferidas com sucesso as "imagens mentais" do seu subconsciente para a "teleimpressora" da sua mente consciente, era reter o sentido original verdadeiro.

Este cuidado e cautela tornaram-se cada vez mais evidentes à medida que Edgar recuava cada vez mais no tempo e era confrontado não apenas por idiomas obsoletos, mas por línguas que faziam exigências musculares à garganta e aos lábios que os seus próprios seriam totalmente incapazes de reproduzir. Aqui a sua tarefa não era tanto traduzir de uma língua para outra, mas parafrasear símbolos ininteligíveis no seu equivalente moderno mais próximo.

Em suma, ele tinha de "decifrar o código", tal como os arqueólogos tiveram de reduzir antigas linguagens de sinais aos seus equivalentes gramaticais aproximados.

Edgar prosseguiu então para a vida anterior à encarnação francesa do rapaz como Neil. Esta foi no istmo de Tessalónica, na costa egeia da Grécia. Lá, numa cidade chamada Solonika, viveu como um comerciante chamado Colval.

Nenhuma data exata foi dada, mas os tempos foram referidos como instáveis, deixando supor que uma forma de governo estava a ser derrubada e substituída por outra, permitindo a Colval atingir uma posição de poder que ele posteriormente usou mal. Por isso, perdeu alguns dos benefícios que de outra forma poderia ter passado para si próprio no presente. Não obstante, "as influências desta vida no presente são vistas na sua capacidade de se adaptar a qualquer lugar ou posição entre quaisquer pessoas com quem se veja associado." Também lhe foi dito, com verdade: "Especialmente o amor à família, e àqueles intimamente associados com a mesma, é visto a partir dessa experiência."

A vida seguinte na sequência bem poderia ter coincidido com a invasão de Alexandre e a conquista da Pérsia. Fosse qual fosse a força invasora, conseguiu dividir o país contra si próprio. O nome do rapaz era então Abiel e aproveitou os tempos para se elevar ao

estatuto de médico da corte. Aqui a intriga e a corrupção tiveram o seu efeito sobre ele, mas, embora tenha novamente usado mal a sua autoridade, ainda assim foi elogiado por manter a sua posição quando enfrentou a ameaça de perseguição por parte dos seus conquistadores.

A influência na sua vida presente também se viu no seu desejo inato de "estudar compostos químicos... o impulso no sentido do desejo de ser médico." Isto era perfeitamente correto; mas, em vez de ser aconselhado a encorajá-lo, foi avisado para dar mais valor à experiência posterior como comerciante na Grécia.

Em outras palavras, o rapaz foi avisado para se afastar dos seus devaneios de se tornar um grande cirurgião, sendo a implicação óbvia não só que ele não estava económica e temperamentalmente equipado para isso, mas também que a sua inclinação para a intriga na corte persa reestimularia facetas da sua natureza que era melhor deixarem de estar adormecidas.

A partir daqui, Edgar recuou até tempos tão antigos que rossavam a pré-história — o Egito durante uma das suas invasões por uma raça estranha. Tornou-se agora possível identificar os fatores recorrentes no caminho do progresso desta alma. Tanto em França como na Pérsia, ele gozou dos privilégios do favor real. A sua familiaridade com o procedimento de corte na Pérsia permitiu-lhe claramente adaptar o seu instinto, ou talento, ao seu ambiente em França. Vivendo duas vezes em países que tinham sido invadidos por culturas invasoras, o tumulto e a agitação tinham-lhe dado uma visão clara da psicologia das massas.

No Egito o seu nome era Isois e, mais uma vez, foi capaz de se tornar inestimável para os seus conquistadores. De um início humilde elevou-se à autoridade como um tipo de pregador leigo que gozava da confiança do povo comum. Como resultado, os

sacerdotes da nova dinastia usaram-no como intermediário e "intérprete geral" da nova forma de culto.

"Por conseguinte, ele esteve entre os primeiros na terra a assumir uma classe especial de vestuário, ou traje, para se distinguir dos outros povos."

Foi dito ao rapaz que a sua vida tinha ganho tal lustre pelo seu zelo pelo bem-estar do homem da rua que ainda restam vestígios entre as ruínas do Egito que comemoram a sua santidade. Após a sua morte, foi adorado como um santo ou um deus menor.

"A Entidade ganhou nessa experiência, e o ganho manifesta-se no presente, na sua capacidade de se aplicar às massas bem como ao indivíduo."

O Egito foi invadido muitas vezes na sua longa história, mas a presença de sacerdotes entre os conquistadores sugere que este período antecedeu as invasões babilónicas e etíopes, e pertence a uma época tão recuada quanto as primeiras invasões arianas vindas do Norte.

Isto colocaria o tempo por volta de 10 000 a.C., o que pareceria suficientemente recuado para qualquer alma. Mas a seguir Edgar deparou-se com o tema controverso da Atlântida, que a ciência descarta categoricamente como lenda, e que Edgar Cayce definiu como três grandes extensões de terra que cobriam o que é agora o Oceano Atlântico, possuindo em comum uma civilização muito avançada em relação à nossa e um domínio prático da energia nuclear que contribuiu para a sua própria destruição e inundação. Grandes grupos de sobreviventes alcançaram a América do Sul e Central e o Norte de África, e um grupo, não tão facilmente assimilado devido ao seu isolamento,

sobreviveu como a raça basca nos Pirenéus, entre França e Espanha.

O material sobre a Atlântida nos arquivos de Cayce é suficientemente imponente para justificar um livro próprio, e a referência a ele ocorrerá de necessidade em capítulos subsequentes deste, mas apenas é necessário de momento estabelecer o facto de que a sua civilização abrangeu um período de duzentos mil anos, afundando-se a última das suas ilhas finalmente em 10 000 a.C.

"Antes disso, a Entidade estava na terra atlante quando as inundações vieram e a destruição governou a terra, (e) esteve entre os assim destruídos. O nome era então Amiaie-Oulieb."

Mais significativamente, ele era herdeiro do trono; por isso, desde os seus próprios primórdios, o sangue da realeza ser-lhe-ia familiar. Apesar da sua morte por afogamento, viveu o suficiente para indicar que lhe faltava a disciplina e a dedicação necessárias à sua condição, mas "a (evidência) presente (dessa encarnação) é vista na capacidade de conhecer materiais, especialmente os que se aplicam ao vestuário."

Assim descobrimos que em apenas uma das suas vidas lhe faltou uma afinidade por tecidos finos e vestes cerimoniais, embora as vidas delineadas por Edgar Cayce não fossem necessariamente as únicas aparições que o rapaz fez na terra. (Na verdade, os seus ciclos sugerem que ele bem pode ter sido um dos membros de um tenaz grupo de almas que se orgulha do número de vezes que reencarna — quase como se algum tipo de Campeonato Olímpico estivesse envolvido!) Mas estas foram as únicas vidas que tinham uma relação construtiva com os seus problemas na vida em que estava agora a embarcar. Isto tornou-se evidente no resumo final dos talentos potenciais de David Greenwood no fecho da Leitura:

“Quanto às capacidades presentes da Entidade, então, vê-se que surgem muitas condições que devem ser enfrentadas pela Entidade na aplicação de si própria aos ambientes da experiência presente.

Primeiro, tem cuidado com as condições que possam trazer forças prejudiciais ao bem-estar físico através do sistema digestivo. Depois, neste canal, segue dietas específicas e a aplicação correta dos valores alimentares para o bem-estar físico.

No desenvolvimento mental e do corpo, a Entidade precisa de se aplicar primeiro àquilo que dará o conhecimento mais perfeito da sua relação com a Energia Criativa, isto é, às lições espirituais que podem ser ganhas a partir de um estudo da experiência do Mestre no plano terrestre como o filho do homem.

No sentido material, aplica-te no sentido das vendas e às capacidades de satisfazer as necessidades do homem no que diz respeito às relações de negócios.

Mantém-te física, mental e espiritualmente em forma, pois no serviço são dadas as maiores bênçãos. Escolhe a quem servirás; pois nenhum homem pode servir a dois senhores.

Guarda a lei, como é próprio da relação do homem com Deus. Mantém-te sem mancha do mundo. Não como serviço para ser visto pelos olhos, mas como serviço do coração ao Criador.

Terminámos por agora.”

A Leitura foi devidamente dactilografada e enviada aos pais do rapaz. Fez tão pouco sentido para eles que nunca foi dada ao rapaz para ler. Felizmente, a sua irmã não desanimou tão facilmente. Guardou a Leitura num lugar seguro, e o caso não

volta a aparecer nos arquivos até sete anos mais tarde, a 22 de agosto de 1934.

Neste ponto, David Greenwood, com vinte e um anos, era o principal sustento da sua mãe e da outra irmã. Ganhava um salário modesto como gestor de circulação de um jornal de uma cidade pequena, e tinha pouca ou nenhuma promessa de avanço substancial. O seu estado de espírito era simultaneamente frustrado e inquieto quando Alice finalmente lhe apresentou a sua Leitura e sugeriu que aplicasse o seu conselho aos seus problemas. A sua resposta não foi muito mais calorosa do que a dos seus pais tinha sido. Não havia nada de errado com a sua digestão; não tinha interesse ou aptidão para o mercado do vestuário; a ideia de renascimento deixava-o frio; e a possibilidade de ele ser algum tipo de estilista reprimido era totalmente ridícula. No entanto, admitiu que quase tudo era preferível a passar o resto dos seus dias na penúria obscura do escritório do jornal.

Mesmo assim, só na primavera de 1940 é que a irmã de David o convenceu a fazer uso de uma apresentação que tinha obtido para ele junto dos dois sócios de uma fábrica de vestuário de terceira geração que se dedicava exclusivamente ao fabrico de uniformes. Alice tinha conhecimento de que os sócios estavam familiarizados com o trabalho de Edgar Cayce e o tinham em alta conta. Assim, a Leitura de Vida de David não deixou dúvidas nas suas mentes de que ele possuía uma inclinação natural para o seu comércio particular e, sem mais demoras, ofereceram-lhe uma vaga como vendedor viajante. A sua linha principal eram uniformes de bandas do ensino secundário, mas também servia grupos cívicos.

No ano seguinte, David desenvolveu tal dom para antecipar as necessidades dos seus clientes que adicionou vários estados do

sul ao seu território, ultrapassando todos os outros vendedores da empresa, embora fosse o mais jovem e o menos experiente.

Em fevereiro de 1943, foi classificado como 4F pelo Exército. A razão: alergias alimentares, cujas origens antecediam o aviso da Leitura de que ele poderia esperar problemas com o seu sistema digestivo!

Depois, o racionamento de gasolina, os hotéis lotados e os caminhos de ferro sobrecarregados puseram um ponto final à sua próspera carreira como vendedor. Então David voluntariou-se para trabalhar num dos maiores centros de incorporação do Exército, onde uma média de mil e quinhentos oficiais por semana era equipada para combate.

Em julho do mesmo ano tinha sido promovido à Loja de Vestuário da Escola de Candidatos a Oficiais. Quando a guerra terminou, regressou à sua antiga empresa para ficar encarregue em exclusivo da secção de retalho, enquanto os dois antigos proprietários se concentravam em reorganizar o departamento de grossistas como uma corporação separada.

Não é surpreendente que o grato Greenwood continuasse a trabalhar em estreita colaboração com Edgar Cayce, e um facto revelador emergiu das Leituras subsequentes: a fraca digestão que ele herdou foi uma consequência direta do seu amor por comida rica na corte francesa, onde o gourmet Neil literalmente destruiu o seu corpo pelos seus excessos na gula. (A gota foi provavelmente a menor das agonias que acompanharam a sua morte nessa vida.) O facto de Greenwood estar confinado à mais espartana das dietas nesta vida não era apenas a restituição pelo mal que fez a si próprio à mesa do Rei; o seu próprio subconsciente estava também a avisá-lo para nunca infligir tal punição desnecessária e pouco atraente ao seu eu físico em nenhuma das vidas sucessivas que ainda o aguardavam!

Este não é de modo algum um exemplo único das 2500 Leituras de Vida feitas por Edgar Cayce, mas transmite numa linha clara de progressão como as capacidades latentes de um rapaz de catorze anos, que de outra forma teriam permanecido inativas e insuspeitas ao longo da sua vida, eram aparentes para Edgar Cayce, corretamente identificadas por ele, rastreadas até à sua fonte e apresentadas ao rapaz em termos de aplicação prática.

Edgar viveu o suficiente para ver David Greenwood herdar o seu devido destino.

Não menos singular foi o poder de profecia de Cayce numa Leitura que fez, seis anos antes de morrer, para Grover Jansen.

O APELO DA FLORESTA

Quando solicitou a sua Leitura em 1939, Grover Jansen encontrava-se numa posição mais afortunada do que David Greenwood. Era um estudante de dezanove anos que tinha dúvidas sobre o seu futuro. Após dois anos na faculdade, não conseguia encontrar nenhuma ocupação à qual respondesse.

Edgar não o deixou com dúvidas quanto à sua vocação natural.

Na sua vida anterior, durante a Guerra da Independência, tinha trabalhado como agricultor cuja função era estimar a quantidade de produtos agrícolas que o Exército poderia esperar obter de um determinado terreno. Assim, havia pouco que ele não soubesse sobre a fertilidade ou aridez de qualquer área dada na qual se tivessem de travar grandes batalhas.

«A Entidade, em nome do Ancião Mosse, esteve associada a André, bem como a Arnold, Lee e Washington, nessas terras em redor da porção superior do que é agora o Estado de Nova Iorque... por conseguinte, encontraremos no presente que as montanhas e os rios, o ar livre, todas essas atividades que se relacionam com a destreza física, têm uma influência inata e subtil sobre a Entidade na escolha dos seus contactos com os outros.»

Na vida anterior a essa, o jovem tinha vivido no Império Romano durante o seu período de grande expansão.

«Aí encontramos a Entidade entre os que foram a escolha de pelo menos três imperadores — os primeiros Césares, mas não o primeiro — para atividades em Inglaterra, Irlanda, porções da França, porções de Espanha e Portugal, bem como nas costas do norte de África e terras gregas e na terra da Palestina. Todas essas fizeram parte da atividade da Entidade.

«Pois a Entidade estava entre aqueles (e havia apenas outro) que tinham a capacidade de julgar sobre o que melhor se poderia produzir nas variadas terras com o menor esforço para fornecer o maior benefício ao império nas suas várias esferas de atividade.

«Assim, encontramos que cada atividade da natureza fica sob o julgamento da Entidade — quer para fornecer adornos, alimento, um meio de troca, incluindo as tribos com penas ou as que produziam peles, quer a produção de sementes ou madeiras de vários tipos.

«No presente, então, como indicado, a Entidade tem a capacidade — dessa mesma permanência — de se tornar um juiz dessas influências para a conservação... o nome era então Agrilda.

«Antes disso, encontramos que a Entidade estava na terra agora conhecida como egípcia, durante esses períodos de reconstrução a seguir à inundação da terra da Atlântida, da qual a Entidade tinha feito parte.

«Pois a Entidade, embora mais jovem do que alguns dos que estavam na autoridade, logo cresceu em favor nessa terra egípcia, não só por instruir e edificar os vários grupos, mas ajudando no laço de união e força que vem dos esforços unidos para a melhor conservação... o nome era então Ex-en.

«Quanto à escolha de como a Entidade atuará no presente, então: quanto a se cumprirá esse propósito para o qual entrou, ou glorificará o eu ou uma causa, ou um indivíduo, isso deve ser decidido apenas pela Entidade.

«Nesses campos de conservação — quer seja de peixes nas águas, aves de certo calibre, necessidades de alimento, ou proteção de certas porções da terra ou madeiras, ou a melhor conservação do solo para certas sementes ou culturas — todos estes são os canais nos quais a Entidade pode encontrar contentamento e harmonia.

«Lógico, a terra continua a crescer — pois é o escabelo de Deus —, mas o abuso do homem sobre a mesma pode fazer com que deixe de ser produtiva. Mas se houver a conservação da sua força — as terras, as madeiras e as criaturas de Deus que se manifestam através das mesmas —, é uma coisa contínua. Pois "Crescei em graça e em conhecimento e em compreensão" é aplicável à vida secular do homem tanto quanto à sua mental ou espiritual.»

P: «Deverei continuar no Penn State College no próximo ano?»

Cayce: «Se houver um curso no qual este estudo particular seja enfatizado, sim. Se se concluir que pode haver um estudo maior através da atividade do Governo nesses campos, escolhe esse! E ser-te-á aberto se procurares por isso!»

O jovem seguiu o conselho da sua Leitura prontamente e à letra. E, tal como Edgar lhe tinha dito, desenvolveu uma afinidade natural pela vida selvagem e pela conservação.

Era um homem profundamente contente e realizado no Serviço Nacional de Parques do Departamento do Interior que escreveu a Hugh Lynn Cayce sete anos mais tarde:

«Caros Amigos: Estamos finalmente instalados para o verão na entrada sul deste bonito e maior dos nossos Parques Nacionais. É uma grande emoção para mim ter o título de "Ranger", visto que sempre olhei para estes guardiões dos nossos recursos naturais como "homens a sério" desde que era um garoto. Estou a começar como "Ranger-Naturalista" no dia primeiro de julho, o que é um acontecimento ainda maior na subida da escada.

«Bem, a jactância acabou por agora, mas tinha mesmo de vos fazer saber a todos que as Leituras nos tornaram, a mim e à minha pequena família, muito, muito felizes, visto que pelo menos sabemos que estamos no caminho certo.

«Este trabalho de Ranger-Naturalista é uma oportunidade perfeita para mostrar às pessoas um pouco da obra de Deus intocada. Todos os ribeiros são puros e bons para beber, a transbordar de trutas prontas para a mosca. Todos os velhos homens da montanha, bem como os Crow, Sioux e outras tribos indianas, outrora percorreram esta mesma região tão rica em história. Os antílopes, bisontes, alces e veados são tão comuns como eram quando os pioneiros abriram caminho pela primeira vez através desta grande imensidão. Os ursos-cinzentos e o urso-

negro fazem-nos ficar cientes de que algum perigo espreita atrás de cada árvore... Encontro um fascínio aqui que nunca tinha experimentado antes.

«Tenciono regressar ao Colégio Agrícola em setembro para terminar mais alguns créditos para um diploma e depois para o Serviço Nacional de Parques para sempre, talvez...

«Venham até cá — dar-vos-ei a todos um passe de cortesia!»

Depois, em 1951, escreveu do Serviço de Pesca e Vida Selvagem para uma amiga que estava suficientemente preocupada com o futuro do filho para lhe pedir conselho: «Se ao menos Edgar Cayce estivesse vivo agora, tenho a certeza de que uma Leitura seria a resposta para muitos desses problemas difíceis com que está agora a lidar. Fui muito afortunado em contactar a Associação numa idade jovem e, como resultado de uma Leitura de Vida e de várias Leituras de Verificação, encontrei o tipo de trabalho para o qual sou mais adequado.

«Como pode ver pelo cabeçalho da carta, já não estou no Serviço Nacional de Parques dos E.U.A. No passado mês de agosto mudámo-nos para North——, onde assumi o título de Agente de Gestão de Caça dos E.U.A. e aplico os regulamentos federais de pesca e caça neste Estado.

A Leitura de Vida aconselhou o trabalho governamental na conservação dos recursos naturais, e posso assegurar-lhe que aprecio enormemente o cargo!»

O RAPAZ QUE SE LEMBRAVA

Dificilmente seria lógico se a história da alma que Edgar Cayce traçou para si próprio não fosse tanto imponente como única. Mas, pelo mesmo motivo, é tão complexa e recôndita que

só um volume inteiramente dedicado à sua evolução poderia torná-la compreensível para o leigo ortodoxo.

Sem tentar inflacioná-lo até ao estatuto de Grande Panjandrum, os seus antecedentes espirituais colocam-no num escalão elevado de almas humanas. As suas várias vidas levaram-no de alturas sublimes a planaltos nos quais não era nem particularmente exaltado, nem dotado de mais do que os cinco sentidos normais.

Por exemplo, na vida que passou no continente americano imediatamente antes do seu regresso como Edgar Cayce, não tinha sido um santo menor. Tinha sido um mercenário no Exército Britânico antes da Guerra da Independência — um jovial aventureiro com um fraco pelas senhoras e pela garrafa...

Nasceu em 1742 de uma estirpe temida de cornualheses — uma raça celta que, nesses dias, sentia pouco ou nenhum amor pela Inglaterra e se gloriava no contrabando e no naufrágio de navios. Foi batizado como John Bainbridge. Originalmente, desembarcou na América na Baía de Chesapeake (significativamente perto de Virginia Beach que, como uma Lorelei, o tinha chamado de volta à sua costa nesta vida). O seu envolvimento nas escaramuças intermitentes com tribos indianas hostis levou-o tão para o norte como o Canadá e, finalmente, limitou o seu teatro de guerra a Fort Dearborn, o local da Chicago atual. A vida de fronteira ali era dura e desordeira, um antegosto das travessuras que iriam pintar de escarlate as cidades em expansão da Califórnia no século seguinte, e ele era um homem do seu próprio tempo em todos os sentidos da palavra.

Quando o sitiado Fort Dearborn finalmente caiu nas mãos dos indianos, ele ajudou um grande grupo de homens, mulheres e crianças a escapar pelo Rio Ohio numa jangada montada de forma tosca. Tinham mantimentos insuficientes para os sustentar e eram

incapazes de ir a terra procurar alimentos, tendo os indianos perseguido-os ao longo de ambas as margens do Ohio. Um a um, os desgraçados morreram de exposição e de fome, mas a própria vida de Bainbridge terminou num ato de heroismo; ele morreu permitindo que uma jovem mulher escapasse para a segurança.

À parte disto, a sua alma não tinha feito grande progresso espiritual nessa vida, e não meritoria mais nenhum comentário, a não ser por duas ligações singulares com a sua vida presente. A mulher cuja vida ele salvou procurou a sua ajuda novamente nesta vida, e através dela ele foi capaz de ajudar muitas das almas que tinha conhecido em Fort Dearborn, pois, como grupo, tinham permanecido intactos, trazendo os seus problemas não resolvidos consigo para serem resolvidos nas imediações da península de Chesapeake. (Ver Capítulo XVI.)

Um fragmento de evidência menor, mas muito mais desarmante, surgiu quando a família Cayce se mudou pela primeira vez para Virginia Beach, em setembro de 1925. Edgar tinha acompanhado o seu filho Hugh Lynn a uma barbearia onde o filho do barbeiro, um garoto estremunhado de cinco anos, aguardava inquieto o regresso da mãe para o deitar. O pai tinha-lhe dado uma caixa de bolachas em forma de animais para o manter pacificado e, quando o seu olhar sonolento se focou de repente em Edgar, ele trotou até ele e entregou-lhe a caixa. «Toma», disse ele impulsivamente. «Podes ficar com o resto. Deves continuar com uma fome terrível!»

«Deixa o senhor em paz! Sabes muito bem que não deves molar as pessoas que não conheces!», o pai repreendeu-o.

«Mas eu conheço-o!», protestou a criança, olhando para Edgar com total confiança. «Ele também estava na jangada! E você estava com uma fome real nessa altura, não estava, senhor?»

«Obrigado, meu jovem», disse Edgar agradecido. «Vou tirar só uma bolacha», e depois acrescentou num sussurro confidencial, «e tens razão! Eu estava com uma fome real nessa jangada!»

CAPÍTULO DOIS

SE JÁ VIVEMOS ANTES, PORQUE NÃO NOS LEMBRAMOS?

A mente subconsciente lembra-se das suas experiências passadas, mas há todas as boas razões para que a mente consciente seja poupada a esse privilégio bastante duvidoso.

Imagina-te como uma alma antes de regressar à terra. Imagina-te como um mergulhador sentado no convés de um navio de salvamento no Caraíbas. É um dia calmo e luminoso. A água é lisa e transparente, os céus sem nuvens; apenas uma ligeira brisa se move.

Em algum lugar abaixo de ti está o naufrágio de um velho galeão, que se diz ter estado carregado com lingotes de ouro quando se afundou. Podes até detetar o esqueleto sombrio das suas poucas madeiras restantes, embora a maior parte esteja enterrada no lodo. O que não podes ver do convés do navio são as intrincadas correntes cruzadas que fluem a essa profundidade; estão demasiado fundo para perturbar a calmaria da superfície do mar.

Devido à quantidade de tempo que deves passar submerso, vestes agora um fato de mergulho de lona à antiga com botas pesadas de chumbo, e um capacete de cobre é aparafusado no lugar sobre a tua cabeça. As suas pequenas janelas ovais limitam a tua visão. À medida que saltas para fora de bordo, o teu corpo parece pesar uma tonelada. O ozono doce e sonolento que estavas a respirar sofre uma perda de encanto à medida que é

bombeado para o teu capacete através da mangueira de ar. Assim que desapareces abaixo da superfície, no entanto, ajustas-te à falta de peso e afundas-te confortavelmente para o leito do mar.

É tudo claro e direto: o teu sucesso é uma conclusão antecipada. Apenas terás de alcançar o fundo do oceano para caminhar direto até ao naufrágio, localizar o tesouro, escavá-lo e depois fazer sinal para seres puxado de volta à superfície.

A única coisa que não tiveste em conta é a inconstância do próprio mar. Quando os teus pés tocam no leito marinho, encontras-te a lutar contra uma forte corrente. Lanças todo o teu peso contra ela e começas a aproximar-te do naufrágio. Mas a força da corrente, empurrando-te primeiro para este lado e depois para aquele, duplica o peso morto do fato e do capacete incômodos que estás a usar.

Lhes chamemos a este fato o corpo físico que a alma habita enquanto está na terra. Tudo vai bem com ele enquanto as correntes estão exatamente certas, e a luz está exatamente certa, e estás no pleno controlo dele. Mas a luz filtrada pode ser subitamente obscurecida por nuvens sobre o sol, e o fundo do oceano torna-se subitamente cinzento e turvo. A resistência perpétua das correntes cruzadas começa a cansar-te; os teus músculos começam a doer. O que tinha prometido ser uma tarefa tão simples e recompensadora a partir da segurança do convés do navio torna-se agora complexo, confuso e frustrante.

Nada é facilitado pelo aparecimento de um par de tubarões famintos de três metros e meio de comprimento, que espreitam ameaçadoramente nas proximidades. À medida que alcanças o naufrágio, a tua linha de vida e a mangueira de ar emaranham-se com as vigas viradas para cima do naufrágio. Lutas novamente para as desembaraçar. O ar que desce pela mangueira é impedido. Começas a sentir falta de ar. Começas também a perguntar-te o

que diabo estás a fazer lá em baixo, e se qualquer quantidade de tesouro valerá o desconforto. Tentas lembrar-te do mapa que tinhas estudado tão cuidadosamente no convés, que indicava claramente qual a parte do naufrágio que conteria o tesouro. Agora já não tens a certeza de qual é a popa do naufrágio. Começas a experimentar o que Thoreau descreve como «desespero silencioso».

O tempo tende a parar. Sentes que tinhas estado no leito do mar no teu pesado fato de mergulhador desde o início dos tempos, e que permanecerás lá por toda a eternidade. A vida normal a bordo do navio torna-se cada vez mais um sonho irreal — algo que tu próprio nunca tinhas experimentado pessoalmente. As vozes que se filtram até ti através do tubo de comunicação tornam-se igualmente inumanas e irreais. A única realidade é a batalha que estás a travar para não seres empurrado para este e para aquele lado pelas correntes. Estás a manter um olho tão atento nos tubarões que circulam lentamente, que parecem estar a mover-se impercetivelmente cada vez mais perto, que tens pouco tempo para procurar a tua orientação e concentrar-te na tua missão original.

Finalmente, tal cansaço, claustrofobia e derrota te sobrecarregam que mal podes fazer sinal aos homens em cima para te puxarem de volta a bordo. No teu caminho para cima desenvolves um caso de doença de descompressão, e quando és finalmente arrastado para bordo e resgatado do teu fato asfixiante, estás mais morto do que vivo.

No período que levas a recuperar, enquanto jazes de costas a absorver o ar fresco, a memória dessas intermináveis horas lá em baixo, por sua vez, torna-se o sonho vago. A irrealidade agora é o período que passaste no fundo do oceano; a realidade é agora o convés do navio e a segurança que sentes nos companheiros ao teu redor.

Todo o processo de memória foi invertido.

De igual modo, a alma humana reentra no mundo dos vivos demasiadas vezes com excesso de confiança e, da mesma forma, regressa após a morte ao seu estado original com pouca confiança, tendo esquecido que os dois mundos separados coexistem, e que um é tão real como o outro.

«UM HOMEM NO SEU TEMPO REPRESENTA MUITOS PAPÉIS»

Se preferes um quadro de referência mais tangível para justificar a tua aparente falta de memória cármica, pensa em ti próprio como um ator profissional.

Coloca-te no lugar do grande ator shakespeariano, Sir Laurence Olivier, cujo génio teatral nos deu interpretações definitivas de Henrique V, Hamlet, Ricardo III e Otelo. Cada um destes papéis é uma criação perfeita e totalmente resolvida por si só; nenhum deles derivado dos outros. Olivier teve realmente de viver estes papéis para os imbuir de tal intensidade e convicção.

Entre cada uma destas realizações, Olivier, o ator profissional, teve tempo para descansar e fazer o balanço do seu progresso em direção à posição que ocupa agora. Ele pode ser o maior ator clássico vivo na América e na Europa, mas fora da sua profissão, os seus problemas não são diferentes dos teus. Ele marca consultas com o seu dentista, tem dores de cabeça com o imposto sobre o rendimento, constipações e um buraco ocasional na sua meia. Mas a diferença torna-se instantaneamente aparente quando ele se encontra nos bastidores do Old Vic Theater, prestes a fazer a sua primeira entrada como Otelo.

Estará ele preocupado com os problemas fiscais de Laurence Olivier? Com toda a certeza que não. Laurence Olivier está a tornar-se rapidamente uma mancha vaga e sonhadora na sua memória. A sua única identificação é com Otelo. Ele concentra-se apenas nas emoções que deve em breve evocar. O cenário de lona desaparece, e uma rua real em Veneza toma o seu lugar. As vozes dos outros atores continuam, mas estão agora a emanar das gargantas de venezianos de carne e osso do século dezasseis.

Numa extensão muito real, Olivier está numa hipnose induzida pelo próprio quando faz a sua entrada no palco. Agora — imagina-o a declamar apaixonadamente, a recorrer às últimas reservas da sua energia emocional, mantendo contudo uma disciplina de fração de segundo ao ajustar o tempo de cada sílaba — e diz-me se ele teria tempo para se deter orgulhosamente nas suas críticas de imprensa para o seu Hamlet, ou brilhar com nostalgia à memória das ovações que recebeu pelo seu Ricardo III, ou desejar subitamente ter usado um sotaque e maquilhagem diferentes no seu filme de Henrique V.

Deixa-me assegurar-te que ele seria incapaz de se lembrar de qualquer coisa além da paixão imediata de Otelo por Desdémona. Mesmo durante os intervalos e esperas fora do palco, ele ainda seria Otelo — um Otelo a relaxar, talvez, como o corpo faz no sono; mas ainda assim Otelo. Não até que o pano final tenha caído e o público tenha deixado o teatro, não até que o seu fato e maquilhagem sejam removidos, pode ele estar em qualquer tipo de condição para discutir os prós e contras críticos dos seus triunfos anteriores como Henrique V, Hamlet e Ricardo III.

E, se levares o paralelo mais longe, nem todos os retratos teatrais de Olivier foram bem-sucedidos. Mas seria uma sabotagem desnecessária da sua própria confiança se ele nunca se permitisse esquecer que uma vez se deixou enganar para fazer uma versão filmada abismalmente amadora de *The Beggar's*

Opera. Que tipo de atuação poderia o seu público de «Otelo» esperar dele, se a sua mente estivesse tão obcecada por esse único fracasso que o impelisse a parar bruscamente no meio da sua atuação como Otelo para sussurrar a Desdémona: «Nossa Senhora, minha querida, que absoluto palerma fiz de mim próprio como MacHeath! Não tenho o direito de estar aqui fora a levar o dinheiro deles!»

O que aconteceria ao rapport que ele tinha construído tão cuidadosamente entre o seu Otelo e o público?

Aplica isto a ti próprio. Supõe que te era permitido o acesso voluntário a todas as tuas vidas anteriores e que um dia, por acaso, tropeçavas na memória de teres sido o maior monstro da história!

Como lidarias com o horror, com o remorso tardio? Como lidarias com o medo de que a tua alma pudesse estar em tal atraso que terias de cumprir outro milhão de vidas de amarga compensação para expiar o mal que fizeste às tuas companheiras de alma nessa única encarnação? Que esperança te restaria?

Na realidade, esta situação nunca pode surgir, pela simples razão de que lançaria fora de equilíbrio toda a lei cármica de causa e efeito, e o funcionamento dessa lei é fixo e inalterável. (A nenhuma alma será jamais permitida tão calamitosa ciência dos seus próprios erros passados. Seja qual for a dívida que uma alma tenha para com as suas companheiras de alma, nunca será chamada a liquidá-la até que a alma tenha progredido para um nível suficientemente maduro para tornar tal compensação possível e prática.) Entretanto, a partir deste ponto, descarte-se o conceito idiótico de que o «carma» é um punição brutal e insensato a desencadear-se sobre nós, pecadores indignos.

«Pois o Senhor não tenta nenhuma alma além daquilo que ela é capaz de suportar», disse Edgar Cayce. Mas muitas vezes teve de exorcizar os dogmas sombrios da Predestinação e do Pecado Original da desesperança e confusão nas mentes das pessoas que vinham até ele em busca de ajuda.

«A maioria dos indivíduos no presente interpreta mal as condições cármicas», disse ele. «Cada alma ou Entidade deve obter o conceito correto de destino. O destino está no interior; é da fé; é como o dom das Forças Criativas. A influência cármica, neste caso, é uma influência rebelde contra o destino.»

«A Entidade coloca uma ênfase no carma», censurou ele a um dos seus consulentes. «Se viveis pela lei, deveis julgar pela lei; mas se viveis pela fé, julgais pela fé.»

«Isto não é pretendido como crítica, nem como sarcasmo», disse ele a outro, «mas para que saibais que é a lei do Senhor que é perfeita — não a conceção que os homens têm dela. A lei será cumprida. Ides cumpri-la vós, ou deixar que outro o faça? ... Aquele que procura, encontrará. Àquele que bate, ser-lhe-á aberto. Estas são leis irrefutáveis, estas são leis imutáveis.»

E aqui analisa-o em maior detalhe:

«O carma é uma reação que pode ser comparada à reação dentro do corpo quando uma porção de alimento é tomada pelo organismo. O alimento é traduzido numa parte do próprio corpo, penetrando em cada célula e influenciando a saúde do corpo e da mente.

«Assim é com uma alma, quando entra no corpo para uma experiência na terra. Os pensamentos da pessoa, juntamente com as ações que resultam desses pensamentos, são o alimento de que a alma se nutre.

«Estes pensamentos e ações, por sua vez, têm tendências geradas por pensamentos e ações por trás deles; e remontam ao nascimento da alma.

«Quando uma alma entra num novo corpo, abre-se uma porta, conduzindo a uma oportunidade para construir o destino da alma. Tudo o que foi construído anteriormente, tanto de bom como de mau, está contido nessa oportunidade. Há sempre um caminho de redenção, mas não há maneira de esquivar as responsabilidades que a própria alma assumiu.

«Assim, uma vida é uma forma de desenvolvimento, uma preparação para a limpeza da alma, embora possa ser um caminho difícil, por vezes, para a consciência física e para o corpo físico.

«As mudanças vêm, e algumas pessoas dizem que a sorte interveio. Mas não é sorte. É o resultado do que a alma fez em relação à sua oportunidade de redenção.»

E aqui, nos termos mais simples, ele apresenta a Lei da Graça que substitui a expiação: «O carma é antes a falta de viver de acordo com aquilo que sabeis que deveis fazer. Assim como seríeis perdoados, assim perdoai aos outros. Essa é a maneira de enfrentar o carma.»

Ao longo das Leituras, encontram-se casos de indivíduos cujo pecado cármico era a sua determinação em agarrar-se à sua culpa e vergonha obsoletas, em vez de fazerem um esforço positivo para as equilibrar pelo «perdão dos outros». Obviamente, ninguém pode ser forçado, quer pelo seu Deus quer pelo seu semelhante, a perdoar-se a si próprio, ou a qualquer outro, até que ele próprio decida fazê-lo. Ele está em liberdade de permanecer no seu purgatório escolhido durante o tempo que o preferir a qualquer outro estado.

Mas até que se tenha desenvolvido a si próprio até uma perspetiva suficientemente esclarecida para se erguer pelos seus próprios meios, o que ganhará ele ao perguntar: «Porque não me lembro?» Não é mais circunspecto dizer: «Ainda bem que não me lembro!» — mesmo que isto signifique que lhe é negada a gratificação de rever as vidas em que foi um anjo de misericórdia para com as suas companheiras de alma e morreu amado, honrado e respeitado?

Todo o bem alcançado em qualquer vida permanece permanentemente com a alma. Uma alma nunca pode desfazer o bem que fez e, mais adiante neste livro, poderemos examinar como isto pode ser colocado contra a lei de causa e efeito pela aplicação da Lei da Graça.

CAPÍTULO TRÊS

O SUBCONSCIENTE DO HOMEM É IMORTAL

Nos primeiros tempos, a diferença entre o Edgar Cayce «acordado» e o «adormecido» era tão fundamental como a diferença entre Berlim Oriental e Ocidental. Não havia, claro, nenhum antagonismo entre as duas mentes, embora uma fosse vulnerável e humana e a outra estivesse espiritualmente isolada contra o «mar de lamentações» de que o homem se torna herdeiro.

Talvez o quadro de referência mais simples seja o rádio navio-terra — não se pode falar nele e ouvir ao mesmo tempo. É simplesmente um dispositivo mecânico que permite ao homem no mar fazer contacto com o homem em terra. Quanto a si próprio, não regista impressões e não retém nenhuma memória das palavras que nele entram e dele emanam.

Perto do fim da vida de Edgar Cayce, houve provas definitivas de uma fusão dos dois níveis de consciência, mas, nos seus primeiros anos, ele ficava tão sobressaltado como qualquer outro ao saber que tinha dado aconselhamento médico a um italiano, num italiano fluente e impecável. Nem a complicada terminologia médica que saía da sua boca era mais inteligível para ele no seu estado acordado do que era o italiano fluente.

Talvez o equívoco mais popular que lhe foi impingido tenha sido o de que ele era uma espécie de Moisés laico a clamar num deserto metafísico. O que realmente dava caráter único à sua mente era a sua capacidade aparente de recordar o seu próprio início na Criação. O seu propósito — talvez todo o seu propósito, por tudo o que sabemos até agora — era servir de «preparador do caminho» para aqueles que acreditam que a sua herança começou em Deus.

«O que eu posso fazer hoje, todo o homem será capaz de fazer amanhã», é um tema recorrente na sua filosofia. Que cada alma possui o mesmo potencial está implícito nas palavras que ele usa para descrever a primeira aparição da alma nesta terra.

«No princípio, quando os primeiros elementos foram colocados em movimento e trouxeram a esfera chamada "plano terrestre", quando as estrelas da manhã cantaram juntas e os ventos sussurrantes trouxeram a notícia da vinda do homem da sua morada no espírito do Criador para se manifestar como uma alma viva, esta Entidade veio à existência com esta multidão.»

Se tivermos em mente que nesta altura a interpretação ortodoxa da Bíblia pelo Cayce «acordado» era diametralmente oposta à sua interpretação «adormecida», é interessante comparar a declaração acima com esta passagem de Job 38: «Então o Senhor respondeu a Job do meio do redemoinho, e disse... "Onde estavas tu quando eu lançava os fundamentos da terra... quando as

estrelas da manhã juntas cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?"»

(Mesmo enquanto aguardavam a criação, segundo Edgar Cayce, algumas almas já estavam predestinadas a usar a sua recém-encontrada livre-vontade para servir o propósito de Deus na terra, enquanto outras estavam igualmente designadas para usar a sua livre-vontade para fazerem o que escolhessem... A terra recém-nascida oferecia-lhes uma oportunidade para usurparem o papel de Deus como Criador e se tornarem pequenos Criadores por direito próprio. Em suma, as almas trouxeram o pecado consigo. Ele não estava aqui à espera delas "na carne" num planeta onde nem sequer a evolução animal tinha ainda começado.

Na verdade, a densidade da matéria "sólida", como a conhecemos agora, estava a milhões de anos de distância. O pensamento foi a força motivadora original. A matéria sólida foi uma mutação subsequente do pensamento depois de este ter "atolado". Para simplificar — o pensamento pode ser comparado à lava derretida — maleável, perpetuamente em movimento, mudando, capaz de reassumir qualquer forma. A matéria sólida é o seu resultado inanimado, responsivo apenas ao cinzel e ao martelo.

Hás de encontrar, portanto, ao longo das Leituras a reiteração perpétua de que «O Pensamento é o Construtor» — a argila húmida responsiva às mãos do oleiro — e que a sobrevivência da alma depende inteiramente do seu poder de moldar o seu destino ao nível subconsciente, onde a argila é suficientemente húmida para responder.

Tal como uma série de reações em cadeia altera o átomo de uma inofensiva partícula de matéria sólida para a nuvem de cogumelo que obliterou Hiroxima, as reações em cadeia do

pensamento positivo podem eventualmente libertar a alma da matéria sólida e devolvê-la à liberdade do seu estado fluido ao nível astral.

É porque nos faltam os equivalentes de termos científicos tão convenientes como «fissura atómica» que ficamos reduzidos a referir-nos ao processo que liberta a alma como «a tragédia da morte».

Isto é semelhante a deitar fora a batata e a glorificar a casca da batata.

É muito mais simples pensar na alma em termos de Telstar. São precisos dois foguetes auxiliares para a libertar da gravidade e a colocar em órbita astral. Assim que os foguetes cumprem a sua função, queimam-se e caem, tal como o corpo de carne — o invólucro terrestre da alma — se queima e cai na morte, para ser seguido pelo «eu» consumido, a mente consciente descartada do invólucro terrestre.

A alma já não está apanhada na matéria. Está livre. Tudo o que retém da sua permanência no seu invólucro terrestre é a recordação total das suas experiências terrenas, agora guardadas em segurança no seu «banco de memória». Mas apenas a mente «consciente» foi descartada.

A mente subconsciente sobreviveu porque nem consiste em matéria, nem depende dela. Torna-se agora a mente consciente da alma e continuará a funcionar como tal até que a alma regresse à matéria densa da terra para começar a sua vida seguinte.

Entretanto, a mente superconsciente assume as funções renunciadas pela mente subconsciente, e a alma é agora articulada como nunca poderia ser na terra. O «êxtase» que certos Santos

alcançam é provavelmente parente de uma recaptura momentânea da exaltação que a alma desfruta neste nível de existência.

Quando chega o momento de a alma regressar à terra e assumir o seu corpo seguinte, o processo é simplesmente invertido. A mente consciente regressa ao nível subconsciente e a mente subconsciente regressa ao nível superconsciente, onde recua para um santuário semelhante a um útero no corpo de carne. Não procura nem deseja associação emocional com as buscas da mente subconsciente e da mente consciente recém-nascida, à medida que estas se habituam ao seu novo eu.

Apenas muito raramente, em muito poucos casos, pode a mente superconsciente ser contactada — e mesmo assim apenas por hipnose profunda especializada.

(Embora Edgar Cayce fosse capaz de contactar o seu superconsciente por meio da sua própria e bastante única forma de hipnose própria, deve ser tido em mente pelo leitor que ele é a exceção, não a regra, neste nível atual do nosso desenvolvimento universal. Ele é um vislumbre de nós próprios como seremos amanhã.)

A mente consciente «recém-nascida», então, nunca pode ser mais velha em idade do que o novo corpo que a está temporariamente a alojar. O stock acumulado de sabedoria do recém-nascido, a sua cautela e a sua avaliação intuitiva tanto de si próprio como dos seus semelhantes residem todas ao nível subconsciente. Assim, o único amigo e conselheiro a quem pode recorrer é a sua própria mente subconsciente. Além disso, só pode fazer este contacto enquanto dorme no «estado de sonho», ou pelo processo esclarecido da meditação. Aqui, à força de disciplina própria, treina-se a sentar e a escutar a «voz mansa e delicada da consciência».

Nas suas horas de vigília, ao nível consciente, o recém-nascido deve encontrar novamente todas as distrações novas da existência material, trilhando o seu caminho o melhor que pode através das pedras de travessia que cobrem as traiçoeiras correntes cruzadas da vida, evitando — se der ouvidos à sua «voz mansa e delicada»! — os excessos de indulgência própria que tantas vezes o fizeram tropeçar e o lançaram de cabeça nas águas que esfervilham ao seu redor.

Tem ele algum meio de antecipar de antemão os problemas que terá de enfrentar?

Sim, na verdade, se compararmos as vidas da alma aos episódios de um romance em série numa revista. Quando a tua alma morre no fim de uma vida, «continua no próximo número» é parenteticamente adicionado em letra pequena a esse episódio. Quando apareces novamente num novo corpo, não começas do zero; retomas exatamente onde ficaste.

Se não tivesses conseguido refrear uma paixão por atirar pedras através das janelas de estufas na vida anterior, podes resignar-te a nascer no equivalente a uma estufa, onde terás de aprender a apreciar o desconforto de estar na «extremidade recetora» das pedras. Se sorrires e aguentares enquanto as vidraças são partidas uma a uma até que a conta seja igualada, não te sairás nada mal. Mas se colapsares em autopiedade, insistindo que não fizeste nada para merecer o teu destino, estás obviamente num mau caminho, e os teus ganhos globais estão fadados a ser mínimos.

O próprio Edgar Cayce não tinha nenhum orgulho falso em admitir que algumas das suas vidas poderiam ter sido melhor aproveitadas — que muitas vezes cedeu à ira e à impaciência — que os prazeres da carne do Egito pré-histórico, por exemplo,

tinham oferecido tentação suficiente para o distrair do caminho espinhoso do avanço total.

Foi tanto para colocar a sua própria casa espiritual em ordem como para ajudar as suas companheiras de criação que ele assumiu a responsabilidade onerosa da sua clarividência nesta vida.

Onde obtinha ele a sua informação, quando se propunha a fazer uma Leitura de Vida?

Numa palestra que deu no Hospital Cayce em 1931, ele explicou-o por estas palavras: «Deixai-me contar-vos agora uma experiência minha. Sinto que foi uma experiência muito real, e o mais próximo de uma ilustração do que acontece na morte que seria possível colocar em palavras. Ao entrar no estado inconsciente, numa ocasião, para obter informação para um indivíduo, reconheci que estava a deixar o meu corpo.

«Havia apenas uma linha direta, reta e estreita à minha frente, como um feixe de luz branca. De cada lado havia nevoeiro e fumo, e muitas figuras sombrias que pareciam estar a gritar por mim em busca de ajuda, e a implorar-me para ir para o plano que ocupavam.

«À medida que eu seguia ao longo do feixe de luz, o caminho começava a clarear. As figuras de cada lado tornavam-se mais distintas; tomavam uma forma mais clara. Mas havia um contínuo acenar para trás, ou a tentativa de me desviar e me afastar do meu propósito. No entanto, com o caminho estreito à minha frente, continuei a ir direto para a frente. Passado algum tempo passei para onde as figuras eram meras sombras a tentar incitar-me a avançar, em vez de me pararem. À medida que tomavam mais forma, pareciam estar ocupadas com as suas próprias atividades.

«Finalmente cheguei a uma colina, onde havia um monte e um templo. Entrei neste templo e encontrei nele uma sala muito grande, muito parecida com uma biblioteca. Aqui estavam os livros das vidas das pessoas, pois as atividades de cada pessoa eram uma questão de registo real, assim parecia. E eu apenas tinha de puxar para baixo o registo do indivíduo para quem estava a procurar informação. Tenho de dizer como Paulo disse: "Se estava no espírito ou fora do espírito, não sei dizer"; mas essa foi uma experiência real.»

A LIVRE-VONTADE É MAIS FORTE DO QUE O DESTINO

Quando tocava nas vidas anteriores das pessoas que vinham até ele em busca de ajuda, Edgar Cayce insistia constantemente que o carma era memória, pelo que as leis de causa e efeito eram elásticas. A alma, como um «recluso de confiança» numa penitenciária, pode sempre ter a sua pena «reduzida por bom comportamento» ao cooperar com a autoridade. Uma vida de sacrifício genuíno pelo bem-estar dos outros, como a de Schweitzer ou a do Padre Damião, poderia muito bem igualar cinco ou seis existências estéreis onde o progresso estagnou e a alma ficou para trás no desfile.

A livre-vontade, em suma, é sempre mais forte do que o destino pré-ordenado. Nenhuma alma está jamais tão sobrecarregada com dívidas antigas que deva resignar-se tristonhamente a pagar e pagar e pagar.

Mas também devemos ter em conta o facto de que a alma pode por vezes avançar por métodos que não têm de ser imediatamente aparentes para os nossos poderes de razão consciente. O homem cego curado por Cristo, por exemplo, não estava cego porque tinha pecado, mas porque a sua alma estava a ganhar estatura a partir da experiência da cegueira.

É absolutamente essencial compreender e aceitar este conceito simples antes de prosseguir para lidar com as questões mais complexas que surgirão, à medida que tratarmos de casos individuais com mais detalhe. Por mais aflitivas que sejam as dificuldades em que te encontras, colocaste-te lá pela tua própria indiferença anterior às leis. (Quaisquer leis que tenhas violado, violaste-as pela tua própria livre-vontade, a livre-vontade que te foi dada no princípio pelo teu Criador. Tu sozinho escolheste estar onde estás neste momento. Isto, pelo menos, concede-te a dignidade e o respeito próprio de saberes que cometeste os teus próprios erros — mesmo que destrua o álibi conveniente e adocicado de que és vítima de um Jeová irado, vingativo e palpavelmente simplório, que te controla com cordas invisíveis a partir das teias de um Porvir de mestre de marionetas concebido da forma mais ingénua.)

Conceber um Deus de Vingança irritadiço aos comandos deste Sistema Solar de funcionamento imaculado é creditar um chaço cheio de polícias de Mack Sennett com a capacidade de desfazer engarrafamentos numa autoestrada de oito vias movimentada.

É por isso que as doutrinas do fogo do inferno sobre o pecado original e os dogmas esclarecidos da verdadeira religião nunca puderam coincidir.

O único Deus que o Edgar Cayce adormecido conhecia era um Deus amoroso de misericórdia infinita, que já nos perdoou a todos.

À medida que o leitor começa a prestar mais atenção aos processos envolvidos na teoria da reencarnação, tenha em mente que cada uma das suas leis deriva de tal conceito, e não poderia funcionar de outra forma.

CAPÍTULO QUATRO

CARMA FÍSICO E EMOCIONAL

O SALÁRIO DA VIRTUDE E O SALÁRIO DO PECADO

Quando Paul Durbin tinha trinta e quatro anos de idade, com esposa e um filho para sustentar, foi atingido por esclerose múltipla, ou paralisia progressiva, e a sua perna e braço direitos começaram a definhar.

Embora a família de Paul estivesse quase na miséria, bons amigos uniram-se em seu auxílio. Pagaram a sua hospitalização, obtiveram a sua Leitura Física e até administraram as massagens que a Leitura aconselhava. A sua condição logo começou a melhorar.

Mas, significativamente, a Leitura também fez referência a uma encarnação passada na qual ele se tinha entregado excessivamente às suas paixões negativas.

«A Entidade está em guerra consigo mesma. Todo o ódio, toda a malícia, tudo o que faça os homens ter medo, deve ser eliminado da mente. Pois, como dado desde a antiguidade, cada alma prestará contas de cada palavra ociosa dita. Pagará até ao último centavo. No entanto, a Entidade sabe, ou deveria saber, que há um defensor junto do Pai.

«Pois, como dado, "mesmo que vagueies para longe, se chamares Eu responderei prontamente!" Então, volta-te completamente! Sabe que o Senhor vive e te faria bem, se tão-somente confiares totalmente n'Ele!»

Em suma, bastava a uma alma reconhecer pelo seu arrependimento que se tinha desviado, e a ajuda surgiria em exata proporção à sua sinceridade.

O aviso caiu em ouvidos moucos. Durbin, saturado de amargura e autopiedade, descartou tal ideia como uma tolice e exigiu saber por que razão Cayce tinha falhado em curá-lo milagrosa e instantaneamente. Chegou mesmo a descarregar a sua frustração nas pessoas que o tentavam ajudar, jogando-as umas contra as outras até que elas se arrependeram do seu envolvimento.

Apesar de tudo, a sua condição melhorou durante algum tempo. Quando a melhoria falhou em estabilizar, ele queixou-se de forma ainda mais amarga do que antes.

A sua Leitura seguinte foi formulada em linguagem mais dura:

«Esta é uma condição cármica, e devem ser tomadas medidas para que o corpo mude as atitudes em relação às condições, às coisas e ao seu semelhante.

«Primeiro, deve haver uma mudança de coração, uma mudança de mente, de propósito, uma mudança de intenção. Se isto for feito, então mantém as massagens e o uso dos aparelhos sugeridos. Mas todos os aparelhos mecânicos que reunires não ajudarão à recuperação completa, a menos que a tua alma tenha sido batizada com o Espírito Santo! Nele, então, está a tua esperança. Vais rejeitá-la? O corpo é de facto o templo do Deus vivo, mas o que parece ser no presente? Uma utilidade no propósito, quebrada na capacidade de se reproduzir.

«O que falta? Aquilo que é a própria vida, essa influência ou força a que chamais Deus. Vais aceitar, vais rejeitar? Depende de ti!

«Enquanto houver ódio, malícia, injustiça — essas coisas que estão em desacordo com a paciência, a longanimidade, o amor fraternal —, não pode haver uma cura deste corpo. Para que seria o corpo curado? Para que pudesse satisfazer os seus próprios desejos e apetites físicos? Para que pudesse aumentar o seu próprio egoísmo?

«Então, se assim for, mais vale permanecer como está!

«Terminámos — a menos que faças reparações.»

Esta Leitura foi deliberadamente selecionada pela sua austeridade não caraterística.

A correspondência nos arquivos da A.R.E. é um testemunho mudo da recalcitrância deste paciente, determinado a não mover um dedo em seu próprio benefício, exigindo a restauração da sua saúde como um direito seu.

Por que razão sofreu Paul Durbin? Por que razão sofre qualquer um de nós, afinal de contas?

«Toda a doença é pecado», disse Cayce, e ele não quer dizer necessariamente pecado cometido conscientemente na vida presente, mas pecado expressando-se como doença porque ainda não foi expiado pela alma.

O carma, o ábaco no qual os ganhos e as perdas da alma são registados de vida para vida, é muitas vezes errada e injustamente confundido com retribuição. É demasiado meticuloso e desapaixonado para isso; o seu propósito último é demasiado

benigno. Mas enquanto atua como uma cura dolorosa para uma recaída ainda mais dolorosa, pode ser de facto um fel amargo.

Aparentemente, um certo tipo de sofrimento mortal pode ser um adstringente salutares para os torpores da mente subconsciente, quando todos os avisos mais subtis falharam em persuadir o eu a esforçar-se no seu próprio melhor interesse. «Aquele a quem o Senhor ama, ele castiga», tem mais bondade do que ironia, quando visto sob esta luz.

As Leituras dividem o carma em duas categorias genéricas — carma emocional e carma físico. Cada uma destas tem, de necessidade, os seus aspetos positivos e negativos — o seu lado bom e mau.

Sob o cabeçalho emocional negativo, encontramos sintomas como casamentos incompatíveis, alcoolismo, impotência, neuroses como a psicose maníaco-depressiva e a paranoia, perversões mentais e até a possessão no seu sentido medieval.

Do lado físico, manifesta-se em defeitos como a surdez, a cegueira, impedimentos da fala e as doenças fatais como a leucemia e a esclerose múltipla.

Através de toda a sua vida como vidente, Edgar Cayce dedicou a maior parte dos seus esforços ao diagnóstico bem-sucedido de males corporais. Em muitas ocasiões, no entanto, ele não os atribuiu a causas físicas, mas a um inevitável momento de verdade ao nível subconsciente, quando o eu deve responder perante o eu. O assassino que derramou sangue inocente numa vida equilibrará a balança noutra ao derramar simbolicamente o seu próprio. Mais de um caso de leucemia foi diretamente atribuído a esta prestação de contas.

Mas o remédio nem sempre tem de ser tão drástico como foi no caso de Paul Durbin. A Lei da Graça é uma alternativa perpetuamente disponível para a alma — o resgate de dívidas acumuladas através da dedicação desinteressada ao bem-estar de outros ainda menos afortunados do que ela própria — nas próprias palavras de Edgar, «o que semeias colhes, a menos que tenhas passado da lei carnal, ou cármica, para a Lei da Graça». A maioria das almas parece pairar entre os dois extremos.

O caso seguinte de carma físico trata de uma mulher que superou com sucesso o desafio que enfrentou.

Stella Kirby, uma mulher calma e reservada, divorciada e com um filho para sustentar, foi aconselhada por uma amiga a seguir enfermagem. Mal tinha concluído o seu treino, foi enviada para se candidatar a um posto privado por quase o dobro do valor normal. Foi entrevistada pela governanta de uma imponência de vivenda, uma mulher agradável que ganhou uma simpatia instintiva por ela e a contratou no momento. A casa tinha bom pessoal e era elegantemente gerida, a comida era excelente e os seus aposentos quase luxuosos.

Tudo isso, somado ao salário generoso, era mais do que Stella tinha ousado esperar. Mas quando foi levada ao quarto do seu paciente, foi confrontada por um homem de cinquenta e sete anos num estado de imbecilidade. A sua cama estava envolvida por uma jaula de ferro e nela ele estava sentado a desamarrar sistematicamente cada peça do seu vestuário, de olhos vagos e incapaz de todas as funções normais. Não conseguia falar nem responder à fala. Tinha de ser alimentado como um bebé, por vezes à força, e resistia a todo e qualquer esforço para o manter limpo.

Desanimada, mas determinada a fazer o seu melhor apesar da repulsa que sentia, Stella entrou na jaula para lhe dar banho e, no

momento em que lhe tocou, foi tomada por tal náusea que teve de se retirar para a casa de banho e vomitar.

Quando a repulsa não mostrou sinais de abrandar, ela percebeu que tinha de abandonar o emprego e a segurança de que tanto precisava. Felizmente, conseguiu viajar até Virginia Beach e apelar pessoalmente a Edgar Cayce por ajuda — e assim se desenrolou uma das suas histórias de caso mais bizarras.

Duas vezes antes os caminhos de Stella e do seu paciente se tinham cruzado. No Egito ele tinha sido o seu filho. A repulsa que ela sentia por ele derivava de uma vida no Médio Oriente, quando ele tinha sido um filantropo rico e de elevado prestígio, grandemente honrado pela sua generosidade. Particularmente, no entanto, ele mantinha uma espécie de harém de jovens mulheres que eram obrigadas a participar nas suas práticas sexuais anormais, e ela tinha sido uma das mulheres desgraçadas envolvidas. A memória da degradação e do desgosto tinha regressado no momento em que ela tinha tocado na sua carne, enquanto ele, coitado, novamente cercado por todo o luxo e conforto materiais, tinha encontrado o seu carma — com redobrada força. É difícil conceber uma alma mais necessitada e rebaixada.

No entanto, Cayce insistiu (como fazia em cada caso semelhante) que a mente incapacitada era capaz de responder ao amor — que Stella devia, em suma, aprender a amá-lo se alguma vez esperasse superar as suas próprias barreiras cármicas. Deixar a casa não seria solução: o laço entre eles simplesmente continuaria, não resolvido, para as suas vidas futuras.

Anos mais tarde, Stella descreveu as suas primeiras reações à sua Leitura. A ideia de reencarnação era completamente nova para ela, contudo respondeu instintivamente a ela. Deus nunca tinha sido claro ou real para ela antes; agora via-se capaz de O

compreender. Toda a sua vida ela tinha sentido tal compaixão por aleijados que, antes do nascimento da sua filha, o seu único medo tinha sido que a criança nascesse com as pernas deformadas.

Isso derivava de uma vida que ela tinha passado na Palestina, onde tinha cuidado e curado os fracos e mutilados — uma experiência que poderia agora recompensá-la cem vezes mais. Até a governanta que a tinha contratado tinha estado com ela na Palestina, e isto tinha sido a razão da simpatia mútua que sentiram uma pela outra assim que se conheceram.

Stella permaneceu, mas a ideia de transmitir amor à criatura lastimável de quem estava a cuidar quase a derrotou. Várias vezes sentiu que tinha de admitir a derrota, mas as Leituras exortavam-na sempre a continuar a tentar, e eventualmente o seu paciente começou a mostrar sinais de resposta. Ele obedecia-lhe completamente, comia a sua comida em vez de a rejeitar, começou a manter-se limpo e já não rasgava as suas roupas em tiras. E, à medida que ela se movia pelo quarto, os olhos dele seguiam-na com uma dedicação que nem de cão.

O amor dela tinha-se transmitido ao seu cérebro paralisado, como Cayce tinha insistido que aconteceria; e com a perceção de que era uma vez mais amado, ele foi libertado do seu próprio inferno imediato. Ele poderia muito bem ter-se arrastado por uma extensão interminável de anos, no entanto foi capaz de morrer pacificamente no espaço de dois anos, e Stella foi capaz de avançar para uma vida equilibrada e compensadora por direito próprio.

As Leituras eram demasiado compassivas para se referirem à relação entre os dois quando ela tinha sido mãe dele no Egito, mas como não há efeito sem causa, ela dificilmente teria estado sujeita aos seus fetiches obscenos no Próximo Oriente a menos que já lhe devesse uma dívida. Pode-se assumir que ela tinha

falhado ao seu filho no Egito, quer por negligência quer por rejeição, num ponto do seu destino mútuo onde a sua ajuda poderia ter evitado que ele mergulhasse no caminho autodestrutivo que os aproximou novamente no Médio Oriente. Aqui novamente, onde o amor dela poderia ter despertado uma resposta na sua alma pródiga, ela reteve-o, prolongando assim a miséria para abranger ainda outra vida.

O CASO DA CRIANÇA MONGOLÓIDE

O carma físico e o emocional combinam-se novamente na seguinte história de caso de um homem e da sua esposa que tinham estado intimamente associados em pelo menos duas das suas vidas anteriores. Ambos poderiam ser chamados de almas altamente desenvolvidas, mas estavam no entanto a enfrentar um desafio, um teste, no qual poderiam muito bem ter falhado sem a ajuda da sua Leitura de Vida.

A criança de seis anos de Myra e David Cobler era mongolóide. Os Cobler perguntaram se a sua conduta nas suas vidas passadas era a culpada, e a resposta foi formulada com grande delicadeza.

Nem todas as vidas «eram bonitas», e embora a vida presente tivesse sido até agora dececionante, o desejo sublimado de Myra de ser romancista poderia ainda expressar-se se usasse como material as próprias lições que estava a aprender com o desgosto na sua própria casa. A sua natureza apaixonada, o seu anseio por afeto e a sua profunda solidão espiritual poderiam todos ser convertidos em proveito positivo. Em relação ao amor e ao cuidado paciente de que a criança precisava, à medida que desse dele com cada vez mais liberdade, assim poderia construir uma vida de beleza para a criança seguinte que desse à luz.

«Não culpes o eu», disse-lhe Edgar, «não culpes o teu companheiro. Não culpes a Deus.» Ela e o seu marido tinham alcançado esse planalto onde «o eu deve encontrar o eu» e conjuntamente colocar os seus registos em ordem. Se tivessem sucesso nisto, ajudariam de tal forma a alma da sua criança a libertar-se do seu próprio carma que ela nunca mais precisaria de encarnar numa forma deformada.

A alma da criança, disse Edgar, «é o teu problema com Deus, para não ser posto de parte até que Ele, que é o Dador da Vida, ache por bem chamá-la a casa para se preparar para a vida melhor que tornaste possível na tua bondade para com o teu semelhante».

O que tinha Myra feito para alcançar tal destino? A sua vida anterior tinha sido miseravelmente passada num posto de fronteira no início do Midwest sob o nome de Jane Richter; no entanto, apesar de toda a sua escravidão, tinha lançado os alicerces para o seu desejo intenso de tornar o seu lar seguro e agradável nesta vida.

A sua Leitura depois rastreou-a de volta até à Palestina «quando o Mestre andava na terra». O nome de Dorcas estabeleceu-a como uma mulher de origem grega ou romana, tal como o seu ceticismo sofisticado relativamente aos poderes milagrosos atribuídos ao Messias. Não se tendo dado ao trabalho de O procurar e julgar por si mesma, «a Entidade troçou de, sim, repreendeu aqueles» que acreditavam que ele era de facto o Filho de Deus.

Não foi senão até ao dia de Pentecostes que o caminho d'Ele se cruzou com o dela. Quando viu o derramamento do Espírito Santo, converteu-se, mas sentiu que era demasiado tarde para expiar a sua apostasia. «Mas nunca é demasiado tarde para emendares os teus caminhos», exortou-a Edgar. «Pois a vida é eterna, e tu és o que és hoje por causa do que foste. Pois tu és a

cocriadora com o teu Criador, para que possas um dia estar presente com todos os que amam a Sua vinda.»

Nesta vida palestiniana, a linha de destino do seu marido convergiu com a dela. Ele era um dos Setenta escolhidos para espalhar o evangelho por toda a terra. Falhou porque tomou certos dos Ensinamentos de forma literal em vez de simbólica. Particularmente, ele tinha-se ofendido com o conteúdo puramente espiritual de «A menos que comais do Meu corpo, não tendes parte Comigo». O seu nome era Elias e era amigo de dois dos discípulos, embora «se inclinasse mais para o sóbrio André do que para o ruidoso Pedro», pois podia raciocinar com André, ao passo que só podia discutir com Pedro.

A Leitura depois sugeriu que se tanto David como Myra resintonizassem as suas memórias às discussões que outrora tinham ouvido destes dois discípulos, isso despertaria atitudes positivas no seu próprio pensamento no presente.

«Pois a lei do Senhor é perfeita. Converte a alma se for usada, não abusada, na aplicação», continuou a Leitura. «Como a Entidade aprendeu na sua experiência como Elias, a cura do físico sem a mudança nos aspetos mentais e espirituais traz pouca ajuda real ao indivíduo no final.»

Uma última permanência é sugerida — e apenas muito ligeiramente — no Egito de 10.000 a.C., onde David, sob o nome de Atel El, tinha servido como assistente dos cirurgiões num Templo de Cura, e Myra tinha sido educada nas artes culturais num tipo semelhante de Templo.

Este período viu o desenvolvimento de uma sub-raça de almas primitivas de uma evolução retardada, apenas ligeiramente acima do nível animal, até à estatura completa de corpos «moldados à imagem de Deus». Estes humanoides ou mutantes

figuram extensamente nos registos atlantes como uma forma primitiva de vida antediluviana, cujos últimos ecos débeis ecoam no Caliban de Shakespeare e nos faunos, centauros e minotauros da mitologia grega. Eram na sua maior parte bestas de carga indefesas e lastimáveis que tinham sido usadas para trabalho escravo pelos atlantes, e o propósito do Templo era acelerar a sua evolução através de cirurgia corretiva. Isto envolvia o uso do laser, seguido por purificação ritual em nome do Deus Único. Nestes começos tão distantes, então, podemos inferir que estas duas almas foram ensinadas pela primeira vez a cuidar dos mutilados e indefesos; e que a alma perturbada que veio até eles no presente como uma criança mongoloide o fez porque se lembrou da ajuda e compaixão deles quando estava a lutar pela primeira vez para adquirir o estatuto humano.

Isso justificaria a compaixão e a profunda preocupação que a Leitura transmite a todos os três ao longo do texto. Se eles se desviaram do seu caminho designado, sente-se que se desviaram muito ligeiramente. Os laços forjados na Palestina eram demasiado fortes para lhes falharem inteiramente.

Qual deles se tinha desviado mais recentemente? David, talvez.

A sua última vida antes da sua presente encarnação tinha sido como William Cowper, «um guardador dos registos» na altura da Revolução Americana, quando Washington estava a reunir as suas forças desmoralizadas em Trenton, antes de mudar a maré da batalha em direção à vitória final. Aqui William Cowper, encarregado do abastecimento de víveres dessa secção do Exército, esteve envolvido em algum tipo de desastre que resultou na perda de membros para alguns dos patriotas voluntários.

«Aqui uma palavra de aviso seria dada», diz a Leitura cripticamente. «Cuidado com um corpo que está malformado, ou

onde alguma porção de um membro ou atividade esteja errada; pode trazer-te grande aflição.»

Cowper tinha aparentemente sido um de um grupo que tropeçou numa emboscada britânica. Na sua ira perante a carnificina, Cowper responsabilizou os seus próprios oficiais, mesmo não sendo culpa «daqueles na autoridade, mas tendo sido por acidente». O choque de ver os seus companheiros mortos e mutilados tinha-se gravado profundamente na sua memória, no entanto. Incapaz de perdoar aos seus oficiais nessa vida, a incapacidade de perdoar manifestou-se na sua vida presente como um obstáculo maior à sua paz de espírito. A visão de um aleijado reaproveitaria automaticamente a sua antiga amargura e sentido de injustiça, inflamando e obscurecendo assim o seu julgamento — mesmo quando afetava a sua criança indefesa.

A sua necessidade urgente era praticar o perdão, a tolerância e a compreensão em todos os seus contactos com os outros. Só assim poderia ele abordar os seus problemas emocionais de forma construtiva.

A bondade quase paternal em que estas duas Leituras foram redigidas deixa pouca dúvida de que Myra e David Cobler cuidaram da sua criança mongoloide até que «Aquele que é o Dador da Vida achou por bem chamá-la a casa».

Isto poderia ser um exemplo, então, da Lei da Graça a sobrepor-se à lei do carma, limpando assim o quadro de dívidas acumuladas.

E quanto à própria criança? Uma indicação é refletida noutra Leitura para uma criança cronicamente atrasada. Esta alma ocupou uma posição de autoridade na corte durante uma encarnação inglesa, muito parecida com a do voluptuoso Lord Buckingham, cuja exploração voraz dos seus privilégios e

influência contribuiu para a decapitação de Carlos I e teve mesmo repercussões na corte francesa, onde a sua ligação com a Rainha quase a destruiu.

«A Entidade afastou-se daqueles que estavam sem esperança, que estavam perturbados no corpo e na mente, preferindo satisfazer os apetites no eu. Aqui encontramos que a Entidade é alcançada, e o que semeou, está a colher.»

Para os pais que cuidaram fielmente da criança com afeto protetor, a Leitura foi particularmente aprovativa. «Pois através do vosso amor e serviço, a consciência da alma desta Entidade pode tornar-se ciente do poder do amor verdadeiro e duradouro para inspirar indivíduos a proteger aqueles que dependem dos seus cuidados, pois a alma desta Entidade está a entrar num despertar no presente. Semeai as sementes da verdade, da esperança e da misericórdia, da bondade e da paciência, para que esta alma aprenda finalmente que "Eu sou o guardião do meu irmão!"»

Irene McGinley chamou a atenção de Edgar Cayce pela primeira vez quando pediu uma Leitura Física aos dezassete anos de idade. Uma jovem atraente, inteligente e talentosa, estava já acamada com uma erosão do fémur, e os seus médicos tinham recomendado a amputação da perna pela anca para evitar uma maior propagação do cancro. Era membro de uma família numerosa e abastada, e a esposa de um irmão mais velho também vivia na casa. Embora tivesse filhos próprios, Kit, a cunhada, estava a desempenhar muito bem o papel de companheira de Irene e enfermeira a tempo parcial. O tratamento sugerido pela Leitura Física de Irene dispensou a necessidade da amputação e colocou-a no caminho da recuperação. Mas estamos aqui preocupados com a Leitura de Vida que ela posteriormente solicitou.

Mais uma vez encontramos o carma físico e o emocional a encontrarem-se num cruzamento predestinado. Todas as pessoas estavam cientes de laços mútuos, mas à superfície não havia nenhum dos conflitos de caráter que aparecem tão frequentemente em situações deste tipo. Tudo o que se manifestava era a aparente injustiça da aflição de Irene.

«Uma pessoa de gosto refinado», a primeira Leitura de Vida descreveu Irene. «As capacidades mentais são aguçadas; a influência do amor trazendo as maiores experiências... como na busca de algo de forma constante no desenvolvimento das capacidades mentais e físicas no eu.»

Desde logo o tom é otimista. Pressupõe uma vida normal e produtiva. Cayce chama-lhe uma sonhadora, uma construtora de castelos no ar, e sugere que a escrita é a forma de expressão criativa mais adequada para ela, mas que deve estar sempre ancorada à realidade. Na vida anterior, tinha sido uma das primeiras povoadoras da América. Bonitos discursos significavam pouco para ela, pois julgava as pessoas pelas suas ações, não pelas suas boas intenções. Era honesta e frontal nas suas convicções religiosas, e hábil em costurar, tricotar e fiar.

Mas a vida anterior a essa encontrou-a na Roma do Imperador Nero durante a perseguição aos cristãos, como filha de um funcionário governamental rico e influente.

Entre as mulheres da casa, ela observou com discreta cautela o impacto do cristianismo nas suas vidas. Aqui encontramos a primeira pista para a sua desgraça — «rir-se da sinceridade de outro trouxe defeitos físicos... tal como o guardar de rancores, tal como os interesses egoístas».

Cayce começou a segunda Leitura de Vida com uma análise hábil do banco de memória da alma. Este, à medida que regista as

suas experiências no Registo Akáshico, «está para o mundo mental como o cinema está para o mundo físico».

Agora descobrimos que Kit, a sua atual cunhada, tinha sido filha de um dos guardas atribuídos à casa romana. Havia presumivelmente um laço estreito entre as duas raparigas, pois partilhavam um amor profundo pela música, e Kit era tratada como uma igual. Kit era também uma convertida secreta ao cristianismo, e Irene viu-se a ser atraída cada vez mais para os ensinamentos do Mestre, embora tivesse o cuidado de ocultar as suas simpatias quando assistia às perseguições no Coliseu. Esta era uma conduta perfeitamente lógica e compreensível quando se tomava em conta a loucura de Nero. Qualquer senhora romana de elevado nascimento que expressasse inclinações para o cristianismo tinha uma boa oportunidade de se juntar aos mártires na arena.

As alusões de Cayce a casos de amor infelizes são sempre formuladas com tato, mas somos levados a assumir que Kit atraiu o afeto de um homem que a própria Irene favorecia. No desejo irado de Irene de punir o homem, ela traiu a sua amiga às autoridades para que o seu amante pudesse testemunhar a morte da sua amada na arena.

Sentada ao lado dele na bancada, ela riu-se do seu horror enquanto a rapariga que ele amava era destroçada até à morte por uma fera diante dos seus olhos. O riso de Irene tinha obviamente derivado de uma histeria de ciúme, e não de um júbilo insensível, mas o laço cármico foi forjado. A retribuição seguiu-se rapidamente. O homem, de coração partido, nunca se recuperou do horror do espetáculo, e ela foi forçada a vê-lo definhar diante dos seus olhos. A sua consciência ficava ainda mais atormentada sempre que ouvia a música que Kit e ela tinham cantado e tocado juntas, «especialmente da lira, harpa ou da cítara». Então o seu remorso causava-lhe um sofrimento interminável.

«Daí que, ao enfrentar o mesmo no presente, a Entidade passa sob a vara, por assim dizer. Ela é agora objeto de pena, riso, desprezo pela incapacidade de tomar parte em qualquer atividade que exija o uso pleno do corpo físico.

«A Entidade pode agora superar as coisas que a assolaram, sabendo como a vida deve ser enfrentada: sem desprezo, sem escarnecimento, mas com paciência e fortitude, com louvor, com a concessão de prazer na música, em bondades, em palavras gentis, no falar daquilo que pode construir para uma mente perfeita, uma alma perfeita, um corpo perfeito... pois as fraquezas da carne são as cicatrizes da alma, e estas só podem ser curadas tornando a vontade uma com a d'Ele, sendo lavado, por assim dizer, no sangue do Cordeiro.»

A punição aqui parece ser não pelo riso em si, mas pelo crime passional — a fria traição de uma rival cuja fé religiosa ela partilhava secretamente.

E quanto ao próprio carma de Kit?

No Egito pré-histórico e novamente na Arábia, ela tinha ganho e perdido. No Egito desenvolveu o talento para a enfermagem que lhe permitiu cuidar de Irene no presente; mas tinha sido vaidosa e ciumenta da sua posição social na Arábia, e ressentida quando a idade a fez renunciar a ela.

No período romano tinha feito um grande avanço espiritual: os sermões do próprio Paulo, proferidos nas reuniões secretas nas catacumbas, tinham-na convertido tão completamente que morreu sem guardar rancor a Irene.

Na vida seguinte, no entanto, como uma criança de doze anos numa estalagem francesa, testemunhou o reconhecimento e a

prisão de Luís XVI e Maria Antonieta no momento em que estavam prestes a escapar para a segurança na véspera do Terror. O calor febril dos tempos estimulou nela a ambição de fazer parte da Revolução, e assim que teve idade suficiente apressou-se para Paris, onde a turbulência dos tempos logo a elevou a uma posição de influência nos círculos políticos, e onde o seu engrandecimento acabou por provocar a sua própria queda.

Na sua vida presente, ela tinha refreado esta ambição em si mesma e seguido o curso sábio de casar e preocupar-se com o bem-estar da sua família. A ajuda e os cuidados generosamente dados à sua cunhada mais jovem fizeram muito para equilibrar as dívidas cármicas que tinha adquirido noutros lugares. Ela até superou o seu medo inato de animais, derivado da sua morte na arena.

Irene, por sua vez, restaurada na saúde pela sua Leitura Física, seguiu o conselho de Edgar para pegar na harpa e descobriu que possuía um talento inato para ela até um grau profissional. Retirada dos palcos de concertos, ainda usa a harpa mesmo hoje, no jardim de infância que dirige, para criar e moldar um amor pela música nos seus encarregados.

Assim, Irene e Kit representam um exemplo da aplicação positiva de tanto o carma emocional como o físico. De facto, é raro encontrar as manifestações de um sem que o outro esteja a operar algures em concordância por perto.

Uma exceção notável é o caso seguinte, onde o carma emocional assumiu a sua plenitude sem nenhuma das conotações de incapacidade física — apenas uma alma a herdar as recompensas que a aguardavam pela «boa conduta».

Dois anos antes de Edgar Cayce morrer, Norah Connor, uma viúva de trinta e um anos, recorreu a ele em busca de orientação

vocacional. «Sim», começou a Leitura, «temos os registos aqui. Que confusão de todo o tamanho; e no entanto que alma talentosa!

«Aqui encontramos uma Entidade que se pode dizer combinar tudo o que é bonito, gracioso e adorável; e toda a traquinice que se possa imaginar.

«O sofrimento purificou muito a mente. Orientou-a para ajudar os outros. Isto é maravilhoso, pois é bom para a maioria dos indivíduos até estar na presença desta Entidade.

«Que maravilhosa companheira esta Entidade seria para uma escola que ensinasse tanto a espiritualidade como a graciosidade no lar, na maternidade, nas coisas que têm a ver com a criação de um lar! Estas deveriam ser as atividades da Entidade.

«É verdade, através dos períodos das condições presentes (Segunda Guerra Mundial), entrega-te às atividades no Serviço da Cruz Vermelha. Pois podes encorajar muitos de tal maneira que nunca mais se queixarão das suas dificuldades.

«Mas quando estas condições tiverem passado, começa e trabalha com grupos de música ou arte, em ciência social, até em economia política, qualquer empreendimento que lide com as emoções, com todas as formas de construção de caráter para raparigas adolescentes. Aplica-te nestas direções, pois as capacidades aqui estão muito, muito além do ordinário.

«Não permitas que os delírios dos outros te demoverem do que sabes ser o teu dever espiritual e mental. Mantém essa beleza de amor, de esperança, de gentileza, de graciosidade, que é a caraterística inata da Entidade.»

A Leitura prossegue depois a delinear a sua vida anterior como esposa de um povoador no início do povoamento da América. Lá ela aprendeu a cuidar das mulheres e crianças, a manter o povoamento unido, a precaver contra o assédio dos indianos através da criação de armazéns para comida e a tratar das feridas dos homens após as incursões.

«Então, em nome de Anna Corphon, a Entidade criou os arredores da vida familiar em meios que teriam envergonhado muitos homens de coração forte. Pois, apesar das dificuldades e dessas condições que existiam entre os nativos, a Entidade construiu amizades, tendo aprendido que o eu não deve ofender e não deve ser ofendido pelos outros. Com tal atitude, a pessoa irá de facto encontrar eventualmente a paz no eu. Deve haver harmonia no eu antes que a possas trazer aos outros.

«A Entidade encontrou-a, perde-a por vezes; mas mantendo a tua confiança Nele, nunca te cansarás de fazer o bem.

«Antes disso, a Entidade esteve na terra da Palestina quando o Mestre andava na terra. A Entidade estava entre as crianças em Betsaida que foram abençoadas por Ele. Daí o desejo, sempre ativo e latente desde essa experiência, de emular o Seu riso, a Sua consideração, o Seu cuidado pelos outros. Pois como a Entidade se aplicou através desse período em que houve provações, então sob o nome de Samantha, ela encorajou aqueles que se tornaram cansados e fracos devido às tentações da carne que surgem por vezes em cada humano na materialidade. Daí que a Entidade seja uma anfitriã extremamente graciosa, um indivíduo extremamente amoroso com os que estão próximos e os que estão afastados.»

Uma das perguntas escritas que ela fez a Edgar Cayce foi: «Há alguma indicação sobre a que igreja me devo juntar e associar?»

«Lembra-te, antes, a igreja está dentro do eu», respondeu ele. «Quanto à denominação, escolhe uma, seja qual for o seu nome, não como uma conveniência para ti, mas onde possas servir melhor. Que seja a tua vida a proclamar Jesus, o Cristo.»

«Mais algum conselho?», foi a pergunta final.

«Para quê dizer à beleza para ser bonita? Mantém-te simplesmente doce», foi-lhe dito com uma galanteria não habitual.

Um retrato bastante claro emerge da sua carta de gratidão a Edgar Cayce: «A Leitura expressa certamente os meus desejos e aspirações mais íntimos. O meu desejo e interesse dominante foi sempre a criação de um lar, e adoro servir as pessoas. Vejo que no presente estou muito interessada em estudos sociais — geografia, história — e inglês relacionado com os assuntos comunitários e mundiais dos dias de hoje.

«Quanto à música e arte referidas, o meu interesse tem sido mais no seu uso em conexão com os serviços de culto. Acho que o curso na faculdade de que mais gostei, e no qual tirei um A, foi Belas Artes na Religião.

«Sei que devo ter "paz e harmonia" em mim mesma se a hei de dar aos outros. E quando perco essa paz e harmonia sou como uma alma perdida a lutar para voltar novamente ao caminho certo.

«Mudei de emprego tantas vezes que parece que deveria focar-me num durante mais de um ano. Percebo que só posso decidir sobre as oportunidades à medida que surgem, mas fico numa confusão tão grande. (Como diz: "Que confusão de todo o tamanho!")»

Pelo resto dos anos de guerra, Norah dedicou-se à Cruz Vermelha e descobriu que tinha uma propensão natural para a organização. Subiu a uma posição de responsabilidade executiva igualada por muito poucas. As emergências traziam ao de cima o melhor dela e, no final da guerra, foi condecorada pelos seus serviços. Continuou a servir com a Cruz Vermelha, especializando-se em trabalho de resgate em áreas de desastre.

Como Hugh Lynn Cayce nota no seu relatório de verificação, feito em 1957, «A Sra. Connor continuou a trabalhar para a Cruz Vermelha, como foi sugerido na Leitura. Perguntámo-nos se o trabalho de resgate ao longo do Rio Delaware e no Luisiana a levou para as áreas associadas na sua Leitura aos "dias dos pioneiros em que superou dificuldades insuperáveis e fez um bom trabalho".

«Ela também descreveu os seus problemas com um oficial superior no trabalho de desastre, em que a palavra "delírios", indicada na sua Leitura de Vida, se poderia aplicar muito bem à crítica do supervisor ao seu excessivo zelo em dar ajuda e conforto aos sobreviventes das inundações.

«Ela está agora empregada na Universidade de Boston a cargo de um dormitório de 150 raparigas. Tenciona tirar cursos que a preparem para o trabalho num estabelecimento menor onde se possa dedicar à educação de raparigas mais jovens, como sugerido pela sua Leitura. Ela também indicou que gostava do trabalho com as Guias, especialmente da vida ao ar livre, acampamentos, etc.

«Como questão de interesse, a entrevista com ela foi extremamente agradável do início ao fim e, na minha observação, confirmou a avaliação da Leitura sobre o seu caráter em plena medida.»

MEDO DO PARTO

«Estou quase em vésperas da loucura e do suicídio, a mulher mais miserável da terra e quase uma viciada em drogas», lê-se num excerto de um dos casos mais extensamente documentados. Flora Lingstrand, nascida em 1879, tinha quarenta e seis anos de idade quando escreveu a pedir ajuda. Os seus problemas começaram com uma mãe neurótica cujo pavor da morte no parto aumentava com cada nascimento bem-sucedido dos seus seis filhos. A infância de Flora foi deformada pela insistência lúgubre da mãe na sua única fixação. E quando Flora eventualmente se lançou no seu próprio casamento, encontrou a sua razão paralisada pela fobia herdada. O seu marido era um homem de bom caráter e compreensivo que fez tudo o que pôde para compreender e ajudar, mas o controlo de natalidade estava aparentemente fora de questão, e ela estava tão obsessivamente aterrorizada com a gravidez que acabou por se separar dele. Ele ainda a ajudava com o dinheiro que podia dispensar e, num momento mal aconselhado, ela decidiu remover os ovários.

Nas suas cartas incoerentes a Edgar Cayce, Flora deu a entender que o rádio foi usado e que os «brometos» que subsequentemente lhe administraram criaram nela um vício em narcóticos. Isto foi agravado pelo excesso crónico de alimentação e consultas ao acaso com vários psiquiatras.

«Não posso ir para outro sanatório, pois os analistas não falam de outra coisa senão de vida sexual... dizem que as minhas supressões causaram os meus nervos e o pavor de crianças, e depois de me dizerem o problema, isso ficou-me na mente até eu não conseguir suportar o meu marido perto de mim. Tenho medo todo o tempo, e o medo é horrível», escreveu Flora.

Flora era uma figura trágica. A sua absorção no eu cegava-a para as necessidades dos outros, e nessa área residia a sua única

oportunidade de salvação. Até ao dia de hoje, as suas cartas volumosas fazem uma leitura patética, contudo não se pode rejeitar totalmente a impressão de que os seus impulsos ocasionais de remorso pelo sofrimento que está a causar ao marido são «palavras pelo simples prazer de falar».

A sua Leitura de Vida assegura-lhe pacientemente que o seu caso não é tão sem esperança como ela está determinada a torná-lo, mas declara de forma bastante clara na sua primeira página que a fonte do problema reside na necessidade de a alma corrigir e superar as suas antigas preocupações com o engrandecimento do eu, «desejos da carne» e falta de consideração pelos direitos humanos dos outros.

«Uma pessoa amável em muitos aspetos, uma pessoa com elevadas aspirações, muitas nunca alcançadas! O objetivo é sempre afastado no momento em que ela está prestes a alcançá-lo. No propósito, boa. Nas ações a partir de dentro e no uso da vontade em relação ao eu, não é boa. As suas relações com os outros, na maior parte excelentes... consigo mesma, insignificantes.»

A sua vida anterior tinha sido como Sara Golden, uma das povoadoras que vieram para Roanoke na Carolina — a «Colónia Perdida» que desapareceu sem deixar rasto em 1590.

Aqui ela foi forçada a testemunhar todos os seus filhos «serem levados e fustigados no fogo, e a Entidade viveu em pavor ao longo dos seus dias restantes». À medida que a razão lhe falhava, começou a amaldiçoar a Deus em fúria por permitir que os seus filhos fossem destruídos. «Isto, no presente, traz o pavor da Entidade pelo parto... e trouxe forças destrutivas para a permanência (presente) da Entidade.»

Ela tinha, em suma, regressado sem esperança de perdão da parte do Deus que tinha ultrajado. Mas isto é uma manifestação da sua própria culpa, não a retaliação de uma divindade secular; portanto, o seu pecado é apenas contra o eu.

A vida anterior a essa foi desperdiçada na corte francesa de um dos Carlos, o que significa antes de 1515... «uma era sombria de traidores e cortadores de gargantas».

Como um dos escribas do Rei entregue a excessos de devassidão, a perda da felicidade doméstica subsequente teve aí os seus começos. Temos de procurar até à Grécia antiga para encontrar a alma ainda não corrompida. E no Egito pré-histórico ela tinha-se mantido «imaculada e alta» como sacerdotisa num dos Templos de Iniciação.

A Leitura termina sem promessa de panaceias rápidas: «A Entidade pode ganhar apenas através do serviço aos outros, pois ao servir o eu sem respeito pelo bem que possa vir para as vidas dos outros, o eu bloqueia o caminho. Quando construímos uma barreira entre nós próprios e os nossos associados, os nossos amigos ou as nossas famílias, esta temos nós, por nossa própria vontade, de a derrubar, se quisermos preencher esse lugar que é necessário que todo e qualquer indivíduo preencha, que tem a sua existência no plano físico.

«... Essas forças do espírito que são inatas podem tornar-se tão subjugadas pelos desejos da carne que se tornam como nada. No entanto, estas estão sempre prontas para ser despertadas e exercer a sua prerrogativa na vida de todo e qualquer indivíduo. Mas o eu deve ser subjugado antes que tal possa acontecer.»

A seguir a isto há a sugestão de que Flora desenvolva um talento latente para a escrita e que escolha para o seu tema uma

filosofia positiva que tenha uma influência edificante nos seus leitores.

Flora Lingstrand agarrou a ajuda que Edgar ofereceu com o frenesim de alguém a afogar-se, mas não se pode deixar de sentir que, apesar das protestações de gratidão que saíam dela, ela tinha estado à espera de algum tipo de intercessão milagrosa que a isentasse de ter de fazer qualquer esforço pessoal em seu próprio benefício.

Encontrar-se-á frequentemente esta tendência para esperar de Edgar, contrariamente ao seu aviso explícito, que ele seja não um conselheiro, mas uma extensão do Anjo Que Agitava as Águas no Tanque de Betsaida. O ato de imersão por si só era esperado como constituindo uma cura completa. Ao passo que Edgar nunca se desviou do seu único princípio: apenas a fé num Deus benevolente permite à alma reavaliar-se e colocar-se em ordem.

Pelo mesmo motivo, Cayce nunca foi homem para poupar nas palavras se fosse confrontado com a lassidão ou com a autopiedade a tentar passar por uma vítima indefesa do carma.

«Há alguma dívida cármica a ser resgatada com um ou com ambos os meus pais?», perguntou-lhe uma jovem mulher. «E deverei ficar com eles até os ter feito sentir-se mais bondosos para comigo?»

«O que é uma dívida cármica?», respondeu ele secamente. «Fizeste disto um bicho-papão! Não é uma dívida cármica entre ti e os teus pais; é uma dívida cármica para com o eu que pode ser resolvida entre ti e os teus associados no presente! E isto é verdade para cada alma!»

«Seria melhor permanecer no mesmo apartamento com a minha família pelo presente, ou tentar pedir dinheiro emprestado suficiente para arranjar um espaço próprio?»

«Seria melhor permanecer», aconselhou ele. «Se o antagonismo entre o eu e a família continuar, então muda. A separação no momento deixaria não só animosidade e um sentimento de despeito da parte do eu, mas também da parte da família, o que construiria aquilo que aprendeste, ou te foi ensinado, a chamar carma.»

A sua pergunta seguinte foi devidamente moderada:

«O que há de errado com a minha personalidade que me esteja a conter, física e mentalmente?»

«Nada», disse ele afavelmente, «salvo a avaliação imprópria do eu na experiência presente!»

ARROGÂNCIA E PRESUNÇÃO MORAL

Preocupamo-nos agora com o carma emocional de uma rapariga bonita nos seus primeiros trinta anos, uma bebedora compulsiva, que se estava a envolver numa relação promíscua atrás de outra. Quando estava sóbria, condenava-se amargamente a si própria, mas permanecia incorrigível. A sua Leitura informou-a de que a sua ninfomania ávida tinha origem numa encarnação francesa quando ela era filha de um rei.

Era um período de imoralidade e materialismo, e ela não tinha hesitado em sentar-se a julgar mulheres mais fracas do que ela própria, deixando pouco espaço para a tolerância ou piedade nas suas condenações autossuficientes. Ela acabou por se retirar para um convento para evitar mais «contaminação» pelas suas

companheiras de criação, deixando obviamente um rasto de perseguição atrás de si.

«Condenaste aquelas cujas atividades estavam em desobediência direta à lei», informou-a a sua Leitura. «Mas aquele que é fraco na carne, é o seu erro maior? Pois a pessoa deveria saber que o condenar dos outros é já um condenar do eu. Qual é o pecado maior?»

O ódio e a arrogância centrada no eu tinham também perseguido uma mulher que tirou a própria vida numa encarnação persa. Ela tinha sido a orgulhosa filha de um chefe tribal rico que foi capturada por beduínos e dada em casamento a um jovem capitão que se tinha apaixonado desesperada e sinceramente por ela. Isto poderia ter sido uma oportunidade para o crescimento da alma, mas para uma mulher do seu orgulho feroz era uma degradação intolerável. Quando lhe deu uma filha, não encontrou consolação na maternidade. Incapaz de superar o seu ódio e desprezo pelos seus raptores, cometeu suicídio, abandonando o seu bebé ao seu próprio destino.

Hoje, solitária e solteira, deseja uma bebé com tal intensidade que está até preparada para adotar uma. Ela está frustrada nisto porque se viu envolvida num caso de amor obsessivo que se arrastou interminavelmente e desperdiçou a sua vida. Do seu amante incompatível, ela perguntou: «Porque é que só recebi injustiça dele, quando tentei tanto ser justa?»

«Como ele te está a tratar no presente, assim o trataste tu nessa experiência persa», disse-lhe Cayce. «Como o medires aos outros, ser-te-á medido a ti!»

O mesmo bumerangue atingiu um jovem homem que tinha sido um caricaturista na corte francesa de Luís XVI. Ele tinha satirizado esses membros afortunados da corte que eram

incapazes de ocultar a sua homossexualidade. Nesta vida ele fica mortificado por se ver a lutar contra a mesma compulsão e, embora a sua Leitura o tenha podido ajudar, apontou novamente que «Tudo o que medirmos aos outros, medimos a nós próprios».

UM CREDO DEFINITIVO

A filosofia das Leituras de Vida assume tal universalidade no seguinte excerto que a pessoa é tentada a chamar-lhe um credo definitivo para cada alma viva, independentemente do sexo ou da idade.

«De Saturno encontramos as mudanças súbitas que foram e são uma caraterística da Entidade — nisto, Marte desempenha um papel. Quando estes dois planetas estão juntos, há uma influência adversa, uma ira ou loucura, trazendo grande perturbação ao ser mental da Entidade.

«Daí que cabe à Entidade manter diante de si um ideal, não meramente pelo simples prazer de ser idealista, mas como um padrão pelo qual possa julgar os seus próprios atos. Pois o ideal do que é correto nunca se pode aplicar apenas ao eu.

«Pois se queres ter vida, deves dá-la! Como as leis se aplicam no espiritual, assim se aplicam na prática. Pois a Mente é o Construtor.

«Se queres ter amor, deves mostrar-te amável. Se queres ter amigos, deves mostrar-te amigável. Se queres ter paz e harmonia, esquece o eu e trabalha para a harmonia e paz nas tuas associações.

«Pois cada alma está no processo de se desenvolver para se tornar plenamente ciente do seu Criador. E como o teu Senhor

deu: "Da maneira como o fazeis ao menor destes que encontrais, dia a dia, assim o fazeis ao teu Deus."

«Não vos deixeis enganar e não interpreteis mal. De Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, o homem colherá, e ele encontra-se constantemente a si próprio!

«Se tentas enfrentá-lo sozinho, por ti próprio, então torna-se carma. Mas faz o bem, como Ele deu, àqueles que maliciosamente te usam, e então superas em ti próprio tudo o que possas ter feito ao teu semelhante!»

«DEIXAI VIR A MIM AS CRIANÇAS»

Talvez o caso mais comovente de carma emocional no seu sentido mais positivo pertença aos próprios Edgar e Gertrude Cayce.

O seu segundo filho, Milton Porter Cayce, tinha nascido a 28 de março de 1910, às 20h30, e tinha morrido dois meses mais tarde, a 17 de maio, às 11h15. Edgar, que tinha sido capaz de salvar as vidas de tantas crianças, tinha sido incapaz de salvar o seu próprio filho e, embora nunca discutisse o assunto, a tragédia tinha-o perseguido até ele ter sonhado, durante a Primeira Guerra Mundial, que encontrou e falou com um grupo dos seus alunos da Escola Dominical que tinham sido mortos nos campos de batalha da Flandres.

Ainda a sonhar, ele raciocinou que se lhe tinha sido permitido ver estes jovens soldados ainda vivos e felizes, deveria haver alguma forma de ser capaz de ver o seu próprio filho. De imediato viu-se na presença de fileiras de bebés, e numa das fileiras mais altas viu o seu próprio bebé a sorrir para ele em reconhecimento. Acordou consolado e nunca mais se afligiu pelo bem-estar e segurança da alma da criança.

Depois, quase vinte anos mais tarde, a 25 de maio de 1936, ele começou a dar uma leitura de rotina sobre um rapaz de treze anos, filho de um médico, nascido em Pequim, na China, a 31 de março de 1923. Começou como de costume a contar para trás ao longo dos anos desde o presente até à data do nascimento do rapaz, notando a grande mudança na sua perspetiva em 1932 quando a sua família regressou com ele para os Estados Unidos.

Depois, inesperadamente, anunciou que «aqueles associados neste empreendimento» estavam em posição de estudar o caso em primeira mão. «Pois esta Entidade, agora chamada David Hoffman, entrou no plano terrestre na experiência anterior apenas por algumas semanas — a 28 de março de 1910, às 8h30 da noite, partindo a 17 de maio às 11h15.

«A mãe saberia, no presente», acrescentou ele, referindo-se a Gertrude e dando a entender que ela responderia num reconhecimento instintivo assim que o visse novamente. Explicou que o rapaz tinha morrido porque «havia uma perturbação demasiado grande na mente e na experiência, durante esse período de gestação, para a alma permanecer». Pelo mesmo motivo, havia pouca ou nenhuma oportunidade para a alma se desenvolver. Mas agora que David estava estabelecido como tendo sido uma vez filho deles, «o conhecimento e associação do mesmo trará experiências úteis no desenvolvimento da alma da Entidade».

Lidou depois em grande detalhe com as potenciais fraquezas físicas que o rapaz enfrentava. O sistema digestivo era delicado, poderia afetar adversamente o cólon e o apêndice... «sê avisado disto, para que não haja um encurtar das oportunidades para a Entidade; pois... essas fraquezas existem como um sobreposição concreta de outras experiências na terra».

Na vida anterior à sua breve permanência como Milton Porter Cayce, ele tinha servido como secretário de Adams e Hamilton em Boston, durante a elaboração da Constituição; daí que no presente se veria capaz de servir homens em elevada autoridade sem pavor ou veneração, «pois os ideais da Entidade são naturalmente elevados».

Na vida anterior a essa «a Entidade estava entre as crianças de um certo Bartellius, na Palestina, e foi abençoada pelo Mestre, Jesus. O rapaz estava entre aqueles que mais tarde sofreram dificuldades materiais pelas causas defendidas, não só pelo seu povo e seus pais, mas pelos princípios mantidos por si próprio».

Foi a partir desta experiência que ele tinha desenvolvido os seus elevados ideais, pois em cada Leitura onde uma criança tinha uma vez recebido o toque da mão de Cristo em bênção, a memória permanecia indelevelmente na memória da alma como uma bênção.

A sua vida mais antiga tinha sido no Egito pré-histórico, como um dos refugiados do continente submerso da Atlântida. «O nome era então Aart Elth. Este, de certeza, era o nome egípcio para um professor consagrado no serviço do Templo.

«Embora jovem em anos ao viajar para o Egito, a Entidade ajudou no desenvolvimento de aparelhos mecânicos para o corte de pedra nos templos de serviço, bem como nos templos de sacrifício.

«Daí que, no presente, estas coisas (embora de uma ordem muito mais elevada) façam com que haja experiências peculiares por vezes, tal como a música, sobre a totalidade das forças corporais.

«Estas deveriam ajudar a Entidade a primeiro aprender a conhecer-se a si própria, as suas próprias fraquezas fisicamente, as suas próprias capacidades mentalmente... e assim, num esforço coordenado e consagrado, possam grandes experiências vir para a Entidade nesta permanência... pois, à medida que o corpo-mente se desenvolve, cada uma destas ramificações deveria ser oferecida como uma oportunidade ou saída: as de natureza mecânica, as de natureza musical ou as de natureza biológica, que incluiriam a vida dos insetos e a sua influência no meio do homem.»

Quando Edgar regressou à consciência, a sua esposa contou-lhe com lágrimas de alegria que ele tinha estado a ajudar o seu filho perdido a preparar-se para a sua nova vida.

Um ano mais tarde, o Dr. Hoffman trouxe o rapaz a Nova Iorque para conhecer Gertrude e Edgar. A David, claro, nunca foi contada a ligação entre eles; mas tal como Edgar a tinha avisado, Gertrude ficou tão magneticamente atraída pelo rapaz que teve dificuldade em ocultar os seus verdadeiros sentimentos.

É difícil conceber uma situação mais única na história do serviço incansável de Edgar Cayce às suas companheiras de criação. Serviu o duplo propósito de consolar os pais de uma criança que tinham perdido e ajudar os pais de um rapaz de treze anos a preservá-lo contra as doenças mais prováveis de o assolarem nos seus anos formativos.

CAPÍTULO CINCO

O ELEMENTO DO MEDO NO CARMA EMOCIONAL

A CAVE DAS RAÍZES

Patricia Farrier, uma solteira de quarenta e cinco anos, foi informada na sua Leitura de que na sua vida anterior tinha vivido

e morrido perto de Fredericksburg, na Virgínia, sob o nome de Geraldine Fairfax, enquanto a América era ainda uma colónia britânica. Foi-lhe dito que os registos, «até em pedra», ainda existiam. Por isso, ela e a sua irmã Emily viajaram até Fredericksburg na esperança de os localizar.

Durante a sua busca, as irmãs tiveram ocasião de pernoitar num pequeno hotel rural uma noite. Tendo-se retirado para a cama saudáveis mas cansadas, logo adormeceram — um sono do qual Emily foi acordada por um ruído de sufocamento vindo da cama da sua irmã. Ela ligou a luz e encontrou Patricia literalmente a sufocar até à morte.

O seu rosto estava vermelho e ela estava a lutar desesperadamente por ar, no entanto Emily foi incapaz de a acordar do profundo coma em que tinha caído.

Em pânico, Emily procurou ajuda junto do proprietário, mas nada fazia Patricia acordar do seu coma, e ela parecia estar à beira da morte. À chegada do médico, ela foi trazida de volta à consciência com dificuldade e a respiração normal foi finalmente restaurada. As duas irmãs fugiram do hotel nessa manhã e apressaram-se a voltar para Edgar Cayce. Na sua Leitura subsequente, Patricia perguntou: «Porque tenho tanto medo no presente?»

Foi-lhe dito que tinha estado sujeita a muitos medos, no sentido físico, nas suas vidas anteriores, e estes tinham passado com ela para o presente como memórias subconscientes.

Como uma rapariga de treze anos em Fredericksburg, ela tinha estado a brincar à «jardinagem» na cave das raízes, onde todas as mudas, estacas, batatas e ervas eram guardadas em prateleiras durante o inverno. Era presumivelmente um lugar onde a criança estava proibida de ir sem companhia e, nesse dia, um

pequeno abalo de terra sacudiu o campo, fazendo com que o chão da casa de quinta abatesse. As prateleiras colapsaram e soterraram-na sob uma avalanche de raízes, bolbos e solo húmido. Ela tinha sufocado até à morte numa tal histeria de pânico que isso se manifestou nesta vida como claustrofobia, um pavor de multidões, um medo de sufocar. A sua associação direta não se manifestou, no entanto, até que ela e a sua irmã tinham passado a noite no hotel. Este hotel deveria ou ter sido construído sobre o local da antiga casa de quinta da fronteira, ou estava suficientemente perto dele para que a sua memória reencenasse a verdadeira agonia da morte da criança na vida anterior.

A sua Leitura aconselhou-a a atrelar a energia que estava a despender no medo a um ideal positivo de algum tipo, pelo qual pudesse lucrar em vez de perder com a sua influência. O seu carma oferecia-lhe razão plena para desenvolver a sua capacidade para uma fé religiosa profunda. Na Palestina ao tempo de Cristo ela tinha sido membro da casa que testemunhou a ressurreição de Lázaro pelo Mestre, e o Novo Testamento era por conseguinte familiar para ela a um elevado nível subconsciente de identificação pessoal.

Ela seguiu este conselho e alcançou sucesso em plena medida, desenvolvendo um grupo de oração que dedicava certas horas do seu dia a orações por Edgar Cayce quando as suas próprias energias estavam ocupadas a ajudar outros.

A imensa dignidade da simplicidade de Edgar Cayce é comoventemente ilustrada na carta de gratidão que ele lhe enviou:

«Minha querida Miss Farrier: Seria muito difícil de facto para mim expressar-lhe a minha apreciação pela sua do dia quinze. Percebo muito mais do que aquilo que alguma vez serei capaz de lhe dizer, o quanto o seu grupo de oração — como grupo e como indivíduos — me tem ajudado. Vim a depender deles em grande

medida. Sinto-me muito como Moisés se deve ter sentido quando foi necessário que Josué e Aarão lhe segurassem as mãos! Estou disposto, mas a carne é fraca — e é muito necessário que tenhamos aqueles em quem possamos confiar quando a nossa própria força falha. Asseguro-lhe que encontrei uma grande dose de força nos esforços e na cooperação de cada membro do grupo.»

«Com os meus agradecimentos, e com toda a sinceridade, sou,

Como sempre,
Edgar Cayce
18 de Dez. de 1931.»

Patricia Farrier morreu de cancro em janeiro de 1939, e ele correspondeu-se com ela até ao fim, aconselhando a sua irmã através de Leituras Físicas sobre como melhor cuidar dela. Quando ela perguntou quanto mais tempo teria de «permanecer neste estado de sofrimento», ele consolou-a com a garantia de que não se tratava de modo algum de uma punição, mas apenas da conclusão da lição da alma sobre a paciência, «tal como Jesus no Horto aprendeu a obediência através do sofrimento».

Igualmente comovente é a compreensão que Cayce demonstrou por Jane Clephan, uma estudante universitária de vinte e um anos com um complexo de inferioridade quase incapacitante.

Ele comentou imediatamente a sua habilidade musical inata e incentivou o seu desenvolvimento. Também a assegurou de que ela possuía um talento latente como pianista de concerto e professora, uma vez que desenvolvesse confiança suficiente em si mesma. Contudo, aconselhou contra o casamento, a menos que fosse em idade avançada, «caso contrário trará mais tarde

desencorajamentos e descontentamento, até de uma natureza maior do que os existentes no presente».

Ele traçou isto diretamente da sua vida anterior em França, onde ela fora esposa de um tirano físico ressentido que tanto se indignava com a «beleza e afabilidade da Entidade que procurou mantê-la submetida, recorrendo até por vezes à força». As marcas no seu corpo resultantes dos açoitamentos dele ainda estavam vivas na sua memória.

«Daí o medo de punição no presente, de ser mal compreendida ou mal interpretada.

A Entidade era então uma música, mas foi interrompida nessa carreira por causa da associação. Assim, no presente, será exigido à Entidade que determine que tipo de amizades gostaria de ter com os outros, e depois se disponha a planeá-las. . . . Pois aqueles que se mostram amigáveis têm amigos.»

A Leitura descreveu então a sua vida ao tempo das perseguições cristãs.

«A Entidade aceitou os ensinamentos dos seguidores de Jesus; contudo, os tormentos das perseguições tornaram-se tão abomináveis que a Entidade se afundou na mera labuta de modo a manter-se afastada das palavras, das ofensas, dos desprezos e das calúnias. . . .

Mas sabe que, ao viveres na tua consciência em tão boa fé com o teu Criador que podes olhar qualquer pessoa “de frente e saber que nada fizeste senão o bem em pensamento ou ação”, estás exaltada perante o teu Criador. E se o Senhor estiver do teu lado, quem poderá estar contra ti? . . .

Antes disso, a Entidade esteve na terra egípcia, durante aqueles períodos em que havia a purificação do corpo para o serviço ativo nos Templos. A Entidade entrou então numa vida de serviço, sendo o que hoje se chamaria uma enfermeira, alguém que cuidava dos doentes físicos ou mentais.

Estas fases podem ser uma parte da experiência ou do desejo atual da Entidade, a menos que a timidez impeça a aplicação prática das mesmas.

Quanto às capacidades da Entidade no presente: primeiro encontra-te a ti mesma e ao teu ideal, mentalmente, espiritualmente, fisicamente, e depois aplica isso às tuas relações com os outros.

Estuda música e aplica-a, seja como instrutora ou como quem dá o concerto, ou semelhante. Pois nesse domínio encontrarás a harmonia da vida, a harmonia da expressão, a harmonia da relação com as Forças Criativas. Prontos para perguntas.»

Jane: «Farei alguma vez amigos próximos?»

E.C.: «Se praticares essas coisas indicadas, sim.»

Jane: «O que causa a minha falta de memória?»

E.C.: «Condenação de si mesma! Não te condenes. Em vez disso, conhece, e vive em ti, aquilo que indicámos.»

Jane: «Que instrumentos musicais devo aprender?»

E.C.: «O piano como base, certamente, mas quaisquer instrumentos de cordas.»

Jane: «A minha capacidade mental e condição física são adequadas para continuar a minha educação universitária?»

E.C.: «De todos os modos! Continua a mesma!»

Jane: «Por que não entrei numa associação estudantil no passado mês de fevereiro?»

E.C.: «Por causa do medo! Como indicado, pratica aquelas coisas que gostarias que os outros fizessem por ti, fazendo o mesmo pelos outros!»

Jane: «Qual é o meu Q.I.?»

E.C.: «Isto dependeria do padrão pelo qual seria julgado. É suficiente para todas as tuas exigências, se tão-só aplicares a tua pessoa — primeiro sob o ângulo espiritual e mental, depois sob o ângulo material.»

Jane: «Como posso superar o meu medo intenso — medo de encontrar e conversar com outras pessoas?»

E.C.: «Como foi indicado!»

Quão mais simples e lucidamente se poderia dar um conselho construtivo a uma jovem inibida que, até ao momento da sua Leitura, não tinha meios práticos para resolver as suas próprias confusões!

Obviamente, de ninguém na posição de Jane se poderia esperar que identificasse os seus medos com os de uma mulher maltratada cujo espírito tinha sido quebrado pelo sadismo de um bruto boçal. No entanto, uma vez compreendida a origem da sua timidez social, o efeito foi o de exonerar as pessoas inocentes que ela vinha temendo sem necessidade, permitindo-lhe vê-las sob

uma luz objetiva e simpática. A sua confiança estava a ser ensinada a emergir como um bebé a quem se ensina a andar.

Quão claramente isto ilustra a resposta de Cayce a: «Por que não nos lembramos das vidas passadas?»

«Não temos de nos lembrar», disse ele no essencial. «Somos a soma total de todas as nossas memórias.» Manifestamo-las nos nossos hábitos, nas nossas idiossincrasias, nos nossos gostos e aversões, nos nossos talentos e pontos cegos, nas nossas forças e vulnerabilidades físicas e emocionais.

Por causa da sua vida como Bainbridge, por exemplo, Edgar Cayce nunca teve o menor desejo de jogar ou beber. A memória do custo, do desperdício de esforço, ainda era demasiado recente. É por isso que ele insistia em que qualquer pessoa com honestidade suficiente para examinar a sua própria natureza encontraria nela um léxico completo de deveres e proibições . . . a voz suave e pequena da consciência nunca mente. Acontece simplesmente que nós optamos convenientemente por não a ouvir de vez em quando, e depois perguntamo-nos por que motivo vamos dar de caras contra uma porta de vidro que quase nos achata o nariz.

Há algo de contagioso na exuberância de Cayce quando ele brinca com uma alma por ter renunciado à confiança em si mesma diante dos reveses da vida.

«Abaixou-se a si mesma e limitou as suas próprias capacidades!», exortou ele uma mulher de quarenta e seis anos. «Liberte-se! Pode ir para qualquer lugar, desde que mantenha a sua fé no único Deus e simplesmente se aplique a ser bondosa, paciente, demonstrando amor fraterno.

Há demasiado tempo que esteve sob uma nuvem, por assim dizer, e bastante tímida e carente de expressão pessoal. Precisa de ir para o meio da natureza e gritar, e ouvir o seu próprio eco de volta!

Não seja subjugada por outros que tentam, ou tentaram, impressioná-la com a sua importância, pois Deus não faz aceção de pessoas! E qualquer pessoa pode armar-se em tola parecendo importante!

Os maiores entre os da terra são os que mais servem; mas isto não significa ficar tão calada, ser tão pouco comunicativa. . . .

Há uma falta de brilho e espetáculo. Se se vestisse com um fato vermelho, daria um belo salto, e isto não é dito como um jogo de palavras! Tais impulsos foram tão reprimidos, o amor e a emoção profunda mantidos tão escondidos, que pouca da sua verdadeira beleza emergiu.

Precisa de mudar o seu ambiente, de estar onde conheça muitas pessoas e tenha de falar muito, e de dar muitas explicações a pessoas que compreende não saberem nem de perto nem de longe tanto quanto a senhora sabe.

Dê àqueles que julgam saber muito! Se tão-só se der conta disso, sabe muito mais do que eles, sobre qualquer assunto! Estas condições, uma vez alteradas, farão uma grande diferença para si. . . . Por isso, não tenha medo de ter problemas; saiba que aquilo que deseja, pode ter. Pois o Senhor ama aqueles que O amam, e Ele não negará nenhuma coisa boa a esses!»

E na mesma linha, ele reanimou um jovem nervoso de vinte anos: «Supere a timidez tendo algo em particular a dizer! Muitas pessoas falam sem dizer nada — isto é, nada de construtivo ou

nada que tenha sequer significado —, mas você leva as opiniões delas a seu respeito ao pé da letra!

Foram-nos dados apenas dois olhos, duas orelhas, mas deveríamos ouvir e ver o dobro — aliás, quatro vezes mais — do que falamos! Nunca seja presunçoso, mas nunca tente ser "exatamente como os outros rapazes, e fazer o que as pessoas dizem para que não julguem que é diferente".

Ouse ser diferente! E se começar pelo Deuteronómio, capítulo trinta, e Êxodo 19:5, saberá as razões no mais íntimo de si!»

CAPÍTULO SEIS
CARMA VOCACIONAL
OS FRESCOS DO PANTEÃO

O que se segue é um exemplo notável de como o encorajamento de Cayce lhe valeu a amizade eterna do jovem que ajudou.

John Schofield, de vinte e três anos, sofreu muita frustração inicial num trabalho mecânico sem saída numa empresa de gravura comercial. Este sofrimento era agravado por uma família possessiva que não lhe permitia ter vontade própria. Ele era um artista amador razoável por direito próprio, mas carecia de qualquer confiança no seu próprio valor criativo. Tinha-se metido num beco sem saída, por assim dizer, e dava todos os sinais de levar muito tempo a sair.

Como muitos fizeram, Schofield recorreu a Edgar Cayce como último recurso, falhadas todas as outras fontes de ajuda. Foi-lhe energicamente aconselhado que pusesse uma distância saudável entre si e a sua família parasitária. Nas suas vidas passadas no Egito, na Grécia e em Roma, tinha-se envolvido

muitas vezes com o desenho de frescos para templos, tribunais e sedes de governo. Esta é uma vocação altamente especializada, não confinada à competência puramente arquitetónica, mas não tão informal como a pintura mural. Não obstante, foi orientado para ir para Nova Iorque e procurar o seu lugar entre as principais empresas de arquitetura, uma vez concluída a sua formação vocacional numa escola de arte.

Cayce explicou que os estilos arquitetónicos em diferentes terras eram a soma total da inspiração dos homens que trabalharam para os criar ao longo dos séculos, embora as suas recompensas imediatas tivessem sido pouco mais do que a sua própria dedicação aos seus ideais artísticos. Citou Leonardo da Vinci como exemplo de um génio cuja alma se estava a expressar, agora no presente, como nunca lhe tinha sido permitido fazer durante a sua vida. O génio de da Vinci só podia ser expresso quando o mundo tivesse progredido o suficiente para o reconhecer e pôr as suas criações em prática. Assim, a sua verdadeira imortalidade manifestava-se na sua influência universal, e não na sua fama pessoal.

O mesmo argumento aplicava-se aos talentos inatos de John Schofield.

«Por que razão haveria de ser assim?

Porque esta alma, tendo ganho tanto na influência decorativa nos templos, nos edifícios públicos, nos túmulos, está agora a começar a sua verdadeira carreira na América. E podem ver-se no estilo decorativo da pintura de frescos, ou segundos painéis, no Panteão e nas suas caixilharias, influências que derivaram da mesma escola em que a Entidade outrora estudou.»

«Como é que me devo preparar exatamente para contribuir para isto?», perguntou Schofield.

«Aprendendo a combinar o modernista com o fenício e o egípcio, pois eles combinam belamente, a sua simplicidade, o seu caráter decorativo.»

Schofield procedeu como instruído e, cinco anos mais tarde, pôde dar conta do seu progresso.

«Recebi uma mensagem repentina para me apresentar na Fundação Barnes, onde sou estudante, para me ser atribuída uma bolsa de viagem para quatro meses de estudo na Europa com um grupo dos seus estudantes este verão . . . de 18 de maio a 18 de setembro. Inclui viagem e instrução em sete países.

Este ano termina o meu quinto e último ano na Academia de Belas-Artes, e o meu segundo na Fundação Barnes. Procuro novos valores e nova inspiração para esse rumo definitivo que devo seguir.

Sinto-me muito afortunado e muito grato pelas oportunidades que me surgiram. O meu desejo sincero e humilde é que possa provar ser merecedor delas e desenvolver uma expressão que seja significativa para aqueles que procuram uma experiência na arte.»

«A minha viagem este verão foi uma série maravilhosa de experiências e devo ter vivido uma vida inteira nesse período», escreveu ele posteriormente a Hugh Lynn Cayce após a morte de Edgar. «Desde o meu regresso tenho sido fiel à Leitura e, com muita experimentação, concluí o meu primeiro fresco e estou adiantado no planeamento do meu segundo. O meu primeiro foi bastante bem-sucedido e o meu segundo é promissor. Tive um ano muito bom, provavelmente o melhor até agora em termos de concretização real.»

Nove anos mais tarde, Hugh Lynn Cayce pôde fazer a seguinte avaliação:

«É natural que tenhamos acompanhado com interesse os anos de trabalho e estudo deste jovem na escola de arte e a sua ascensão a alturas notáveis no seu campo. Qualquer pessoa que pudesse comparar o jovem reprimido de há alguns anos e o jovem estudioso e artista cujo trabalho está a ser reconhecido hoje veria por que razão sentimos que as Leituras de Vida valem tanto a pena ser estudadas.»

O OFICIAL DE INFORMAÇÕES

Vai um grande passo de Schofield até à alma complexa que está envolvida no caso seguinte — uma alma demasiado complexa para fazer pleno uso da sua Leitura de Vida, embora esta tivesse predito com exatidão o como e o onde do papel que ele desempenharia na Segunda Guerra Mundial.

Calvin Mortimer, Doutorado, era um psicólogo cuja Leitura o definia como «um extremista em algumas das suas ideias», uma alma que tinha regressado para um propósito muito definido, que possuía um talento bem desenvolvido para lidar com «grupos muito grandes de pessoas em muitas e variadas esferas de atividade.

Antes disto, a Entidade esteve na terra da presente naturalidade, durante o período logo a seguir à Revolução Americana . . . entre a soldadesca dos britânicos, atuando na terra americana no que seria denominado Serviço de Informações. Não como espião, mas antes como um daqueles que cartografavam e delineavam os planos para as campanhas de Howe e Clinton.

Contudo, a Entidade permaneceu no solo americano após o fim das hostilidades. Não como um morto, mas como alguém que

trabalhava para a cooperação entre os povos da terra natal da Entidade e os da terra de adoção.

Depois, sob o nome de Warren, a Entidade ganhou ao estabelecer com sucesso estas relações.

Daí que, no presente, venhamos a encontrar as relações diplomáticas, a troca de ideias e os planos das várias nações a tornarem-se de interesse para a Entidade.»

Antes disso, tinha sido um cruzado inglês que fora feito prisioneiro pelos sarracenos na Terra Santa e ficara profundamente impressionado com o tratamento civilizado que recebera do «infiel pagão».

Ele perdeu nessa vida por defender acriticamente uma causa falsa em vez de servir um ideal em que verdadeiramente acreditasse. Isto deu-lhe um ceticismo no presente relativamente a princípios religiosos ou filosóficos, embora mantivesse o seu fascínio por dogmas capazes de influenciar massas inteiras de pessoas.

Numa encarnação persa anterior a essa, perdeu novamente por comprazer em excesso com o carnal, embora tenha ficado sob a influência de Esdras, de quem se dizia: «Segundo a tradição, todos os escritos da Bíblia foram destruídos, mas foram restaurados por Esdras, que "se lembrou no seu coração" e os reescreveu.»

Também tinha dominado a ciência da astronomia; «assim, o conhecimento dos movimentos da terra ainda é uma parte do registo da Entidade».

No Egito pré-histórico «a Entidade trabalhou para o maior progresso no seu desenvolvimento das experiências mentais, ou

da alma. Com a reunião de várias raças e credos, a Entidade fez um estudo dos mesmos, classificando-os e interpretando-os para os muitos, não só na terra egípcia, mas na indiana, na mongol ou Gobi, na carpática e na de Og, e nessas terras do outro lado dos mares».

É agora possível seguir o seu destino a partir do relato fornecido pela sua terceira ex-esposa.

Aquando do bombardeamento de Pearl Harbor «ele era demasiado velho para o serviço ativo e, sendo um especialista em Opinião Pública, correu para Washington para ver se podia ser útil nesse campo.

Após uma série de entrevistas estéreis, voltou para casa desanimado, mas não demorou muito até ter uma nova ideia. Vivendo junto a águas navegáveis e tendo meios para se dar a luxos, tinha uma experiência considerável com barcos a vela e, por isso, candidatou-se à Guarda Costeira.

Passou o teste de Q.I. da Marinha com a pontuação de 175, estava cotado para ser Capitão-Tenente e voltou para casa para aperfeiçoar a sua navegação. Foi então urgentemente chamado de volta a Washington.

Em escassos meses foi transferido para o Serviço de Informações Internas do O.W.I. como Especialista em Opinião, onde trabalhou em estreita colaboração com o O.S.S., e depois com o O.W.I. no Estrangeiro. Terminou a guerra encarregado de uma escola técnica, treinando homens para serem lançados atrás das linhas inimigas, exatamente no mesmo local de Long Island onde outrora tinha cartografado e delineado os planos para as campanhas de Howe e Clinton na Guerra da Independência».

Em 1957, o Dr. Mortimer casou-se novamente, pela quarta vez. A sua terceira esposa relatou que o seu próprio casamento tinha durado dez anos, mais do que qualquer um dos outros, presumivelmente porque já tinham estado juntos antes, harmoniosamente na Pérsia, e incompativelmente como marido e mulher na Guerra da Independência.

Nos últimos anos do casamento deles, ele tinha insistido em beber demasiado, e em que ela bebesse com ele, «de modo que, mesmo agora, ainda é um problema considerável para mim». Ela mencionou o tremendo impulso sexual que tinha dominado o casamento de ambos.

Ela escreveu novamente em 1963 para anunciar a morte dele, durante o sono, depois de ter sofrido dois ataques cardíacos e ter perdido a visão.

Ela própria morreu muito de repente no ano seguinte, tendo falado da «atração tremenda» que sentia vinda dele, «como se ele me estivesse a hipnotizar para me juntar a ele».

É possível que, se Mortimer tivesse atendido aos avisos de Cayce contra a autocomplacência e os excessos, pudesse ter-se mantido no propósito muito definido para o qual regressou. Este seria presumivelmente uma continuação do avanço que começara a fazer no Egito a um nível elevado e responsável de diplomacia internacional.

Mas o apetite nostálgico de Mortimer pelos carnais prazeres eróticos da Pérsia provou ser um obstáculo insuperável.

Não é despropositado considerar aqui a crença oriental de que à alma é permitida uma reencarnação «confortável» por cada seis vidas de árduo desenvolvimento, sendo a teoria a de que as vidas se tornam correspondentemente mais duras à medida que a alma

se despoja dos laços que a prendem à terra. Sem este «ano sabático», a alma poderia bem cansar-se da constante luta ascendente e permitir-se ficar indevidamente descorada.

Por esta mesma lógica, seria possível que os Mortimer tivessem atingido a sexta vida de um ciclo desse género, e que o Dr. Mortimer e a sua esposa regressem da próxima vez a uma existência mais tranquila, onde possam pôr a sua casa em ordem e avaliar o seu progresso espiritual com maior clareza.

CAPÍTULO SETE
LEITURAS DE VIDA PARA CRIANÇAS

Sempre que Edgar Cayce lidava com crianças, o seu afetuoso zelo era detetável mesmo nas páginas planas das transcrições.

Na vida comum, as crianças eram atraídas para ele instintivamente. Na sua época, ele tinha sido um fotógrafo de crianças de grande sucesso, devido à empatia mágica que conseguia estabelecer entre os seus jovens modelos e ele próprio.

Desde a viragem do século que ele ensinava na Escola Dominical, e os seus alunos mantinham um contacto afetuoso com ele muito depois de saírem para o mundo.

O MÉDICO APESAR DE SI PRÓPRIO

Roddy nasceu às 4:48 da manhã de 9 de janeiro de 1943, e os seus pais solicitaram a sua Leitura no mês de junho seguinte.

«Como se verá, num futuro não muito distante», começa a Leitura, «todas aquelas almas que entram no plano terrestre nos

anos de 43, 44 e 45 estarão aparentemente destinadas a desempenhar papéis interessantes no seu serviço ao seu semelhante, e a encontrar uma abordagem muito invulgar ao mesmo.

Esta Entidade, se lhe for dada a oportunidade no seu ambiente inicial, está destinada a ser um profissional nesta experiência, de preferência nas áreas da medicina, ou da medicina dentária, ou como farmacêutico. Qualquer uma destas áreas serão canais através dos quais a Entidade poderá alcançar a realização do seu propósito.

À medida que a Entidade se desenvolver, ver-se-á que ele terá uma grande imaginação. Não repreendam a Entidade por contar "histórias exageradas", pois, para a Entidade, elas serão verdadeiras. Apenas impressionem nele como estas podem ser usadas mais construtivamente na aplicação de si mesmo em direção a desdobramentos espirituais, mentais e materiais.

Ele estará inclinado a ser extravagante nas suas palavras, nas suas atitudes. Isto, também, precisará de ser — não travado por "não podes fazer isto", ou "não podes fazer aquilo", mas encorajando-o noutros interesses que criarão nele um apreço constante por ser coerente, em que ele "faz tão bem quanto fala".

Astrologicamente encontramos Vénus, Mercúrio, Marte e Júpiter como influências. Em Vénus encontramos o amor pelo belo.

Isto fará com que haja a determinação de que tudo o que ele tentar, se for bem dirigido, será bem feito. E exigirá paciência por parte daqueles que são responsáveis pela Entidade!

Encontramos em Mercúrio as elevadas capacidades mentais. Em Marte com Mercúrio encontramos um autêntico

coscuvilheiro, não inclinado a interferir com os outros, mas querendo fazer as coisas à sua maneira, e sabendo como fazer as coisas apenas um pouco melhor do que qualquer outro!

Encontraremos em Júpiter, à medida que os desdobramentos chegam, a maior consciência universal, dando as capacidades que foram expressas pela mesma Entidade numa experiência anterior como Harvey — Dr. Harvey, descobridor da circulação do sangue.

Embora se tenha provado estar em erro em muitas coisas, ele ainda insistia, mesmo nessa altura, que era quem sabia melhor! As suas atividades são bem conhecidas e, se estudadas, darão aos responsáveis pela Entidade uma ideia dos problemas a enfrentar.

Mas deem à Entidade a oportunidade de estudar, seja como farmacêutico, seja como dentista, e ele fará o resto por si mesmo à medida que for avançando.»

Eis aqui de facto um peixe muito grande num lago de apenas cinco meses de idade!

Em França, no tempo do Cardeal Richelieu, a Entidade tinha sido o «Conde Dubourse, e tinha feito grandes contribuições para o avanço da limpeza na sua relação com as doenças. Embora a Entidade não fizesse pretensões, contudo indicava aos outros que sabia melhor do que eles. (E nesse caso sabia!) Especialmente em relação às doenças vulgarmente chamadas “contagiosas”, pois ele insistia que estas vinham não só de micróbios, mas podiam ser transportadas por indivíduos.

Assim, na presente experiência, achar-se-á que a Entidade estará inclinada a ser limpa em relação à sua pessoa, embora “desarrumada” em relação a uma casa. Estes eram os extremos

naturais indicados nas características dessa experiência anterior, e encontrarão expressão no presente.

E a Entidade será uma daquelas que mantém os seus amigos bastante separados!

Depois, na orientação que lhe derem, mantenham a vida espiritual equilibrada com a vida com propósito. E, à medida que um equilíbrio normal for mantido, encontraremos essas capacidades a manifestarem-se de modo e medida a trazerem bênçãos a muitas pessoas.»

Quando Edgar se declarou pronto para responder a perguntas, a mãe perguntou quando e onde tinha estado associada ao seu rapaz no passado. A resposta: «Em muitos lugares — especialmente no Egito como uma influência diretora. Assim, deve ter-se cuidado para que não surja uma divergência demasiado grande entre os dois!»

O pai tinha estado com o rapaz na experiência francesa, «assim como na egípcia — onde os encontramos em oposição um ao outro. Por isso, esperem uma boa quantidade de arrufos entre eles!»

Embora esta tenha sido, por triste necessidade, a única Leitura que a criança viria a obter, a sua mãe fez o seguinte relato à A.R.E. dez anos mais tarde.

«O Roddy tem mostrado um interesse particular pelo corpo físico desde tenra criança, e especialmente por tudo o que tem a ver com o coração e a circulação do sangue. Ele também tem definitivamente o traço de insistir que tem sempre razão! Nunca quer admitir que a explicação de outra pessoa sobre seja o que for é melhor do que a sua. Tem sido um estudante excelente; gaba-se de ter tido melhores notas do que qualquer outro na escola. Tem

uma mente que pesquisa o conhecimento ao longo de qualquer linha em que comece. Tem uma fobia de germes — lava as mãos o tempo todo — definitivamente "fixado" no assunto. Não quer viver numa cidade grande por causa de "todas aquelas pessoas a respirar germes em cima de ti!".

Embora nunca tenhamos discutido a sua Leitura com ele, ele insiste que vai ser médico. Aos dez anos de idade, tem o seu próprio percurso de distribuição de jornais e está a poupar dinheiro para a faculdade de medicina.

Temos quatro outros filhos, todos inteiramente diferentes. Estes traços são definitivamente peculiares a esta criança em particular, tal como o Sr. Cayce afirmou quando ele tinha cinco meses...»

Todas as excentricidades que Edgar tinha previsto no bebé tinham-se desenvolvido plenamente em menos de dez anos. Edgar indicava, mas nunca insistia no caminho que uma criança devia seguir. A responsabilidade cabia diretamente aos pais quanto a encorajar as ambições médicas da criança ou a dirigi-las para outros canais. Mas pelo menos sabiam onde residiam as suas inclinações instintivas, e por que razão lá estavam.

A PUREZA DA ALMA DE UMA CRIANÇA

Nos ficheiros de histórias clínicas de crianças, muitos são documentos humanos simples e despretensiosos. As crianças enfrentam frequentemente destinos sem história numa obscuridade tranquila, os problemas não são de maior nem dramáticos. Mas de vez em quando surge uma com contornos tão únicos que merece a inclusão pelo seu interesse humano em si.

Um jovem «original», de três anos de idade, recebeu esta Leitura de Vida em 1936:

«Muito se amontoa para ser dito!», começou Edgar, «pois a Entidade é muito sensível, muito altamente nervosa, inclinada a ser muito teimosa e muito expressiva nos sentimentos. . . . Pois a Entidade é uma alma antiga e um atlante que, devidamente guiado e dirigido, pode não só trabalhar para o seu próprio desenvolvimento, mas fazer dos seus arredores, do seu meio ambiente, do seu mundo, um lugar muito melhor para os outros.

Achar-se-á que poucas pessoas parecerão estranhas à Entidade, no entanto algumas permanecerão estranhas para sempre, não importa com que frequência ou de que maneira sejam aproximadas! A Entidade tenderá sempre para uma natureza idealista. Daí que, a menos que seja tornado claro para a Entidade o porquê de haver falhas e fracassos nas promessas feitas por indivíduos e associados, ele tenderá a perder a confiança, não só nos outros, mas em si mesmo.

E a pessoa mais só, o indivíduo mais só, sim, a Entidade mais só, é aquela que perdeu a capacidade de gerir a sua própria pessoa!»

Na sua vida anterior, esta Entidade tinha sido um mineiro de ouro na Califórnia que se tinha desgostado com a falta de lei e a violência que o tinham privado das suas justas recompensas e lhe tinham trazido uma morte violenta. Assim, a criança tinha herdado um terror de armas de fogo, e elas nunca deviam ser permitidas na sua presença.

«Tais explosões são experiências amedrontadoras para a Entidade.

Mas a Entidade nunca perdeu o controlo sobre si mesma . . . e se lhe perguntarem no presente: “Podes fazer isto ou aquilo?”, ele responderá sempre que pode “se lhe mostrarem como!”.

Ele procurará sempre novos campos de atividade, pois tudo em redor da Entidade deve ser novo. Daí uma palavra de conselho para aqueles que auxiliam a Entidade nos anos formativos: não fiquem admirados ou surpreendidos quando ele informar os que o rodeiam de que estão "fora de moda"!»

A Entidade tinha sido uma figura imponente nos tempos romanos, um supervisor rico e influente da recolha de dízimos e impostos, e durante as inundações finais da Atlântida, tinha sido um funcionário determinante no direcionamento de refugiados para recolocações no Egito, nos Pirinéus e na América Central e do Sul. No presente, «o direito deveria ser a vocação», de preferência o direito internacional.

O seu pai era um velho amigo que tinha estado com ele através da desilusão dos campos de ouro, e novamente no Egito ao tempo do Êxodo. E nessa mesma encarnação a sua mãe tinha sido sua filha . . . «daí que surgirão períodos no presente em que o filho duvidará da autoridade dos seus próprios pais!»

Havia obviamente dias tempestuosos pela frente, mas Cayce estava confiante de que, desde que os pais explicassem sempre o porquê de esperarem um elevado padrão de conduta dele, ele compreenderia e obedeceria.

Esta Leitura é absolutamente única no seguinte aspeto. Cayce, tendo consultado o Registo Akáshico do rapaz, fez este parêntese durante a sessão: «O registo mais limpo que já experimentei. O livro é o mais limpo. E, no entanto, eu nunca tinha pensado que nenhum deles não fosse perfeitamente limpo antes.»

A CRIANÇA PROPENSA A ACIDENTES

Frederick Leighton tinha cinco meses de idade quando Edgar Cayce lhe deu uma Leitura de Vida em 1931. Ele comentou sobre um caráter ainda não formado (o que é invulgar em si mesmo), colocando assim a responsabilidade do desenvolvimento da criança diretamente sobre os ombros dos pais. Só na segunda metade da sua vida é que as características interiores das suas vidas anteriores começariam a manifestar-se. Ele teria uma afinidade natural para a música, tendo sido um artista itinerante ou «mambembe» no sul e sudoeste logo após a cessação da Guerra de Secessão, e tinha trazido consigo uma predileção por canções folclóricas.

Ele desenvolveria um talento para os negócios e para o direito, «mas não confinando o mesmo num espaço fechado como uma loja, escritório ou semelhante. Antes tenderá a expressar-se ao ar livre, na multidão, no palco, ou como líder político ou orador». Uma forte influência religiosa foi traçada até uma vida em Jerusalém como harpista no templo. No antigo Egito tinha novamente dedicado a sua vida à música, além de se ter tornado rico «pelo serviço a muitos na distribuição de comida dos celeiros reais. (Assim) encontraremos na última parte do presente, a Entidade a acumular muitos dos bens do mundo a partir do armazém do mundo».

Depois veio um aviso aos pais: «Quanto a saber se a Entidade se torna alguém de vontade quebrada, quebrada na sua capacidade de pensar, de recordar muito do lado espiritual da sua vida, depende do que é incutido ou retirado por aqueles que têm autoridade nos anos formativos.» Caso contrário, a criança tinha assegurada uma vida plenamente realizada e bem-sucedida, quer na política quer na música.

Os avisos implícitos não eram sem fundamento. Quando Frederick tinha quatro anos, sofreu um acidente grave na cabeça. Permitido brincar com uma tesoura, espetou-a no seu olho direito, evitando por pouco danos permanentes no seu cérebro frontal. Foi realizada uma operação imediata, mas ele desenvolveu uma catarata, e a sua visão ficou em perigo. Como resultado das sete Leituras Físicas obtidas para ele nos dois anos seguintes, ele recuperou a visão. A sua resposta de gratidão a isto é transmitida neste excerto de um relato: «E ao caminhar pela estrada com o pequeno Frederick, descobri que ele ama o Sr. Cayce até às estrelas. . . .»

UMA TRÍPLICE DÍVIDA

Sarah Crothers tinha treze anos quando os seus pais solicitaram tardiamente uma Leitura de Vida para ela. Durante algum tempo, Edgar Cayce tinha estado a fornecer Leituras Físicas para combater o caso particularmente obstinado de epilepsia que a atormentava desde o nascimento. Sob as Leituras Físicas ela fazia progressos e depois recuava. Possivelmente as Leituras eram incorretamente aplicadas, ou os pais tinham de lidar com médicos hostis aos diagnósticos não ortodoxos. Nenhuma outra explicação se oferecia até que Edgar foi direto ao cerne da questão nos parágrafos de abertura da Leitura de Vida.

Ele afirmou categoricamente que, se os registos cármicos tivessem de ter alguma utilidade, os pais teriam de arcar com a sua própria parte da responsabilidade.

«Aqueles que são responsáveis por esta Entidade, que muitas vezes estão inclinados a descartar os ataques epiléticos como mero acaso, ou como condições que são inevitáveis, deveriam paralelizar as suas obrigações para com ela. Pois, com tal paralelismo (através das suas próprias Leituras de Vida, compreende-se), haveria uma compreensão muito maior dos . . .

engrandecimentos de si mesmos ou indulgências que agora encontram expressão na condição física da Entidade, que também está a colher a sua própria tempestade.»

Quando era uma menina muito jovem durante a Revolução Americana, ela tinha sido usada pelos seus pais como espiã contra os seus próprios patriotas, pois os pais temiam que a derrota da Inglaterra lhes trouxesse a ruína financeira.

A rapariga chamava-se então Marjorie Desmond e possuía uma certa quantidade de capacidade psíquica latente que nem ela nem os seus pais compreendiam devidamente. O seu pai encorajou-a a canalizar esta energia para seduzir jovens oficiais suscetíveis a indiscrições sexuais, e «ela acendeu os fogos do físico em muitos». O crime cármico não foi tanto a traição à jovem colónia, mas o perigoso encadeamento de energia psíquica a práticas sexuais para ganho sórdido, e Edgar não hesitou em atribuir igual culpa aos pais. A própria criança, no entanto, tinha cometido erros duas vezes antes — em ambas as vidas tinha sido uma levita — e o ressentimento e a rebeldia tinham deixado a sua marca no seu caráter.

«Antes disso, a Entidade esteve na terra egípcia, entre a descendência dos atlantes, embora nascida e criada no Egito para (o propósito de servir na) o que é hoje conhecido como a hospitalização de indivíduos doentes do corpo ou da mente.»

Aqui pode-se suspeitar que a sua negligência ou indiferença causou as primeiras fissuras no tecido da alma, embora Edgar Cayce, com a sua discrição habitual, não fizesse nenhuma implicação direta.

Quando ele respondeu às perguntas dos pais no final da sessão, não apontou para nenhuma solução fácil.

P.: «A condição do corpo durante os últimos dez anos teve algum efeito sobre ela física e mentalmente?»

E.C.: «Necessariamente, estes não têm sido — nem estão ainda — coordenados.»

P.: «Que tipo de educação deveria ela ter para se preparar para a vida?»

E.C.: «A educação musical, bem como o encorajamento em direção à enfermagem.»

P.: «Que efeito tem o destino na aparência atual?»

E.C.: «Isto depende, como indicado, da aplicação daqueles que trouxeram a Entidade para o seu ambiente atual. O ganho será de acordo com o quão bem as obrigações devidas à Entidade forem cumpridas.»

P.: «O que a ajudará a superar os seus males físicos e mentais?»

E.C.: «Como indicado — esforço físico, exercícios e atividades para o corpo.»

É difícil ignorar a relutância subconsciente implícita na correspondência posterior do pai e, no final do volumoso ficheiro sobre este caso, fica-se com a impressão deprimente de que o progresso da criança foi mínimo, e a dívida cármica de modo algum expungida.

A FAMA EFÉMERA

Eis que parece um momento oportuno para assinalar que as «celebridades» da história representam uma minoria muito pequena nas Leituras de Vida. Cayce sugeriu que a maioria das almas fez os seus maiores avanços espirituais enquanto vivia vidas obscuras e sem história, habitualmente em circunstâncias bastante remediadas. O servo e o camponês tinham poucos prazeres e muitos fardos até meados deste século. Não obstante, o iniciado comum na reencarnação brinca de forma bastante nostálgica com a possibilidade de ter, pelo menos uma vez, feito a terra curvar-se diante de si.

Infelizmente, importa muito pouco quão importante se foi outrora, e muito que se esteja a conformar com padrões decentes no presente imediato.

Alexander Hamilton (1775-1804), soldado-herói e um dos pais fundadores da Constituição Americana, cuja vida foi interrompida pelo famoso duelo, parecia ter sido uma alma altamente evoluída num nível maduro de dedicação desinteressada. No entanto, isto não o impediu de regressar como um jovem bastante sobrecarregado da fé judaica, cujos pais obtiveram a sua primeira Leitura de Edgar Cayce quando ele tinha cinco semanas de vida.

Edgar Cayce alertou imediatamente contra um génio errático que poderia causar problemas em anos posteriores, e enfatizou que o rapaz deveria ser protegido de mexer em armas de fogo. A Entidade não tinha trazido consigo nenhum padrão pré-concebido de desenvolvimento da alma; este ele teria de desenvolver à medida que crescesse. Foi aconselhado a estudar «em direito e nas forças e princípios financeiros da terra».

Antes de o rapaz ter cinco anos, o seu pai apaixonou-se por outra mulher; os pais divorciaram-se e a mãe ficou com a custódia

da criança. (Lares desfeitos eram sempre perigos sombrios para Edgar Cayce. Ele punha uma ênfase intensa na necessidade de cada alma ter um contexto seguro durante os seus anos formativos, e sustentava que a preservação de um lar harmonioso era a maior realização a que uma alma podia aspirar em termos da sua própria progressão.)

À idade de vinte e cinco anos, o jovem exibia «uma atitude muito dogmática sobre a vida em geral», que um ano e meio na Marinha não tinha conseguido reduzir de tamanho.

O ano seguinte encontrou-o sob cuidados psiquiátricos e no hospital para tratamentos de choque. A sua tendência inata para a violência tinha-o alcançado. Tendo enfrentado cada conflito de frente, tinha adicionado aos seus problemas um casamento impulsivo com uma divorciada com um filho. As repercussões do lar desfeito revelaram-se aqui, na medida em que a rapariga que tinha quebrado o casamento do seu pai e a rapariga com quem ele próprio casou eram da mesma origem étnica, tinham o mesmo cabelo ruivo e eram ambas esposas de homens que trabalhavam no mesmo campo mecânico.

Quando o casamento apenas serviu para agravar as suas misérias, ele começou a sofrer um remorso tardio por não ter mantido relações mais amigáveis com o seu pai durante a vida deste. Para o final do ano seguinte ele parecia sentir que a sua única esperança de se salvar residia em tornar-se rabi, mas uma tentativa adicional de o contactar por parte da A.R.E. resultou na devolução da carta com a indicação «Endereço Desconhecido».

Da sua Leitura de Vida, tende-se a assumir que as más dívidas acumuladas numa vida grega anterior tinham tido precedência sobre os ganhos que ele fizera como Hamilton. Noutros lugares nas Leituras, a Guerra de Troia dá provas de ter despertado violência suficiente em muitos dos seus protagonistas

para deter e confundir o seu posterior desenvolvimento da alma. Sendo em essência uma guerra civil, as paixões geradas por esta guerra morderam fundo o suficiente para que as suas cicatrizes chegassem através dos séculos. Usando os padrões médios das Leituras como fita métrica, este jovem infeliz precisará de ainda outra vida para expungir dos seus próprios registos cármicos a deformação feia deixada pela Guerra de Troia.

O que é mais elucidativo no estudo da história deste caso é o facto de que, como Alexander Hamilton, ele tinha sido capaz de estar à altura da ocasião quando a sua ajuda era urgentemente necessária por esta jovem nação em crise. Ele tinha sido capaz de vir para a sua tarefa despojado para a ação criativa. Todos os seus negativos tinham sido deixados em suspenso contra um dia futuro, em que ele pudesse aplicar-se a eles num período mais estável e resolvido da história do seu país. Isto só por si denota um desinteresse básico a lutar para se expressar na alma. Nesse caso, ele ganhou justamente e merece justamente as orações altruístas dos seus semelhantes pelo seu bem-estar final — desde que sejam formuladas em termos de «oração pelos vivos» e não «oração pelos falecidos».

A MEMÓRIA DO MESTRE

As Leituras não deixam margem para dúvidas de que a bênção mais permanente que uma alma pode trazer consigo para as suas vidas na terra é a memória de uma bênção que lhe foi concedida pelo próprio Jesus. Noutro caso, uma menina de cinco anos nunca dizia as suas orações a menos que a sua mãe estivesse ao seu lado com a mão sobre a sua cabeça, simbolizando no presente o toque reassegurador da mão do Mestre quando ele a abençoou como criança na Terra Santa.

E quando Edgar deu uma Leitura para outra criança de um ano de idade em 1935, pôs especial ênfase no facto de que

«durante o período em que o Mestre andou na terra, a Entidade estava entre aquelas crianças que foram abençoadas por Ele no caminho vindo de Betânia.

A Entidade então contemplou-O e conheceu-O como alguém que atraía as crianças a Si, e ouviu aquilo dito por Ele: “A menos que vos torneis como criancinhas, de modo algum entrareis.”

Pois se alguém deseja ser perdoado como uma criança, deve perdoar àqueles que erram contra a sua pessoa.

Então a Entidade era da casa de Cléopas, sob o nome de Clementina», e no início da sua adolescência, tendo seguido o treino dos discípulos para seguir os Seus passos, dedicou-se em serviço a Marcos e Lucas durante as viagens deles pela terra, tornando-se tão proximamente associada a Marcos ao ponto de ajudar na preservação dessas «lições como as encontramos no evangelho registado por Marcos».

Assim, os seus pais foram exortados a encorajar as memórias da criança como Clementina, pois a sua vida presente seria melhor expressa no serviço desinteressado aos outros.

CUIDADOS INFANTIS

Os ficheiros da A.R.E. contêm uma abundância de correspondência grata de pessoas que Cayce ajudou física e espiritualmente. Mas nenhuma é mais comovente do que as cartas dos pais de crianças demasiado jovens para compreenderem a origem da sua ajuda. As suas perspetivas sobre a educação enfatizavam consistentemente a necessidade de uma honestidade

absoluta com a criança. Ele condenava a complacência com a mesma firmeza com que condenava a insegurança e a falta de estima por si mesma que a deixavam suscetível a fraquezas e que faziam com que a criança entrasse na vida com graves limitações. Sem um contexto seguro e sólido, a insegurança e a falta de estima por si mesma da criança deixavam-na suscetível aos padrões de hábitos negativos das falhas e desgostos das suas vidas anteriores.

Cayce exortava o progenitor a explicar sempre a razão da disciplina adequada, nunca a aplicá-la autocraticamente «porque sim». Ao apelar sempre para a faculdade de raciocínio da criança, uma base estável podia ser lançada para o seu caráter. Quando Cayce se deparava com a indiferença ou a falta de afeto num progenitor, não tinha hesitação em dizê-lo frontalmente. Nada o perturbava mais do que o progenitor que tentava forçar os seus próprios medos e preconceitos pela garganta abaixo da jovem alma confiada à sua guarda. A origem da maioria das neuroses em fases posteriores da vida era este «forçar de alimento» na infância de deveres e proibições ilógicos, como se a criança fosse meramente uma extensão de marioneta das repressões e frustrações dos seus pais.

Cayce exortava constantemente que o incentivo ao melhor numa criança era um trabalho de vinte e quatro horas por dia, e devia ser feito com alegria, nunca como uma obrigação. A criança devia ser demovida das suas próprias características mais fracas através da razão, e não subornada, nem feita sentir-se indevidamente consciente delas. A religião devia ser apresentada nos seus aspetos mais benignos e espirituais, livre de qualquer intolerância ou coerção. O desenvolvimento de um bom sentido de humor era essencial para o equilíbrio e perspetiva na idade adulta. Qualquer inclinação para a música devia ser calorosamente estimulada devido ao seu auxílio harmonioso para a crescente consciência de si mesma da criança.

«Tal como o exercício para as mãos e braços, a música usada para fins criativos é útil. Através da música, pode encontrar a maior expressão de si mesma.»

Em resposta à pergunta de uma mãe: «Como pode a mãe lidar melhor com este temperamento para o melhor desenvolvimento?», Edgar Cayce respondeu: «Não se trata tanto de "lidar com ele", mas sim de o enfrentar! Seja tão paciente quanto gostaria que a sua criança fosse. A criança será então mais paciente consigo também.»

«Que curso de estudos deve ela seguir no ensino secundário e superior?»

«Música! História da mesma, atividade da mesma, todas as suas várias formas. Se aprender música, aprenderá história! Se aprender música, aprenderá matemática! Se aprender música, aprenderá tudo o que há para aprender — a menos que seja algo mau!»

CRIANÇAS EM TEMPO DE GUERRA

Para o final da sua vida, à medida que a Segunda Guerra Mundial se afigurava cada vez mais sombria, a preocupação de Edgar Cayce pelas crianças que seriam inocentemente apanhadas nas suas malhas tornou-se cada vez mais evidente e urgente. Ele não estava sós no medo de que as almas das crianças, perplexas com mortes violentas, vagueassem em igual perplexidade nos planos astrais inferiores, incapazes de prosseguir em direção à Luz, e que tendessem na sua confusão a regressar à terra demasiado depressa, meramente pelo motivo do santuário temporário de um útero.

Joan Grant, a psíquica inglesa, estava igualmente preocupada, e o seu marido psiquiatra, Denys Kelsey, usando a técnica de regressão sob hipnose, encontrou muitos casos destas «crianças da guerra» a reencarnar demasiado cedo, em famílias incompatíveis, em busca de um abrigo improvisado contra os terrores dos bombardeamentos e dos campos de extermínio que se tinham agarrado a elas como formas-pensamento malignas após a morte.

Fletcher, o guia espiritual do psíquico Arthur Ford, tinha tido o cuidado de nunca reencarnar após a sua morte num campo de batalha da Flandres na Primeira Guerra Mundial. Ele era então um jovem soldado canadiano francês de dezassete anos. Ele é um «original», no sentido em que é perfeitamente feliz no plano que habita de momento, um duende alegre e sociável com mais joie de vivre do que muitas das pessoas que vêm ter com Arthur Ford para o consultar.

O primeiro acorde pungente soado nas Leituras ocorreu em agosto de 1943, quando Edgar foi consultado pela mãe angustiada de uma menina de quatro anos para explicar os seus pesadelos e o terror constante do ruído da cidade.

Edgar absteve-se discretamente de sobrecarregar as vidas anteriores da alma; aconselhando a mãe a esperar até que a menina estivesse no seu décimo primeiro ano antes de solicitar uma segunda Leitura de Vida. (Isto por vezes prevenia contra uma potencial tragédia ou até uma morte precoce.)

«Pois aqui temos um regresso rápido à terra», observou ele, «do medo, de volta ao medo, através do medo.» Ele aconselha que a criança deve ser protegida de todos os «ruídos fortes, da escuridão, do grito das sirenes».

Pois (na sua vida anterior) a Entidade estava justamente a chegar a essa tomada de consciência da beleza das associações de amizades, do belo ar livre, das flores, dos pássaros, e das manifestações de Deus ao homem da beleza, da unidade de propósito na própria natureza, quando o pisar de pés, os gritos e o ganido das armas trouxeram forças destrutivas.

A criança era então apenas um ou dois anos mais velha do que é agora, explicou ele, pelo que o passado e o presente estavam inextricavelmente entrelaçados na sua mente, e ela não conseguia distinguir entre o estrondo comum da cidade de Nova Iorque e o vandalismo nazi que tinha despedaçado o seu mundo e provocado a sua morte.

«A Entidade então, sob o nome de Theresa Schwalendal, vivia na fronteira da Lorena e da Alemanha. A Entidade, mal tinha partido, voltou a entrar no mundo material em menos de nove meses.

Seja paciente. Não ralhe. Não fale asperamente. Não se aflija nem condene a mente do corpo. Mas fale-lhe diariamente do amor que Jesus tinha pelas criancinhas, de paz e harmonia. Nunca lhe conte essas histórias de bruxas, nunca as de amedrontar, de qualquer grande punição, apenas as de amor, paciência.

Faça isto, e encontraremos uma grande, uma maravilhosa alma, que veio novamente para abençoar muitos.

Terminámos por agora.»

O BOBO DO REI

A hesitação de Edgar em detalhar as perspetivas futuras de uma criança fadada é novamente evidente quando ele dá esta

Leitura em 1944 para um rapaz de sete anos que vivia em Londres, na Inglaterra, durante a Batalha de Inglaterra.

«Assim, limitaríamos a orientação ao treino, ao aconselhamento. E depois, quando a Entidade tiver atingido esse período da sua própria escolha, ou aos treze anos de idade, daríamos mais orientações, se estas forem procuradas pela própria Entidade.

Com todos os horrores da destruição, com todas as provações nas mentes dos homens neste período pelo qual esta Entidade e os seus associados nas suas experiências iniciais estão a passar, mantenham viva nele a capacidade de ver não apenas as coisas sublimes da vida, mas o humor, a piada — sim, o ridículo também — que pode ser extraído do cínico bem como do pessimista, como nos cartoons e semelhantes. Pois a Entidade deve ser treinada nas capacidades como escritor, usando factos históricos como pano de fundo de tais escritos . . . pois na experiência antes desta, a Entidade era um bobo na Corte de Inglaterra, sob o nome de Hockersmith . . . e pôs muitas coisas em ordem, quando havia esses grandes estriações devidos ao egoísmo dos homens.

Também a Entidade estava entre aqueles povos de Israel que entraram na Terra Santa, que se casaram com os cananeus. Contudo, a Entidade não estava entre aqueles que desviaram os filhos de Israel. Pois ele abandonou Astarte e serviu antes o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, como fez aquele que guiou os filhos de Israel através do Mar Vermelho, através do Jordão.

Mas quando a Entidade tiver treze anos, daríamos mais orientações.

Treinem-no especialmente em inglês, e em Eton.

Terminámos com esta leitura.»

Esta carta da mãe, escrita a Hugh Lynn Cayce em fevereiro de 1947, confirma a preocupação de Edgar.

«O meu filho passou rapidamente para o outro plano de consciência por volta das 16:30 de 6 de fevereiro. Estou hoje no hospital, à espera do meu terceiro filho. O Timmy aguardava com expectativa a "sua" chegada e estava muito ansioso por que fosse um rapaz. Ele também disse, poucas semanas antes de morrer: "Gostaria que fosses a minha Mamã na minha próxima vida." Eu disse-lhe que ele podia não conseguir arranjar isso, mas ele persistiu: "Vou pedir a Deus de qualquer maneira." Lembro-me de responder: "Bem, não se perde nada em pedir." Sinto que ele estava bem preparado para aquilo a que chamamos "morte". Eu tinha-lhe contado, em resumo, a história de There Is a River, e antes disso tinha simplificado para ele o livro The Unobstructed Universe de Stewart Edward White.

O meu primeiro pensamento foi o de que ele voltaria para nós no corpo deste bebé tão pequenino, especialmente porque eu tinha sentido e dito ao meu marido que sentia que este bebé não tinha personalidade ainda, e perguntei-me que tipo de alma atrairíamos desta vez. . . . No entanto, não sinto agora que ele vá necessariamente optar por regressar tão cedo, mesmo que "gostasse que eu fosse a sua Mamã na sua próxima vida".

Pode ser demasiado cedo; pode haver coisas para ele aprender noutro plano de consciência. Pode também ser em demasia a mesma situação, o que era desestabilizador para ele. Ele (isto é difícil de explicar em poucas palavras) era sensível ao caos no mundo e à insegurança financeira dos últimos dois anos que tivemos devido à generosidade e bondade do seu pai para com a mãe dele, que morreu a 23/1/47 depois de viver connosco como uma inválida indefesa . . . Tive de negligenciar os meus

filhos para cuidar dela numa altura em que estava grávida. Foi tudo demais para mim, e o Timmy sofreu comigo e pelo seu pai, que não sabia o que fazer a respeito disso e estava consequentemente impaciente e nervoso, e não o seu eu habitual amoroso e alegre; de modo que a atmosfera amorosa e feliz do nosso lar foi completamente destruída desde cerca de agosto de 46 até 26/3/47, altura em que sinto que o Timmy conseguiu restaurá-la com a nossa cooperação. Ele era sempre extremamente solícito para que o seu Papá e a sua Mamã estivessem unidos e fossem amorosos, como éramos, exceto quando a nossa casa se tornava o lar de qualquer uma das famílias, a minha ou a dele, mesmo que fosse apenas para uma visita de poucos meses. . . .»

Ela anexou um recorte de jornal que descrevia como o Timmy e um amigo se tinham «aventurado num lago congelado; o gelo quebrou e eles desapareceram juntos. A morte ficou a dever-se em ambos os casos ao choque. . . .»

Na sua carta de condolências em resposta, Hugh Lynn Cayce fez o seguinte comentário: «Pergunto-me se se dá conta de que a Leitura de Vida dele foi invulgarmente curta e que houve uma reticência em dar qualquer informação até que ele pudesse pedir por si mesmo. Penso que há muito que temos de chegar a compreender relativamente à inter-relação entre este plano de consciência e aqueles do outro lado do estado a que chamamos morte. Talvez o Timmy possa obter a sua Leitura agora e continuar a preparar-se para o trabalho que a Leitura indicou que ele poderia realizar. . . .»

O APELO DO MAR

À idade de dezassete anos, Fred Coe terminou uma adolescência de restrição e incompatibilidade ao fugir de casa. Dois meses mais tarde continuava desaparecido, e Edgar Cayce foi solicitado para o localizar. A Leitura, embora breve, é tão

intrigante como qualquer outra, contando a sua própria história com uma economia e vigor lúcidos.

«Sim, temos a Entidade aqui», começou Edgar. «Ao entrar no plano terrestre, descobrimos que ele vem sob a influência de Neptuno e Úrano, com influências de Júpiter e Marte. Daí a condição exibida no presente ser o amor pelo mar. (Veem? O corpo foi para o mar).

Na influência planetária encontramos então uma de muitas capacidades excecionais.

Alguém que é considerado excêntrico e peculiar, tendo muitos humores mutáveis. . . .

Alguém que ama histórias de mistério do género de pistas ou detetives, e todas as condições relativas a um mistério do mar.

Alguém que deveria ter sido guiado de perto no estudo daquelas coisas pertencentes ao mistério e ao oculto.

Alguém que encontrará as suas maiores capacidades no presente plano terrestre no estudo das forças ocultas.

Alguém que ama o uso de armas de fogo, e gosta da exibição das mesmas.

Alguém que no presente ano encontra a maior mudança a chegar à vida, quando encontrará muitas experiências em muitas terras, regressando apenas ao presente ambiente de nascimento na meia-idade.

Alguém que encontra pouca necessidade para aquilo a que se chama uma vida religiosa.

Alguém que trará muita alegria e muito desgosto a muitos, especialmente ao sexo fraco.

Alguém com a capacidade de dar muito conselho a muitos.

Nas aparições anteriores, encontramos impulsos vários a influenciar a presente existência. Na existência antes desta, encontramos a Entidade muitas vezes referida como Capitão Kidd. A Entidade ganhou na primeira parte da vida, e na última parte deu muito aos outros, embora o custo para a sua pessoa tenha sido bastante severo. No impulso encontra-se o amor pelo mar, daquelas coisas que pertencem ao misterioso, a capacidade de ganhar mistério aos olhos dos outros.

Na vida antes dessa, encontramos a Entidade conhecida como Hawk, na marinha inglesa. A Entidade era então ajudante do primeiro dos navegadores para a parte oriental do mundo (John Cabot, 1497); e nos últimos dias veio para a costa norte desta terra.

O impulso, novamente, é o amor pela aventura e pelo mistério.

Na vida antes dessa, encontramo-lo nessa terra dos beduínos, quando a guerra se fez entre as forças gregas de então e os povos da planície (cerca de 900 a.C.). A Entidade estava então sob o nome de Xenia, e era o segundo no comando «daqueles homens da planície que trouxeram a consternação às forças invasoras ao soltarem vespões entre eles! Essa vida, como vemos, trouxe poder à Entidade e no final provou ser a sua ruína. Aqui se vê o presente amor pelo ar livre e pelos mistérios da natureza.

Na vida antes dessa (cerca de 10.000 a.C.) nesse período em que havia divisões na terra agora conhecida como Egito, a Entidade trabalhou então em ferro, ao serviço do governante. E

nesse serviço trouxe muito conselho a muitos. O impulso no presente — um desejo de ser de serviço a, e em comunicação direta com, aqueles que estão no poder.

Muitos, muitos desenvolvimentos serão necessários antes que esta Entidade atinja a unidade com as forças superiores. Estudem, pois, essas condições; e aqueles que gostariam de ajudar, fiquem avisados.

Terminámos por agora.»

Este é um caso em que as suas simpatias estavam claramente com o rapaz e não com os pais; e quando estes solicitaram uma segunda leitura, a única informação que Edgar se dignou conceder foi a de que o rapaz tinha embarcado a bordo de um navio mercante em Nova Iorque, rumo a leste com destino à Europa.

No caso seguinte, contudo, é-se subitamente retido pelo choque de uma tragédia crua.

AS VINHAS DA IRA

A mãe de um rapaz de doze anos, Lennie Talbot, pediu a Leitura de Vida do seu filho na esperança de que esta a ajudasse a compreender o seu padrão de comportamento mercurial.

Apesar do grande tato que Edgar sempre empregava, a Leitura revela claramente a sua séria preocupação com o bem-estar futuro do rapaz, e uma nota de aviso sóbrio está implícita em cada linha.

«Ao dar os registos aqui desta Entidade, seria fácil interpretá-los quer numa veia muito otimista quer numa veia muito pessimista. Pois há grandes possibilidades e grandes obstáculos. Aqui está a oportunidade para uma Entidade (embora as

comparações sejam odiosas, estas seriam boas comparações) ser quer um Beethoven quer um Whittier; ou um Jesse James! Pois a Entidade está inclinada a pensar mais altamente de si mesma do que deveria; e foi isso que estes três indivíduos fizeram. Quanto à aplicação que for feita disso, tal depende de si mesma.

Aqui está uma Entidade que tem capacidades latentes em si que podem ser voltadas para a música, ou poesia, ou escrita em prosa que poucos alguma vez superariam. Ou pode haver o desejo de fazer a sua vontade a tal ponto que desconsiderará os outros completamente, sob todas as formas, apenas para fazer a sua vontade.

Ao dar os aspetos astrológicos, estes são latentes e manifestados: Mercúrio, Vénus, Júpiter, Saturno e Marte. Estes são adversos em alguns aspetos, uns para com os outros, contudo estão sempre presentes, e indicam que o corpo irá a excessos de muitas maneiras, a menos que haja um treino real no período de desdobramento. E a Entidade está a começar a atingir esse período em que — embora o espírito não deva ser quebrado! — todos deveriam ser muito firmes e positivos, induzindo-o através da razão a analisar-se a si mesmo e a formar um conceito adequado dos seus ideais e propósitos, e ao fazer isto, não só daremos ao mundo um indivíduo real com génio, mas trabalharemos para o devido desenvolvimento da alma. Caso contrário, daremos ao mundo alguém com um génio para criar problemas a alguém!

Quanto às aparições anteriores na terra, estas naturalmente — como indicado por essas tendências — têm sido bastante variadas:

Antes disto, a Entidade esteve na presente terra durante as guerras contra franceses e índios.

A Entidade estava entre os franceses nas atividades em redor de Fort Dearborn, determinada a fazer a sua vontade, independentemente dos problemas ou da grande aflição que causasse aos outros.

No final, a Entidade por pura doença ganhou uma grande quantidade. Pois pode dizer-se desta Entidade, como do Mestre, através do sofrimento ele aprendeu o mais.

O nome era então John Angel.

Antes disso, a Entidade estava no que é agora conhecido como França.

Então a Entidade, com certos grupos, fez incursões na terra dos hunos, e contudo acabou por escapar para a parte sul de Itália.

A Entidade era então de uma disposição na qual os talentos artísticos ou musicais entraram em maior jogo, a capacidade de escrever versos e compor música para os mesmos.

A capacidade para se tornar um maestro de orquestra ou um compositor de canções ou versos pode ser uma parte da experiência da Entidade no presente, desde que não tenha a "cabeça grande", ou pense mais altamente de si mesma do que deveria. Qualquer outro indivíduo tem tanto direito na terra quanto a sua pessoa tem, mesmo que possa não estar em alguns aspetos tão avançado na sua aprendizagem. Deus não faz aceção de pessoas por causa da sua boa aparência ou capacidades. Ele respeita o indivíduo de acordo com os seus propósitos, os seus objetivos, os seus desejos. Lembre-se disso.»

«Antes disso, a Entidade esteve na Cidade de Ouro, durante a primeira evolução das várias terras de Saad, do Gobi e do Egito (10.000 a.C.).

A Entidade esteve entre aqueles que atuavam como guardas das damas de companhia, e era ativa na sua capacidade de entreter em verso e em canção, usando estes não só para entreter, mas para auxiliar o maior desenvolvimento e desdobramento dessas pessoas.

Antes disso a Entidade esteve na Atlântida, durante aqueles períodos logo antes da segunda rutura da terra (28.000 a.C.).

A Entidade esteve entre os Filhos de Belial que usaram as forças divinas para a satisfação dos apetites egoístas, e a formação deste desejo de se satisfazer a si mesma tornou-se a pedra de tropeço.

Quanto às capacidades da Entidade no presente, estas são ilimitadas. Como serão elas dirigidas pela Entidade? Quão bem podem outros auxiliar a Entidade a tornar-se consciente de tais atividades? Estas perguntas deveriam ser colocadas a si mesma.

Estuda primeiro para conheceres os teus ideais, espirituais, mentais e materiais. Depois aplica-te a ti mesma em direção a estes de tal maneira que nunca haja um ponto de interrogação após a tua própria consciência nem aos olhos dos outros.

Prontos para perguntas.»

P.: Qual deveria ser o seu trabalho principal?

E.C.: «Isto depende do que ele escolher — quer na direção de música, na escrita de música, quer na escrita de verso — qualquer um desses são os domínios através dos quais a Entidade pode exceder assim como ser bem-sucedida.»

P.: Devem todos os seus talentos ser desenvolvidos?

E.C.: «Todos os seus talentos ou serão desenvolvidos, ou darão em nada e serão escoados.»

P.: Quaisquer outras sugestões que possam ajudar os seus pais a guiá-lo?

E.C.: «Que os pais estudem para se mostrarem aprovados perante Deus, trabalhadores não envergonhados, pondo a ênfase onde a ênfase é devida, mantendo a sua pessoa imaculada do mundo.

Terminámos com esta leitura.»

Os Filhos de Belial atlantes serão abordados no capítulo seguinte. Por enquanto, o leitor pode assumir que esta foi a pior mancha no seu registo, e o carma longamente adiado que exigiu o seu ajuste por parte deste rapaz no presente teve o seu início de maus presságios neste período.

Excerto I da correspondência da mãe, fevereiro de 1944:

«A sua leitura para o Lennie não foi surpresa para o meu marido e para mim. Cedo vimos que uma energia tão tremenda deveria ser posta a trabalhar, e ele está no seu terceiro ano num colégio interno muito rigoroso e muito religioso. A ociosidade iria destruí-lo. Ele deve estar sempre no grande mundo, onde será apenas uma "gota no oceano", não o "peixe grande num lago pequeno" . . .»

Excerto II, setembro de 1949:

«Estamos agora em grande aflição pela condição do nosso único filho, que tem um perturbador transtorno mental e nervoso que ainda não foi diagnosticado. . . .»

Excerto III, julho de 1951, para Hugh Lynn Cayce:

«A imprensa tem sido cruel connosco no nosso desgosto, e sem dúvida leu sobre a nossa tragédia. O meu filho Lennie, que esteve emocionalmente desequilibrado durante três anos, na quarta-feira passada disparou sobre o seu avô e a sua avó.

Hugh Lynn, o seu pai era meu amigo, e eu levei o Lennie para o ver e ele também deu uma Leitura de Vida para ele que tinha bastantes avisos. Estou a escrever para lhe pedir que por favor ponha um dos seus círculos de oração a trabalhar por nós . . .»

Excerto IV, agosto de 1951:

«O Lennie está agora no Hospital Estatal. Os médicos de lá, e de outros sanatórios onde ele esteve, rotularam, claro, o seu problema de dementia praecox, esquizofrenia, etc., mas você e eu sabemos que é mau carma. Graças a Deus o seu intelecto parece intacto, ele pede por carta livros de que sempre gostou, e recebe dois jornais . . .»

Excerto V, outubro de 1951:

«O meu marido e eu organizámos as coisas para o enviar a um psiquiatra, o Dr. Baker. Ele é muito bom, um dos pioneiros no tratamento de insulina e de choque elétrico. Não vejo razão para que o Lennie não receba tratamento osteopático enquanto estiver sob o cuidado do Dr. Baker. Ele diz-me que manterá o Lennie durante um mês inteiro para observação antes de lhe dar qualquer tratamento, e eu vou insistir para que neste mês lhe seja dada osteopatia. Novamente com o nosso amor e agradecimentos . . .»

Excerto VI, novembro de 1951:

«Esta é a última carta do Lennie. Por favor devolva-ma.

Querida Mãe: Fiquei de facto contente por saber da vossa viagem pelo Médio Oriente, mas ainda não ouvi nada sobre os resultados.

Sinto-me certamente melhor desde que o Irmão Lindsay rezou por mim, e estou menos tenso e preocupado com o futuro do que antes.

Importas-te de me levar a uma cruzada de cura? Provavelmente poderia beneficiar mais disto do que de qualquer outra forma de tratamento. Por favor descobre onde está a realizar-se uma e vamos lá.

Poderias por favor enviar-me o meu fato de tweed e aqueles sapatos novos que não me deixaram usar no outro lugar? Poderia certamente usá-los aqui, pois certas regras são muito mais tolerantes.

Também gostaria do meu relógio de pulso, que também me é permitido ter. Por favor diz ao Pai para me comprar algumas conservas e iguarias no mercado de alimentação. Todos estes artigos são muito úteis e dariam muito jeito por aqui.

Provavelmente ainda não sentiste os aumentos de impostos deste ano, mas o teu imposto sobre o rendimento de 52 será mais alto, deixando-te menos dinheiro para viveres se não fizeres nenhuma fuga aos impostos. A propriedade comercial, contudo, rende cerca do rendimento mais elevado após impostos para qualquer investimento.

Com amor, Lennie.»

Excerto VII, junho de 1956:

«A Menina (Gladys) Davis recomendou o Sanatório Hildreth como sendo um dos que o Sr. Cayce aprovava, e durante dois anos o Lennie esteve lá. Este é o único lugar onde ele esteve contente, e achamos que é o melhor, independentemente do preço. O Lennie, com apenas um recuo, tem melhorado consistentemente lá, e temos grandes esperanças de que ele acabará por recuperar . . .»

Estes casos, mais do que qualquer outro tipo, servem para enfatizar que Edgar Cayce via o futuro de duas maneiras bastante distintas. Embora o destino pessoal que aguarda uma determinada alma possa consistir nas consequências inevitáveis das suas próprias ações passadas (e assim prestar-se à predeterminação psíquica), o futuro nunca pode ser inteiramente pré-ordenado. Um determinado país, por exemplo, tem o poder de alterar e reformular o seu destino em rigorosa conformidade com os padrões de comportamento em mudança do povo desse país.

Um esforço mais forte e mais determinado por parte da maioria alemã responsável poderia facilmente ter evitado a ascensão de Hitler ao poder. A Europa poderia ter seguido uma evolução mais sensata e serena. Os sismos que ameaçam a Califórnia e a América do Sul podem do mesmo modo ser evitados por uma viragem que afaste da materialidade e da indiferença social por parte dos seus habitantes.

Cayce nunca o colocou de forma mais clara do que numa das suas palestras, dada no seu estado consciente normal a um grupo de oração da A.R.E.

«Um aviso foi uma vez dado a um homem de Deus de que uma certa cidade seria destruída», disse ele. «Mas o homem falou com Deus face a face, e Deus prometeu que se houvesse

cinquenta homens justos, Ele a salvaria . . . depois, finalmente, se houvesse apenas dez homens justos, Ele pouparia a cidade.

Acredito que as pessoas justas no mundo o mantêm a funcionar. As pessoas justas são aquelas que têm sido bondosas para com o seu semelhante . . . em paciência, na capacidade de sofrer longamente, em amor fraterno, preferindo o seu próximo a si mesmas.

Quando houver possivelmente cinquenta — ou uma centena, ou mil, ou um milhão —, então o caminho pode muito bem ter sido preparado para a Sua vinda.

Mas todos estes homens justos devem estar unidos no seu desejo e suplicação para que o Cristo caminhe fisicamente entre os homens novamente.»

CAPÍTULO OITO
O HOMEM — O ESTRANHO NA TERRA

Poderia ser bom fazer uma pausa aqui, enquanto recapitulamos as razões de Edgar Cayce para colocar em Deus o único poder para aliviar a mortificação da alma quando esta atinge um desespero além do socorro do homem.

Embora a mente subconsciente de Edgar sob hipnose fosse ainda suficientemente ortodoxa para visionar a alma como uma criação de Deus que contém uma minúscula partícula d'Ele no seu cerne, o leitor terá visto claramente a esta altura quão irredutivelmente ele mantém que todo o desgosto mortal vem do próprio mau uso que a alma faz do livre-arbítrio que lhe foi dado pelo seu Criador.

Em suma, Deus não pode denunciar, sentar-se a julgar, condenar, aplicar punição, ser lisonjeado por palavras da boca para fora, nem conceder dispensas especiais a uns poucos favorecidos. Ele renunciou a todos estes privilégios quando deu a cada alma a liberdade de ação, escolha e decisão. Agora, Ele só pode esperar com paciência e genuína compaixão que as almas decidam quão rapidamente usarão o seu livre-arbítrio para regressarem a Ele, uma vez admitido que Ele faz um Criador melhor do que elas próprias.

O leitor pode argumentar que como teoria tudo isto pode ser muito bonito, e até aceitável para o subconsciente, mas deixa o homem consciente na posição desconfortável de não ter para onde descartar a responsabilidade, e o ego depende para a sua preservação da ilusão de que é mais alvo de pecado do que pecador.

Se regressarmos a essa primeira sessão com Lammers em 1923, deveremos a esta altura achar mais fácil traçar a lógica fundamental subjacente à filosofia de Edgar.

LAMMERS: O que é a alma de um corpo?

CAYCE: «Aquilo que o Criador deu a cada indivíduo no início, e que está agora a procurar a casa — ou lugar — do Criador.»

LAMMERS: A alma morre alguma vez?

CAYCE: «Pode ser banida do Criador. Isso não é a morte.»

LAMMERS: Como é que a alma se torna banida do seu Criador?

CAYCE: «Para construir a sua própria salvação — como chamaria à palavra —, o próprio indivíduo bane-se a si mesmo.»

LAMMERS: O que se entende por personalidade?

CAYCE: «A personalidade é aquilo que é conhecido neste plano físico como o consciente. Quando o subconsciente controla (por exemplo, sob hipnose), a personalidade é removida do indivíduo e fica acima do corpo. Isto pode ser visto aqui (no meu próprio caso).

Daí que a perturbação destas condições traria aflição às outras partes do indivíduo.»

Este ponto foi dramaticamente ilustrado alguns anos mais tarde quando Hugh Lynn Cayce, filho de Edgar, estava a conduzir uma sessão pública. Um dos homens presentes rabiscou uma nota e entregou-a a Hugh Lynn por cima do corpo adormecido do seu pai, que instantaneamente interrompeu a fala e recaiu num silêncio cataléptico, o qual desconcertou profundamente o seu filho. A situação não tinha precedentes e ele não tinha meios de a resolver.

Algumas horas mais tarde, Edgar subitamente dobrou-se a partir da sua posição reclinada e catapultou-se para pé na base do sofá. Isto foi feito com uma rapidez inacreditável, mais semelhante à ação acelerada de um filme do que a qualquer coisa na realidade, e enquanto Hugh Lynn ainda se debatia com o seu próprio espanto, o seu pai pediu numa voz perfeitamente natural algo para comer. Ele tinha uma fome e uma sede intensas.

Numa Leitura posterior ele explicou que a sua «personalidade» — despejada do seu corpo físico pelo processo hipnótico — tinha levitado cerca de trinta centímetros acima do seu corpo físico. E quando o senhor tinha entregue a nota a Hugh

Lynn, tinha espetado o punho através do equivalente astral da caixa torácica de Edgar. O impacto foi o equivalente a um coice de um cavalo.

Esta capacidade do corpo para se separar em pelo menos três níveis distintos de vibração elétrica — muito à semelhança de como os físicos atómicos dividiram o átomo em energias separadas, todas diferentes mas todas coexistentes — só se pode manifestar em casos tão únicos como o de Edgar Cayce. Ele podia mover-se de plano para plano de consciência com a facilidade de um homem a mudar de AM para FM e depois para TV na mesma consola.

A lógica básica é perfeitamente simples: a parte menos eficaz de qualquer unidade — espiritual, humana ou mecânica — é o seu componente mais temporário. Na composição humana, o corpo físico, o «abrigo temporário» da alma eterna, é o mais dispensável.

O lagarto que pode sempre fazer crescer outra cauda (caso aconteça perder uma sem culpa própria) não é provável que atribua importância exagerada a essa secção particular da sua anatomia. Ele está seguro no conhecimento de que, embora possa fazer crescer outra cauda, a cauda não pode fazer crescer outro ele.

Infelizmente, o ego humano é incapaz de um raciocínio tão lúcido. Para misturar a metáfora e levá-la à sua conclusão lógica — na psique humana, a cauda insiste teimosamente em abanar o cão. Aí reside o início e o fim de toda a miséria humana. Foi isto que levou os existencialistas de Sartre a cegarem-se com ciência inexata, e clérigos de vanguarda, procurando escapar ainda mais de toda a responsabilidade espiritual, a criarem uma Religião Instantânea a partir do «deus-está-morto».

A MESMA LEI GOVERNA TODOS OS PLANETAS

«O desequilíbrio da verdade traz resultados normais quer à matéria física quer à da alma», disse Edgar Cayce a Lammers. «Cada indivíduo deve levar a sua própria vida, quer nesta esfera quer nos outros planos.»

Podemos entender isto como significando que as leis eternas de causa e efeito, perante as quais cada alma é pessoalmente responsável, funcionam em todos os outros planetas do nosso sistema exatamente como na terra, embora este seja o único planeta onde a vida física como a conhecemos existe.

Os componentes dos outros planetas podem ser tão diversificados como os átomos na física nuclear. Os seus géneros podem variar de uma dimensão até à raiz cúbica de x dimensões. Mas cada um dá a sua devida contribuição para a eventual evolução da alma.

«Toda a matéria insuficiente é lançada em Saturno», disse Cayce nesta altura, implicando que o planeta em questão pode operar como um tipo de forno, cozendo lentamente as escórias acumuladas para fora daquelas almas que caíram tão atrás das outras que o regresso imediato à terra causaria dificuldades para todos os envolvidos — os fanáticos da história, possivelmente, desde Herodes passando pelos tiranos romanos e bizantinos até aos ditadores deste século e aos seus adoradores esquizoides.

Assim, se Edgar Cayce estiver correto ao sugerir que cada ambiente planetário molda o vento ao cordeiro tosquiado, a receção da alma aqui deve ser sempre ditada pela condição em que chega, quer de outro planeta no sistema solar, quer dos vários confins astrais do nosso próprio.

LAMMERS: De onde vem a alma, e como entra no corpo físico?

CAYCE: «Já lá está. Como o corpo do humano, ao nascer, respira o primeiro hálito de vida, assim se torna uma alma vivente, desde que tenha atingido esse desenvolvimento onde a alma possa devidamente entrar e encontrar um lugar de alojamento.»

LAMMERS: É possível para este corpo, Edgar Cayce, neste estado, comunicar com qualquer pessoa que tenha passado para o mundo dos espíritos?

CAYCE: «Os espíritos de todos os que passaram do plano físico permanecem em redor desse plano até que o seu desenvolvimento os leve para a frente, ou até que sejam devolvidos para o seu desenvolvimento adicional aqui. Enquanto permanecerem dentro do plano de comunicação desta esfera, qualquer um pode ser comunicado. Pois há milhares ao nosso redor aqui no presente . . .»

AS INFLUÊNCIAS PLANETÁRIAS

LAMMERS: Dê os nomes dos principais planetas, e a sua influência nas vidas das pessoas.

CAYCE: «Mercúrio, Marte, Júpiter, Vénus, Saturno, Neptuno, Úrano, Septimus.»

LAMMERS: Algum dos planetas, além da terra, é habitado por seres humanos ou vida animal de qualquer tipo?

CAYCE: «Não.»

LAMMERS: Dê a descrição do planeta mais próximo da terra no presente momento, e o seu efeito sobre as pessoas.

CAYCE: «Esse planeta que se aproxima agora rapidamente da terra, sob cuja influência as mentes da terra se inclinarão nos próximos anos, como o tempo é conhecido aqui, será Marte, que estará a apenas trinta e cinco milhões de milhas da terra em 1924.

A influência será sentida à medida que este recua da terra e aqueles que permaneceram em Marte expressarão, nas suas vidas sobre a terra, os tempos perturbados que surgirão. Isto só será abrandado por aqueles que virão de Júpiter, Vénus e Úrano, essas forças fortes e enobrecedoras abrandadas pelo amor e pela força.»

AS INFLUÊNCIAS ASTROLÓGICAS

LAMMERS: Por favor defina astrologia.

CAYCE: «As inclinações do homem são regidas pelo planeta sob o qual ele nasce, pois o destino do homem reside dentro da esfera ou âmbito dos planetas.

No início, o nosso próprio planeta, a Terra, foi posto em movimento. Com o planeamento dos outros planetas começou o destino de toda a matéria criada.

A força mais forte a afetar o destino do homem é o Sol primeiro, depois os planetas mais próximos da terra, ou aqueles que estão a vir para a ascensão ao tempo do nascimento do indivíduo.

Tal como as marés são regidas pela Lua no seu caminho ao redor da terra, exatamente assim a criação superior é regida pelas suas ações em conjunção com os planetas ao redor da terra.

MAS QUE SEJA COMPREENDIDO AQUI: NENHUMA AÇÃO DE QUALQUER PLANETA OU DAS FASES DO SOL, DA LUA, OU DE QUAISQUER DOS CORPOS CELESTES, SUPERA O DOMÍNIO DA PRÓPRIA FORÇA DE VONTADE DO HOMEM: o poder dado pelo Criador ao homem no início, quando ele se tornou uma alma vivente com o poder de escolher por si mesmo. . . .

Na esfera de muitos dos planetas dentro do mesmo sistema solar, encontramos almas de novo e de novo e de novo a regressarem, de um para outro, até estarem preparadas para encontrar o eterno criador do nosso Universo, do qual o nosso sistema é apenas uma parte muito pequena. (Mas) apenas no plano terrestre, no presente, encontramos homens em carne e osso. Noutros encontramos aqueles da Sua própria criação na preparação do Seu próprio desenvolvimento.»

A IMUNIDADE DA ALMA À MORTE

Como é que o mundo dos vivos aparece à alma que está temporariamente livre de um corpo terrestre? A estrutura de referência mais simples poderia ser comparar o peso e a densidade de um astronauta em terra com o seu peso e densidade em órbita.

Há provas definitivas de que um astronauta, uma vez livre da atração da gravidade terrestre, preso à cápsula apenas por um fino cabo de nylon, experimenta momentos de exaltação, euforia, uma dissociação em relação à terra sob os seus pés e um desejo de permanecer suspenso no espaço.

Suponhamos então que argumentamos que a diferença entre a alma liberta pela morte e a mesma alma encerrada num corpo

vivo é apenas uma diferença de densidade e vibração, não mais complexa do que a diferença entre o astronauta a flutuar no espaço e o mesmo astronauta com os cintos de segurança bem apertados aos seus comandos antes da descolagem. Antes da descolagem ele tem pouca ou nenhuma liberdade de ação; no espaço exterior tem mais do que precisa, mas em essência é ainda o mesmo homem.

Uma vez que sinta que pode aceitar esta comparação, poderá ser-lhe mais fácil regressar à Criação e imaginar as almas quando tomaram consciência de si mesmas pela primeira vez.

A terra estava ainda a arrefecer a partir do seu nascimento ardente; a divisão da terra e da água tinha-se seguido. Veio depois a emergência da vida animal a partir das suas origens amebianas. A única matéria sólida que as almas tinham conhecido estava agora a manifestar-se na própria terra. Em outras palavras, apenas a própria terra conformava com as leis de densidade e gravidade como as conhecemos agora.

Pairando acima da terra, as almas tinham vindo a acompanhar este progresso evolutivo com fascínio, e agora, com a divisão da vida animal em espécies masculina e feminina, a sua curiosidade tentou-as a desviar-se do seu próprio caminho evolutivo e a assumir antes a forma mortal. Nesta altura, lembre-se, os seus corpos eram ainda de uma textura espiritual rarefeita. Em termos do astronauta, elas eram «isentas de peso».

Cayce emprega constantemente o termo «formas-pensamento» quando lida com a condição delas nesta fase do seu desenvolvimento. Uma forma-pensamento é exatamente o que o seu nome sugere: uma forma criada pelo pensamento concentrado, carecendo contudo da solidez da matéria mundana. Em todos os níveis mentais que não a mente consciente, «os

pensamentos são coisas», e assim uma forma-pensamento, uma vez criada, é tão real e tangível como a mente que a criou.

Ela só se pode manifestar à mente consciente como uma visão ou uma alucinação. Doses imprudentes de ácido lisérgico quebram a barreira protetora e submetem o utilizador ao contacto direto com formas-pensamento, habitualmente as suas próprias; embora ele seja igualmente vulnerável às formas-pensamento dos outros. Quando estes contactos exteriores são maus, os seus encontros com eles podem ter um efeito posterior desastroso na sua própria sanidade.

Quando um hipnotizador competente diz a um sujeito suscetível num transe que ele está a segurar uma laranja na sua mão vazia, e o sujeito obedientemente começa a comê-la, ele está, para todos os efeitos, a comer uma laranja real. Ele criou uma forma-pensamento dela nesse nível do seu subconsciente onde o pensamento é matéria.

Cayce explicou que a alma incorrupta podia entrar e retirar-se da matéria mais densa à vontade, sendo capaz de «se projetar para fora de si mesma» e adaptar-se às condições que já tinham tomado forma no seu pensamento «muito no modo e maneira como a ameba dos dias de hoje se sustenta nas águas de uma baía ou lago estagnado».

Porque nunca tinha sido a intenção de Deus que as almas alguma vez se manifestassem nesta terra em corpos humanos, não havia ainda divisão das almas em masculino e feminino. Por conseguinte, o meio de reprodução dos animais era-lhes inacessível. A sua única alternativa era «ocupar» os corpos animais, muito como um caranguejo-Eremita poderia ocupar a concha vazia de outra espécie, exceto que neste caso as conchas já estavam ocupadas!

Assim, duas formas de vida inteiramente estranhas estavam a tentar partilhar uma herança física comum. Os perigos eram óbvios. Não obstante, algumas das almas mais arrojadas empregaram o seu livre-arbítrio para se intrometerem nesta vibração mais densa de matéria animal.

As almas mais sábias e prudentes hesitaram, e foi bom que o tivessem feito.

Aquelas almas que se viam agora encurraladas nas suas prisões de carne eram incapazes de se libertar. A matéria estranha do mundo material agia como as engrenagens de uma máquina implacável. Ela engolia as almas e arrastava-as consigo. Elas ficaram desastrosamente enredadas nos processos procriativos. E sobre a terra veio um híbrido angustiado, nem humano nem animal — um meio-homem, meio-besta —, incapaz de se conformar com as leis da evolução animal ou de escapar a elas.

«Encontramos estes filhos das Forças Criativas», diz Cayce, «a olhar para essas formas alteradas, as Filhas dos Homens. E ali insinuaram-se essas poluições; ou melhor, eles poluíram-se a si mesmos com essas misturas. Isto trouxe desprezo, ódio, derramamento de sangue e esses impulsos que constroem para o desejo próprio, sem respeito pela liberdade do outro.»

As almas que tinham permanecido livres eram incapazes de vir em socorro. Elas só podiam observar, impotentes e perplexas.

Foi isto que fez com que Deus criasse um molde físico perfeito, ou corpo de carne, no qual as «almas de resgate» pudessem encarnar em segurança. Simbolizado no Génesis como a criação de Adão, o homem surgiu na sua forma atual em cinco lugares diferentes da terra, e cada um dos cinco grupos recém-criados era etnicamente distinto dos outros.

As almas que agora encarnavam através destes canais puros são referidas por Cayce como os Filhos de Deus para as distinguir das almas encurraladas na matéria animal. A estas ele chamou os Filhos do Homem.

As admoestações da Bíblia para «manter a raça pura» têm as suas origens nesta primeira aparição de almas não contaminadas na terra. Para elas, as almas híbridas com as suas deformidades animais eram, no sentido hindu, «intocáveis».

Os Filhos de Deus, nas suas cinco categorias de raça separadas de pigmentação branca, negra, castanha, vermelha e amarela, construíram as suas civilizações separadas em continentes agora destruídos ou alterados irreconhecivelmente pelas posteriores alterações terrestres. O oceano Atlântico cobre agora o continente submerso da Atlântida (berço da raça vermelha), tal como o Pacífico cobre o antigo continente da Lemúria (berço da raça negra).

Porque poucas perguntas foram colocadas a Edgar Cayce a esse respeito, as Leituras registam muito pouco da Lemúria. Mas a Atlântida (200.000 a.C. a 10.700 a.C.) está generosamente documentada. De facto, de acordo com as Leituras, é justo assumir que ela foi o berço da nossa civilização atual.

Este vasto grupo de almas foi quer o mais agressivo quer o mais engenhoso que o mundo alguma vez viria a conhecer. Na sua maior parte, a influência atlante é ainda tão obstinada quanto sempre foi. Esta influência aplica-se particularmente àqueles grupos de almas que optaram por não reencarnar a um ritmo constante de progresso. No seu zénite, os atlantes comandavam os poderes da PES e da telepatia, aproveitavam a eletricidade, dominavam a propulsão mecânica de embarcações aéreas e marítimas, estabeleciam comunicações em onda curta, induziam a longevidade e realizavam cirurgias avançadas, usando como a sua

fonte de energia a Pedra Tuaoi do «Terrível Cristal», o seu próprio antecessor do raio maser ou laser. Foi o mau uso desta mesma fonte de energia que os destruiu.

Eles eram uma expressão peripatética e inquieta da vida humana, perpetuamente a esforçar-se por intrometer-se nas leis da Natureza, alterá-las e melhorá-las. Atingiram uma altura fantástica de poder e depois procederam ao seu abuso.

A partir dos seus inícios espirituais como uma civilização que apenas reconhecia o Deus Único, acabaram por O rejeitar em favor de um deus totalitário de força bruta, o que é o mesmo que dizer que adoravam antes os seus próprios vícios.

Reduziram as almas híbridas atrasadas, ou mutantes, à escravatura, sujeitando-as a todas as degradações e abusos.

Permaneceram perfeitamente conscientes das leis do carma, mas cometeram o erro de assumir que as suas dívidas acumuladas poderiam facilmente ser pagas num determinado momento no futuro. Aqui eles contaram sem um fator — o de que o caminho da evolução poderia subitamente desviar-se no seu curso e devolvê-los para encontrarem as suas dívidas em corpos desprovidos de toda a sua presciência e poder atlantes.

Foi exatamente isto que lhes aconteceu. Quando os sentidos do homem foram reduzidos ao mínimo de cinco que ele possui hoje, o infrator atlante encontrou-se tão impotente como o caranguejo-Eremita privado da sua concha.

As dívidas cármicas que deviam ser tão facilmente pagas numa vida ou duas foram subitamente magnificadas até ao infinito. Em vez de duas vidas, algumas das suas ofensas contra Deus exigiam agora milhares de vidas de restituição.

Em vez de arcarem com tais fardos eternos, escolheram a falência espiritual. A acumulação vasta de dívida permanece, contudo, e tem ainda de ser paga.

No início deste século, Edgar Cayce começou a profetizar o regresso de ambos os tipos de atlantes em grandes números. Ele alertou para o facto de que, por cada avanço da ciência e emancipação material que os Filhos do Deus Único pudessem trazer consigo, os Filhos do Homem poderiam também trazer corrupção e caos.

«As almas atlantes são extremistas; não conhecem meio-termo», afirmou Cayce intransigentemente, adicionando que atlantes de todos os géneros deviam ser encontrados entre os líderes de todas as nações envolvidas nas duas Guerras Mundiais. Assim, como um padrão genérico de comparação, podemos colocar Roosevelt e Churchill num extremo da escala e Hitler e Estaline no outro. De igual modo podemos contrastar o Papa João XXIII com Mao.

Os avanços que a civilização fez da barbaridade até à democracia praticável deixam o tipo impenitente de atlante indiferente, exceto quando a sua estupefação por «o seu mundo não ser como era» atinge um nível psicótico. Nessa altura empanturra-se de LSD, ou trepa à torre do sino de uma faculdade e dispara sobre os «usurpadores que alteraram a terra». Num nível mais astuto de preservação de si mesmo, ele é o infrator cujo ceticismo mina a sua sociedade. Encontrá-lo-á por trás do político corrompido, do agitador da plebe, do grupo radical dedicado à discriminação religiosa e racial, e dos exploradores do dinheiro fácil e doentio, que estão a reduzir as culturas populares a lixo semi-analfabeto.

«Como indicámos, os atlantes eram aqueles que tinham atingido um avanço e tinham sido incumbidos de atividades

divinas na terra, mas esquecem o Deus Único no Qual todos vivem e têm a sua existência. Assim trouxeram aquilo que destruiu o corpo, embora não a alma. Há números, grandes números, de atlantes na terra no presente.»

Contra os atlantes extremistas que ainda adoram a luxúria, a violência e a morte, estão alinhadas as forças sóbrias das suas almas companheiras abrandadas e experientes, que ganharam uma perspetiva sensata a partir das suas muitas e variadas reencarnações ao longo da história — «essas forças fortes e enobrecedoras abrandadas pelo amor e pela força».

Com esses marcha o Cristo. Com estes pode residir o único meio de os nossos descendentes evitarem outro cataclismo semelhante à aniquilação da Atlântida.

Este conceito é colocado num foco nítido quando a Leitura de Vida para uma criança muito jovem avisa os seus pais de que, na sua vida atlante, ela tinha adorado o Deus Único.

Os usurpadores do poder ao tempo da terceira e final inundação, contudo, foram os Filhos de Belial, cujo deus do mal estava destinado a sobreviver ao Delúbio na forma corrompida do ídolo bíblico Baal. A criança tinha sofrido perseguição às mãos destes mesmos Filhos de Belial, «como voltará a sofrer aqui no presente. Que a Entidade fique avisada para se guardar contra todos aqueles que procuram o interesse próprio».

«Admitindo que a reencarnação é um facto», disse Edgar Cayce noutro lugar, «e que as almas outrora ocuparam um ambiente tal como a Atlântida, e que estas estão agora a entrar na esfera terrestre — se elas fizeram tais alterações nos assuntos da terra no seu tempo que trouxeram a destruição sobre si mesmas —, pode haver alguma dúvida de que pudessem fazer alterações semelhantes nos assuntos dos povos e indivíduos hoje?»

Este mesmo aviso é reiterado noutra Leitura: «Cuidado para que as coisas materiais ou vãs não te tragam o esquecimento de Quem é o teu Redentor, e de onde vem a Voz que está no mais íntimo de ti! Pois o que é mais necessário no mundo hoje? Que os Filhos de Belial fiquem avisados de que aqueles que são, e têm sido, infiéis ao Deus Único devem encontrar-se a si mesmos nas coisas que vêm a acontecer.»

Numa das suas Leituras para uma criança, Edgar exortou os pais a dirigirem os seus interesses para o lado técnico da «rádio, televisão e semelhantes», porque a sua experiência em comunicações elétricas vinha de uma vida na Atlântida na qual ele tinha sido um especialista no uso de ondas sonoras «e na maneira como a luz era usada como meio de comunicação. E os pontos e traços de Morse já eram "assunto velho" para a Entidade nessa experiência».

Noutro lugar ele aconselha um jovem com um «banco de memória» atlante a escolher a eletrónica como carreira porque «nenhuma das conveniências modernas é um mistério para a Entidade, mesmo que ele possa não as compreender ainda. Pois a Entidade sempre esperou ver estas coisas novamente!».

A tecnologia avançada que os cientistas da Atlântida trouxeram de volta a este século com eles tem controlado doenças, conquistado os céus e cindido o átomo, mas também nos legou a Bomba H — essa mesma exploração de energia nuclear que destruiu os seus criadores originais e enterrou os seus baluartes arrogantes bem fundo na lama do leito do oceano.

Por que razão esta secção transversal totalitária de uma raça outrora poderosa nada aprendeu com os seus erros? Porque se recusou a manter-se a par do progresso espiritual do mundo ao reencarnar nos seus devidos ciclos de alma. Mas certamente a sua

maior falta é a sua ignorância de Cristo. A sua última memória de vida na terra antecede, em quase duzentos séculos, a Redenção trazida à alma do homem pelo Mestre. É dificilmente provável, então, que os nossos artigos de fé sejam suficientemente imponentes para comandar a compreensão ou o respeito de tais atavismos.

Não se lembrando de nada de Cristo, não têm causa para abandonar a sua antiga crença na sobrevivência bruta do mais apto. Eles estariam tão ansiosos hoje para escravizar as nações mais atrasadas como escravizaram os humanoides atrasados do seu próprio tempo . . . essas mesmas «coisas» ou «monstruosidades» que os Filhos do Deus Único guiaram para fora do cativeiro atlante para o Egito pré-histórico, onde os cirurgiões-sacerdotes nos templos de cura erradicaram as provas físicas dos seus antecedentes animais e «os tornaram homens».

«Este é o propósito da Entidade na terra», ensinou Cayce, «ser um exemplo vivo daquilo que Ele deu: "Vinde a Mim, todos os que estais fracos e sobrecarregados; Tomai o Meu arado sobre vós e aprendei de Mim." Estes são os teus propósitos na terra. E estes tu manifestarás belamente — ou novamente trarás a um fracasso miserável, como fizeste na Atlântida, e como muitas outras almas estão a fazer nesta era particular.»

O Armagedão final, disse Cayce, não será travado na terra. Será travado entre as almas que deixam a terra e as almas que se esforçam por regressar a ela — as almas que regressam ao Deus que outrora abandonaram, e as almas perdidas que esperam rejeitá-Lo pela eternidade fora, ao agarrarem-se com todas as forças a este planeta em decadência.

Em termos de dogma ortodoxo, será uma guerra travada entre os mortos, não entre os vivos.

Mas Edgar Cayce não faz mais diferenciação entre os mortos e os vivos do que faz entre a lagarta, o casulo e a borboleta. Assim, as almas envolvidas no Armagedão final serão as mesmas almas que sempre foram desde o Início. Nada terá mudado exceto o plano de consciência que ocupam. Terão apenas mudado dos confins da matéria para o plano eterno da sua origem.

CAPÍTULO NOVE
O PRÓPRIO CREDO DE EDGAR CAYCE

Em 1941 Edgar Cayce teve ocasião de dar uma Leitura a dois membros da Associação para a Pesquisa e Esclarecimento, na qual os elogiou por resolverem as suas próprias diferenças cármicas na sua dedicação ao trabalho da Associação. Eles tinham enterrado com sucesso o machado de guerra e trabalhado lado a lado de forma tão harmoniosa que o escritor Thomas Sugrue pôde compilar a sua biografia de Edgar, There Is a River, a partir do material que eles tinham pacientemente indexado a partir das Leituras.

Tinha havido perdão mútuo por ambos os membros, explicou a Leitura, «pois cada um encontrou-se bem a si mesmo. Lembrem-se da injunção dada por Ele: "Quando estiveres convertido, fortalece os teus irmãos." Não vos afasteis da consciência de que Ele, o Mestre, Jesus, caminhará convosco — se desejardes caminhar com Ele».

No passado distante, estes dois membros tinham sido inimigos em mais do que uma vida — não tanto porque os seus ideais conflituassem, mas porque estavam a servir os mesmos ideais com propósitos cruzados. Em vez de se odiarem um ao outro, tinham tido inveja da glória um do outro; a guerra entre os seus egos tinha tido precedência sobre o seu serviço ao seu semelhante e atrasado o seu progresso espiritual ao longo dos séculos.

É nesta mesma Leitura que Edgar deu voz à sua própria preocupação intensa pela alma não esclarecida no período imediatamente a seguir à morte física. Se a alma viveu na ignorância do fluxo ininterrupto de vida de um plano de consciência para o seguinte, ela pode «passar para o outro lado sem compreender até que a oportunidade para a compreensão esteja aparentemente ultrapassada».

Ele expressou a esperança de que a A.R.E. tivesse sucesso na construção da verdade «em cada fase da experiência de um indivíduo enquanto ele está na terra — em livros, em panfletos, em palestras, por conversa —, de tal maneira que o conhecimento, e a sabedoria para o aplicar, sejam tornados disponíveis para todos os que optarem por procurá-los».

A sua confiança total no poder de Cristo para preservar e esclarecer a alma humana subjaz a todos os seus pensamentos. Em 1932, quando lhe pediram para dar a razão mais forte contra a reencarnação, ele respondeu: «Que uma lei de causa e efeito deva existir aqui em coisas materiais. Contudo, o argumento mais forte contra a reencarnação é também o argumento mais forte a seu favor, como em qualquer princípio reduzido à sua essência. Pois a lei está estabelecida, e acontece — mesmo que uma alma pudesse desejar nunca mais reencarnar, mas preferisse sofrer e sofrer e sofrer —, pois tanto o Céu como o Inferno são construídos pela alma.

Mas tem a alma de crucificar a carne, tal como Ele, quando descobre que deve construir a sua própria salvação no mundo material ao entrar e reentrar até atingir essa consciência da alma que a tornaria uma companheira com o Criador?

Antes a lei do perdão é tornada disponível na tua experiência através do Filho que se colocaria no teu lugar.»

Cayce nunca professou ser um homem de letras no seu estado acordado, mas o que escreveu é impressionantemente lúcido e nunca obscurecido por pretensão. A prova é evidente nesta palestra que deu à A.R.E. em 1933, onde explicou a sua própria atitude perante o seu poder psíquico em palavras que seriam difíceis de superar por outra pena.

«Quanto à validade da informação que vem através de mim quando durmo — esta é a pergunta, naturalmente, que ocorre a todos. Pessoalmente, sinto que a sua validade depende em grande parte de quanta fé e confiança residem dentro daquele que procura esta fonte de informação.

«Relativamente a esta mesma fonte de informação, embora eu esteja a fazer este trabalho há trinta e um anos, sei muito pouco sobre ele. Qualquer coisa que eu possa dizer seria em grande medida uma questão de conjetura. Não posso fazer quaisquer alegações seja de que género for a um grande conhecimento, pois eu também estou apenas a apalpar o caminho.

Mas afinal, todos nós aprendemos com a experiência, não é verdade? Chegamos a ter fé e compreensão apenas dando um passo de cada vez. A maioria de nós não tem a experiência de obter a religião toda de uma vez, como o homem que a obteve a meio caminho entre o fundo do poço e o topo, quando foi projetado por uma explosão de dinamite! A maioria de nós precisa de chegar às suas conclusões pesando as provas a par de algo que responde a partir do mais íntimo do nosso eu interior.

Na realidade, pareceria haver não apenas uma, mas várias fontes de informação acedidas quando estou neste estado de sono.

Uma fonte, aparentemente, é o registo feito por um indivíduo em todas as suas experiências através daquilo a que chamamos

tempo. A soma total das experiências dessa alma está escrita, por assim dizer, no subconsciente desse indivíduo, bem como naquilo que é conhecido como os Registos Akáshicos. Qualquer pessoa pode ler estes registos, se se conseguir sintonizar devidamente. Aparentemente, eu sou uma das poucas pessoas que pode colocar de parte a personalidade o suficiente para permitir que a alma faça esta sintonização com a fonte universal de conhecimento. Digo isto, contudo, não de uma forma presunçosa; na verdade, não alego possuir nenhum poder que qualquer outra pessoa não possua. Acredito sinceramente que não há nenhuma pessoa, em lugar algum, que não tenha a mesma capacidade que eu tenho. Tenho a certeza de que todos os seres humanos têm poderes muito maiores do que aqueles de que alguma vez têm consciência — desde que estejam dispostos a pagar o preço do desapego do interesse próprio que é exigido para desenvolver esses poderes ou capacidades. Estaria disposto, mesmo uma vez por ano, a por de parte a sua própria personalidade — a afastar-se inteiramente dela?

Muitas pessoas perguntam-me como evito que influências indesejáveis entrem no trabalho que faço. Para responder a essa pergunta, deixem-me contar uma experiência que tive quando era criança. Quando tinha entre onze e doze anos de idade, tinha lido a Bíblia três vezes. Agora já a li cinquenta e seis vezes. Sem dúvida que algumas pessoas a leram mais vezes do que isso. Mas eu tenho tentado lê-la uma vez por cada ano da minha vida.

Bem, em criança, rezei para que pudesse ser capaz de fazer algo pelos outros — para os auxiliar na compreensão de si mesmos, e especialmente para auxiliar as crianças nos seus males. Um dia tive uma visão que me convenceu de que a minha oração tinha sido ouvida e seria respondida.

Por isso acredito que a minha oração continua a ser respondida. E ao entrar no estado de inconsciência, faço-o com

essa fé. Também acredito que a fonte de informação virá do Universal, se a ligação não for levada a hesitar pelos desejos da pessoa que procura a Leitura.

Ora, algumas pessoas pensam que a informação que vem através de mim é dada por alguma personalidade falecida que deseja comunicar — algum espírito benévolo ou guia do outro lado. Isto pode por vezes ser verdade, mas em geral eu não sou um "médium" nesse sentido do termo. Se a pessoa que procura uma Leitura, contudo, vem à procura desse tipo de contacto e informação, acredito que recebe esse tipo.

Por exemplo, se o desejo dessa pessoa for muito intenso no sentido de ter uma comunicação do Avô, do Tio, ou de alguma grande alma, então o contacto é dirigido por esse caminho, e essa passa a ser a fonte.

Não pensem que estou a desacreditar aqueles que procuram por essa via. Se está disposto a receber o que o Tio Joe tem para dizer, é isso que obtém. Se está disposto a depender de uma Fonte mais Universal, então é isso que obtém.

"Aquilo que pedirdes, recebereis" é como uma espada de dois gumes. Corta para ambos os lados.»

Dois anos antes, ele tinha dito ao público da A.R.E. a quem se dirigia: «Agora quem há de ser o juiz quanto a qual é o modo e maneira adequados de conduzir a pesquisa sobre os mistérios da vida? Somos capazes de julgar apenas pelos seus frutos, apenas pelos resultados que as pessoas obtêm, quando se aprofundam nestes fenómenos da vida.

Sou constantemente perguntado por pessoas que acabaram de me conhecer: "É um espiritualista? Como é que se interessou por fenómenos psíquicos? É um médium? É isto, aquilo, ou o outro?"

Sempre foi o meu desejo ser capaz de responder pela fé que reside no íntimo. Parece-me que se alguém não pode responder por essa fé que professa viver, então essa pessoa não está no seu melhor. Pois vivemos pela fé, dia a dia. Se não sabemos aquilo em que acreditamos ou por que razão acreditamos, estamos de facto a afastar-nos muito daquilo que a Fonte da Vida gostaria que fôssemos.

O que é a Vida? O que é este fenómeno da vida? Onde e como é que os vários fenómenos se manifestam?

Temos um corpo físico; temos um corpo mental; temos um corpo espiritual, ou alma. Ora cada um destes tem os seus próprios atributos. Tal como o corpo físico tem as suas divisões — todas dependentes umas das outras, e algumas mais dependentes do que o resto —, assim a mente tem a sua própria fonte de atividade que se manifesta de várias maneiras através do corpo individual.

A alma também tem os seus atributos, e as suas várias maneiras de ganhar, manter ou manifestar-se entre os homens. A força psíquica é uma manifestação da mente da alma.

Regressemos à história sagrada. Sabem onde foram traçadas as primeiras linhas relativamente a fenómenos psíquicos? Onde foi traçada a primeira linha quanto ao que é um fenómeno psíquico — a divisão quanto ao que é real e ao que não é?

Foi quando Moisés foi enviado ao Egito para libertar o Povo Eleito, e lhe foi dito para pegar na vara que tinha na mão e — com Aarão, seu irmão — ir perante o Faraó. Deus, através dele, mostraria grandes maravilhas ao povo. Então Moisés foi perante o Faraó e lançou a sua vara ao chão, e ela transformou-se numa serpente. Os magos lançaram as suas varas ao chão, e elas

transformaram-se em serpentes, também. Mas a vara ou serpente de Aarão comeu todas as outras!

Depois começaram as chamadas pragas no Egito. Numa delas, Aarão estendeu a sua vara sobre as águas e elas transformaram-se em sangue. Os magos estenderam as suas varas, também, e a água transformou-se em sangue para eles. A seguir veio a praga das rãs, e os magos conseguiram fazer isto também, com os seus encantamentos. Depois veio a praga dos piolhos, quando a vara feriu o pó da terra; e esta praga foi a primeira instância de sangue a ser tirado do corpo. Os magos tentaram fazer a mesma coisa mas nada aconteceu. Eles voltaram-se para o Faraó e disseram: "O dedo de Deus está nesta coisa!" (Êx. 8:18, 19)

Neste ponto, podemos traçar uma linha divisória entre encantamentos e as coisas de Deus. Quando sabemos, quando estamos convencidos, quando vemos pelos resultados, que o dedo de Deus está de facto no que está a ter lugar, então podemos saber se o fenómeno que estamos a ver e a experimentar é de origem divina ou de outro modo!

Como pode ser de outro modo? Bem, nós dizemos que toda a força, todo o poder, vem de uma fonte. Com isso eu concordo; mas quando há uma má aplicação desta Força da própria Vida, o fenómeno não deixa de ocorrer — mesmo que mal direcionado. Tal como vemos pessoas nascidas entre nós que são mentalmente deficientes, fisicamente incapacitadas. Aparentemente tais aflições nada têm a ver com os indivíduos. (Digo aparentemente). Contudo o fenómeno da vida prossegue, exatamente do mesmo modo. Em algum ponto houve um desvio de direção ou um afastamento dos propósitos do Todo-Poderoso. Contudo prossegue exatamente do mesmo modo.

Possivelmente não houve parábola maior do que a do trigo e do joio a crescerem juntos. O joio não devia ser arrancado de imediato, para que o trigo não fosse destruído também. Mas viria o tempo em que o trigo seria recolhido e posto no celeiro, e o joio recolhido para ser queimado.

Se a alma está num devido acordo com a Fonte da vida, não poderão os fenómenos ser dirigidos pelo mesmo Que dirigiu Aarão, em vez daquele que dirigiu os magos na sua atividade? Nas pragas, houve um ponto em que os magos falharam. Portanto, se os fenómenos psíquicos vêm de alguma fonte que não a única Fonte Divina, eles, também, devem atingir um ponto em que falham.

O Mestre estava em acordo com a Única Fonte de todo o Bem. Penso que muitos outros também estiveram, em vários momentos, quando se apresentaram como um sacrifício vivo, santo e aceitável para Ele. Por conseguinte, deve ser possível para qualquer um de nós estar em acordo com a Única Fonte Divina de toda a informação, se tão-só pagarmos o preço.

Muitas vezes fiquei muito aquém ao apresentar-me como um sacrifício vivo para qualquer que fosse a fonte que pudesse manifestar-se através de mim. Nesse sentido, suponho que posso ser chamado um médium. Mas espero que possa ser, antes, um canal através do qual bênçãos possam vir para muitos, em vez de um médium através do qual qualquer força possa manifestar-se. Pois se é de Deus, deve ser bom. Ou, se é bom, deve vir do Todo-Bom, ou Deus. Este bem, confio eu, é o tipo de fenómeno psíquico que se manifesta através de mim.»

Este é um manifesto sereno de fé perfeita, formulado numa simplicidade que lhe concede beleza. E o amor pessoal e confiança de Cayce no Cristo é, se possível, ainda mais íntimo na sua dedicação total quando falou ao mesmo grupo em 1934.

«Em João 14: 1-3, Jesus disse: “Não se perturbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim . . . E se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos tomarei para mim mesmo; para que onde eu estiver estejais vós também.”

Quando olhamos para a história do mundo como a conhecemos hoje, quão frequentemente surgiu um grande líder religioso ou profeta? Platão disse que o nosso ciclo de entrada é de cerca de cada mil anos. Julgando pela própria história, o período de tempo entre cada mestre religioso que veio à terra varia de seiscentos e vinte e cinco anos a duzentos.

Perguntam: “É essa a frequência com que diz que o Cristo veio?”

Não, eu não digo isso. Não sei quantas vezes Ele veio. Contudo, se considerarmos as seguintes passagens da Escritura por alguns momentos, uma ideia interessante pode ser formulada: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele; e sem Ele nada do que foi feito se fez . . . E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós . . . Ele estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele, e o mundo não O conheceu.” (João 1: 1-14.)

Muitas pessoas dizem-nos que isto está a falar de coisas espirituais. Deve responder a isto por si mesmo. Mas se o Verbo se fez carne e habitou entre os homens, como se pode ter a certeza de que isto não está a falar materialmente, também?

Ao falar com aqueles que deveriam ter sido e eram os juízes de Israel na altura, o Mestre disse: “Vosso pai Abraão exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se.” Disseram-Lhe então os judeus: “Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão?” Disse-

lhes Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, Eu Sou.” (João 8:37-44.)

Será que Jesus queria dizer isso num sentido espiritual ou num sentido literal — ou ambos? O que pensa? Eu não sei. Mas o que nos foi dito psiquicamente é isto — tomem-no pelo que vale e apliquem-no na vossa própria experiência.

Agora voltem ao décimo quarto capítulo do Génesis e leiam onde a Abraão é pago tributo por um certo rei-sacerdote, Melquisedeque, que trouxe pão e vinho. “Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão que regressava da matança dos reis, e o abençoou . . . Sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote continuamente.” (Hebreus 7.)

Seria este o Mestre; este Melquisedeque? Eu não sei. Leia por si mesmo. Talvez eu esteja errado ao pensar que era o Mestre; o homem que conhecemos mais tarde como Jesus.

Considere agora o livro de Josué. Quem dirigiu Josué quando ele se tornou o líder de Israel? Quem saiu para guiar Josué, depois de ele atravessar o Jordão? A Bíblia diz que o Filho do Homem saiu para guiar os exércitos do Senhor. E após a experiência de Josué ao encontrar este homem de Deus, todos os filhos de Israel tiveram medo dele. (Josué 5:13-15.)

A partir das referências acima, tiremos algumas conclusões, e complementemo-las com informação psíquica. O Espírito do Cristo manifestou-se na terra muitas vezes antes da vinda de Jesus; por vezes manifestou-se através de alguém como Melquisedeque, e noutras alturas manifestou-se como uma influência espiritual através de algum mestre que mantinha o culto do Deus Único.

O que tem esta conclusão a ver com a segunda vinda? Bem, à luz do que precede, deixa de haver uma segunda vinda! Também, ao considerar as condições que tornaram a Sua aparição possível em várias alturas — ou, se preferir, a única vez como Jesus —, podemos deduzir certos factos sobre o regresso do Mestre.

Como é que Ele veio a vir como Jesus de Nazaré? Não tinha havido uma revelação ao homem, de que tenhamos qualquer registo, durante mais de quatrocentos anos. Então foram a escuridão e a dissipação por parte do homem que trouxeram o Cristo ao Mundo? Se assim for, é uma inversão da lei natural O Semelhante Gera o Semelhante. As leis de Deus não são invertidas em momento algum, e nunca as encontraremos assim. Elas são imutáveis e mantêm-se verdadeiras em todo e qualquer reino que possamos encontrar na terra.

Então o que provocou a vinda de Jesus? Um povo de procuradores sinceros — um pequeno grupo fundado para fazer de si mesmo canais através dos quais esta grande coisa pudesse vir a acontecer. Quem eram estas pessoas? Eram os mais odiados de todos os mencionados na história profana, e são escassamente mencionados na Bíblia, os essénios, os odiados, os mais baixos dos judeus. . . .

Estes essénios, então, estavam a consagrar as suas vidas para tornar possível um lugar de encontro para Deus e o homem, para que Jesus o Cristo pudesse vir ao mundo. Assim houve uma preparação; e se nós prepararmos um lugar de encontro — no nosso coração, no nosso lar, no nosso grupo, na nossa igreja —, então nós também podemos ter o Cristo a vir ter connosco novamente, e Ele virá como é. O Seu espírito está aqui sempre. Ele permanecerá connosco sempre. . . .

Todos acreditamos que Ele desceu ao Inferno e ensinou os que lá estavam. Lemos isso na Bíblia e dizemos que é verdade. Mas não acreditamos realmente nisso. Se acreditássemos, nunca encontraríamos falhas em nenhuma alma no mundo — nunca! Pois se acreditamos que Ele foi ao Inferno e ensinou as pessoas de lá, como poderíamos encontrar falhas no nosso vizinho do lado porque as galinhas dele entraram no nosso jardim, ou porque ele não acredita exatamente como nós acreditamos?

Ele, por nossa causa, fez-se carne. Quantas vezes? Responda por si mesmo. Quão em breve virá Ele novamente? Quando vivemos a vida que Ele traçou para nós, estamos a tornar possível para Ele, o Senhor e Mestre deste mundo, regressar.

"Não vos deixarei órfãos; voltarei a vós, e vos tomarei para mim mesmo; para que onde eu estiver, estejais vós também."»

Assim, nas suas horas de vigília, Cayce, o homem, revela-se como um frequentador da igreja tolerante e sincero, de antecedentes ortodoxos, sem qualquer desejo de forçar as suas crenças pessoais pela garganta de outras pessoas abaixo... ou de que elas forcem as suas crenças pela sua garganta abaixo. Não obstante, seria difícil prosseguir além deste ponto para uma explicação plenamente equilibrada da reencarnação tal como ele a via, a menos que compreendêssemos a sua insistência em que Cristo era uma Divindade a manifestar-se através de uma alma humana altamente desenvolvida chamada Jesus. Além disso, essa mesma Divindade tinha tido de Se manifestar várias vezes na terra antes de ser capaz de preparar um corpo humano de espiritualidade suficientemente avançada para A sustentar na Sua tarefa última de salvação.

O leitor pode ter a certeza de que não existe nenhuma Leitura na qual Edgar Cayce infira que secções da Bíblia tenham sido reeditadas com malícia premeditada. Quando lhe perguntavam se

assim poderia ser, ele respondia que o espírito da Bíblia estava ainda inteiro, e que o seu poder residia na sua força espiritual, não estando dependente do seu contexto literal. Em suma, era ainda a garantia de Deus à raça humana de que Ele nunca a abandonaria.

Por outro lado Cayce não negava, no sono permissivo, que muitas secções tinham perdido a sua clareza original no decorrer das suas traduções do hebraico para o grego bizantino, para o latim clássico e depois para o inglês jacobiano. Um estudo aprofundado das Leituras centradas no período palestiniano ao tempo de Cristo revela que elas davam aos essénios um crédito muito maior pela preservação da verdadeira sabedoria das antigas escrituras do que à Igreja hebraica estabelecida, a qual estava, com efeito, a passar pelo tipo de período que o Papa Pio XII definiu como «heresia de ação».

Quando Cristo pregava nas sinagogas, ele não introduzia nada de novo ou não familiar nos seus sermões, mas, de forma mais devastadora, reavivava aquelas secções dos antigos ensinamentos que tinham ou caído em conveniente desuso, ou sido reinterpretadas para se adequarem às exigências políticas do Sinédrio.

É pertinente acrescentar aqui que os Pergaminhos do Mar Morto, mesmo nestas fases iniciais cautelosas da sua decifração, estabeleceram que muito do ensinamento de Cristo está presente na mesma forma, de facto muitas vezes com as mesmas palavras, nas escrituras essénias que existiam pelo menos cem anos antes do Seu nascimento.

Isto prova que Ele estava em acordo básico com os dogmas dos essénios, embora durante a Sua própria vida eles estivessem num conflito tão militante com o judaísmo ortodoxo que nenhuma referência a eles foi permitida nas Escrituras Hebraicas.

Infelizmente a seita possuía a sua quota-parte de exaltados e fanáticos que acreditavam que os fins justificavam os meios, mesmo até ao ponto de ataques de guerrilha contra as caravanas dos saduceus e dos fariseus. Este grupo encontrou-se obviamente em conflito com a exortação de Cristo para resistir a todas as formas de violência, e mesmo os dois ou três essénios entre os Seus discípulos se esqueceram de si próprios vezes suficientes para provocar incidentes que não alcançaram melhor propósito do que acentuar o antagonismo dos Seus inimigos.

Nesta altura, Jerusalém estava ocupada pelos romanos muito à semelhança de como a França no nosso século esteve ocupada pelos nazis — mas os essénios eram uma seita que há tanto tempo estava na clandestinidade que eram virtualmente não afetados pela sobreposição da perseguição romana sobre a perseguição existente do Sinédrio. Não obstante, a seita encontrou a eventual aniquilação às mãos do exército romano, por instigação do Sinédrio, o mesmo órgão governante que tinha instigado a crucifixão de Cristo.

Para alguns, o que os Pergaminhos do Mar Morto estão lentamente a estabelecer é que as crenças essénias estavam firmemente enraizadas nas leis da reencarnação.

Além disso, eles eram a única seita que profetizou corretamente a vinda de Cristo. Tal como os livros dos Apócrifos e do Apocalipse foram obscurecidos em simbolismo para preservar a verdade que continham, a profecia essénia está formulada no tempo passado em vez do futuro, e nela Cristo é chamado por variações de Homem Bom, o Messias, e o Filho da Luz, nunca pelo Seu nome real; e o Sinédrio é referido como o Sacerdote Ímpio. Em todos os outros aspetos é um vaticínio exato dos acontecimentos que vieram a passar-se um século mais tarde.

Cayce afirma categoricamente que os essénios, sendo a única seita que estava preparada para a aparição de Cristo na terra, não só auxiliaram no nascimento na manjedoura e na fuga para o Egito, mas ensinaram Jesus na sua infância. Muitos destes mestres foram reconhecidos por Cayce no presente:

«Então, a Entidade foi educada nos dogmas ou escola de pensamento que tentava ser uma reconstrução da antiga seita estabelecida por Elias no Monte Carmelo. . . .

Por causa das divisões que tinham surgido entre os povos em seitas como os fariseus, os saduceus e a sua espécie, surgiram os essénios, que prezavam não meramente as tradições que tinham vindo através da palavra falada, mas tinham mantido registos de todas as experiências sobrenaturais — quer em sonhos, visões, quer em vozes — que tinham sido sentidas ao longo das experiências deste povo peculiar. . . .

Estas pertenciam, então, àquilo a que chamariam hoje previsões astrológicas, bem como a todos esses registos pertencentes à vinda do Messias. Estes tinham sido parte dos registos no Carmelo dados por Elias, que foi o precursor, que foi o primo, que foi (João) o Baptista. . . .

Daí que o grupo a que nos referimos aqui como os essénios tenha sido o resultado dos ensinamentos de Melquisedeque, como propagados por Elias, Eliseu e Samuel. O movimento não era egípcio, embora tenha sido adotado pelos egípcios num período anterior e feito parte de todo o movimento. Eles aceitavam judeus e gentios por igual como membros . . . preservando-se em linha direta de escolha como canais através dos quais pudesse vir Aquele da nova ou da divina origem. . . .

Os essénios deviam auxiliar no ensino inicial da vida do menino Jesus, bem como de João. Pois João era mais o essénio do

que Jesus. Pois Jesus mantinha-se mais no espírito da lei, e João na letra da mesma.»

Ao longo das referências detalhadas e exaustivas a Jesus nas Leituras, fica-se constantemente impressionado com a realidade urgente da prosa. Edgar Cayce refere-se sempre a Ele como uma Força imediata e viva, nunca mais distante do homem do que o seu próprio cotovelo.

CRISTO O MENSAGEIRO; JESUS O HOMEM

Se, como Edgar Cayce raciocina, Cristo a manifestar-Se através do corpo de Jesus estava a completar o Seu próprio desenvolvimento da alma na terra, isto traz convicção à Sua garantia aos Seus discípulos de que eles eram capazes de fazer todas as coisas que Ele tinha feito. Isto era obviamente impossível se eles tivessem de permanecer tão espiritualmente imperfeitos como eram nessa altura. Pressupunha que eles regressariam muitas vezes antes que pudessem atingir o Seu esclarecimento. Caso contrário, teríamos de acreditar que Cristo estava a exigir dos Seus seguidores um exercício quase sobre-humano de fé cega. Ele estava a oferecer uma esperança de sobrevivência ao acaso e de uma só oportunidade . . . apenas se não pecarmos mais poderemos entrar no céu. Será assim tão fácil concebê-Lo como um perfecionista tão pouco prático? Todos os Seus outros ensinamentos são, em todos os sentidos, práticos e realistas.

Cayce achava muito mais coerente que Ele definisse a eventual redenção da alma como um retraçar lento e paciente dos passos, e não como uma «apoteose instantânea». Neste contexto, a reencarnação apela ao hesitante para que não desespere ao ver os seus irmãos mais ágeis aparentemente ultrapassá-lo. Ensina-lhe que o seu livre-arbítrio pode trabalhar para os seus melhores interesses exatamente com a mesma facilidade com que pode trabalhar contra eles. É-lhe mostrado o caminho — depois disso,

depende dele. Ele deve pegar na sua própria cama e andar, não ser transportado fisicamente para um Céu de imitação por um Redentor demasiado mortal.

É-lhe ensinado que se um homem inocente, tendo sofrido injustiça às mãos de um inimigo poderoso, se desforra duramente com uma vingança «justa», irá gratuitamente algemar-se a esse mesmo inimigo, e ambos serão compelidos a regressar juntos e a reencenar todo o conflito desgastante e negativo até desenvolverem bom senso suficiente para enterrarem o machado de guerra e darem o assunto por terminado. A alma mais avançada das duas está destinada a atrasar o seu próprio progresso espiritual, pois forçou-se a prosseguir à velocidade da alma menos desenvolvida a quem prejudicou.

Se, por outro lado, ele for suficientemente inteligente para «dar a outra face» em vez de tentar uma retaliação fútil, liberta-se de todo o envolvimento posterior com o seu inimigo. O fardo fica então sobre o seu inimigo, que deve regressar sozinho, no seu próprio tempo, para reparar qualquer dano que tenha deixado no seu próprio encalço.

QUEM ESTARÁ SEM PECADO

Por que razão Cristo não fez distinção social entre fariseus e meretrizes, publicanos e eruditos de peso? Certamente porque os seus adornos exteriores eram temporários e transitórios, e Ele estava preocupado unicamente com o bem-estar final da alma interior, enquanto esta se debatia no seu exílio lento e doloroso de si mesma.

O que mais está Cristo a dizer, quando nos manda amar o nosso próximo, senão: «Não sejas tão tolo ao ponto de o odiares, e de te envolveres com o peso morto de outro inimigo gratuito!»

Cristo nunca foi mais tolerante e misericordioso do que no Seu tratamento da mulher apanhada em adultério. De facto, Ele estava a pôr a lei do amor em prática de uma forma que muito poucas das igrejas que levam o Seu nome parecem ansiosas por emular. E no entanto tudo o que Ele estava a dizer, no essencial, era: «Como julgardes, assim sereis do mesmo modo julgados.» Ele estava a avisar os atormentadores da mulher de que nas suas vidas posteriores eles corriam o perigo de ser apanhados in flagrante delito, nem que fosse apenas para lhes ensinar a fugir da perseguição e da hipocrisia, os dois cancros mais cinzentos da alma.

A Sua parábola do Filho Pródigo devolve Deus à perspetiva que tinha sido distorcida no Antigo Testamento, quando as tribos nómadas dispersas usavam o Jeová vingador como um pau grande para manter os seus guerreiros dados à lança afastados de exterminar primeiro os seus companheiros de tribo e acidentalmente a si mesmos.

Assim a parábola do Filho Pródigo só ganha a sua verdadeira universalidade quando Deus se torna o Pai perdoador, e o Filho se torna a alma perdida e errante na terra, com medo de regressar ao seu Pai em trapos metafóricos.

O Decreto Calcedonense de 451 d.C., que dividiu Cristo em duas naturezas separadas, humana e divina, é confirmado pela resposta de Edgar Cayce à mesma pergunta:

«Cristo não é um homem! Jesus era o homem! Cristo era o Mensageiro! . . . Cristo em todas as eras! Jesus apenas numa!»

A menos que Ele estivesse a preparar-se para regressar aos Seus discípulos num corpo semelhante à forma purificada que eles próprios um dia assumiriam quando, também eles, eventualmente regressassem ao seu Pai, por que razão Cristo, na

cruz, se retirou da sua forma mortal o tempo suficiente para Jesus Lhe bradar em perplexidade: «Eli, Eli, por que me desamparaste?» É totalmente contrário a todos os Seus próprios ensinamentos que Cristo tivesse cedido a duvidas inexplicáveis na última hora, e dito essas palavras a Deus. Não teria servido melhor propósito do que atormentar e desmoralizar aqueles dos seus seguidores cuja fé n'Ele, até aí, tinha sido absoluta.

Certamente o propósito lógico de Cristo ao submeter-se à crucifixão foi mostrar aos Seus seguidores não só a facilidade com que os laços terrestres da carne podem ser descartados, mas a total irrelevância do corpo depois de este deixar de alojar a alma.

É a este respeito que Edgar Cayce apresenta uma teoria que não ocorre em lado nenhum nas controvérsias dogmáticas, e contudo, parece a mais lúcida de todas. (Aqui deve ter-se em mente que ele se refere ao corpo vivo como o corpo material, e ao corpo após a morte como o corpo físico.)

«Tal como uma Entidade, encontrando-se num desses vários reinos que abundam no sistema solar, toma, não uma forma terrestre, mas um padrão que conforma com os elementos desse planeta ou espaço particular, o Príncipe da Paz veio à terra em forma humana para a conclusão do Seu próprio desenvolvimento. Ele venceu a carne e todas as tentações. Assim Ele tornou-se o primeiro a vencer a morte no corpo, capacitando-O a iluminar e revivificar esse corpo de modo a tomá-lo novamente, mesmo quando esses fluidos do corpo tinham sido escoados pelos furos dos pregos nas Suas mãos e pela lança a perfurar o Seu lado. . . .»

Cayce insistia que Cristo já tinha começado a assumir a Sua própria forma imortal quando Maria Madalena O viu na companhia dos dois anjos:

«Como indicado na palavra falada a Maria no Jardim: "Não me toques, porque ainda não subi para meu Pai" . . . o corpo como visto pelo olho normal, ou material, de Maria era tal que não podia ser manuseado até ter havido a união consciente com a Fonte de todo o Poder. . . .»

Cayce procedeu então à análise dos versículos dezanove a vinte e nove, do capítulo vinte de São João:

«Tal como indicado na maneira em que o corpo físico (o corpo espiritual) entrou no quarto superior com as portas fechadas, não por ser parte da madeira através da qual o corpo passou, mas por se formar a si mesmo a partir das ondas de éter que já estavam dentro do quarto, por causa de um encontro preparado pela fé. . . .

"Filhos, tendes aqui alguma coisa de comer?", indicou aos discípulos presentes que isto não era transmutação mas uma regeneração dos átomos e células do corpo. . .»

Pode à primeira vista parecer curioso colocar tão vital ênfase neste conceito de Cristo, o qual à superfície teria pouca relação com a atitude das igrejas ocidentais relativamente à reencarnação. Mas é em redor desta mesma questão que as controvérsias mais cruas na história inicial da igreja grassaram, e uma das suas muitas consequências foi a rejeição da reencarnação da fé ocidental.

Antes de procedermos ao rastreio disto a partir da sua fonte até ao seu efeito na ortodoxia dos dias de hoje — que por sua vez serviu para aumentar os fardos sob os quais Edgar Cayce trabalhou —, apresentamos as perspetivas paralelas sobre as mesmas passagens bíblicas tal como são apresentadas pelo famoso clérigo inglês Leslie D. Weatherhead, M.A., Ph.D., Hon.

D.D., Ministro do City Temple, em Londres, e Capelão Honorário das Forças de Sua Majestade:

«Os estudantes da ressurreição nunca parecem ter prestado atenção suficiente aos detalhes meticulosos sobre as mortalhas que o quarto Evangelho dá. Esta narrativa — ao contrário de algumas partes do Evangelho — parece-me ser baseada no relato de uma testemunha ocular.

Fica claro que as mortalhas, cobrindo o corpo até às axilas, tinham colapsado como se o corpo tivesse evaporado. É-nos dito que o turbante enrolado à volta da sua cabeça estava de pé sobre a sua extremidade, como se a cabeça também tivesse evaporado. Se o estudante se voltar para o capítulo vinte do quarto Evangelho e ler os primeiros vinte versículos, dar-se-á conta de que foi a maneira como as mortalhas estavam deitadas que convenceu Pedro e João de que Cristo tinha disposto do seu corpo físico de uma forma que nós não compreendemos, mas que sugere palavras como "evaporação" ou "evanescência".»

Pareceria um longo passo do testemunho de um clarividente solitário até um pilar estabelecido do metodismo inglês ortodoxo, mas em quase nenhum outro lugar existe tanta corroboração para a filosofia religiosa de Edgar Cayce do que na prosa clara e frontal do Dr. Weatherhead.

O CRISTIANISMO DE CONSTANTINO

No seu livro Psychology, Religion and Healing, da Abingdon Press, o Dr. Weatherhead afirma: «A conversão do Imperador Romano Constantino ao Cristianismo em 325 d.C. foi um ganho

muito duvidoso para a causa de Cristo. Ele pode ter visto uma cruz no céu cercada pelas palavras In Hoc Signo Vinces, mas produziu um Cristianismo que dispensava a Cruz, e poderia muito bem ter usado uma almofada como seu símbolo.

O Nome acima de todo o nome tinha outrora sido escrito nas pálidas testas dos jovens cavaleiros de Cristo que tinham morrido por Ele às centenas, ou cavalgado para declarar a um mundo escarnecedor e indiferente a boa nova do Evangelho. Isso tinha acabado agora. Mas foi um desastre que Constantino tenha sido "convertido". . . .

O Cristianismo tornou-se, de facto, um verniz educado sem poder ou beleza. Todos os favoritos da Corte eram cristãos agora. Os aduladores sem espinha dorsal que riam estupidamente ao longo dos seus dias fátuos no luxo da corte romana, e os parasitas gordos e astutos que se alimentavam da sua energia e poder, foram "convertidos" de um dia para o outro. . . .

O paganismo permaneceu, mas agora era rotulado de Cristianismo como o é hoje. A religião de Cristo nunca mais se recuperou, exceto por breves períodos de reavivamento, e sem um núcleo de verdadeiros santos não teria sobrevivido.»

VOLTAIRE

Se nos voltarmos agora para o génio de Voltaire (1694-1778), um dos maiores eruditos da história bem como um dos pais fundadores da democracia, descobrimos que estes excertos do seu Dicionário Filosófico anteciparam os argumentos do Dr. Weatherhead com admirável acidez.

«Pelo final do primeiro século havia umas trinta e duas narrativas dos evangelhos, cada uma pertencendo a uma sociedade diferente, e trinta seitas de cristãos tinham surgido na

Ásia Menor, na Síria, em Alexandria e mesmo em Roma», diz Voltaire. «Dois ou três antiquários, quer mercenários quer fanáticos, consagraram o bárbaro e afeminado Constantino, e trataram o justo e sábio Imperador Juliano como um ímpio. Cronistas posteriores, copiando deles, repetiram quer a sua lisonja quer a sua calúnia. Finalmente, a era da crítica sólida chegou e, após mil e quatrocentos anos, homens esclarecidos reexaminaram o julgamento dos ignorantes.

Constantino revelou-se como um oportunista que gozava com Deus e com os homens. Eis como ele raciocinava: "O batismo purifica tudo. Posso por isso matar a minha mulher, o meu filho, e todos os meus parentes. Depois disso posso ser batizado, e irei para o Céu." E ele agiu em conformidade. Mas era um cristão, e foi canonizado. . . .»

O CONCÍLIO DE NICEIA, 325 d.C.

Uma escola de dogma alega que a reencarnação foi condenada no Concílio de Niceia, caso em que a própria análise de Voltaire sobre o seu propósito merece inclusão aqui:

«Alexandre, Bispo de Alexandria, achou por bem pregar que Deus era necessariamente individual e indivisível — que Ele era uma mónada (uma unidade simples) no sentido mais estrito da palavra, e que esta mónada era triúna (três em um). A mónada de Alexandre indignou o presbítero Árrio, que publicou uma denúncia da teoria. Alexandre rapidamente convocou um pequeno concílio dos seus aderentes e excomungou o seu presbítero. . . .

O Imperador Constantino foi vilão suficiente para enviar o venerável bispo Ósio com cartas conciliatórias para ambas as fações em guerra, e quando Ósio encontrou uma rejeição justificada, o Concílio de Niceia foi convocado.

A questão a considerar era: É Jesus o Verbo? Se Ele é o Verbo, emanou Ele de Deus no tempo, ou antes do tempo? Se emanou de Deus, é Ele coeterno e consubstancial com Ele: ou é de uma substância semelhante? É feito ou gerado? E como é que, se Ele tem exatamente a mesma natureza e essência que o Pai e o Filho, não pode fazer as mesmas coisas que estas duas pessoas que são ele próprio?

Isso não consigo compreender. Ninguém jamais o compreendeu. E é por isso que tantas pessoas foram chacinadas.

A decisão final do Concílio de Niceia foi a de que o Filho era tão antigo como o Pai e consubstancial com o Pai . . . e a guerra grassou por todo o Império Romano. Esta guerra civil deu origem a outras e, ao longo dos séculos até ao dia de hoje, a perseguição fratricida tem continuado. . . .»

«(Contudo) Jesus não ensinou dogmas metafísicos. Não escreveu tratados teológicos. Não disse: "Sou consubstancial; tenho duas vontades e duas naturezas com apenas uma pessoa." Aos cordoeiros e aos jacobinos, que viriam a aparecer mil e duzentos anos depois D'Ele, deixou a delicada e difícil tarefa de decidir se a Sua mãe tinha sido concebida em pecado original.

Os socinianos, ou unitários, chamam à aceitação desta doutrina do pecado original o "pecado original" do Cristianismo. É um ultraje contra Deus, dizem eles. . . .

Os socinianos põem muita ênfase na fé dos primeiros "hereges" que morreram pelos evangelhos apócrifos, (e) recusam-se por isso a considerar os nossos quatro Evangelhos divinos como qualquer outra coisa que não obras clandestinas.

Ousar dizer que Ele criou todas as gerações sucessivas da humanidade apenas para as sujeitar à punição eterna, sob o

pretexto de que o seu primeiro antepassado comeu de um fruto em particular, é acusá-Lo da mais absurda barbaridade.

Esta imputação sacrílega é ainda mais imperdoável entre os cristãos, visto que não há menção de pecado original, quer no Pentateuco quer nos Evangelhos, sejam apócrifos, quer canónicos, quer em qualquer um dos escritores chamados os Primeiros Pais da Igreja.

As almas ou foram criadas desde toda a eternidade (com o resultado de que são infinitamente mais velhas do que o pecado de Adão, e não têm ligação com ele), ou são formadas ao tempo da conceção. Nesse caso Deus deve criar, em cada instância, um novo espírito que Ele deve depois tornar eternamente miserável, ou Deus é Ele próprio a alma da humanidade, com o resultado de que Ele é condenado juntamente com o Seu sistema. . . .»

E finalmente Voltaire chega ao cerne da questão assim: «Nenhum dos primeiros Pais da Igreja citou uma única passagem dos quatro evangelhos tal como os aceitamos hoje.

(Eles) não só falharam em citar os evangelhos, mas até aderiram a várias passagens agora encontradas apenas nos evangelhos apócrifos rejeitados pelo cânone.

Visto que muitos falsos evangelhos foram ao início tidos por verdadeiros, aqueles que hoje constituem o fundamento da nossa própria fé podem também ter sido forjados.»

ORÍGENES

Isto leva-nos logicamente aos ensinamentos de Orígenes (185 d.C.-254 d.C.), em redor dos quais toda a controvérsia iria agora centrar-se.

Os ensinamentos de Orígenes eram vitais para a preservação dos evangelhos originais. A sua pena tinha sido tão prolífica quanto a de Voltaire, mas de acordo com a Encyclopædia Britannica os dez livros de Stromata, a sua obra mais provocatória, desapareceram sem deixar quase vestígio. Isto é de extrema importância, na medida em que Orígenes se ocupou aqui a correlacionar os ensinamentos cristãos estabelecidos com os dogmas «cristãos» de Platão, Aristóteles, Numénio e Cornuto. Ele dedicou a sua vida à preservação dos evangelhos originais.

«Não foi tanto a relação entre a fé e a proposição que ofendeu, mas antes proposições isoladas como a sua doutrina da pré-existência das almas. . . . Orígenes foi capaz de explicar a pecaminosidade real de todos os homens através da hipótese teológica da pré-existência e da queda premundana de cada alma.»

Orígenes afirma no seu próprio Contra Celsum: «Não é mais conforme à razão que cada alma, por certas razões misteriosas, (falo agora de acordo com a opinião de Pitágoras e Platão, e Empédocles, que Celso frequentemente nomeia), seja introduzida num corpo de acordo com os seus merecimentos e ações anteriores? Não é racional que almas que usaram os seus corpos para fazer o máximo bem possível devam ter direito a corpos dotados de qualidades superiores aos corpos de outras?

A alma, que é imaterial e invisível na sua natureza, existe em nenhum lugar material sem ter um corpo adequado à natureza desse lugar. Em conformidade, ela num determinado momento despoja-se de um corpo — que era necessário antes, mas que já não é adequado no seu estado alterado — e troca-o por um segundo.»

E no seu De Principiis: «Cada alma . . . vem a este mundo fortalecida pelas vitórias ou enfraquecida pelas derrotas da sua

vida anterior. O seu lugar neste mundo como um vaso destinado à honra ou desonra é determinado pelos seus méritos ou deméritos anteriores. O seu trabalho neste mundo determina o seu lugar no mundo que se há de seguir a este.»

PITÁGORAS E PLATÃO

Como é que exatamente as filosofias «pagãs» de Pitágoras e Platão (que ambos subscreviam a reencarnação) complementavam as crenças dos Primeiros Pais Cristãos?

As visões de Pitágoras (582-507 a.C.) existem apenas nas suas biografias por Diógenes Laércio e Jâmblico, mas o primeiro cita-o a afirmar que «ele tinha recebido a memória de todas as transmigrações da sua alma como um dom de Mercúrio, juntamente com o dom de recordar o que a sua própria alma, e as almas de outros, tinham experimentado entre a morte e o renascimento».

De Platão (427-347 a.C.), podemos obter contexto direto: «A alma é mais velha do que o corpo. As almas nascem continuamente de novo para esta vida.

A alma do verdadeiro filósofo abstém-se tanto quanto possível de prazeres e desejos, desgostos e medos . . . pois em consequência de formar as mesmas opiniões que o corpo, e de se deleitar nas mesmas coisas, nunca pode passar para o Hades num estado puro, mas deve sempre partir poluída pelo corpo, e assim cai rapidamente noutro corpo, e consequentemente é privada de toda a associação com aquilo que é divino e puro e uniforme.

Sabe que se te tornares pior, irás para as almas piores, e se melhor, para as almas melhores; e em cada sucessão de vida e morte, farás e sofrerás o que o semelhante deve ajustadamente sofrer às mãos do semelhante.»

Deveria também estabelecer-se aqui que São Jerónimo (340-400 d.C.) uma vez impulsivamente aclamou Orígenes como «o maior mestre da Igreja desde os Apóstolos». Isto é dificilmente plausível se o Novo Testamento fosse então tão ambíguo nas suas referências à reencarnação como é agora. Certamente que para Orígenes ter mantido o lugar de honra entre os Primeiros Pais da Igreja durante quase quatro séculos, os seus dogmas deviam ter estado baseados solidamente naquilo que nessa altura era aceite como os verdadeiros evangelhos.

São Clemente de Alexandria (150-220), na sua Exortação aos Pagãos é também claramente influenciado por Platão: «Nós existíamos muito antes da fundação do mundo; existíamos aos olhos de Deus, pois é o nosso destino viver N'Ele. Somos as criaturas razoáveis do Verbo Divino. Por conseguinte, existimos desde o princípio, pois no princípio era o Verbo. . . . Não pela primeira vez Ele mostra compaixão de nós nas nossas perambulações. Ele teve compaixão de nós desde o próprio princípio.»

Às visões de São Jerónimo e de Santo Agostinho sobre Platão devem adicionar-se as de São Gregório (257-832), que afirmou que «é absolutamente necessário que a alma seja curada e purificada, e se isto não tiver lugar durante a sua vida na terra, deve ser realizado em vidas futuras».

Santo Agostinho (354-430) mantinha Platão em tão grande veneração que escreve no seu Contra Academicos: «A mensagem de Platão, a mais pura e a mais luminosa de toda a filosofia, dispersou finalmente a escuridão do erro, e brilha agora principalmente em Plotino, um platónico tão parecido com o seu mestre que se pensaria que viveram juntos, ou antes — visto que um período de tempo tão longo os separa — que Platão nasceu de novo em Plotino.»

Para fechar o círculo, Plotino (205-270) foi um companheiro de estudo de Orígenes sob Amónio, que fundou a famosa Escola Neoplatónica de Alexandria no Egito em 193 d.C.

Plotino, em A Descida da Alma, é talvez o mais articulado e expressivo: «Assim a alma, embora de origem divina, tendo procedido das regiões do alto, torna-se submersa no recetáculo escuro do corpo e, sendo naturalmente um deus pós-diluviano, desce para aqui através de uma certa inclinação voluntária, pelo motivo do poder e de adornar preocupações inferiores. . . .

Contudo as nossas almas são capazes alternadamente de se erguerem daqui, trazendo de volta consigo uma experiência do que conheceram e sofreram no seu estado caído, a partir de onde aprenderão quão abençoado é habitar no mundo inteligível, e por uma comparação de contrários, perceberão mais claramente a excelência de um estado superior.

Pois a experiência do mal produz um conhecimento mais claro do bem . . . a totalidade da nossa alma não entra no corpo, mas algo pertencente a ela habita sempre no mundo inteligível, que é algo diferente deste mundo sensível, e aquilo que habita neste mundo de sentidos não nos permite perceber aquilo que a parte suprema da alma contempla.»

Aqui temos o testemunho de quatro Santos da igreja primitiva. Não podem ter tido todos ideias descabidas, nem teriam abraçado crenças que fossem hostis aos dogmas contemporâneos da sua própria igreja. O facto de eles aderirem repetidamente aos dogmas «cristãos» de Platão indica a sua convicção de que Cristo tinha incluído esses mesmos dogmas na Sua própria filosofia.

Quando é que exatamente estas versões originais dos Evangelhos sofreram tão drástica reinterpretação? Em todo o

material de pesquisa razoavelmente disponível, não há uma única fonte que possa fornecer uma resposta clara e fundamentada, e apenas a Enciclopédia Católica chega a insinuar uma.

CAPÍTULO DEZ
SERÁ QUE A BÍBLIA CONDENA A REENCARNAÇÃO?

«Posso ler a reencarnação na Bíblia — e podes lê-la de lá para fora novamente!», disse uma vez Edgar Cayce com o seu humor seco habitual. Embora ele tivesse lido a Bíblia uma vez por cada ano da sua vida, a sua primeira reação em Dayton foi lê-la de uma ponta à outra novamente para encontrar onde ela condenava ativamente a teoria da reencarnação. Em lugar algum o fazia. Em lugar algum subscrevia a reencarnação per se, também; mas em Provérbios 8:22-31 ele encontrou esta referência estranhamente comovente à Criação: «O Senhor me possuiu no princípio dos seus caminhos, antes das suas obras antigas.

Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes da terra.

Quando não havia abismos, fui gerada . . . quando Ele preparava os Céus, aí estava eu . . . Quando fixou os fundamentos da terra, então eu estava com Ele, como quem se criara com Ele. E era cada dia as suas delícias, folgando perante Ele em todo o tempo, folgando na parte habitável da sua terra. E as minhas delícias eram com os Filhos do Homem.»

Estamos obrigados a tomar isto como a imagética abstrata de um poeta obscuro? Ou podemos perguntar quem era «Eu»? Obviamente não uma criatura mortal com uma esperança de vida de três quartos de século; não importa quão obscuramente estivesse a expressar a sua poesia. Se creditarmos «Eu» com o ser uma alma humana, a falar da sua própria origem a partir da sua memória subconsciente, cada linha faz sentido lógico. O seu

anseio nostálgico pela alegria não contaminada dos seus inícios, a sua saudade do seu Deus rejeitado, estes sintetizam perfeitamente o desencanto da alma cansada com o ciclo árido das suas vidas materialistas na terra, tendo-se cortado do seu Pai amoroso tal como o Filho Pródigo tinha feito.

Isto não é a austera «predestinação e pecado original» do humanoide sem sorte de Calvino, condenado antes de dar o seu primeiro hálito, combustível potencial para os fogos eternos antes mesmo de abandonar o útero. Não é o grito dos condenados; é apenas o grito da ovelha perdida.

Com isto como nosso modelo, como deveríamos interpretar esta linha da Sabedoria de Salomão 8:19-20: «Ora eu era uma criança boa por natureza, e coube-me em sorte uma boa alma. Ou antes, sendo bom, vim num corpo não poluído.»

A Versão do Rei Jaime, com uma curiosa circunvolução, toma esta liberdade: «Pois eu era uma criança engenhosa, e tinha um bom espírito. Sim, antes, sendo bom, vim num corpo não poluído», fazendo um non sequitur *(conclusão injustificada)* de toda a passagem. Mas em ambas as versões, quem é o árbitro do que é bom e do que é mau? Claramente a própria alma, usando o seu próprio padrão de conduta anterior como a sua bitola, na medida em que não faz qualquer alegação de ter sido designada «boa» por padrões que não os seus próprios. E certamente não poderia ter meios de saber o que era «bom», a menos que estivesse igualmente familiarizada com o seu oposto?

Que as almas tinham sido quer boas quer más em várias fases da sua manifestação na terra é novamente implícito em Romanos 9:11-14: «Pois não tendo os filhos ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal . . . foi dito a (Rebeca): "O maior servirá o menor. Como está escrito: Amei Jacob, mas odiei Esaú." Que diremos pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum.»

Se não há «injustiça» da parte de Deus, por que razão está Deus a mostrar um favoritismo nada divino ao amar Jacob sem razão, e ao odiar Esaú sem razão? Que oportunidade teria qualquer um deles encontrado, antes da sua criação, para escolher naturezas tão divergentes? Se tinham vindo diretamente do seu Criador para o útero de Rebeca, onde mais poderia Esaú ter cometido os seus crimes, senão no Céu? Se o fez, por que não foi expulso com o resto dos anjos caídos e depositado diretamente no inferno? Pareceria muito mais provável que ele tivesse aprendido a pecar na terra, num corpo mortal, e o seu regresso como servo do seu irmão mais novo tenha sido um ato de restituição.

«Mesmo de eternidade a eternidade, Tu és Deus», diz o Salmo Noventa. «Tu reduzes o Homem à destruição, e dizes "Regressai, Filhos dos Homens." . . . Tu os levas como com uma inundação; são como um sono; de manhã são como a erva que cresce.» Aqui temos a ambiguidade da palavra «reduzes» para contender; tendo o poeta combinado o Jeová tribal com o Criador. Uma leitura mais justa seria certamente: «Tu falhas em afastar o homem da sua destruição.» Apenas assim, o conceito de Céu naqueles dias era um estado eterno de perfeição estática.

Se «Regressai, Filhos dos Homens» significasse «regressai ao Céu» (sendo a única alternativa o Poço Ardente), então as três transposições de inundação para sono para erva que cresce não são apenas uma má imagética mas desarticuladas. Mesmo se aceitarmos a «inundação» literalmente para significar a morte por afogamento (o Dilúvio, afinal de contas, era história bastante recente), e o «sono» para simbolizar um período interino entre a morte e a ressurreição no Céu, «a erva que cresce de manhã» é ainda um símbolo peculiar para uma vida Celestial onde tudo é perfeito e nada se altera.

As estações terrestres, por outro lado, alteram-se. A erva cresce a cada primavera para morrer novamente a cada inverno; e a alma que reencarna segue um ciclo idêntico.

O tema sugere-se a si mesmo novamente em Jó 1:20-21: «Então Jó se levantou, e rasgou o seu manto, e rapou a sua cabeça, e se prostrou em terra e adorou. E disse: "Nua saí do útero da minha mãe, e nua regressarei para lá!"»

Obviamente se Jó se está a referir literalmente à mesma mãe, o velho perdeu o juízo. Mas se aceitarmos o facto de que Jó não era uma personagem histórica mas um símbolo para a alma, a parábola está a exortar o homem a nunca desesperar quando tudo parece perdido, e o simbolismo do útero torna-se imediatamente evidente por si mesmo. A alma não pode possivelmente embarcar na sua vida seguinte na terra sem primeiro «regressar nua ao útero».

E qual é a recompensa da alma, uma vez concluídos os seus ciclos terrestres e podendo regressar como o Filho Pródigo ao Pai que rejeitara quando optou antes por se glorificar a si mesma? «A quem vencer», Apocalipse 3:12, «eu o farei coluna no Templo do meu Deus, e dele nunca mais sairá.»

Em Malaquias 4:5, chegamos ao exemplo talvez mais persuasivo de todos, pois Elias e Elias são apenas variações na grafia; ambos se referem ao mesmo profeta. «Eis que», diz Malaquias no século V a.C., «eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor.»

Quinhentos anos mais tarde, de acordo com Mateus 16:13, «Chegando Jesus às partes de Cesareia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: "Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?"

E eles disseram: “Uns, João o Baptista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos Profetas.”» Isto continua no Capítulo 17, Versículo 10. «E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: “Por que dizem então os escribas que é preciso que Elias venha primeiro?”

E Jesus, respondendo, disse-lhes: “Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas. Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também sofrer o Filho do Homem.” Então entenderam os discípulos que lhes falara de João o Baptista.»

Que processo de pensamento lógico induziu os discípulos a tirarem tal conclusão tão prontamente, a menos que Jesus os tivesse tornado profundamente familiarizados com as leis da reencarnação? João o Baptista tinha sido decapitado por Herodes durante a própria vida deles, e Elias estava morto há quinhentos anos.

A ideia de que a alma podia reencarnar devia ser igualmente familiar a Herodes, pois em Lucas 9:7-8: «E Herodes, o tetrarca, ouviu todas as coisas que por (Jesus) eram feitas, e estava perplexo, porque dizia por alguns que João ressuscitara dos mortos; e por alguns que Elias aparecera; e por outros que um dos antigos profetas ressuscitara. E disse Herodes: “A João fiz eu decapitar; quem é, pois, este de quem ouço dizer tais coisas?” E procurava vê-Lo.»

A curiosidade de um monarca ortodoxo dificilmente teria sido despertada por conversas irresponsáveis. Ele teria limpado a sua corte dos idiotas supersticiosos que alimentavam tais fantasias e não teria atribuído mais importância a Jesus.

E à luz do que precede, o que havemos de fazer desta passagem de João 9:1-3? «E, passando Jesus, viu um homem cego

de nascença. E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: "Mestre, quem pecou, este ou os seus pais, para que nascesse cego?" Jesus respondeu: "Nem este pecou nem os seus pais; mas foi para que as obras de Deus se manifestem nele."»

Se a reencarnação era uma teoria totalmente rejeitada, certamente a resposta de Jesus teria sido uma repreensão para uma pergunta tão idiota. Obviamente um recém-nascido é incapaz de qualquer tipo de pecado: se o pecado tivesse sido a causa da cegueira, então a pergunta teria sido formulada de modo bastante diferente: «Mestre, são estes os pecados do pai visitados na criança, ou são os pais inocentes de pecado?» Jesus era em todas as coisas misericordioso. Mesmo quando ele «amaldiçoou» a figueira (no sentido não melodramático de a secar), Ele tinha obviamente adivinhado que ela estava enraizada num subsolo suficientemente contaminado para envenenar o seu fruto. Ele nunca teria pintado uma imagem tão amedrontadora do seu Pai como a de sugerir que Ele infligia cegueira a uma criança indefesa meramente para «manifestar as Suas obras nele». Mas se a alma que habitava o homem se tinha voluntariamente oferecido para ser cega, para avançar mais rapidamente em paciência e compreensão, então as obras de Deus seriam do modo mais seguro manifestadas nele.

Interpretada do ponto de vista do carma, a doutrina moderadora de Jesus de «como semeardes, assim colhereis» faz perfeito bom sentido. Desprovida do seu elo básico com a reencarnação, reduz-se a uma banalidade fátua. Pouquíssimas pessoas são suficientemente afortunadas para colher o que semeiam na mesma vida.

Os discípulos eram pescadores simples e homens da terra, e o tom de Jesus muda quando ele debate com um homem do mundo educado como Nicodemos. As seguintes passagens de João 3:3-8 são habitualmente interpretadas como aplicando-se apenas aos

prós e contras do batismo; mas o texto não o implica, e é difícil conceber Jesus a baixar-se ao nível de uma disputa picuínhas sobre as subtilezas do uso devido da igreja com um erudito maduro da lei do Sinédrio. As passagens fazem muito mais sentido se assumirmos que Jesus está a repreender um homem que deveria saber agir melhor do que dar às Suas palavras simbólicas uma interpretação puramente literal.

Ele dificilmente parece estar a prescrever o batismo secular como a solução para a confusão de Nicodemos, quando faz a declaração inequívoca: «Em verdade, em verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.» Disse-lhe Nicodemos: «Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar a entrar no útero da sua mãe e nascer?» Jesus respondeu: «Em verdade, em verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te meças pelo facto de te dizer: "Importa-vos nascer de novo." O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.»

«Nicodemos respondeu e disse-Lhe: "Como pode isto ser?" Jesus respondeu e disse-lhe: "Tu és mestre em Israel e não sabes estas coisas? ... Se vos disse coisas da terra e não credes, como crereis se vos disser coisas do céu? E ninguém subiu ao Céu, senão O que desceu do Céu, o Filho do Homem que está no Céu."

Se prosseguirmos para o Capítulo 8, Versículo 34 do mesmo evangelho, Jesus, ao argumentar com os judeus ortodoxos no templo, fala com tão pouca preocupação pelos seus preconceitos que é apedrejado pelos seus esforços. Se continuarmos a assumir que o argumento gira apenas em torno da forma correta e da forma errada de realizar um batismo, é difícil compreender por que razão Ele gastou a Sua paciência e energia com uma questão

tão trivial. Se a questão for, contudo, a rejeição da reencarnação por parte deles, as Suas palavras seguintes — e a consequente fúria que provocam — entram numa perspetiva bastante lógica. "Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é servo do pecado. E o servo não fica em casa (a carne) para sempre; mas o Filho fica para sempre. Se, pois, o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres. . . . Eu falo do que vi junto de meu Pai; (mas) vós fazeis o que vistes junto do vosso pai."

"Responderam e disseram-Lhe: 'O nosso pai é Abraão!' Jesus disse-lhes: 'Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão. Mas agora procurais matar-me . . . isto não o fez Abraão. . . . O vosso pai Abraão alegrou-se por ver o meu dia; e viu-o e regozijou-se.'

Disseram-Lhe, então, os judeus: 'Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?'

Disse-lhes Jesus: 'Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão existisse, Eu Sou.'"

Por que razão são estas alusões à reencarnação na Bíblia tão isoladas e fragmentárias? Será possível que as poucas que existem tenham sido acidentalmente ignoradas durante uma expurgação sistemática dos textos originais gregos e hebraicos?

Por momentos, basta estabelecer que Edgar Cayce ficou satisfeito por verificar que a aceitação da reencarnação de modo algum ia contra as Sagradas Escrituras: na verdade, dava mais força a muitos dos seus argumentos. Sem dúvida, fornece força e lógica ao aviso: "Aquele que matar à espada, à espada deve ser morto; e aquele que levar para o cativeiro, para o cativeiro tem de ir." (Revelação 13:10.) "Como fizeste, assim se fará contigo; o teu feito voltará sobre a tua própria cabeça." (Obadias 15.)

Mas talvez o aviso mais impressionante de todos, dirigido, ao que parece, àqueles que pudessem ser tentados a adulterar o verdadeiro significado dos Evangelhos para promover o seu próprio engrandecimento, seja dado por Jesus em Lucas 11:52: "Ai de vós, doutores da lei! Porque tirastes a chave do conhecimento; vós mesmos não entrastes e impedistes os que estavam a entrar."

No recém-descoberto Evangelho Cópta segundo São Tomé, isto é dirigido diretamente à igreja: "Os fariseus e os escribas receberam as chaves do Conhecimento e esconderam-nas. Não entraram e não deixaram entrar aqueles que queriam."

CAPÍTULO ONZE

POR QUE RAZÃO A REENCARNAÇÃO NÃO ESTÁ NA BÍBLIA?

A HISTÓRIA OCULTA DA REENCARNAÇÃO

As nossas versões ortodoxas do Antigo e do Novo Testamento não datam de antes do século VI, quando o imperador bizantino Justiniano convocou o Quinto Concílio Ecuménico de Constantinopla, em 553 d.C., para condenar os escritos de Orígenes, inspirados pelo platonismo.

Ao contrário do que acreditam as nossas Igrejas contemporâneas, este não foi um Concílio não secular. O Papa foi proibido de comparecer e a sua denúncia do mesmo foi desrespeitada. Foi instigado pelo mesmo substrato de bárbaros imbecis que se tinham "convertido" ao cristianismo sob o mandato de Constantino.

Se o leitor achar singular que se dê tanta atenção a este Concílio nas páginas seguintes, é porque os acontecimentos que

levaram ao Quinto Concílio representam praticamente a única evidência sobrevivente sobre a razão pela qual a reencarnação desapareceu da Bíblia.

O imperador bizantino Justiniano (483-565), quando era um jovem sem pai, foi criado numa obscura austeridade pela sua mãe e pelo seu tio, o imperador "camponês" Justino, enquanto estes o preparavam rigidamente para herdar o trono de Constantinopla. A severidade da sua educação foi responsável por um traço árido e errático na sua personalidade. Cedo desenvolveu uma paixão intelectual pelo direito que mal se compadece com uma adolescência normal e, embora se considerasse essencialmente um homem "bom", era facilmente influenciável pela lisonja e o seu julgamento sobre os seus semelhantes permanecia superficial e imaturo.

Apenas na sua compreensão intuitiva da estratégia militar ele era consistente. O seu jovem general, Belisário, subjugou com êxito os ostrogodos em Itália e os vândalos em África, restaurando assim o vacilante Império Romano a um vestígio do seu antigo poder.

A arquitetura bizantina floresceu sob o mandato de Justiniano, e ele reviu o direito romano até ao ponto de este se tornar subsequentemente a base de todo o direito civil ocidental.

À primeira vista, ele deveria ter-se elevado às alturas de um Carlos Magno. O facto de não o ter feito deveu-se, em parte, ao seu temperamento — uma mistura incompatível de zelo dedicado e fraqueza de propósito — e, em parte, à sua deterioração ao ponto de se tornar um fantoche na tentativa de uma mulher implacável alcançar a sua própria deificação.

Teodora (508-547), a plebeia que se tornou imperatriz de Justiniano, exerceu autoridade suficiente sobre os registos da

época para suprimir a maior parte das provas dos seus antecedentes duvidosos, e o seu único biógrafo contemporâneo, Procópio, detestava-a tão amargamente que a sua História Secreta é rejeitada em tantos meios académicos quantos aqueles em que é aceite.

É consenso geral que Teodora era filha de um alimentador de ursos no anfiteatro de Constantinopla e fez a sua estreia como atriz infantil numa altura em que essa profissão se equiparava à mais antiga do mundo. Disto, também ela se tornou rapidamente um membro consumado, e a sua ambição insaciável tirou partido dos obstáculos que se lhe deparavam.

A estratégia de Teodora consistia sempre em criar um estado de confusão organizada no qual cada homem acabava por se encontrar em conflito com o seu vizinho, permitindo-lhe dividir e conquistar ao seu bel-prazer. Assim que se tornou amante de Justiniano, definiu alvos ainda mais altos. Determinou tornar-se sua imperatriz e, embora a mãe de Justiniano se lhe tenha oposto com todo o poder ao seu alcance, Justiniano demonstrou ser emocionalmente demasiado instável para resistir a tal ataque fulminante.

Onde o conhecimento dele sobre os seus semelhantes era falho e errático, o de Teodora era perito e intrinsecamente predatório. Onde ele vacilava, ela era inflexível como o ferro. Embora a lei proibisse que homens com estatuto superior ao de senador casassem com atrizes, a lei foi convenientemente abolida por Justiniano após a morte da sua mãe, e Teodora tomou o seu lugar ao lado dele no trono.

Não há nada de historicamente único num monarca desalinhado do mundo reduzido à escravidão por uma cortesã implacável, mas poucas cortesãs na história possuíram o diabolismo de Teodora.

Veja-se a Enciclopédia Britânica: Os oficiais prestavam um juramento de fidelidade tanto a ela como ao imperador. A cidade estava cheia dos seus espiões, que lhe relatavam tudo o que se dizia contra ela ou contra a administração. Ela cercava-se de pompa cerimoniosa e exigia que todos os que se aproximassem se humilhassem de uma forma nova, mesmo para aquela corte metade oriental.

Segundo Procópio, ela tinha-se tornado, antes do seu casamento, mãe de um filho que, ao crescer, regressou da Arábia, revelou-se a ela e desapareceu imediatamente para sempre.

Em muito pouco tempo, ela tornou-se uma tirana ao grande estilo dos Césares mais psicóticos.

Os seus favoritos subiram ao poder vertiginosamente e os seus inimigos morreram em tal quantidade que, eventualmente, o povo se revoltou contra o casal real. Confrontado com as insurreições de Nika em 532, Justiniano, aterrorizado e desmoralizado, teria fugido, mas a indomável Teodora preferiu a morte à obscuridade. Ela fê-lo aguentar a pressão e os motins foram finalmente subjugados.

Depois disso, Justiniano não era mais impressionante do que um fantoche na sua forte mão direita, e ela ficou livre para concentrar as suas energias no mais formidável dos seus inimigos, a Igreja de Roma.

Teodora via a Igreja Cristã como o seu equivalente à Grande Pirâmide — um monumento eterno ao seu ego — e, para assegurar a sua permanência, abalançou-se à reconstituição total dos seus dogmas, que eram demasiado sublimes para os seus propósitos. O facto de ter realmente tido sucesso deveu-se ao facto de o Vaticano ter tido mal o tempo necessário para recuperar

da sua subjugação por Teodorico, o Ostrogodo, antes de se ver sob a "proteção policial" excessivamente solícita do exército de ocupação de Belisário.

O seu primeiro e mais influente mestre, Eutíquio, um devoto da Igreja Oriental, surgiu pela primeira vez quando Teodora era amante de Hecébolo, o governador de Pentápole, no Norte de África. Quando Hecébolo acabou por a expulsar da cidade, Teodora e Eutíquio gravitaram primeiro para Alexandria e depois para Constantinopla, ela como um poder ascendente na lista do amor profano, e ele como o decano de uma série de escolas religiosas monofisistas.

A DOUTRINA MONOFISITA

A doutrina monofisista é, por assim dizer, o vilão da história.

Foi esta seita que mais tarde viria a desacreditar todas as alusões à reencarnação nos primeiros evangelhos e a dividir a igreja em duas fações em guerra.

Deve recordar-se que não só uma série interminável de cismas conflitantes tinha flagelado a solidariedade da Igreja Cristã a partir de cerca de 300 d.C., como esta também enfrentava uma resistência ativa e uma competição robusta por parte das religiões pagãs que ainda não tinha substituído, muitas das quais não só eram mais alegres e escapistas, como até incluíam uma ou outra saturnal.

Agora, os monofisistas aumentavam a confusão ao defenderem que o corpo físico de Jesus era totalmente divino e nunca em momento algum combinara atributos divinos e humanos. (Não parecia causar-lhes qualquer embaraço o facto de o próprio Jesus ter declarado que havia uma centelha do divino em cada alma humana. Eles aderiam militantemente à sua

convicção de que o mero ato de vestir os trajes exteriores de um corpo mortal teria profanado a verdadeira origem de Jesus.)

Infelizmente, sob a influência de Eutíquio, Teodora tornou-se uma convertida a esse dogma controverso monofisista. A sua principal atração para ela era a rejeição total daqueles ensinamentos de Orígenes que tinham influenciado tão profundamente os primeiros Padres da Igreja. Orígenes não só acreditava na metempsicose, como argumentava que Cristo, o Logos, ou a Palavra, habitava o corpo humano de Jesus, santificando-o assim.

É justo assumir que Teodora recrutou dois dos seus diáconos mais dedicados, Virgílio e Antimo, por sugestão, se não por insistência de Eutíquio, para este ponto de vista.

É difícil, hoje em dia, quando se lê com esforço estes argumentos trabalhosos entre os ramos Oriental e Ocidental da Igreja sobre a divindade de Cristo, dar-se conta do antagonismo maníaco que provocavam em ambos os campos. Os monofisistas continuaram a provocar conflito e discórdia até ao ano de 451, altura em que um Concílio da Igreja especialmente convocado, leal aos ensinamentos de Orígenes, dividiu Cristo em duas naturezas distintas, a humana e a divina.

O DECRETO DA CALCEDÓNIA, 451 d.C.

A decisão bem-intencionada conhecida como o Decreto da Calcedónia, embora protegesse os ensinamentos de Orígenes, tornou-se, na prática, a plataforma de lançamento para todo o malefício sombrio que se seguiu.

Na verdade, a divisão entre os monofisistas e o Vaticano atingiu eventualmente proporções tão violentas que “um dos primeiros atos públicos de Justiniano foi fazer com que o

Patriarca de Constantinopla declarasse a sua total adesão ao credo da Calcedónia." (Enciclopédia Britânica)

Isto constitui uma prova sólida de que, antes da chegada de Teodora em cena, Justiniano estava em completa sintonia com as tendências origenistas da Igreja de Roma; no entanto, em 548, por instigação de Teodora, permitiu que um sínodo local desacreditasse e condenasse os escritos de Orígenes.

Muito à semelhança do herói do 1984 de Orwell, que "purificou" os arquivos públicos dos jornais reescrevendo a história política e eliminando todas as referências aos "Grandes Irmãos" anteriores, Teodora moveu agora uma campanha concebida para obliterar todas e quaisquer passagens da Bíblia que pudessem reduzir ao absurdo as suas esperanças de uma apoteose instantânea ao partir desta vida.

ANTIMO DE CONSTANTINOPLA

O primeiro passo de Teodora na sua grande estratégia foi subjugar e unificar as várias fações em disputa da Igreja Oriental até que esta estivesse completamente sob a sua dominação. Em desafio ostensivo ao protocolo do Vaticano, nomeou o seu lacaio Antimo como Patriarca de Constantinopla.

Ora, Antimo é uma figura menor no quadro geral, mas estava equipado para fazer grandes malefícios neste momento. Teodora tinha-o nomeado com o propósito expresso de revogar o Decreto da Calcedónia. O papel de Justiniano, como de costume, era alegar ignorância de todo o assunto e fazer de Pilatos.

De imediato, ela entrou em conflito com o Papa Agapeto.

PAPA AGAPITO

Este digno e idoso homem de respeito viajou de Roma para Constantinopla sob o tempo rigoroso de fevereiro e, quando descobriu a total enormidade da intenção de Teodora, tornou-se o único prelado a denunciá-la na presença de Constantino:

"Com ávido anseio", informou ele o indignado Justiniano, "vim contemplar o cristianíssimo Imperador Justiniano. No seu lugar encontro um Diocleciano, cujas ameaças, contudo, não me aterrorizam!"

Esta pancada inesperada no nariz real fez Justiniano parar subitamente e, "estando totalmente convencido de que Antimo não era firme na fé, não fez qualquer exceção ao facto de o Papa exercer a plenitude dos seus poderes ao depor e suspender o intruso Antimo e, pela primeira vez na história da Igreja, consagrar pessoalmente o seu sucessor legalmente eleito, Menas." (Enciclopédia Católica, p. 203)

Infelizmente para o destino espiritual da Europa, o santo e incorruptível Agapeto morreu no mesmo ano de 536; mas deixa atrás de si um registo mais nobre e honrado do que qualquer um dos outros participantes nesta triste palhaçada.

A sua oportuna morte seguiu-se ao seu triunfo tão rapidamente que só se pode supor que Teodora foi instrumental em acelerar a sua passagem para um mundo melhor.

Com AgapIto morto, Menas foi facilmente submetido e, prestativo, condenou toda a Diocese do Origenismo em nome do Imperador.

A partir deste ponto, Justiniano sancionou obedientemente todas as purgas adicionais do Origenismo feitas por Teodora.

PAPA SILVÉRIO

Parece relevante neste ponto ilustrar a partir de uma fonte completamente independente, a Vita Silverii (Gesta Pont. Rom. I. 146), até que ponto a deificação de Teodora se tinha tornado malévola:

"Porque a Imperatriz estava a chorar pelo Patriarca Antimo, tendo o santíssimo Papa Agapeto deposto o mesmo com base em heresia e substituído o mesmo por Virgílio, ela enviou esta carta ao (sucessor de Agapeto) Papa Silvério em Roma:

'Não te demores em vir até nós, ou sem falta reconduz Antimo ao seu próprio lugar!'

E quando o bem-aventurado Silvério leu isto, suspirou e disse: 'Sei muito bem que este assunto trouxe o fim à minha vida, mas respondeu por carta à Imperatriz: "Senhora Augusta, nunca consentirei em fazer tal coisa como reconduzir um homem que é um herético e que foi condenado na sua própria maldade."

Então a Imperatriz, em fúria, enviou ordens ao patrício (General) Belisário através do diácono Virgílio: 'Procura algum motivo de queixa contra o Papa Silvério que o remova do cargo de Bispo, ou pelo menos envia-o rapidamente até nós. Tens aí o Arquidiácono Virgílio, o nosso mais amado delegado, que nos prometeu reconduzir o patriarca Antimo.'

O patrício Belisário assumiu a comissão e, sob ordens urgentes, certas falsas testemunhas apresentaram-se e fizeram efetivamente a declaração de que tinham descoberto o Papa Silvério a enviar mensagens ao Rei dos Gostos. Ao ouvir isto, Belisário recusou-se a acreditar, sabendo que estes relatos eram motivados por inveja. Mas quando muitos mais persistiram nesta mesma acusação, ele ficou com medo.

Por conseguinte, ele fez com que o bem-aventurado Papa Silvério viesse até ele no Palácio Pinciano, e colocou todo o clero na primeira e na segunda entradas e, quando Silvério e Virgílio entraram sozinhos no salão, a patrícia Antonina estava reclinada num sofá e o seu marido Belisário estava sentado aos seus pés. Antonina disse de imediato: 'Diz-me, Mestre Silvério, Papa; o que te fizEmos nós e aos romanos, para querias entregar-nos nas mãos dos Godos?'

E mesmo enquanto ela proferia estas palavras, entrou João, o subdiácono regional do primeiro distrito, que tirou o colarinho do bem-aventurado Papa Silvério do seu pescoço e o levou para uma câmara. Ali despojou-o das vestes sacerdotais, vestiu-lhe um hábito de monge e levou-o secretamente dali.

E Virgílio tomou-o sob a sua proteção pessoal, por assim dizer, e enviou-o para o exílio no Ponto, onde o sustentou com o pão da tribulação e a água da necessidade. E ele enfraqueceu e morreu e tornou-se um confessor."

Teodora mostrava-se agora nas suas verdadeiras cores, e o seu passo seguinte foi o mais feroz até então. Tornou-se a única imperatriz na história a conseguir entronizar o seu próprio Papa, Virgílio, em Roma, em 538.

Ela tinha, na prática, ascendido ao trono papal em pessoa, e é mais do que provável que esta seja a fonte da lenda da mítica Papisa Joana.

Antes de virarmos a nossa atenção para os relatos de testemunhas oculares fornecidos por Procópio, é adequado prefaciá-los com um último excerto de uma fonte independente.

Entre os historiadores credenciados da história bizantina desta época há três de importância — Agátias (530-582), João

Lídio (490-565) e Evágrio Pôntico (536-594). Evágrio, na sua História Eclesiástica (iv. 82), faz este comentário:

"Havia também uma outra qualidade latente no caráter de Justiniano — uma depravação que excedia qualquer bestialidade que se possa imaginar. E se isto era um defeito do seu caráter natural, ou se era o resultado da cobardia e do medo, sou incapaz de dizer, mas em todo o caso manifestou-se como resultado da insurreição popular de Nika."

Eis um lado do Imperador que Procópio documenta em pormenor, contudo é discretamente ignorado nas referências normais, a maioria das quais se contenta em desacreditar Procópio categoricamente e passar levemente um pincel de branqueamento sobre o diabolismo de Teodora.

A HISTÓRIA SECRETA POR PROCÓPIO

A versão das Anedotas, ou História Secreta, da qual citamos agora é um de sete volumes que incluem a História das Guerras e a História dos Edifícios (Harvard University Press), traduzida por H. B. Dewing, Ph. D., L.H.D., em 1935.

Segundo Dewing, o afável e bem-educado Procópio chegou a Constantinopla vindo de Cesareia na Palestina quando ainda era um jovem. Quase de imediato foi nomeado conselheiro jurídico e secretário particular do patrício Belisário, o mais jovem e ilustre general de Justiniano. Isto dificilmente é um privilégio concedido a um escriba anónimo de mexericos lascivos.

Na verdade, somos imediatamente confrontados por uma figura inesperadamente articulada e imponente, o historiador oficial das três guerras de Justiniano contra os persas, os vândalos e os godos, respetivamente, função na qual viajou na comitiva pessoal de Belisário e observou as guerras em primeira mão.

“Além da sua intimidade com Belisário”, diz Dewing, “deve acrescentar-se que a sua posição lhe dava a vantagem adicional de um certo estatuto na Corte Imperial de Constantinopla, e trouxe-lhe o conhecimento de muitos dos homens proeminentes do seu tempo. Assim, temos o testemunho de alguém intimamente associado à administração.

«Há que admitir que... o favor imperial não era conquistado pela franqueza; no entanto, temos diante de nós um homem que não conseguia anular-se o suficiente para fazer sempre o papel de adulador abjeto; e ele dá-nos também o reverso desta imagem brilhante nas Anedotas, ou História Secreta. Aqui, ele libertou-se de todas as restrições de respeito ou medo, e registou sem escrúpulos tudo o que tinha sido levado a suprimir ou a disfarçar na História das Guerras, por motivos de oportunidade política.

“É um registo de crimes gratuitos e devassidão impudica, de intriga e escândalo, tanto na vida pública como na privada... parece que ouvimos alguém a falar do fundo da amargura do seu coração. Deve dizer-se, ao mesmo tempo, que há muito poucas contradições de factos.

“Era intenção de Procópio escrever um livro sobre as doutrinas do cristianismo (e os debates longos e muitas vezes amargos no decorrer dos quais estas foram formuladas), como declara definitivamente no Capítulo XI 383 da História Secreta — uma promessa que repetiu no oitavo livro das Histórias XXV. 13.

“É extremamente lamentável que ele tenha sido impedido de cumprir esta promessa, pois o seu ponto de vista era o de um liberal que ficava perplexo com o fervor com que os seus contemporâneos entravam na discussão destas matérias.”

Mesmo um estudo sumário das Histórias das Guerras revela Procópio não apenas como um cronista diligente e meticuloso, mas consciente a um ponto tal que estava preparado para arriscar a ira de Justiniano ao creditar justificadamente Belisário pelo êxito das três campanhas.

Se ele prometeu escrever um tratado sobre a confusão religiosa da época, é mais do que possível que o tenha realmente escrito. O facto de estar desaparecido não aponta necessariamente para uma traição por parte dos seus inimigos, quando se recorda a viúva Lady Burton a queimar as traduções exóticas do árabe do seu marido "para manter a sua memória pura". Ainda assim, não podemos ignorar o facto de que a História da Igreja de Procópio poderia ter sido tão explosiva em conteúdo que um bibliófilo tímido, ao descobri-la numa qualquer prateleira esquecida, se veria impelido a entregá-la às autoridades em vez de a oferecer para venda a um colecionador privado.

Foi, afinal de contas, um colecionador privado que descobriu o manuscrito das Anedotas em Roma, em meados do século XIX. Escrito em grego, e intacto, tinha sido obviamente protegido com carinho durante mais de mil e quatrocentos anos. Mas, tanto quanto poderemos vir a saber, a História da Igreja desapareceu tão completamente como os arquivos da Corte Imperial em Constantinopla, que nem sequer sobreviveram à senilidade cheia de remorsos de Justiniano.

Aqueles dotados da paciência para suportar o arcaísmo do estilo de Procópio descobrirão que uma série de retratos muito reais e convincentes emergirá da História Secreta, diferindo das efigies de conveniência que adornam as referências normais. Tornar-se-á até evidente que os relatos da insónia e dos surtos esquizoides de Justiniano têm um eco perturbadoramente familiar. Siga o mesmo padrão de comportamento de Hitler — um facto

que teria sido inacessível a Dewing em 1935, o ano em que concluiu a sua tradução.

UM RETRATO DE TEODORA

Procópio fornece um relato em primeira mão tão vívido da promiscuidade sexual de Teodora que a maior parte é demasiado repugnante para inclusão aqui, embora, quando medido contra os excessos dos Césares mais degenerados, seja bastante credível. Ele continua depois com uma descrição dela após se ter tornado Imperatriz:

"Ora Teodora era bonita de rosto e, em geral, atraente na aparência, mas de baixa estatura e com falta de cor; não sendo, contudo, de todo pálida, mas antes amarelada, e o seu olhar era sempre intenso e feito de sobrolho franzido. Ela esbanjava mais cuidados com o seu corpo do que o necessário, mas nunca tantos quantos considerava adequados. Por exemplo, costumava entrar no banho muito cedo e sair dele muito tarde, e ir dali para o seu pequeno-almoço. Depois de tomar o pequeno-almoço, descansava.

Ao almoço e no jantar, contudo, tomava incontinentemente de comida e bebida, de tal modo que o sono se apoderava dela constantemente por longos períodos de tempo, não só durante o dia até ao cair da noite, mas à noite até ao nascer do sol, e embora se entregasse a todos os excessos durante uma porção tão grande desse dia, ainda reivindicava o direito de administrar todo o Império Romano.

"E se o Imperador concedesse qualquer favor a um homem sem o consentimento dela, os assuntos desse homem sofreriam uma tal reviravolta de fortuna que, não muito tempo depois, ele seria demitido do seu cargo com as maiores indignidades, e morreria de uma morte extremamente vergonhosa."

Tudo isto tem o tom de uma reportagem em primeira mão de uma ordem altamente responsável.

UM RETRATO DE JUSTINIANO

Procópio apresenta depois em pormenor a sua teoria de que tanto Teodora como Justiniano estavam "possuídos por demónios". E aqui os mesmos distúrbios maníacos que distinguiram Hitler ganham um foco nítido, mesmo que à linguagem daquela época faltasse a vantagem do idioma psiquiátrico moderno:

"E penso não ser inadequado descrever aqui a aparência deste homem. Ele não era alto de estatura nem particularmente baixo, mas de altura média, contudo não magro, mas ligeiramente carnudo, e o seu rosto era redondo e não desprovido de beleza, pois a sua tez permanecia rubicunda mesmo depois de dois dias de jejum. Mas o seu caráter eu não poderia descrever com precisão, pois este homem era tanto um feitor do mal como facilmente levado ao mal, um artista perfeito em representar uma opinião que fingia ter, e até capaz de produzir lágrimas... não por alegria ou tristeza, mas arquitetando-as para a ocasião, segundo a necessidade do momento... jogando sempre falso, contudo não descuidadamente, mas adicionando tanto a sua assinatura como os mais terríveis juramentos para vincular os seus acordos, e isso, também, ao tratar com os seus próprios súbditos...

"E dizem que um certo monge que era muito caro a Deus... partiu para Bizâncio a fim de pleitear a causa das pessoas que viviam perto do mosteiro e que estavam a ser prejudicadas de forma insuportável, e imediatamente após a sua chegada foi-lhe concedida entrada junto do Imperador. Mas, no preciso momento em que estava prestes a entrar na sua presença, tendo já colocado um pé através do limiar, recuou subitamente e deu um passo atrás.

"Ora o eunuco que era o seu condutor, bem como outros que estavam por perto, suplicaram-lhe encarecidamente que avançasse, mas ele, agindo como um homem que tinha sofrido um ataque, não deu resposta, mas partiu dali e foi para o lugar onde estava alojado.

"E quando os seus acompanhantes perguntaram por que razão ele tinha agido assim, ele declarou abertamente que tinha visto o Senhor dos Demónios sentado no trono, e que se tinha recusado a suportar a sua presença o tempo suficiente para lhe pedir qualquer coisa.

"E como poderia este homem deixar de ser um qualquer demónio perverso, que nunca tinha uma suficiência de comida, ou bebida, ou sono, mas, tomando uma prova ao acaso de tudo o que fosse colocado diante dele, caminhava pelo Palácio a horas impróprias da noite, embora fosse apaixonadamente dedicado às alegrias de Afrodite? Ele não era dado ao sono de uma forma geral, e nunca se enchia até à saciedade nem com comida nem com bebida, mas costumava apenas tocar na comida com as pontas dos dedos e seguir o seu caminho."

A personalidade dividida de Justiniano é astuta e articuladamente observada no seguinte: "Contudo, ele não corava, por essa razão, diante de qualquer um daqueles destinados a ser arruinados por ele. Na verdade, ele nunca se permitia mostrar raiva ou exasperação, para assim não revelar os seus sentimentos àqueles que tinham dado ofensa, mas com um semblante suave e sobrolho baixo, e numa voz contida, dava ordens para a morte de milhares de homens inocentes, para o desmantelamento de cidades, e para o confisco de todos os dinheiros para o Tesouro.

E deduzir-se-ia desta característica que ele tinha o espírito de um cordeiro. Contudo, se alguém procurasse interceder através de

orações e súplicas por aqueles que tinham dado ofensa, para assim obter para eles o perdão, então, enfurecido e mostrando os dentes, parecia estar prestes a explodir, de modo que nenhum daquele que se supunha ser íntimo dele tinha qualquer esperança adicional de obter o perdão desejado.

"E embora parecesse ter uma crença firme no que diz respeito a Cristo, até isto era para a ruína dos seus súbditos. Pois na sua ansiedade de reunir todos os homens numa só crença quanto a Cristo, continuou a destruir o resto da humanidade de forma insensata, e isso, também, agindo com uma pretensão de piedade. Pois não lhe parecia homicídio se as vítimas por acaso não fossem do seu próprio credo.

"E mostrarei mais adiante como... muitas outras calamidades aconteceram por acaso, as quais alguns insistiam terem ocorrido através da supramencionada presença deste demónio maligno e através do seu maquiavelismo, enquanto outros diziam que a Divindade, detestando as suas obras, se afastou do Império Romano e deu lugar aos demónios abomináveis para a concretização destas coisas desta forma.

"Assim o Rio Scirtus, ao transbordar em Edessa, tornou-se o autor de inúmeras calamidades para as pessoas dessa região, como será escrito por mim num livro seguinte.

"E terramotos destruíram Antioquia, a primeira cidade do Oriente, e Seleêucia, que fica perto dela, bem como a cidade mais notável da Cilícia, Anazarbus. E o número de pessoas que pereceram juntamente com estas cidades, quem seria capaz de calcular?

"E poder-se-ia adicionar à lista Ibora e também Amásia, que por acaso era a primeira cidade no Ponto, também Políboto na Frígia, e a cidade que os pisídios chamam Filoméde, e Licnido no

Epiro, e Corinto. E depois veio a peste também, mencionada por mim antes, que levou cerca de metade da população sobrevivente."

Substitua-se os bombardeamentos aliados na Alemanha na Segunda Guerra Mundial pelos desastres naturais, e as "vozes" de Hitler pelos demónios que "possuíam" Justiniano, e o paralelo não é nem fortuito nem despropositado. Procópio desenhou dois retratos muito reais, e parece pouco convincente reduzir as suas observações a conversa maliciosa.

O QUINTO CONCÍLIO ECUMÉNICO DA IGREJA

Teodora, tendo arquitetado o assassínio de dois Papas, esperava incutir no seu sucessor Virgílio a sua própria mania de exterminar todos os vestígios do Decreto da Calcedónia e da sua divisão de Cristo em duas entidades separadas, humana e divina. Ela falhou.

O que causou a sua morte ninguém parece saber com certeza. A Enciclopédia Britânica, dando finalmente a Procópio o benefício da dúvida, fixou a data em 547. Uma coisa é certa: Justiniano continuou a conduzir os seus assuntos exatamente como se ela ainda estivesse ao seu lado. Ele estava determinado a deificá-la e a deificar-se a si próprio, obliterando totalmente qualquer faceta da religião cristã que pudesse de alguma forma desqualificar uma vaidade tão grotesca.

Que doutrina religiosa poderia possivelmente tê-lo transtornado mais do que a lei desapaixonada de causa e efeito da reencarnação? Que outra lei poderia obliterar tanto o estatuto imperial dele como o da sua consorte no momento da morte, reduzi-los a ambos ao denominador comum de almas atrasadas, e depois empacotá-los de volta para vidas de expiação abjeta para equilibrar a balança?

O EDITO DOS TRÊS CAPÍTULOS

A jogada de abertura de Justiniano foi desenterrar uma lei civil inofensiva e esquecida, aprovada em 531, chamada o Edito dos Três Capítulos. Esta tinha-se virado indistintamente contra três bispos de autoria herética há muito falecidos, Teodoro, Teodoreto e Ibas. Este edito pouco imponente aparentemente não tinha alarmado ninguém exceto Virgílio na altura; e agora, em 553, os seus medos foram totalmente confirmados quando Justiniano achou necessário convocar o peso pesado do Quinto Concílio Ecuménico da Igreja para incorporar esta tempestade num copo de água muito menor no direito canónico.

Quando foi ao ponto de excluir do Concílio todos os bispos ocidentais, exceto seis, enquanto permitia a presença de cento e cinquenta e nove bispos orientais (todos eles, presumivelmente, fiéis monofisistas), Justiniano provocou em Virgílio uma ação tardia mas corajosa.

O Papa Virgílio exigiu que fosse dada representação igual aos bispos orientais e ocidentais, uma exigência que foi pronta e previsivelmente anulada por Justiniano.

Despojado, assim, dos seus últimos vestígios de autoridade superficial, o Papa Virgílio recusou-se a frequentar o Concílio, embora o seu motivo pudesse ter sido menos a lealdade ao Vaticano do que a preservação da própria vida. Justiniano não estava acima de acelerar o seu fim com a mesma presteza que tinha sido dispensada a Agapeto e Silvério.

Se a Igreja de Roma não estivesse impotente para se opor à supremacia militar de Bizâncio, Virgílio poderia ter proibido Justiniano de convocar o Quinto Concílio sob pena de excomunhão. Além disso, se houvesse um pouco mais da fibra

dos mártires em Virgílio, ele poderia ter suscitado protestos suficientes no Ocidente para fazer Justiniano pensar duas vezes, pois o Imperador não teria pressa em provocar uma revolta pública na escala da insurreição de Nika de 532, que ainda estava viva na sua mente. Infelizmente, tal como Becket, o seu passado estava contra ele. Ele encontrava-se em desacordo tanto com as pirotecnias de maus augúrios do seu mestre como com a sua própria consciência.

Há algo de assombroso no descuido fortuito com a manutenção dos registos do Concílio. Nenhum foi mantido. Quando o Concílio terminou numa atmosfera adequadamente obscurecida por confusão organizada e bombástico de alto som, Justiniano anunciou oficialmente que o único propósito do Concílio ao convocar-se era legalizar o bem gasto Edito dos Três Capítulos, e que isto estava agora cumprido.

O Papa Virgílio foi notificado oficialmente de que o Edito dos Três Capítulos era agora lei. E assim, para todos os efeitos e propósitos, o Concílio tinha cumprido a sua função declarada, e os Bispos partiram.

Ora o Edito dos Três Capítulos, em si mesmo, era uma questão política muito pequena. Se essa tivesse sido a única preocupação de Justiniano, ele poderia facilmente tê-lo incorporado no direito canónico sem recorrer à elaborada maquinaria de um Concílio Ecuménico em grande escala. Isto era como derrubar um pomar inteiro para apanhar uma maçã.

Se, por outro lado, o propósito do Imperador era eliminar todas as referências à metempsicose dos Evangelhos originais, ele teria muito certamente precisado do poder imponente do Quinto Concílio para disfarçar o seu malefício.

Qual era exatamente o verdadeiro propósito do Congresso? Era condenar os escritos de Orígenes, cujo efeito imediato seria, naturalmente, a obliteração do Decreto da Calcedónia de 451. É, pois, imperativo que nunca confundamos o Decreto da Calcedónia de 451 com o ridículo Edito dos Três Capítulos de 531; pois a ilusão de mão do Quinto Concílio foi concebida para enganar a vista exatamente desta forma.

Quem instigou realmente o Concílio? O espectro inquieto de Teodora. Foi o seu golpe de Estado póstumo à autonomia da Igreja Ocidental em Roma. Os monofisistas deviam doravante realinhar a igreja a partir da sua fortaleza Oriental.

Em suma, oculto sob toda a pompa e circunstância do Quinto Concílio, havia uma caça às bruxas em pleno andamento, e a sua vítima era a reencarnação em todas as suas formas platonistas, origenistas, seculares e não seculares.

Contudo, Imperador ou não Imperador, Justiniano era um leigo a adulterar o direito eclesiástico. Ao chefe titular da Igreja Romana tinha sido recusada a entrada no Concílio e apenas seis bispos ocidentais tinham sido autorizados a votar.

As conclusões do Concílio aniquilaram, naturalmente, o Origenismo na igreja cristã, mesmo que algumas seitas obstinadas, notavelmente os Trovadores do Sul de França, tivessem passado à clandestinidade por mais alguns séculos.

Além disso, o ataque a Orígenes mostrava-se agora como um ataque a todos os primeiros Padres da Igreja cujos escritos refletiam a veneração que tinham por ele. As cópias das suas obras não eram numerosas e podiam facilmente ser localizadas e expurgadas. Os primeiros evangelhos estavam em latim ou em grego, e nunca eram autorizados a cair nas mãos de leigos.

Poucos mosteiros, se é que algum, teriam tido a coragem de desafiar o seu Imperador e esconder as suas versões originais. O sistema de espionagem imperial era tão eficiente e rigoroso como qualquer um concebido por Estaline ou Hitler; teria tido registos detalhados de todas as bibliotecas religiosas. As eliminações e alterações dos Evangelhos feitas por Justiniano teriam sido concluídas em muito pouco tempo, e o mesmo aconteceria com a eliminação de toda e qualquer prova do vandalismo.

Ainda assim, certas perguntas permanecem teimosamente sem resposta. Seguramente, se o Papa Virgílio não se tivesse sentido seguro de que a igreja ocidental estava solidamente atrás dele, nunca teria enfrentado Justiniano. No entanto, ele opôs-se ao Concílio.

Se é esperado que acreditemos que a total simpatia dos bispos ocidentais estava solidamente atrás do dogma monofisista, por que razão deveria Justiniano ter chegado a tais extremos para os barrar do Quinto Concílio? Seguramente que os teria acolhido de bom grado?

Por que processo chegou o Vaticano eventualmente à conclusão de que o seu Papa tinha aprovado voluntariamente os anátemas e os tinha aceite oficialmente como direito canónico?

A ausência de todos exceto seis bispos ocidentais no Concílio dificilmente foi calculada para incutir no coração da Igreja Mãe uma confiança repentina nos seus inimigos mais acérrimos, Teodora e Justiniano. Estava o Vaticano preparado para se submeter à intimidação deles para toda a eternidade?

O medo do braço vingador de Teodora é compreensível durante a sua vida... mas na sua velhice Justiniano desintegrou-se num velho desmoralizado e gagá, arrependendo-se dos seus caminhos e procurando desesperadamente a absolvição. Por que

razão nunca o assunto foi reexaminado por um Concílio Ecuménico devidamente autorizado?

A Enciclopédia Católica informa-nos de que Virgílio e os quatro Papas que o sucederam dão reconhecimento apenas ao Edito dos Três Capítulos quando se referem ao Concílio, e falam do Origenismo como se nada soubessem da sua condenação.

Quinhentos anos mais tarde, em 1054, as igrejas Romana e Grega excomungaram-se mutuamente. Seguramente nenhuma divisão de ideologias poderia ser mais total? Mas outro aspeto intrigante da supressão é a ambivalência mostrada pela igreja grega no Concílio de Florença durante o Renascimento. Jorge Gemisto, presente como delegado da Igreja Grega, instou Cosme de Médici, então no auge do seu poder, a formar uma Academia Platónica em Florença. Isto serviu para introduzir a metempsicose na filosofia europeia, mesmo que a Igreja permanecesse firmemente sem se envolver.

O comentário cáustico de Voltaire de que "hoje os católicos romanos acreditam apenas nos concílios aprovados no Vaticano, e os católicos ortodoxos gregos acreditam apenas naqueles aprovados em Constantinopla" implica uma inversão irónica de lealdades ao Platonismo. Roma teve de o condenar antes que os gregos o conde
assem, mesmo que eles, também, ainda o excluíssem do seu credo.

Isto equivale a dizer que as verdadeiras conclusões do Concílio, nunca tendo sido submetidas à Igreja de Roma, nunca foram portanto ratificadas por ela. O Concílio não tinha sido mais do que um elaborado jogo de mãos para ocultar um conclave muito mais íntimo que tinha sido realizado em segredo alguns dias antes. Nesta cabala secreta, segundo a Enciclopédia Católica, "os bispos já reunidos em Constantinopla tiveram de considerar,

por ordem do Imperador, uma forma de Origenismo que praticamente nada tinha em comum com Orígenes, mas que era professada, sabemo-lo, por uma das partes origenistas na Palestina."

A Enciclopédia conclui com a afirmação de que os bispos subscreveram obedientemente aos quinze anátemas propostos pelo Imperador contra Orígenes, e que Teodoro de Escitópolis, um origenista admitido, foi forçado a retratar-se. Mas (e podemos atribuir o significado mais vital ao seguinte) "não há prova de que a aprovação do Papa, que nessa altura protestava contra a convocação do Concílio, tenha sido pedida. É fácil compreender como esta sentença extraconciliar foi tomada, num período posterior, por um decreto do verdadeiro concílio ecuménico."»

«* Ver apêndice A.»

— Para quem é que é assim tão fácil de compreender?

Durante os quase mil e quatrocentos anos decorridos desde o Concílio, nenhuma autoridade eclesiástica submeteu o problema a exame, ou sequer demonstrou o mais leve desejo de o fazer.

Head e Cranston, na sua obra Reincarnation, An East-West Anthology, fornecem este categórico resumo:

"Parece claro que... os estudiosos católicos estão a começar a desmentir que a Igreja Romana tenha tido qualquer parte nos anátemas contra Orígenes; sugerindo que, durante os muitos séculos em que a Igreja acreditou ter condenado Orígenes, esteve enganada.

"Contudo, um resultado desastroso desse engano ainda persiste; nomeadamente, a exclusão do credo cristão do ensino da pré-existência da alma e, por implicação, da reencarnação."

CAPÍTULO DOZE

OS JULGAMENTOS DAS BRUXAS DE SALEM: A "ÉTICA PURITANA" NA PSIQUE AMERICANA

É compreensível que as referências aos Julgamentos das Bruxas de Salem, em 1692, recebam um destaque especial nas Leituras de Vida, na medida em que foram os primeiros exemplos de perseguição religiosa a deixar as suas marcas indeléveis tanto no Novo Mundo como nas almas humanas que neles se viram envolvidas.

Catorze homens e cinco mulheres foram enforcados, e um homem foi esmagado até à morte por se recusar a declarar-se inocente ou culpado. Outros cinquenta e dois só escaparam por se terem tornado informadores denunciando os inocentes, e quando as autoridades finalmente recobraram a sanidade, cento e cinquenta pessoas ainda definhavam na prisão.

Aqui, uma vez mais, as "cicatrizes estendem-se ao longo dos séculos". A impressão geral transmitida pelas Leituras é a de que, entre os homens, mulheres e crianças inocentes que foram perseguidos, existia um núcleo de devotos visionários e de clarividentes autênticos.

De forma muito significativa, os casos que figuram nos arquivos de Cayce estão quase todos ligados, de algum modo, a problemas psíquicos no presente. Neste primeiro exemplo, encontramos o carma físico e emocional a convergir novamente.

O CASO DO SUBMERSÓRIO DE BRUXAS

Há cerca de trinta anos, uma membro da A.R.E. solicitou ajuda urgente para a sua irmã, Moira Schaeffer. Uma artista em dificuldades de trinta e três anos, com uma natureza tímida,

introspetiva e de certo modo dada à autocomiseração, Moira tinha sido convidada para uma festa no Greenwich Village onde iria conhecer "artistas e negociantes de arte que a ajudariam a impulsionar a sua carreira". Ela acabou por regressar a casa num estado de choque traumático que se deteriorou tão rapidamente em violência exercida que se tornou necessário interná-la numa instituição para doentes mentais.

No seu delírio, ela gritava constantemente em terror que alguém a tentava magoar, e tinha um medo abjeto de ser visitada novamente pelo "homem do guarda-chuva preto".

A sua Leitura de Vida fê-la regressar à Nova Inglaterra ao tempo da caça às bruxas. Aqui, Cayce encontrou-a como Mana Smyrth, possuidora num grau menor de um talento para a clarividência que rapidamente a levou ao banco dos réus. A sua sentença foi comparativamente leve. Foi condenada a uma série de submersões públicas para bruxas. Mas tais submersões eram muitas vezes suficientemente brutais em si mesmas para causar afogamento acidental, e Mana Smyrth emergiu do seu calvário amargurada e vingativa.

"A Entidade sofreu sob essas perseguições e foi frequentemente submetida através das experiências de submersão.

"Assim, a Entidade herda influências tanto boas como más a partir disso mesmo no presente. Aqui encontraremos a necessidade de serem tomadas posições definitivas. Embora a Entidade tenha medo da água em certo sentido, descobrimos que a água — ou a cor e a água — deve ser uma forma, um meio ou um canal para uma expressão maior."

A intensidade do seu ódio e da sua raiva anulou quaisquer ganhos que pudesse ter feito ao perdoar aos seus inimigos. Ao abusar assim da Lei da Graça, viu-se enredada uma vez mais nas

leis cármicas de causa e efeito, onde uma boa dose de assuntos pendentes a aguardava de uma vida como artesã numa distante encarnação árabe. “Muita perturbação física e mental surgiu através desse período”, disse-lhe Cayce, “e contudo — como a Entidade descobriu, mesmo nessa altura — uma saída maior para as suas capacidades de retratar o belo na arte. Assim pode ela encontrar o mesmo no presente.”

Apesar desta nota de esperança, o caso permaneceu obstinado em todos os seus aspetos. A Leitura Física de Moira indicava que danos sofridos na sua coluna vertebral estavam a causar a demência, mas era difícil persuadir as autoridades do hospital a retirá-la da enfermaria dos “violentos e incuráveis” ou a autorizar alinhamentos osteopáticos. O seu peso tinha descido para os trinta e seis quilos. No seu alheamento total, ela não reconhecia ninguém.

Contudo, Edgar foi tão veemente em como ela devia ser ajudada a todo o custo que David Kahn, um membro sénior da A.R.E. em Nova Iorque, usou de toda a autoridade que pôde exercer. E, após uma longa e laboriosa sucessão de apelos e pequenos milagres, a jovem foi eventualmente restituída à sanidade e à saúde com a ajuda de tratamentos osteopáticos.

A sua carreira como artista assumiu plena dimensão quando a sua Leitura lhe disse que ela tinha sido outrora aprendiz no atelier do famoso artista Peter Paul Rubens (1577-1640), e que, se se mantivesse fiel à escola de pintura dele, o seu próprio estilo evoluiria com êxito. A sua carta de gratidão a Edgar Cayce contém este comovente excerto: “Sinto-me tão mais feliz em espírito desde que recebi a Leitura. Parece incrível que qualquer ser humano possa ver e sentir as coisas da maneira como o senhor faz!

A influência de Rubens já tinha sido notada no meu trabalho antes, o que torna isto muito convincente; vou estudar a obra e o período de Rubens, o que já fiz, de certo modo, em Boston. ... Rubens era um mestre da pintura a óleo. Quanto à aquarela, é peculiar a forma como as coisas se organizam. Sempre tive algum medo de muita água e, no entanto, como o senhor disse na Leitura, é aí que entra a pintura a aquarela."

Nenhuma prova surgiu no sentido de apurar a natureza exata do ultraje a que ela foi submetida, mas a impressão da sua irmã, tendo escutado o seu delírio, era a de que uma forma maligna de hipnotismo tinha sido usada antes da violência mais brutal.

Se assim foi de facto, haveria aqui o efeito de ricochete de uma "bruxa" de Salem vingativa a amaldiçoar os seus atormentadores com mais potência do que aquela que ela própria sabia possuir? E ter-se-á ela assim apanhado na sua própria armadilha? Pois amaldiçoar outro é ser amaldiçoado por si mesmo.

Dois homens de mérito aparecem nas Leituras cuja existência pode ser confirmada, embora se deva ter em mente que a grafia nesses dias era muitas vezes arbitrária e fonética — John Dane, que tomou parte na perseguição geral, e o Rev. James Allen, um pastor que tentou defender os perseguidos.

John Dane (ou Dain) estava "entre aqueles que primeiro desembarcaram naquele país agora conhecido como Massachusetts, e entre aqueles chamados puritanos. A Entidade ganhou através do serviço prestado a outros, e através da aplicação pessoal ao desenvolvimento (espiritual) no corpo e na mente; pois a Entidade suportou muito sofrimento durante esse período."

Um aspeto de interesse relativamente a esta encarnação é a referência na Leitura à vida anterior de Dane como um monge inglês que tinha permitido que "as fraquezas da carne" o levassem a quebrar os seus votos. Ele estava obviamente a expiar isso mesmo na sua vida como Dane.

Pelo menos dois livros contêm referências históricas a ele como membro do júri que julgou as chamadas bruxas: More Wonders of the Invisible World, publicado por Robert Calef em 1700; e Witchcraft por Charles Williams, publicado por Faber and Faber, Londres, no qual há um relato de como um grupo de jurados "assinou uma declaração onde se pedia perdão por ter tido participação nas perseguições."

Entre esses nomes estava o de John Dane.

O Reverendo James Allen foi um ministro religioso tanto em Salem como em Providence Town, "e pode encontrar-se ainda, na parte exterior de Salem, o monumento, ou a pequena lápide, aqui de Allen, o ministro desta igreja."

A Leitura afirma que Allen foi perseguido pela sua tentativa de defender aqueles dos seus paroquianos que "tinham vindo para uma terra livre para que pudessem prestar culto ao seu Deus segundo os ditames da sua própria consciência.

"Contudo, a Entidade em si mesma ganhou ao longo de toda a experiência. Embora banido, ele foi amado por todos aqueles a quem serviu no corpo e na mente durante essa permanência, trazendo para si mesmo nos seus últimos dias o louvor de todos os que tinham conhecimento das perseguições que ele tinha suportado.

"E para esta Entidade, este é o teste da fidelidade da alma mesmo no presente."

A existência de Allen é confirmada em Records of Salem Witchcraft, Vol. 2, por Elliot Woodward, mas o cemitério onde foi sepultado foi deixado ir para a ruína. Ainda assim, segundo a Leitura, a sua própria pedra tumular está ainda intacta e decifrável, mesmo que faça agora parte de uma parede ou do chão de uma sacristia.

Ambos os homens se saíram bem nas suas vidas presentes, tendo retido a compaixão e a tolerância que exerceram durante as perseguições. Mesmo Dane, embora tivesse tido assento no júri que condenava à forca, tinha ousado ser tão justo quanto podia, e mais do que uma pobre criatura deve ter devido a sua vida ao voto que Dane emitiu a seu favor.

AS AÇÕES TRAZEM AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

A seguir chegamos ao caso complexo que poderia ter saído da pena de Poe ou de Hawthorne. No início dos anos trinta, a Leitura de Ezra Brandon, de vinte e cinco anos, casado e com uma família jovem, sobrepôs-se à de Marion Kramer, solteira, uns anos mais velha do que ele.

Brandon sofria de psoríase, desencadeada por uma lesão nas costas, mas a sua Leitura Física tinha feito muito para a aliviar.

Marion dedicava-se ativamente ao arcano. Possuindo um talento modesto para a clarividência autêntica, ela estava a "espalhá-lo por aí" através de um uso dramático da escrita automática e de sessões impressionantes com o tabuleiro ouija. A sua natureza era inquieta, travessa; a sua consideração pelos sentimentos dos outros, nula. Quando conheceu Ezra Brandon, desenvolveu por ele uma obsessão sexual à qual ele respondeu.

Direcionando a sua concentração para as fraquezas dele, em breve o atordoou com a sua personalidade dominante: o tabuleiro ouija assegurou-lhe que eles eram “almas gémeas” que pertenciam um ao outro, e incitou-o a libertar-se dos seus laços de casamento. A mais pequena réstia de verdade fundamentava a sua ilusão teatral de mão, mas foi o suficiente para fisgar o crédulo Brandon.

Ambos desconsideraram os avisos implícitos nas suas Leituras. Brandon divorciou-se da mulher e abandonou a família. No momento em que ele e Marion se tornaram marido e mulher, a desgraça, que até aí se tinha mantido em suspenso, desabou sobre ele. Não só o seu sustento se desmoronou sob uma série de desastres, como a sua má saúde regressou, para nunca mais o deixar e para eventualmente pôr fim à sua vida.

À primeira vista, esta era o tipo de tragédia aborrecida que ocorre todos os dias em todos os níveis da sociedade. Mas neste caso era o desenrolar de uma relação sórdida que tinha começado em Salem quase trêscentos anos antes.

Lá, o casal era novamente marido e mulher, mas o homem, como Jacob Bennet, perseguiu as mulheres acusadas de bruxaria com um zelo doentio, não fazendo exceção da sua mulher quando esta foi descoberta como sendo uma das vítimas “e muitas vezes foi mergulhada — e uma vez colocada no tronco — pelas suas atividades.”

Tanto Marion Kramer como Ezra Brandon tinham regressado com potencialidades positivas. Foi dito a Marion que a sua capacidade poderia ter sido canalizada de forma construtiva para alguma forma de terapia leiga, trabalhando em conjunto com a psicanálise ou a psiquiatria, e foi dito a Ezra que o seu remorso pela sua intolerância em Salem poderia ser facilmente direcionado para o trabalho social e religioso nesta vida.

O que os voltou a acorrentar um ao outro e arruinou as suas vidas presentes, então? Claramente a incapacidade de perdoar, por parte de Marion — o desejo de se vingar pelas crueldades nas quais o seu marido tinha desempenhado um papel tão grande como Jacob Bennet. Ao reverter para uma vida na Grécia que tinha desperdiçado a satisfazer a carne quando possuía uma beleza física invulgar, ela usou uma coerção puramente sexual para o enredar.

E por que razão tinha ele permitido passivamente que ela destruísse a sua vida? Ele esteve em vias de recuperar fisicamente; não tinha tido um casamento infeliz. Foi quase uma submissão passiva à destruição. Nenhum livre-arbítrio foi usado; na verdade, foi abusado. Nesta atmosfera de árido niilismo, a Lei da Graça não podia existir: portanto, ambos foram deixados à mercê da lei de causa e efeito.

OS BONS AMIGOS

Contudo, o bem podia vir de Salem, e nunca mais de forma tão segura como veio na seguinte relação. Diz respeito a uma mulher casada e ao seu cunhado, ambos com o nome de Alden. Ele era o assistente de um operador de submersão, mas achava a sua tarefa tão completamente repugnante que finalmente declarou a sua simpatia pelos oprimidos. No caso da mulher, “ela sofreu no corpo pelas perseguições trazidas ao seu lar. As privações caíram sobre a Entidade, e ela guardou rancor contra aqueles que tinham trazido sofrimento aos seus entes queridos.

“No presente tem havido sempre um temor inato daqueles que são professores, ministros religiosos, ou quaisquer que professem associação com fontes invisíveis,” e um pavor de que pudessem sofrer danos por expressarem as suas verdadeiras opiniões.

Teria ela sido acusada de bruxaria por associação? Os inocentes sofrem invariavelmente duas vezes mais cruelmente do que os culpados em tempos de perseguição pública, e raramente ou nunca recebem reparação. Seja qual for o caso, ela estava a gerir uma pensão em Norfolk quando foi acolhida por Edgar Cayce devido à intensidade sincera do seu poder de rezar. Como membro do grupo de oração da A.R.E., ela desenvolveu a rara capacidade de "curar com as mãos".

Nesta vida, o seu cunhado nasceu como cidadão alemão e, na adolescência, serviu como soldado de infantaria na Primeira Guerra Mundial. Durante a derrota final da Alemanha, ficou gravemente ferido e foi deixado a esvair-se em sangue num campo de batalha deserto. Durante toda a noite, contudo, as suas feridas foram estancadas e ele foi mantido vivo por um ser sobrenatural luminoso. Ele tomou-o como sendo o seu Anjo da Guarda — (e o seu caso não é de modo algum um exemplo raro deste tipo de fenómeno na guerra de 1914-18) — pois ele foi um dos primeiros feridos a ser descoberto pelos maqueiros ao alvorecer do dia seguinte.

Subsequentemente, emigrou para a América, e o destino levou-o com firmeza de passos para a pensão em Norfolk onde foi calorosamente acolhido pela cunhada dos antigos dias de Salem, agora uma viúva de cinquenta e oito anos. Através dela, obteve uma Leitura de Edgar Cayce e até estudou na malfadada Atlantic University que foi organizada em conjunto com o Edgar Cayce Hospital, e que da mesma forma se afundou com o crash de 29.

Cayce foi capaz de esclarecer que o Anjo da Guarda do jovem não era um anjo no sentido scriptural, mas sim um dos Vigias, ou Ajudantes, que fizeram progresso espiritual suficiente para serem capazes de vir em auxílio dos mortais enquanto eles próprios estão na dimensão seguinte, a aguardar o renascimento.

Esta alma avançada tinha sido capaz de retribuir, na totalidade, a piedade e a bondade que Alden tinha mostrado para com as vítimas da perseguição em Salem. Este é um exemplo tão bom como qualquer outro da Lei da Graça em ação, a sobrepor-se a todas as leis menores de causa e efeito cármico.

Outra nota positiva é dada no caso da mulher que tinha escapado de Salem para a Virgínia como "a Bruxa, Jane Dundee", e embora a perseguição e a rejeição de um ou outro tipo a tivessem seguido mesmo até lá, ela continuou firmemente a fazer o bem que podia até à sua morte. A sua Leitura informou-a de que tinha sido uma das crianças doentes curadas por Cristo durante a Sua vida, e que o desejo de curar tinha persistido ao longo do resto das suas vidas, desafiando o laço do carrasco em Salem e manifestando-se agora num poder para "curar com as mãos".

A impressão geral dada pelas referências a Salem nas Leituras é a de que o grupo de almas que aí encarnou tinha partilhado um ciclo de reencarnação que incluiu a França (desde as Cruzadas até à Revolução) e a Palestina no tempo do Mestre; depois a Grécia, o Egito pré-histórico e o enigmático e sombrio continente da Atlântida. Aquelas almas que tinham respondido instintivamente à pregação de Jesus tendiam a exibir uma forte fibra espiritual e coragem durante os julgamentos de Salem. Onde e quando podiam, esforçavam-se por trazer de volta a sanidade e a tolerância.

Aqueles que se deram mal em Salem tinham frequentemente um historial de intolerância, com início na Atlântida, que os levou diretamente às suas desgraças em Salem. Mas é reconfortante observar quantos tiraram proveito dos seus erros e regressaram ao século vinte preparados não só para viver e deixar viver, mas para se tornarem úteis aos seus semelhantes.

Captam-se flashes vívidos do efeito de Salem numa alma em particular por referências ocasionais como estas:

... A Entidade era então uma tal Sally Dale, que perdeu a vida através da constipação apanhada pelo mergulho... justificando no presente o seu medo de "alguma vez se permitir expressar plenamente aquilo que sente no seu íntimo, ao tratar de assuntos tais como a bruxaria."

... Sob o nome de Marie Smith... ouviu e viu visões que eram as imaginações de uma mente distante de casa (isto refere-se às histórias fantásticas de uma escrava das Índias Ocidentais) que tinha ouvido no gemer das florestas um sinal de que as almas das pessoas continuam a viver.

"No presente, isto pode trazer uma curiosidade, um querer saber — sim, o escutar de trechos de conversa não muito agradáveis — pois muitas vezes ouvirás aquilo que, se não ficasse ouvido, te teria tornado muito mais feliz..."

... Sob o nome de Elsie Pepper... estando entre aqueles que desafiaram aqueles que, conforme denominado por Ele, eram lobos em pele de cordeiro. Daí o interesse no presente por todas as coisas dessa natureza (bruxaria) — e não admira que tenha havido tais sonhos e visões!

... A Entidade era um tal Bill Edmundson, que desvalorizou, contudo vivenciou essas associações próximas com espíritos presos à terra, ou Entidades, que não tinham encontrado o Caminho. Contudo a Entidade colocou isso de parte, sem analisar ou fazer muito a respeito do assunto. A Entidade era então um comerciante intimamente associado a alguns dos Ministros religiosos e conselheiros... assim descobrimos que os interesses comerciais, a capacidade de falar em público, e aquelas coisas pertencentes a forças ocultas ou psíquicas, são uma parte da

experiência presente. E todas estas coisas têm o seu lugar, mas a Entidade não se deve tornar demasiado rábica, ou censurar sem a devida consideração pelos outros. Pois a liberdade de expressão não dá a nenhum indivíduo o direito de falar mal do seu próximo. Antes dá a privilégio de se ser uma influência construtiva através da palavra, do pensamento e da ação da própria pessoa. E assim é a liberdade verdadeiramente livre, conforme a verdade a faz ser!

... "Durante as perseguições daqueles que tinham espíritos familiares, ou daqueles que viam, ouviam e compreendiam muito do que está fechado aos homens de mente material; a Entidade foi considerada demasiado tolerante com aqueles do sexo oposto que partilhavam de tal experiência, e sofreu tanto no corpo como na mente. No presente (a memória de) tais experiências provocam calafrios na região da pineal e do seu centro, como que estremecimentos, tremores, ou abalos; e a tristeza entra no ser mental. Estes, se aplicados ao serviço de um ideal, podem tornar-se valiosos."

... "A Entidade perseguiu aqueles que tinham visões ou sonhos, ou aqueles que eram considerados como tendo espíritos familiares. Contudo, quando aqueles do seu próprio lar foram contados entre os que tinham visto visões e ouvido vozes, a Entidade encontrou confusão até em si mesma. Daí que no presente se possa ver o interesse por coisas de natureza psíquica, oculta ou científica. Contudo, estas apenas confundem. Cuidado com os mistérios que podem não ser práticos na experiência material, mas cuidado de igual modo com aqueles que fariam das suas experiências da alma — ou psíquicas — algo de tão prático a ponto de impedir o próprio desenvolvimento espiritual da alma!"

"UMA ESPÉCIE DE SADUCEU"

Um certo mistério surgiu em torno de uma vida em Salem atribuída a um membro da A.R.E., "então sob o nome de Robert

Calvert. A Entidade deu azo a muitas interrogações, e atuou na qualidade de juiz nos dogmas das próprias relações ortodoxas da igreja, do estado, do povo."

O recetor da Leitura escreveu prestavelmente o seguinte a Gladys Davis Turner:

"Durante meses, pesquisei nos registos por um Robert Calvert que correspondesse à descrição. Os únicos representantes desse nome no Novo Mundo estavam associados a Maryland, não a Massachusetts. Não havia nenhum Robert entre eles, e a linha de descendência não se estendeu além dos próprios originais, sendo eles solteiros e não tendo herdeiros.

"O índice de The Devil in Massachusetts não revelou nenhum Robert Calvert, mas listou um Robert Calef, cujo caráter e atividade se ajustavam exatamente aos pormenores apresentados na Leitura.

"Ele era um comerciante de Boston, referido de forma algo depreciativa como tecelão, que muito certamente deu azo a muitas interrogações e atuou na qualidade de juiz.

"A discrepância do nome é facilmente explicada como um erro de transcrição, dado que os símbolos estenográficos são bastante semelhantes, e a substituição de um nome não familiar por um familiar pareceria bastante natural. Acredito que ninguém hesitaria em dizer que Robert Calef era o homem cujo registo era referido.

Ele nasceu em Inglaterra em 1648 e veio para Boston algum tempo antes de 1688 com a sua família.

Dois dos seus oito filhos nasceram após a sua vinda para Boston, sendo o seu filho mais velho, em 1693, médico em

Ipswich. Além dos seus negócios e da sua justificável intromissão na questão da bruxaria, Calef foi, de 1692 a 1710, oficial de justiça, inspetor de pastagens e vedações, inspetor de estradas, escrivão do mercado, provedor dos pobres, avaliador de impostos e inspetor do dízimo! Retirou-se para a sua própria propriedade em Roxbury, Massachusetts, onde morreu e foi sepultado no antigo cemitério em frente à sua casa, a 13 de abril de 1719, aos setenta e um anos.

"Ele parece ter sido uma das poucas cabeças sãs no local e, tecelão ou comerciante de tecidos quer fosse, não hesitou em fazer as suas próprias observações e tirar as suas próprias conclusões. Nem hesitou em questionar repetidamente as decisões, a teologia e o raciocínio dos dois Mather, Cotton e Increase. E, quando eles não lhe deram satisfação, apelou para o clero em geral. Seguiu o livro Wonders of the Invisible World de Cotton Mather com um livro da sua autoria, More Wonders, que foi reimpresso cinco vezes e é hoje reconhecido como a obra de um indivíduo maduro e de intenções justas, possuidor de uma mente ordenada.

"Abster-me-ei de um elogio pessoal desmedido (embora esteja inclinado a isso) pelo facto de o pai Increase, como Presidente de Harvard, ter queimado o livro deste homem no Pátio de Harvard, e o filho Cotton lhe ter chamado 'uma espécie de Saduceu nesta cidade'. E ter trazido ao de cima o verdadeiro caráter infantil e fanático destes dois teólogos é em si mesmo um galardão de louvor e um vestígio de conforto!

"Talvez seja presunçoso e precipitado, mas estou orgulhoso de Robert Calef — ele é exatamente o tipo de homem que não só eu gostaria de ter sido, mas o tipo que ainda quero continuar a ser durante algum tempo!

“Poderia ser mais difícil, contudo, para outro ver a ligação entre o que Cayce diz das virtudes e vícios pertencentes a Calef que ainda se mostram na personalidade presente. Mas sinto que eles estão lá.

“Daí aquelas influências no presente nas quais a Entidade descobre que quase alcança e, contudo, há uma influência ou uma força aparentemente fora ou além do seu controlo... pois conforme a Entidade mediu para os outros, assim a Entidade se encontra a si mesma no presente.’

“A explicação exata de qualquer coisa é tão importante para mim como sempre. Embora hoje nem sequer seja bem-sucedido como comerciante de tecidos; e sendo totalmente inexperiente como inspetor, guarda de pastagens, oficial de justiça ou provedor dos pobres; ainda assim bater-me-ei com qualquer um no que toca a manter o registo correto. E quero colocá-lo no papel também, exatamente da maneira como o vejo — passo a passo — mesmo à custa de parecer tedioso e rabugento!

“Além disso, continuo não regenerado e um pouco de cerviz dura: sou um libertino em trajes de puritano — e os ‘Mather’ deste mundo e eu continuamos de relações cortadas! Talvez eles tivessem razão e eu seja uma espécie de Saduceu!”

CAPÍTULO TREZE

AS REPERCUSSÕES DA PROCURA DE BRIDEY MURPHY

Os três homens que mais fizeram para popularizar a abordagem de Edgar Cayce à reencarnação foram o falecido Thomas Sugrue, que o conhecia e o amava como a um pai; Morey Bernstein, que veio para Virginia Beach após a morte de Edgar Cayce com a intenção expressa de o expor como uma fraude; e, mais recentemente, Jess Stearn.

Sugrue obviamente não precisa de apresentação aqui, e o livro de Stearn, The Sleeping Prophet, fala por si próprio.

Bernstein era um jovem intenso e dedicado, com meios independentes, cujo estudo médico da hipnose o levou eventualmente a There Is A River. Em Pueblo, Colorado, descobriu uma jovem dona de casa, Ruth Simmons, que era tão suscetível à sugestão hipnótica que ele foi capaz de a fazer regressar à vida de uma mulher camponesa irlandesa que tinha vivido em Belfast na primeira metade do século dezanove.

Bridey Murphy estava assim destinada a reviver uma existência obscura e sem acontecimentos notáveis à vista de todo o público americano, e durante alguns anos reinou como rainha das parangonas dos jornais. Em 1956 Bernstein publicou The Search for Bridey Murphy, um relato das sessões hipnóticas. A seu favor deve dizer-se que Bernstein estava totalmente despreparado (tal como o resto das pessoas envolvidas) para a sensação do dia para a noite em vendas de livros em que a obra se tornou. Estava igualmente despreparado para a reação dolorosa que um êxito tão vulgar provocou nos escalões mais conservadores das várias elites estabelecidas; e a retribuição não tardou a cair sobre a sua cabeça.

Durante algum tempo, o furor provocado pelo livro ameaçou trazer o descrédito a todos os envolvidos, mesmo àqueles remotamente associados ao processo. E porque Edgar Cayce aparecia em destaque no primeiro terço do livro, os objetivos da A.R.E. poderiam ter sofrido um revés público se a campanha contra a reencarnação em todas as suas formas tivesse tido êxito nos seus intentos.

Por esta razão, o incidente de Bridey Murphy justifica mais do que uma referência de passagem no presente volume.

No seu zelo em obter a história completa, apresentou as suas perguntas com a imparcialidade de um procurador determinado a tirar a verdade de uma testemunha recalcitrante, esquecendo-se completamente de que o QI de um tipo de serva sem instrução do início do século XIX tinha menos do que nada em comum com o QI de Ruth Simmons.

Bridey, ao ser-lhe permitido pela primeira vez expressar-se, ficou mais do que encantada. Tagarelou alegremente, lisonjeada por ser o centro de uma atenção de que nunca tinha desfrutado em carne e osso. Estava ansiosa por ser estimada e por causar uma boa impressão, e estava naturalmente relutante em expor-se como uma camponesa analfabeta. Promoveu o seu marido e a sua família à classe média-baixa que ela obviamente tinha tido sempre em admiração e inveja nostálgicas. (Na verdade, ela devia estar tão baixo na escala social como a mulher de um cocheiro ou o mensageiro de um solicitador de Belfast.) A sua jactância, infelizmente, embora apenas humana e certamente perdoável, desmoronou-se sob os métodos de detetor de mentiras de Bernstein.

À medida que se escutam as gravações, ganha-se consciência do seu desconcerto gradual e, depois, do seu pavor ativo, à medida que se vê a ser interrogada por “membros hostis da classe

alta". As pequenas mentiras inocentes que tinha contado foram-lhe atiradas à cara, dando a entender que nada do que ela tinha dito estava a ser creditado. Com a relutância dela em ser exposta e ridicularizada, uma relutância simpática começou a evidenciar-se em Ruth Simmons numa escala mais subtil. Ela começou a impacientar-se com a imposição feita pelas sessões na sua própria vida, e Bernstein viu-se reduzido a ter de lhe implorar que continuasse.

É significativo que em todos os pormenores menores que se poderia esperar que uma serva sem instrução soubesse, Bridey estivesse a confirmar-se bem. Nomeou corretamente lojas na cidade, a literatura popular de leitura corrente, (que ela pessoalmente nunca poderia ter lido), o tipo de refeições que servia, as expressões coloquiais para artigos domésticos, e expressou distintamente o seu temor do Padre Gorman, o pároco, aparentemente um clérigo jovem bastante distante com esperanças decrescentes de coisas melhores do que uma paróquia empobrecida.

A solidão nua e árida da existência dos pobres naquele século transparece nas gravações em medida sóbria. Bridey não tinha quase prazeres de que falar e uma enorme quantidade de escravatura sem recompensa. Morreu de pura exaustão, precocemente envelhecida, acobardada na morte como o tinha sido na vida, incapaz de fazer notar a sua presença ao seu marido senil e igualmente incapaz de progredir além do mundo astral primitivo que atravanca o perímetro exterior da vida.

Neste "purgatório dos desfavorecidos", a vida após a morte assumia a Monotonia de formas de pensamento de um albergue de trabalho ou asilo de pobres num crepúsculo permanente. E num dos seus momentos menos diplomáticos, Bernstein incluiu no livro a referência de Bridey a um encontro neste nível com o Padre Gorman, tão atordoado e desorientado como ela própria.

(Isto, naturalmente, ofendeu as sensibilidades dos nossos clérigos da atualidade que mais tarde viriam a denunciar o livro a partir dos seus vários púlpitos.)

Dois fenómenos extremamente comoventes devem ser mencionados aqui. À medida que o mal-estar e o desconcerto de Bridey com o interrogatório cruzado de Bernstein aumentavam, ela recorria cada vez mais a tentativas deprimentes de o apaziguar. Desenvolvia uma constipação conveniente que a fazia tossir quando as perguntas dele se tornavam demasiado agressivas, ou queixava-se de que o seu pé estava a doer devido a uma entorse sofrida ao dançar um giga irlandês.

Depois, para o final das sessões, à medida que as perguntas se concentravam mais nos últimos anos de Bridey Murphy, emergiu de Ruth Simmons uma voz que nem a mais consumada atriz poderia ter simulado. Era o lamentar cansado de garganta frouxa de uma mulher de sessenta anos, resignada a falar com um palato sem dentes e agora completamente reconciliada com a pobreza abjeta e a miséria física. O sotaque estava limitado às vogais chatas e inimitáveis dos bairros de lata de Belfast — um sotaque que nunca atravessou o Atlântico, na medida em que nunca é usado por atores americanos. (Tudo isto ficou preservado em fita magnética.)

Se Ruth Simmons fizesse parte dos génios vocais, ainda assim não teria tido meios de recriar estes sotaques conscientemente. E Ruth Simmons não passava de uma atriz amadora razoavelmente adequada.

O padrão de comportamento de Bridey nestas últimas gravações é mais convincente do que cinquenta provas técnicas de que esta ou aquela rua existia em Belfast naquela época, ou se Bridey em criança se referia à sua cama como uma “cama de ferro” ou uma “boa cama”.

Se Bernstein tivesse sido o raposão manhoso que a imprensa lhe chamou, nunca teria sido tão ingénuo ao ponto de publicar o seu livro antes de ter acumulado um fundo sólido de provas. E para obter essas provas, ele teria primeiro de permitir que um psicólogo treinado e tático fizesse as perguntas a Bridey, e teria tido de se enterrar durante pelo menos seis meses ou um ano em Belfast, atolado até às orelhas nos registos do século dezanove.

Mesmo que ele tivesse feito tudo isto em medida avassaladora, ainda é incerto se a receção do livro teria sido mais aberta.

Os factos foram objetivamente analisados e apresentados por C. J. Ducasse, Professor Emérito de Filosofia da Universidade Brown, Rhode Island, no seu livro A Critical Examination of the Belief in a Life after Death, publicado por Charles Thomas, Springfield, Illinois, 1961.

Nela o Professor Ducasse dedicou treze páginas objetivas e imparciais à controvérsia de Bridey Murphy, que são de leitura obrigatória para qualquer pessoa, mesmo ligeiramente interessada no alvoroço do Dia das Bruxas depois de todos estes anos.

O Professor Ducasse, de forma calma e sã, colocou o assunto em perspetiva como mais ninguém foi capaz de fazer. Defendeu Bernstein e veio em apoio de Ruth Simmons, cujo verdadeiro nome era Sra. Virginia Tighe de Pueblo, Colorado, exonerando-a de qualquer suspeita de prática fraudulenta.

A Sra. Tighe nasceu a 27 de abril de 1923. À idade de três anos foi adotada por uma tia, a Sra. Myrtle Grung, e cresceu em Chicago. À idade de vinte anos casou com um aviador da Força Aérea dos EUA que morreu em combate um ano depois.

O segundo casamento de Virginia foi com Hugh Bryan Tighe, um homem de negócios de Denver, com quem teve três filhos. Como tanto o seu marido como os seus próprios parentes estavam "muito opostos a todo o fenómeno de Bridey por razões religiosas", Virginia estava impreparada e desequipada tanto para o sensacionalismo que o livro de Bernstein provocou como para a reação violenta que se abateu sobre as cabeças indefesas da sua família.

A revista Life começou a concentrar-se em Bernstein logo em março de 1956, mas foi o Chicago American que disparou sobre o Fort Sumter. Em junho iniciou uma série de artigos céticos, usando como sua autoridade o Rev. Wally White do Tabernáculo do Evangelho de Chicago, que tinha prometido "desmistificar a reencarnação devido ao seu ataque às doutrinas religiosas estabelecidas".

White afirmava ter conhecido a Sra. Tighe desde a sua infância, mas ela própria declarou que nunca o tinha encontrado até ele aparecer sem ser convidado à sua porta em 1956 e a informar de que era seu dever rezar pela alma dela.

O Denver Post veio valentemente em defesa de Virginia e de Bernstein, mas os seus canhões foram silenciados quando a Life deu o golpe de misericórdia a 25 de junho com um resumo da exposição do Chicago American e uma fotografia de uma certa Sra. Bridie Murphy Corkell e da sua família, de quem se falará mais adiante.

Uma peça de curiosidade freudiana tão fascinante como qualquer outra que emergiu nesta altura foi um livro escrito conjuntamente por três psiquiatras de Nova Iorque, que tinha como propósito a aniquilação total da teoria da reencarnação para sempre. Este livro, A Scientific Report on "The Search for Bridey Murphy", teve um fim singularmente não científico, acabando

numa livraria de saldos a ser despachado a quarenta e nove cêntimos a cópia.

Sobre o Rev. Wally White, o Professor Ducasse diz o seguinte: “Pareceria, então, que o destaque do nome deste clérigo no encabeçamento de vários dos artigos do American foi apenas um adereço psicológico para benefício de leitores piedosos mas ingénuos. Tais leitores, vendo artigos com a assinatura de um clérigo, e tendo-lhes sido dito que ele é o pastor da igreja que Virginia frequentava em Chicago, assumiriam naturalmente que ele tem conhecimento em primeira mão da infância e juventude dela; que os seus artigos se baseiam nesse conhecimento especial; e por conseguinte que, dado que os clérigos são verdadeiros, os artigos com a assinatura do Rev. White devem ser autorizados. Mas embora seja provável que o leitor deduza tudo isto dos artigos, estes evitam cuidadosamente afirmar na realidade qualquer uma destas coisas.

“O clímax, contudo, da série de artigos do Chicago American foi a descoberta de uma Sra. Bridie Murphy Corkell em Chicago, que vivia do outro lado da rua de um dos locais onde Virginia e os seus pais adotivos tinham residido, a quem Virginia conhecia... mas embora os artigos afirmem que ela ‘esteve na casa dos Corkell muitas vezes’, Virginia nunca falou com a Sra. Corkell — nem o artigo afirma que ela alguma vez o tenha feito.

“Além disso, Virginia nunca soube que o primeiro nome da Sra. Corkell era Bridie, e muito menos que o seu nome de solteira era Murphy, se é que era. Pois quando o Denver Post tentou verificar isto, a Sra. Corkell não estava a atender chamadas telefónicas. E quando o seu repórter Bob Byers perguntou ao seu pároco em Chicago, este confirmou que o primeiro nome dela era Bridie, mas foi incapaz de verificar se o seu nome de solteira era Murphy; nem o Rev. Wally White o pôde fazer.

“Mas o leitor dificilmente adivinhará quem esta Sra. Corkell, que o American ‘descobriu’, veio a revelar-se ser. Por mais uma das estranhas coincidências do caso, a Sra. Bridie (Murphy) Corkell é por acaso a mãe do editor da edição de domingo do Chicago American na altura em que os artigos foram publicados!”

O aspeto farsante de toda a história só emerge em pleno relevo, contudo, quando examinamos o destino da versão cinematográfica, que já estava em produção nos Estúdios Paramount com Pat Duggan como produtor, quando os sinais de tempestade foram içados no mastro.

O argumentista-realizador do filme relata o seguinte: “No argumento, estava limitado ao material que Bernstein tinha publicado no seu livro, embora houvesse material muito mais dramático e convincente noutros pontos das gravações originais. O clímax do filme foi cuidadosamente construído para assustar o público em relação ao uso irresponsável da hipnose como um truque de festa, e eu até escrevi uma cena gratuita onde um ministro protestante e um padre católico davam as suas opiniões definitivas sobre a teoria da reencarnação (paganismo subversivo) e hipnose (para os passarinhos).

“Os salários orçamentados para os dois atores principais eram modestos para dizer o mínimo, mas consegui convencer Teresa Wright a um tal entusiasmo pelo papel que ela aceitou trabalhar pela ninharia atribuída. O mesmo fez Louis Hayward que, devido aos seus filmes de época anteriores, se tinha tornado indesculpavelmente subestimado como um ator de composição versátil. Os chefes do estúdio, em vez de demonstrarem prazer com o elenco, desdobraram-se em esforços para mostrar desprezo a ambas as estrelas, e apenas o facto de eu ter um metro e noventa e cinco me salvou de ter de carregar uma mata-moscas carregada para me defender em corredores solitários.

No entanto, em breve comecei a chamar à nossa unidade a ‘Enfermaria da Contaminação’. O meu diretor de produção tinha sido informado em privado por fontes superiores de que o filme nunca seria terminado, mas que Duggan e eu já o estávamos. O meu montador, um tipo gregório, passava horas felizes no plateau a depreciar a filmagem, mas nenhuma, tanto quanto pude perceber, na sala de montagem... nada do que eu estava a filmar ‘se juntava no corte’.

“Fomos capazes de defender o filme de sabotagem aberta no chão do estúdio, mas quando se tornou necessário usarmos o laboratório de efeitos especiais — tínhamos sequências de ‘fantasmas’ e fundidos mecânicos intrincados do Colorado moderno para a Irlanda nos anos 1860 —, fomos informados de que o Sr. De Mille tinha requisitado o laboratório de efeitos na totalidade para ‘Os Dez Mandamentos’. Pedimos então que os diários fossem enviados para um laboratório de efeitos independente fora do estúdio. Foi-nos dito que isso era completamente impossível.

Finalmente o meu diretor de fotografia, Jack Warren, atrasou o relógio cinquenta anos e fez todas as duplas exposições no próprio plateau, usando nada mais complicado do que um prisma, um espelho e uma tira de meio metro de vidro simples, pintada de negro de fumo numa extremidade, untada com Vaselina no centro e límpida na outra extremidade. Isto, quando puxado lentamente através da lente da câmara, era duas vezes mais eficaz do que um fundido de laboratório moderno.

“O pior, contudo, estava ainda para vir. A revista Life tinha estado a prestar grande atenção à mania de Bridey Murphy há algum tempo, rastreando a sua influência perniciosa até festas de adolescentes onde jovens irresponsáveis faziam regressar jovens igualmente irresponsáveis a uma presumível sedutibilidade por

atacado. A meio do filme, a Life lançou a notícia de que tudo não passava de uma fraude.

"O nosso orçamento era baixo e estávamos a fazer entre quatro a dez minutos de tempo de ecrã por dia (isto com planos de cobertura adequados), mas da Enfermaria da Contaminação fomos relegados para a Colónia de Leprosos. Havia um movimento em curso para suspender a produção inteiramente, e vi-me não só a realizar mas a defender a ponte como Horácio, o que pelo menos manteve o inimigo à distância durante as horas de trabalho.

Trouxemos o filme a tempo, mas menos de cinco minutos dele tinham sido cortados. Consegui que o montador fosse substituído à última hora, e no curto tempo de montagem que nos restava, tivemos de proteger a interpretação de Teresa primeiro — uma vez isso equilibrado, teríamos sido capazes de elevar a interpretação de Hayward para corresponder a ela. Ele tinha trabalhado com uma intensidade altruísta, e a interpretação de Teresa refletia o seu trabalho de equipa; mas teria levado outra semana para o cortar para o filme na sua devida dimensão, e essa semana adicional foi-nos negada.

"Mesmo no seu estado mutilado e coxo, o filme recebeu uma salva de palmas na sua projeção de teste num cinema de bairro particularmente difícil e insensível em Glenwood. Isto devia ter animado os executivos o suficiente para nos deixarem terminar o trabalho, quanto mais não fosse para proteger o investimento dos acionistas, mas nunca mais vi o filme.

"Quando foi lançado, a imprensa geral deu-lhe o tratamento de silêncio e ele murchou obedientemente na vinha.

"Ninguém em Hollywood alguma vez o viu, para o caso de a sua presença no público poder ser interpretada como prevaricação

subversiva, contudo Duggan e eu fomos tratados como renegados que tinham manchado gratuitamente o orgulhoso património das Quatro Liberdades."

Vai uma grande distância dos inquietos anos cinquenta até ao êxito do musical da Broadway de Alan J. Lerner em 1966, "On A Clear Day You Can See Forever". Os anos intermédios tinham visto a teoria da reencarnação avançar na mente do público de um bicho-papão alarmista para uma musa serena, perfeitamente à vontade no palco da Broadway e a responder alegremente ao calor e encanto do génio de Lerner.

A maioria dos críticos achou-o um pouco demasiado desafiador da ortodoxia para ser tratado cordialmente, mas os públicos estabeleceram os seus próprios padrões, tal como fazem durante uma greve de jornais. Na verdade, a lotação esteve esgotada com seis meses de antecedência quando o espetáculo estreou no Mark Hellinger Theater.

Resumidamente, o enredo trata de uma Trilby moderna, manequim de Brooklyn, que é um sujeito hipnótico natural para um jovem e atraente psiquiatra. Ele fá-la regressar a uma vida anterior na Inglaterra do século dezoito, e fica subentendido (embora nunca categoricamente afirmado) que ele foi o seu amante inconstante nesse período.

O psiquiatra passa a apaixonar-se pela bela inglesa, Melinda, enquanto a sua edição contemporânea, Daisy, se apaixona por ele, para frustração mútua de ambos.

Na sua vida como Melinda, a heroína tinha perecido enquanto escapava para a América no veleiro Trelawney. Fugindo do seu psiquiatra, Daisy quase encontra o mesmo destino ao reservar um voo num jato transatlântico — também chamado (por que não?) — Trelawney.

A representar o equívoco popular sobre a reencarnação está o magnata do transporte marítimo grego, Kriakos, que oferece ao psiquiatra uma fortuna para lhe dizer quem ele será na sua próxima vida, de modo a poder legar os seus milhões a si próprio com antecedência.

A ESP de Daisy e o rumo do verdadeiro amor salvam o dia. Em última análise, ela permite que a sua personalidade anterior entre e "assuma a gestão" do seu eu atual. Mas antes do final feliz, o público é brindado com uma iniciação indolor, mas completa, nos progressos que a ESP fez na última década. Lerner contenta-se em dizer, com efeito: tudo isto será em breve aceitável para a sociedade; esta é a lógica psiquiátrica do amanhã.

Na edição de novembro de 1965 da Atlantic Monthly há uma entrevista com o Sr. Lerner, na qual o dramaturgo afirma: "Alguém me perguntou se eu achava que (a peça) era uma fantasia, porque tocava na possibilidade da reencarnação, e eu disse: 'Bem, não, para quinhentos milhões de indianos não é!'...

"A única coisa surpreendente sobre (a peça) é eu não a ter escrito antes. A perceção extrassensorial tem sido o meu passatempo toda a vida. ... Sei, naturalmente, que apenas vinte e dois por cento da nossa mente está em uso prático. O resto deve estar a fazer qualquer coisa lá em cima além de encher o chapéu. Eu próprio nunca tive experiências extrassensoriais, exceto uma menor quando estava a escrever 'Brigadoon'.

"O primeiro ato de 'Brigadoon' terminava com um casamento, que tinha de ter lugar fora da igreja. Tentei perceber por que razão, na Escócia dos séculos dezassete e dezoito, alguém se casaria fora de uma igreja e, se assim fosse, qual seria a cerimónia. Por isso concebi algo e escrevi-o.

"Vários anos mais tarde estava em Londres ... e deparei-me com um livro chamado Everyday Life in Old Scotland — e lá estava a minha cerimónia de casamento, palavra por palavra! ...

"Quando comecei a pensar seriamente sobre a razão pela qual queria escrever um musical sobre (a reencarnação), percebi que nos últimos meses tinha ficado cada vez mais indignado com todas as explicações fáceis que a psicanálise apresentava para explicar o comportamento humano. Estava a ficar cada vez mais desagradado com a moralidade da psicanálise — que estamos a viver num mundo onde já não há caráter e onde tudo é comportamento; que já não há bem, é tudo adaptação; que já não há mal, é tudo desadaptação.

A psicanálise transformou-se numa religião totalmente insatisfatória que não dá vida do Além, nem uma moralidade divina pela qual viver. E assim comecei a pensar: 'Bem, sim, isto pode ser uma boa coisa sobre a qual escrever.' Encontraria uma forma de dizer que não acho que sejamos assim tão explicáveis; que muito de nós é ainda desconhecido; que há mundos vastos dentro de nós e que é uma possibilidade empolgante de contemplar."

1966 viu também a publicação de Twenty Cases Suggestive of Reincarnation, do Dr. Ian Stevenson, que examinaremos a seguir. Aqui encontramos a reencarnação a gozar da plena dignidade da aceitação por parte de um distinto professor do Departamento de Neurologia e Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade da Virgínia.

CAPÍTULO CATORZE

O TRABALHO DO DR. IAN STEVENSON

O Dr. Stevenson, a chefiar a vanguarda de investigadores responsáveis que procuram provas em primeira mão da reencarnação, viajou para locais tão distantes como a Índia, o Ceilão, o Líbano e o Alasca. Em 1966 publicou as suas conclusões sob o título de Twenty Cases Suggestive of Reincarnation.*

A característica singular dos casos orientais é o breve intervalo entre a morte das almas e o renascimento. Enquanto as Leituras de Cayce medem aproximadamente os renascimentos em termos de séculos e meios séculos, nos casos do Dr. Stevenson a média está mais próxima de dez anos ou menos ... por vezes instantânea, como no caso de um jovem hindu de vinte e dois anos, envenenado até à morte por um devedor, que reencarnou no corpo de um rapaz de três anos e meio, presumivelmente morto de varíola. O rapaz reviveu, mas a partir daí identificou-se apenas com as características e a história do jovem de vinte e dois anos, até ao ponto de descrever corretamente a sua antiga família e reconhecer cada um individualmente quando levado a vê-los.

Publicado pela American Society for Psychical Research; Nova Iorque, 1966.

O exemplo mais impressionante, na medida em que o Dr. Stevenson pôde observá-lo enquanto ainda ocorria no Líbano em 1964, dizia respeito a um rapaz árabe de cinco anos chamado Imad Elawar, a viver na aldeia de Komayel. Antes dos dois anos tinha começado a referir-se à sua vida passada. As suas primeiras palavras referiam-se com carinho à sua amante da sua vida anterior. Imad teve a sorte de possuir pais que não reprimiram a sua conversa com a severidade que tais crianças habitualmente recebem.

Nascido a 21 de dezembro de 1958, ele afirmava ter vivido, na sua vida anterior, na aldeia de Khriby, a cerca de vinte e cinco

milhas de distância, como Ibrahim Bouhanzy, que tinha morrido de tuberculose a 18 de setembro de 1949. Imad forneceu corretamente as últimas palavras de Ibrahim ao morrer, identificou corretamente os membros sobreviventes da família de Ibrahim e nunca deixou de se referir carinhosamente a Jarmile, a amante de Ibrahim.

A aldeia e a casa de Ibrahim eram igualmente familiares a Imad. O Dr. Stevenson viajou com Imad e a sua família até à aldeia de Ibrahim, e cataloga os cinquenta e sete itens recordados de memória pela criança da seguinte forma: "Dos cinquenta e sete itens, Imad fez dez das afirmações no carro a caminho de Khriby ... destas dez, três estavam incorretas. Dos restantes quarenta e sete itens, Imad errou apenas em três itens. Parece bastante possível que sob a excitação da viagem ... ele tenha misturado memórias da 'vida anterior' e memórias da vida presente."

Tanto quanto era possível verificar as provas das duas famílias, o Dr. Stevenson fê-lo meticulosamente. A maior parte das provas era imediatamente evidente por si mesma. Nenhuma das famílias tinha a ganhar, e ambas tinham a perder se mentissem, na medida em que não se podia negar que a memória da criança tinha estado correta cinquenta e uma vezes em cinquenta e sete.

O Dr. Stevenson assinala que, se tivesse havido conluio entre as duas famílias (que eram desconhecidas uma da outra até se conhecerem para satisfazer a criança), o motivo teria sido difícil de estabelecer. Nenhuma família acumularia assiduamente provas de forma tão relutante durante um período tão longo pelo mero sensacionalismo de ver o seu nome nos jornais. Na verdade, a receção do Dr. Stevenson pela maioria das famílias hindus que ele entrevistou foi, ao início, hostil.

No caso da “posse” do “cadáver” de três anos e meio de Jasbir pelo jovem hindu desencarnado de vinte e dois anos Sobha Ram, o embaraço para a família da criança Jasbir foi ainda mais agravado pela recusa da criança em comer qualquer coisa que não fosse comida de brâmane, a qual tinha de ser preparada e cozinhada para ele por um vizinho brâmane compreensivo. Qualquer pessoa familiarizada com a ferocidade implacável das leis de casta hindus compreenderá que uma criança Jat normalmente preferiria morrer de fome a comer comida de brâmane, por mais desequilibradas que as suas faculdades mentais pudessem de outro modo ter ficado. É também difícil conceber uma criança da tenra idade de Jasbir a comportar-se subitamente com a autoridade articulada de um jovem dezoito anos mais velho do que ela.

“Durante a minha estadia”, escreve o Dr. Stevenson, “notei facilmente que ele não brincava com outras crianças, mas permanecia distante e isolado. Contudo falava de boa vontade com o meu intérprete, embora ostentando sempre uma expressão triste no seu rosto calmo, marcado pela varíola mas atraente.”

A família brâmane do falecido Sobha Ram estava disposta a tratar Jasbir com hospitalidade, mas a sua própria família Jat ressentia-se profundamente da sua identificação com uma família de casta superior, e a sua oposição à família “anterior” do seu filho atingiu o auge na sua recusa obstinada em deixá-lo conhecer a sua própria “viúva”.

“Os leitores podem desejar saber, como eu desejei”, conclui o Dr. Stevenson, “que relato deu Jasbir dos acontecimentos entre a morte da personalidade de Sobha Ram e o reavivar de Jasbir (da sua presumível morte) com memórias de Sobha Ram.

“A esta pergunta, Jasbir respondeu em 1961 que após a morte ele (como Sobha Ram) encontrou um Sadhu (um homem santo ou santo) que o aconselhou a ‘abrigar-se’ no corpo de Jasbir.

“Embora a aparente ‘morte’ de Jasbir tenha ocorrido no período de abril-maio de 1954, perto da data identificada da morte de Sobha Ram, não sabemos se a mudança na personalidade de Jasbir ocorreu imediatamente na noite em que o seu corpo pareceu morrer e depois reviveu.

“Nas semanas seguintes Jasbir esteve ainda perigosamente doente com varíola, mal conseguindo nutrir-se e não sendo capaz de expressar muito de qualquer personalidade. A mudança de personalidade pode portanto ter acontecido rapidamente ou gradualmente, durante as semanas que começaram imediatamente após a aparente morte de Jasbir.”

Em termos de provas documentadas, este caso é único. Na maioria das instâncias desta natureza, é dado tempo à alma para partir do seu corpo adulto antes que o seu corpo seguinte seja concebido, mesmo em casos de morte violenta. A alusão ao “santo Sadhu” que orientou o desencarnado Sobha Ram a “abrigar-se” no corpo morto ou a morrer de Jasbir sugere um estado de emergência, uma rutura nas “leis da criação” normais. Edgar Cayce admitiu que “por vezes há erros, mesmo no firmamento”; embora sejam demasiado raros para serem colocados na categoria de perigos. Ele sugeriu também que o primeiro plano astral é primitivo, na medida em que se assemelha de forma distorcida ao plano terrestre, e pode ser habitado pelas formas de pensamento de almas atrasadas ou não desenvolvidas, capazes de assumir todos os trajes exteriores ameaçadores do pesadelo.

Se assumirmos que a morte prematura e inesperada de Sobha Ram como resultado de envenenamento não estava prevista nas

leis kármicas às quais ele se conformava, isso poderia perfeitamente tê-lo deixado vulnerável a alguma alma hostil e vingativa que estivesse a aguardar precisamente por uma oportunidade dessas para acertar contas com ele.

No seu próprio estado de confusão desorganizada, incapaz de se defender, um dos Ajudantes ou Vigias mais benévolos poderia ter-lhe aparecido na forma tranquilizadora de um Sadhu e mostrado o único santuário disponível — a concha desabitada da criança morta. Isto poderia ter sido puramente uma medida temporária, até que o perigo imediato no astral inferior tivesse sido desviado e Sobha Ram pudesse prosseguir em segurança para um nível mais esclarecido e protetor. (Aqui empregamos novamente o argumento de Cayce de que as forças do mal, por mais obstinadas ou de qualquer intensidade que sejam, podem sempre ser dispersas pela oração vinda de uma fonte pura e responsável.)

Poderia ser possível, contudo, que uma vez tendo Sobha Ram reentrado nos confins materiais da carne humana (um pouco como uma lagosta a rastejar para dentro de um covovo), tenha ficado incapaz de se libertar novamente; e esteja agora obrigado a permanecer "preso à terra" como Jasbir até ter vivido o número exigido de anos que ainda lhe eram devidos no seu próprio registo kármico. Misericordiosamente a sua memória da sua vida anterior irá desvanecer-se gradualmente.

A REENCARNAÇÃO NO NORTE GELADO

Os esquimós do noroeste do Alasca, os aleútes a oeste, e os índios tlingit a sudeste, todos baseiam as suas crenças religiosas na reencarnação. Os tlingit personalizam-na ainda mais ao acreditarem que as almas regressam às suas próprias famílias imediatas.

Entre 1961 e 1965 o Dr. Stevenson fez quatro visitas aos tlingit, obtendo trinta e seis alegados casos de reencarnação. Estes casos não foram difíceis de recolher, dado que a maioria dos índios falava inglês e muitos dos alegantes ostentavam cicatrizes de "simpatia" na presente vida que identificavam a forma de morte na vida anterior.

Em 1949, um pescador índio tlingit de sessenta anos, chamado William George, disse ao seu filho e à sua nora que regressaria como filho deles. Prometeu-lhes que o reconheceriam pelas suas marcas de nascença presentes e deu-lhes o seu relógio de ouro para custódia. Poucas semanas depois, desapareceu do seu barco de pesca sem deixar rasto. Apenas nove meses mais tarde a sua nora deu à luz um rapaz "que tinha nevos pigmentados (sinais) na superfície superior do seu ombro esquerdo e na superfície palmar do seu antebraço esquerdo exatamente nas localizações mencionadas pelo avô."

À medida que crescia, o rapaz exibia um padrão de comportamento semelhante ao do seu avô, estendendo-se mesmo a uma claudicação física que o seu avô tinha contraído num jogo de basquetebol. Antes de ter cinco anos, o rapaz identificou o seu relógio escolhendo-o da caixa de joias da sua mãe sem ser induzido, e manteve obstinadamente o seu direito de propriedade. Referia-se aos seus tios como "filhos" e à sua grã-tia como "irmã".

O Dr. Stevenson escreveu:

"Ele mostra um conhecimento precoce sobre pesca e barcos. Mostra também um medo da água maior do que a média para rapazes da sua idade. É mais grave e sensato do que outras crianças do seu grupo."

Ainda mais demonstrativo de prova é o caso de outro tlingit, Victor Vincent (nome tribal, Kahkody), que morreu em 1946.

No ano anterior ele tinha dito à sua sobrinha favorita e ao marido desta, Corliss Chotkin, que regressaria como filho deles, e prometeu que o reconheceriam pelas cicatrizes que ostentava — uma no lado do nariz e outra nas costas, os restos de uma operação que ainda revelava as marcas dos pontos.

Dezoito meses mais tarde a Sra. Chotkin deu à luz um rapaz que possuía marcas de nascença que duplicavam exatamente as cicatrizes de Vincent. Aos treze meses ele interrompeu os esforços da sua mãe para lhe ensinar o seu nome, Corliss Chotkin Jr., perguntando: "Não me conheces? Eu sou o Kahkody!"

À idade de dois anos identificou corretamente a sua antiga enteada Susie, o seu filho William e a sua própria viúva. Continuou a exibir uma recordação invulgarmente detalhada até à idade de nove anos, a partir da qual a sua memória começou a desvanecer-se, tornando-se finalmente inativa no seu décimo quinto ano.

O Dr. Stevenson cataloga cada caso de forma meticulosa e académica. Declara os seus próprios pontos de vista, dúvidas e racionalizações em grande pormenor. No entanto, o seu livro emerge como uma reunião responsável de factos incontroversos. Na sua conclusão, não faz qualquer alegação de ter provado a reencarnação, mas a prova a favor dela nunca foi apresentada por um porta-voz mais responsável.

CAPÍTULO QUINZE

A LEI DA GRAÇA

Obviamente, a forma mais simples de ilustrar a Lei da Graça é mostrá-la em ação.

Anthony Hollis tinha-se apaixonado por uma rapariga enquanto ainda estava no colégio no Connecticut. Perdeu-a para o seu melhor amigo sem uma luta, e a sua Leitura subsequente disse-lhe que a sua memória subconsciente lhe tinha sido muito útil: duas vezes antes no passado ele tinha sido casado com ela, e duas vezes antes ela lhe tinha sido infiel. A Leitura especificou mesmo uma vida no antigo Egito na qual ela tinha fugido com o mesmo amigo! Não ofereceu pormenores de qualquer outra vida com ela, além da implicação de que a violência e a tragédia os tinham seguido sempre.

Hollis tinha tirado pleno partido da sua oportunidade de receber mais Leituras e, como tinha posto a moralidade destas em prática no melhor das suas capacidades, podia ser justificadamente chamado um "bom cristão". Casou bem e a paixão de colégio foi em breve enterrada e esquecida. Em 1944, foi chamado para o serviço ativo e fez a sua instrução como oficial de transportes em Fort Eustis, Va.

Um dia aconteceu engolir um caroço de ameixa que ficou tão firmemente alojado na sua garganta que ele teve de se apresentar no hospital para o mandar retirar. Não pensou mais nisso na altura. Mas enquanto estava baseado em Inglaterra antes da invasão da Europa no Dia D, engasgou-se novamente, desta vez com um pedaço de cartilagem. Uma vez mais a situação foi suficientemente grave para justificar auxílio médico. Por esta altura era demasiado tarde para solicitar uma Leitura a Edgar Cayce e, na altura em que Anthony Hollis experimentou o seu terceiro percalço na Alemanha ocupada, Edgar Cayce tinha falecido. Cada percalço era mais grave. Na Alemanha foi quase estrangulado por um segmento de osso de um guisado.

De volta à América após a guerra, estava a jantar com um amigo na cidade de Nova Iorque, quando um osso de frango se alojou na sua garganta. Foi levado à pressa para o hospital, onde um médico inexperiente desperdiçou minutos valiosos a tentar fazer-lhe um teste de bário "para provar que o engasgamento era psicossomático".

Quando finalmente o levaram à pressa para a mesa de operação, Hollis estava mal consciente, contudo, enquanto estavam a trabalhar nele com más caras de oxigénio e anestésicos locais, viu-se confrontado com um rosto estranho e vingativo, emoldurado em fios desalinhados de cabelo amarelo e sujo. Ele foi empurrado mais profundamente para este nível de consciência até se "fundir" com a outra personalidade e descobrir que era ele próprio. O ambiente sugeria vagamente um meio nórdico de há cerca de nove ou dez séculos... e ele estava confrontado com uma jovem mulher. A sua dor e raiva eram homicidas; ele sabia que ela lhe tinha sido infiel. Sabia que ela era sua mulher, mas isso era tudo.

Exatamente ao mesmo tempo que isto estava a acontecer, um amigo dele em São Francisco recebeu uma imagem fotográfica vívida deste mesmo rosto demente e associou-o a Hollis. Nesta alucinação, contudo, nenhuma mulher estava presente. Hollis estava acorrentado à parede de uma masmorra, fazendo parte de um grupo de homens desgrenhados e esfarrapados. A impressão foi suficientemente vívida para o seu amigo telefonar a Hollis no dia seguinte com alguma consternação. Quando Hollis e o seu amigo compararam notas, não restava réstia de dúvida de que ambos tinham visto o mesmo rosto.

Hollis pesquisou nas suas Leituras mas não pôde encontrar qualquer referência específica ao "sujeito do cabelo amarelo e sujo". As Leituras tinham enfatizado o traço cármico de um génio agressivo que Hollis a todo o momento se esforçava por controlar.

Nas notas cautelosas e táticas de Edgar Cayce, havia alusões a dívidas cármicas ainda por pagar. As Leituras faziam um grande ponto ao sugerir que, em vez de perseguir a lei do "olho por olho, dente por dente" de restituição literal, Hollis deveria tentar o método mais esclarecido de equilibrar o seu acerto de contas através do perdão e da oração.

Isto parecia uma tarefa complicada para um homem no século vinte que tinha aparentemente odiado uma mulher na Noruega viking no século oito ou nove. Mas o assunto foi tirado das mãos de Hollis. Menos de uma semana mais tarde ele teve o mesmo sonho macabro. Desta vez as feições não familiares da mulher assumiram a fisionomia de "fantasma" da rapariga que o tinha deixado no colégio, e ele estava a estrangulá-la com um empenho mortal. No duplo nível que agora ocupava entre o sonho e a reencenação cármica, Hollis começou a rezar com toda a intensidade e fé que podia reunir. Rezou pela força espiritual para perdoar à mulher que estava a estrangular; rezou para que ela fosse perdoada pelo seu adultério; rezou por si próprio para ser perdoado por a ter estrangulado até à morte.

Qualquer pessoa que tenha literalmente rezado no seu caminho de regresso de um leito de morte confirmará que, uma vez atingida uma certa intensidade, a oração genuína manifesta-se como energia que supera todos os outros fatores que se lhe opõem.

Quando Hollis acordou na manhã seguinte, estava consciente de um peso retirado da sua mente, um sentimento de liberdade recém-encontrada que nunca tinha conhecido antes, e o sentimento permaneceu com ele ao longo do resto da semana. Contudo ele não tinha meios tangíveis de se assegurar de que as suas orações o tinham libertado permanentemente do jugo cármico que tinha pendido tão pesadamente no seu pescoço. Não,

isto é, até o seu telefone tocar no sábado e ele ouvir a voz da sua vítima no sonho.

Ela tinha-se divorciado há muito do amigo dele e casado novamente. O seu segundo casamento tinha também fracassado; e agora, uma mulher rica, ela vagava pelo mundo em cruzeiros de luxo com os seus filhos, desconsolada e não realizada. Sem razão nenhuma, quando o seu navio atracou em Nova Iorque, viu-se a pensar em Hollis com remorso pela forma como o tinha deixado, sendo a sua chamada telefónica um capricho. “Espero bem que me tenhas perdoado a esta altura? Tratei-te tão desgraçadamente!”

Num surto sentido de alívio e gratidão, Hollis assegurou-lhe fervorosamente que já a tinha perdoado mil vezes!

Qual teria sido a alternativa cármica de Hollis? Seguramente um aumento na intensidade dos seus ataques de engasgamento, até que um o matasse. A dívida que devia era a si próprio, por ter uma vez cometido um homicídio. O facto de nesta vida a própria rapariga lhe ter poupado a miséria de ter de casar com ela novamente, e de ele ter depois sofrido a mesma miséria da traição dela, não o tirava do anzol cármico. O homicídio tinha ainda assim sido cometido; a Lei exigia ainda que fosse prestadas contas por ele. Assim, quando a liberdade da sua garganta era de alguma forma obstruída, os sintomas da sua resposta física eram de estrangulamento, não de engasgamento vulgar.

Mas a sua decência exterior para com a rapariga no presente; acrescida do facto de que, uma vez tendo Cayce explicado a causa cármica, Hollis não guardava rancor nem lhe desejava mal, funcionou a seu favor. Assim que o orgulho ferido e a vaidade ultrajada foram retirados de cena, as complicações desapareceram também, e ele ficou perante um teste de contornos bem definidos.

A fonte da força de vontade e da concentração que Hollis foi capaz de aplicar à sua oração final de perdão é definida de forma muito simples nas seguintes palavras:

«Ainda assim, é um facto que uma experiência de vida é uma manifestação da divindade. E a mente de uma Entidade é a construtora. Assim, quando a Entidade se dispõe a realizar aquilo que é criativo, entra no domínio da lei que opera entre o carma e a graça. A Entidade já não se encontra sob a lei da causa e do efeito, ou carma, mas sim, pela graça, pode prosseguir para o chamamento mais elevado estabelecido N'ELE.»

«Com toda a certeza, a lei aplica-se», disse Cayce numa situação semelhante. «Pois no início do homem, ao tornar-se uma alma viva na terra, foram estabelecidas leis, e estas prevalecem. Mas não percas de vista a lei da graça, a lei da misericórdia, a lei da paciência também. Pois cada uma tem o seu lugar — especialmente quando os indivíduos desejam ser canais através dos quais Deus se possa manifestar.»

O DESESPERO DESNECESSÁRIO DE UMA ALMA RESOLUTA

O segundo caso é o de Vera Aldrich, dona de casa, de cinquenta e três anos. Aqui vemos o erro, cometido por uma alma avançada cujo caminho tem sido quase demasiado difícil de suportar no plano físico, ao assumir que as suas dívidas cármicas exigiram a sua prestação de contas, e que está prestes a ser visitada pelas suas antigas culpas.

«Por que haveria eu de vir para esta vida com um corpo físico tão debilitado? Parece que passei pelo inferno (mas uma viagem interessante até agora!) e muitas vezes perguntei-me para o que me terei poupado. Sempre quis ser útil à humanidade, mas não tinha forças... angina, anemia perniciosa, e por aí fora desde

jovem. Por que trouxe eu um corpo tão debilitado para habitar? Terei cometido algum grande crime no passado?»

As respostas de Cayce foram formuladas inteiramente em calorosas garantias.

«Esta Entidade esteve associada àquele que perseguiu a igreja tão minuciosamente, e que tocou lira enquanto Roma ardia (Nero). É essa a razão pela qual esta Entidade tem sido desfigurada pelas condições estruturais do corpo atual.

«Contudo, esta Entidade pode ser destacada! Pois através da sua experiência na terra, avançou de um grau baixo até ao ponto em que uma outra reencarnação na terra pode nem sequer ser necessária.

«Não que tenha atingido a perfeição, mas lembra-te, o material, e os impulsos materiais, existem em outras consciências, não apenas na tridimensional... Existem outros reinos para instrução, se a Entidade se mantiver fiel aos ideais daqueles de quem outrora escarneceu (os cristãos em Roma).

«Haveria mais que se poderia dizer, mas iríamos minimizar as falhas e magnificar as virtudes. E pouco ou nada poderia ser dado que dissuadisse a Entidade seja de que forma for, pois, tal como Josué fez no passado, ela determinou que 'outros façam o que fizerem, mas quanto a mim — eu servirei o Deus vivo!'

«Quanto às capacidades: Quem daria glória ao sol da manhã? Quem diria às estrelas como ser bonitas? Mantém essa fé que te tem motivado! Muitos ganharão muito com a tua paciência, a tua consistência, o teu amor!»

Esta mulher, pela sua forma de vida generosa e altruísta, tinha alcançado a Graça sem sequer o perceber ao nível consciente. As suas longas peregrinações cármicas tinham chegado ao fim.

«Com toda a certeza, os indivíduos crescem na graça, no conhecimento, no entendimento, e à medida que aplicam aquilo que sabem, o passo seguinte é-lhes mostrado... Pois a Sua promessa é: 'Estarei contigo sempre, até ao fim do mundo.' Ele esteve contigo no início. Vós afastastes-vos...»

Gladys Turner Davis, secretária permanente de Edgar Cayce desde 1928 até à sua morte, transcreveu quase todas as Leituras nos arquivos, não uma, mas cinco vezes, e manteve-se tão desprendidamente leal a ele como foi durante a sua vida. Nenhum outro membro da A.R.E. possui a sua familiaridade única com as Leituras, e talvez ninguém mais exemplifique de forma tão discreta a aplicação das leis da Graça à existência quotidiana. Ela considera ter sido uma ocasião rara quando ele disse a alguém que a sua alma estava tão avançada que não precisava de regressar novamente à terra.

Numa das raras ocasiões em que foi persuadida a expressar-se no papel, presta a Edgar este tributo:

«Durante a vida do Sr. Cayce, só me consigo lembrar de três instâncias em que os indivíduos alegaram que as suas Leituras de Vida estavam incorretas — apenas três em quase 2500!

«Desde a morte do Sr. Cayce, ao recolher relatórios de progresso para indexar com as Leituras, encontrámos apenas um relatório desfavorável — de uma mãe que se queixa de que não havia 'nada de pessoal' na Leitura para a sua filha de seis anos.

«Aconteceu vezes sem conta que Leituras de Vida para crianças foram guardadas e esquecidas pelos pais e, mais tarde, descobriu-se que eram verdadeiras em todos os detalhes. Mas pensemos por um momento nestas poucas instâncias em que as Leituras foram contestadas... Mesmo que uma em vinte e quatro tivesse sido completamente errada — essa é uma percentagem

inaudita no campo da investigação psíquica — talvez em qualquer linha de investigação!

«Aqueles de nós que conhecem por experiência o valor destas Leituras não são apenas privilegiados, mas sentem-se obrigados a prosseguir em direção à perfeição, carregando uma tocha não apenas pela teoria da reencarnação, mas por todo o modo de vida cristão como ensinado por Aquele 'Que, estando em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus.'

«Mas o que significam as Leituras para os milhões que nem sequer sabiam ou se importavam que um homem deu a sua vida por eles? O que significará para as gerações vindouras?

«Tem sido dito que aos olhos de duas ou três testemunhas, um facto é legalmente estabelecido. Temos mais de dois mil exemplos vivos de análises corretas de capacidades e caráter baseadas nos registos akáshicos de vidas passadas.

«Através de uma análise e estudo cuidadosos deles, muitos de nós estão convencidos de que podemos alcançar um entendimento dos fatores básicos que governam os pensamentos e sentimentos do homem. Pois estas Leituras de Vida representam interpretações de leis espirituais fundamentais, aplicadas, é verdade, a problemas pessoais. Ao estudar um número de exemplos, deveríamos ser capazes de aprender como aplicar essas mesmas leis aos nossos próprios problemas pessoais.»

CAPÍTULO DEZASSEIS

CARMA DE GRUPO

OS SOBREVIVENTES DE FORT DEARBORN

Edgar Cayce, na sua vida anterior como o batedor da fronteira Bainbridge, tinha percorrido a recém-emergida nação da

América desde a fronteira canadiana até à Flórida, uma amálgama de herói pioneiro e do tipo de galã e jogador de barcos a vapor estilo Gaylord Ravenal. O ponto de cruzamento das suas várias incursões tinha sido Fort Dearborn, um posto comercial no local da atual cidade de Chicago. E foi aqui que estabeleceu os seus laços mais fortes com os seus semelhantes. Fort Dearborn era um terreno rude, perpetuamente em guarda contra índios hostis, e os habitantes trabalhavam e divertiam-se arduamente. O elemento puritano estava presente, mas a alegre devoção da boca para fora prestada à virtude (um legado da Inglaterra jacobiana) era ainda a norma, e o posto comercial tinha a sua quota inteira de tavernas, antros de jogo e casas de má reputação.

A memória desta vida era ainda tão vívida na sua própria época que Edgar ainda lamentava a linguagem persuasiva e o encanto fácil de Bainbridge com as mulheres, e as oportunidades desperdiçadas que tinha deixado atrás de si. Cayce nunca jogava a dinheiro por qualquer valor ou motivo, e raramente ou quase nunca bebia.

Bainbridge forjou um forte laço emocional com Fran Barlowe, a filha do pequeno-burguês proprietário de uma loja num posto comercial menor nas proximidades. Ela era uma de uma família numerosa, negligenciada e turbulenta, e aos dezassete anos ficou mais do que grata por fugir para se casar com um jovem taverneiro de valor duvidoso e fixar-se em Fort Dearborn. A taverna era meramente a fachada para salas de jogo que se especializavam em enganar os incautos. Era o refúgio favorito de Bainbridge durante as suas paragens periódicas.

Fran desenvolveu um talento nada negligenciável como cantora e dançarina na taverna do marido. Forjou um laço estreito com a gerente de bom coração das raparigas de vida fácil, uma mulher que se preocupava com o bem-estar e a saúde das suas protegidas «para além das exigências do dever». Fran também

esgrimiu argumentos com um padre conscienciosо que olhava para ela e para os seus associados frívolos com um olhar sombrio, reservando a sua desaprovação particular para um sacristão conviva que rezava piamente de dia, dava um salto ágil nas salas de dança de noite, e ainda encontrava tempo para cortejar a irmã do padre — um romance que esse virtuoso cortou muito justamente pelo calcanhar, para consternação dos amantes. Havia o fim, Fran começou a emendar os seus comportamentos e cortou alguns dos seus laços mais respeitáveis, mas «os sons de folia pela noite fora» só foram silenciados de vez quando o Forte sofreu um ataque maciço de índios que o reduziu a cinzas.

Bainbridge — que anteriormente tinha estado tão disposto a tocar lira enquanto Roma ardia como o melhor deles, apesar do grande bem que tinha feito como batedor nos arredores — salvou um dos grupos maiores de sobreviventes e trouxe-os em segurança para o rio Ohio, onde uma grande jangada de troncos foi apressadamente montada para os transportar para a margem oriental.

Tribos de índios hostis perseguiram-nos ao longo da margem oriental, no entanto, e Bainbridge não teve outra escolha senão descer o rio para procurar um desembarque seguro. Incapazes de ir para terra procurar comida, mesmo a coberto da noite, os ocupantes exaustos da jangada começaram logo a morrer de fome e de exposição aos elementos, Bainbridge entre eles. Mas ele tinha sido capaz de manter Fran viva, e quando a jangada finalmente encalhou, ela caiu nas mãos de índios amigáveis e eventualmente fez o seu caminho para a Virgínia. Ali começou a vida de novo.

Em 1812, Fran era a proprietária de uma modesta pensão onde o seu calor e bondade lhe renderam a alcunha de Anjo Minsitrador. Morreu aos quarenta e oito anos, honrada e respeitada, com as indiscrições da sua juventude aparentemente

absolvidas e esquecidas. Mas o ciclo de vida em Fort Dearborn não tinha tido tempo de se completar. A dispersão das famílias pelo ataque índio tinha deixado uma grande quantidade de assuntos desarrumados e inacabados.

Dentro de setenta anos, Fran regressou ao mesmíssimo estado da Virgínia, onde alguns dos seus competidores de Fort Dearborn já tinham começado a reunir-se. Como que por um pré-acordo tácito, tinham escolhido a península de Chesapeake, a uma distância confortável de deslocação quotidiana de Virginia Beach, embora o próprio Cayce não se fosse mudar para lá até 1925.

Fran logo encontrou razões para sentir que tinha nascido sob uma estrela sem sorte. Tinha feito um primeiro casamento precoce e desastroso e seguiu-o com outro, antes de a era da depressão do início dos anos trinta a encontrar em fuga de si mesma na cidade de Nova Iorque, a «servir refeições» num café de trabalhadores numa zona de quase-bairro de lata.

Mais entorpecida do que amargurada, carecendo de confiança e rumo, tinha-se resignado a viver o dia a dia sem esperança real de encontrar o seu lugar num mundo que parecia consistir em armadilhas e desilusões integradas. Foi aqui que David Kahn a detetou.

Kahn foi o homem que mais fez para trazer Cayce à atenção das pessoas que precisavam dele do que qualquer outro indivíduo na vida do psíquico. Os seus negócios levavam-no ao longo e ao largo dos estados do leste e do meio-oeste, e por onde quer que fosse exaltava os poderes do seu melhor amigo, Cayce, com eloquência e convicção. Uma casa de pasto na zona de confeções não era um porto de abrigo habitual para ele, mas tendo os negócios levado lá, observou Fran astutamente enquanto ela o servia, e finalmente perguntou-lhe o equivalente a «O que faz uma rapariga simpática como tu num antro como este?» Quando soube que ela vivia perto de Norfolk, na Virgínia, rabiscou o

endereço de Edgar num pedaço de papel e sugeriu que, quando regressasse a casa, pedisse uma Leitura.

Fran calculou que tinha coisas melhores a fazer com o seu dinheiro. A vida teve de aplicar mais um par de voltas no parafuso antes de ela finalmente se apresentar à porta de Edgar cerca de um ano mais tarde. Ele parecia reconhecê-la imediatamente, e a atmosfera de paz e calma radiada pela casa e pelos seus ocupantes foi o primeiro sentido real de santuário que ela alguma vez tinha experimentado nos seus vinte e cinco anos.

Seguiu-se uma das séries de Leituras mais singularmente compactas cobrindo um grupo de almas. Quase todos os membros da grande família de Fran estavam nela representados. Edgar sentia que lhes devia uma reparação pela forma despreocupada como tinha visto os seus problemas em Fort Dearborn.

Fran tinha renascido como filha da gerente que a tinha ajudado nos dias de Fort Dearborn. Cayce curou a sua mãe de um potencial eczema, e ela morreu aos oitenta e sete anos de nada mais tóxico do que «cansaço da alma». O seu pai foi do mesmo modo ajudado por Cayce a conquistar um fígado congestionado e uma contagem sanguínea excessivamente tóxica, e viveu até aos noventa anos. O seu irmão mais velho, Ned, tinha também sido seu irmão em Fort Dearborn.

Joel, o segundo irmão, tinha sido o sacristão que cortejava a irmã do padre, e tinha conhecido e casado com essa mesma irmã na sua presente reencarnação. O casamento foi um modelo de felicidade mútua até o padre, fiel ao seu caráter, encarnar como o seu primogénito. Assim que se pôde expressar, os seus pais nunca mais tiveram um momento sem sobressaltos. Mesmo sendo uma criança muito jovem, jogava um contra o outro com um zelo tão precoce que finalmente colocou uma cunha permanente entre eles. Singularmente, ele também sofria de uma doença de pele de

terceiro grau que foi finalmente curada pela sua Leitura de Saúde no seu vigésimo primeiro ano.

Uma das Leituras de Saúde mais minuciosamente documentadas traça a sua irmã Vera desde uma tuberculose avançada, diagnosticada como incurável pelos seus médicos, até à recuperação total com a ajuda dos «remédios não ortodoxos» de Cayce. Vera, reservada por natureza, recusou uma Leitura de Vida, talvez temendo que a sua tuberculose tivesse sido contraída nas salas de dança de Fort Dearborn.

O terceiro irmão de Fran, Hal, era quem mais gostava dela, protetor, avuncular e admirador. Adorava incentivá-la a cantar e a entreter, e ficava sentado eufórico, aplaudindo no final e exaltando os seus talentos até aos céus. Quem era ele? O seu marido taverneiro de Fort Dearborn. Quando ele testemunhou a sua conversão aos padrões de comportamento algo restritivos estabelecidos para ela nas suas Leituras, desenvolveu uma antipatia ilógica por Cayce que nunca superou, recusando-se a conhecê-lo ou até a discuti-lo.

A sua esposa Sarah não tinha tal bloqueio mental, tendo sido uma das mulheres que Fran tinha tratado durante a guerra de 1812. Não foi senão quando o seu primeiro bebé tinha três semanas de vida, e em tão desesperada necessidade de ajuda médica especializada que estava localmente indisponível que a sua morte parecia inevitável, que Hal, de rosto petrificado, se apresentou a Fran e lhe pediu para obter uma Leitura de Saúde sobre a criança daquele «charlatão».

Fran explicou que Cayce só daria uma Leitura se pessoalmente solicitada pelo progenitor, mas até aí Hal não iria. A pedido da própria Fran, no entanto, Cayce, consciente de que tinham de combater o relógio para salvar a criança, quebrou a sua regra. A solução para os problemas gástricos de que o bebé estava

a morrer era simplesmente diluir a fórmula e administrar uma dose de Castoria. A recuperação foi quase instantânea, e três dias mais tarde o bebé estava em perfeita saúde, para nunca mais sofrer os mesmos sintomas até que uma colite se desenvolveu mais tarde na sua infância. Isto, também, foi curado por uma Leitura.

Dos vinte ou mais habitantes de Fort Dearborn que se tinham reunido na península de Chesapeake, Hal e um dos três maridos de Fran foram os únicos que se mantiveram implacavelmente contra qualquer ajuda, conforto ou alento que as Leituras pudessem ter para lhes oferecer. Na verdade, o segundo marido de Fran não tinha entrado na vida anterior de Fran até ela se fixar na Virgínia, onde ele, também, tinha sido tratado até recuperar a saúde na sua pensão.

Durante a Guerra de 1812, Fran não tinha feito distinção entre amigo e inimigo quando tratava dos feridos. Assim, à medida que Fran restabelecia a sua própria vida numa base mais estável, as ressentimentos foram desaparecendo e todo o seu grupo familiar começou a melhorar em saúde e orientação pessoal. As zangas diminuíram e as tensões abrandaram. Os antigos «assuntos inacabados» de Fort Dearborn estavam quase todos resolvidos.

Entretanto, uma tal Mary Barker chegou ao local para abrir uma pequena loja de prendas para os turistas de verão. Mary, não muito mais jovem do que Fran, sofria de uma forma de poliomielite que lhe tinha dado um corpo obeso e aleijado. Tinha sido incapaz de andar sem ajuda desde a idade de um ano. Desde o momento em que conheceu Fran, desenvolveu uma obsessão quase neurótica por ela, perseguindo-a nas suas horas de lazer e sobrecarregando-a com afeto desajeitado.

Fran superou o seu constrangimento ressentido e obteve uma Leitura de Saúde na esperança de que Mary ainda não estivesse além de ajuda médica. A Leitura prescreveu uma série de massagens que estavam muito além dos meios de Mary. Nesta altura, ela era quase incapaz de ganhar um sustento adequado. A partir de um sentido profundo de compaixão, a mãe de Fran acolheu Mary em sua casa e durante três meses Fran aplicou as massagens e compressas diárias. A rapariga recompôs-se lentamente e foi eventualmente capaz de andar. Pediu então uma Leitura de Vida que a informou de que tinha sido filha de Fran na vida anterior, e tinha sofrido de desnutrição quando os criados índios tinham fugido com ela para lhe salvar a vida. Na idade adulta, tinha sido uma artista itinerante e uma pedra rolante, convencida de que a sua mãe a tinha abandonado deliberadamente. A sua amargura e autopiedade sem perdão tinham-se manifestado na forma da poliomielite desfigurante. Quando ela finalmente se mudou para seguir a sua carreira noutro lugar, ela e Fran foram capazes de se separar como boas amigas.

Hoje, Fran é uma matrona digna com um aspeto quinze ou vinte anos mais jovem do que a sua idade real devido ao seu rigoroso cumprimento das suas Leituras de Saúde. Ela mostra uma discrição compreensível quando discute os benefícios derivados das Leituras pela sua família e amigos. Eles, como muitos cidadãos sólidos que devem a sua equanimidade e longevidade a Cayce, são tímidos em admitir a sua ajuda em público, para que nenhum repórter de jornal caia sobre as suas cabeças por estarem alinhados como «uma multidão de testemunhas, quase nenhuma delas nomeada, que foram arrancadas de uma decadência certa pelas diagnósticos que Cayce proferiu nos seus trances».

O carma de grupo não se aplica apenas a uns poucos escolhidos que seguem o mesmo ciclo de almas e reencarnam nas mesmas famílias; tem implicações mais universais. Edgar Cayce

tornou abundantemente claro que todas as almas envolvidas nas invasões dos Conquistadores do México e da América do Sul por Cortez e Pizarro pagaram proporcionalmente pelo seu saque e chacina dos Astecas. Esta aniquilação de uma civilização inteira é enjoativa de ler mesmo agora; mas os aventureiros sedentos de ouro, disse Cayce, regressaram em massa a Espanha durante o período da Guerra Civil Espanhola neste século. Ali, irmão e mãe e pai e irmã voltaram-se uns contra os outros até que a sua civilização ficou em ruínas. Lança isto uma luz mais clara sobre a razão pela qual certos grupos de pessoas aparentemente inocentes estão sujeitos a um horror e tragédia imerecidos?

Raças inteiras parecem mover-se com os seus ciclos de almas. Pareceria que na América contemporânea a liderança negra está a guiar a raça em direção à sua herança de direitos económicos e sociais há muito negados.

Como podemos então explicar o ódio sem perdão dos pequenos grupos minoritários, tais como os muçulmanos; quando o colocamos contra a fundamentação responsável e disciplinada da maioria dos líderes negros?

É possível que tal implacabilidade, longe de refletir os ciclos de grupo dos negros, advenha antes de uma intrusão na raça negra de almas que odeiam o homem negro e o homem branco com igual intensidade? Tais almas poderiam muito bem ter pertencido ao tipo de proprietário de escravos reacionário no Sul anterior à guerra civil que sujeitava os seus escravos a chicotadas brutais e maltratava as suas esposas e filhos. Tais almas ter-se-iam compulsivamente condenado a reencarnar como negros: mas enquanto a pele escura do antigo proprietário de escravos no presente poderia inflamar as suas queixas conscientes, a sua mente subconsciente poderia estar igualmente inflamada pela culpa e vergonha que sente pelos crimes que outrora cometeu

contra a raça negra à qual agora pertence; fazendo-o odiá-los tanto quanto odeia os brancos.

CAPÍTULO DEZASSETE

A ATITUDE ATUAL EM RELAÇÃO À REENCARNAÇÃO

O PÚBLICO

Se o leitor questionar por que razão a reencarnação parece prosperar mais nas sociedades orientais e primitivas, que compare a educação permissiva e tolerante de, digamos, uma criança índia Tlingit com uma criança nascida na Salem Colonial possuindo uma aptidão igual para recordar a sua vida anterior. Isto seria instantaneamente rotulado como obra do diabo e zelosamente exorcizado. Algumas das mulheres que foram enforcadas eram pouco mais do que crianças. Tais horrores são inevitavelmente assimilados por aquilo a que o grande psiquiatra Jung chama o «inconsciente coletivo» de uma nação inteira. E quando uma raça contrai tais infeções da psique, os tabus atrasam a sua razão intelectual por gerações futuras. Na sua sombria peça The Crucible, Arthur Miller aponta a clara descendência linear da histeria em massa dos julgamentos das bruxas de Salem até ao julgamento do «macaco» de John T. Scopes por ensinar a evolução à sua turma nos anos vinte, e às audições do Comité de Atividades Não-Americanas no início dos anos cinquenta.

Se um cientista, educador ou político brilhante pode ser impedido de assumir o seu lugar de direito nos assuntos do seu país por coação, certamente é fácil ver como crianças que acreditam na evidência dos seus próprios olhos e ouvidos (e presumem que os seus pais também o fazem) podem sofrer lavagem ao cérebro para renegarem o seu próprio potencial psíquico. Uma criança que vê e fala com uma réplica muito tangível de um avô falecido, e é suficientemente imprudente para

o dizer, corre o perigo de ser ridicularizada, punida ou enviada a um psicólogo infantil. É inevitável que seja reduzida a reprimir a evidência dos seus próprios sentidos espirituais até que estes atrofiem.

AS IGREJAS

A América, a democracia mais jovem e forte que alguma vez existiu na história do mundo, provou ser capaz de assimilar ideologias hostis e aprender com elas — desde que uma minoria de loucos seja impedida de assediar a maioria sensata. A brutalidade de Salem, por exemplo, levou diretamente à inclusão da liberdade de todo o culto na Constituição.

Se a Constituição é a rocha sobre a qual a democracia sobrevive, então certamente, quando o Rev. Wally White promete desmascarar Bridey Murphy «porque a reencarnação é um ataque às doutrinas religiosas estabelecidas», ele está tão desorientado como os seus antecessores de Salem. Quais são as «doutrinas religiosas estabelecidas» que ele e a sua laia estão sempre em tal agitação para proteger? E quão fracas são elas, para que a proteção da Constituição seja insuficiente para as suas necessidades? Certamente as falhas nas igrejas estabelecidas são mais propensas a assemelhar-se àquelas criticadas pelo Papa Pio XII em 1950:

«Não podemos abster-nos de expressar a nossa preocupação e a nossa ansiedade por aqueles que... se tornaram tão mergulhados no vórtice da atividade externa que negligenciam o dever principal do cristão: a sua própria santificação.

«Já declarámos publicamente por escrito que aqueles que presumem que o mundo pode ser salvo pelo que tem sido justamente chamado a 'heresia da ação' devem ser levados a exercer um melhor discernimento.»

Catorze anos mais tarde, Sua Eminência o Cardeal Julius Dopfner, o bispo de Munique com cinquenta e um anos de idade, definiu o estado da religião ocidental hoje em termos tão brilhantemente lúcidos que o tornam definitivo. O prestígio do Cardeal Dopfner é tal que foi escolhido pelo Papa Paulo VI para ser um dos quatro Moderadores da segunda sessão do Concílio do Vaticano em 1964. Nesta capacidade, fez declarações a uma audiência de vinte e oito pessoas no Edifício do Congresso em Munique. Sobre disto, a revista Time reportou:

«Massas de fiéis foram perdidas, disse Dopfner, porque para muitos a Igreja Católica parecia 'uma instituição que escravizava a liberdade' e como 'uma recordação fora de prazo de uma era passada.' Falava ao homem numa língua antiga, através de rituais incompreensíveis, pregando conceitos que não têm relação com a vida atual. Em vez de penetrar o mundo, a igreja parecia sentar-se 'num gueto por si mesma imposto, tentando construir o seu próprio pequeno mundo contíguo ao grande mundo.'

«Atada a 'formas antiquadas', o Catolicismo dava muitas vezes a aparência de ressentir a presença inescapável do pluralismo ideológico, da democracia política e da tecnologia moderna.

«Estas verdades desagradáveis convenceram o Papa João XXIII de que o concílio era necessário, e deram nova força ao entendimento tradicional do Catolicismo como ecclesia semper reformanda — uma igreja sempre em necessidade de reforma.

«O próprio Cristo estava livre de pecado, mas a continuação da Sua obra, sublinhou Dopfner, 'foi confiada a humanos frágeis e pecadores.' Assim, a igreja tem sido por vezes culpada de 'falhar em alcançar o que Deus tinha desejado. A apresentação do amor

de Cristo pode ficar para trás, se a igreja usar os meios do poder em vez da humildade — da força em vez do serviço.

«Isto significa, segundo Dopfner, que qualquer reforma só pode ser levada a cabo pela igreja no concílio num espírito de penitência, ou metanoia, no conhecimento de que é 'uma comunidade de pecadores.' A reforma também deve ser baseada nos ensinamentos de Cristo e na Sagrada Escritura. Também deve ter a natureza de renovação em vez de revolução, preservando o que é bom da tradição passada enquanto se mantém aberta a futuras possibilidades de desenvolvimento.

«Estamos em perigo de resistir a ideias, formas e possibilidades às quais talvez pertença o futuro; e considerámos frequentemente como impossível aquilo que finalmente se manifestará como uma forma legítima de Cristianismo, disse o Cardeal.

«'Mesmo na área do ensinamento da igreja, o desenvolvimento está longe de ser impossível', disse Dopfner, dado que 'um dogma como tal não é finalmente sinónimo de verdade divina, mas apenas expressa incompletamente a riqueza da verdade divina, porque vê a revelação em termos humanos.'

«Isto não significa que a igreja possa retratar-se ou mudar definições dogmáticas do passado, mas pode descobrir novos aspetos da verdade, e encontrar novas formas de expressar o ensinamento tradicional.

«Assim, a antiga crença dos católicos de que 'fora da igreja não há salvação' pode ser ampliada para a tornar menos ofensiva para os protestantes. Deve também ser modificada para reconhecer 'que a palavra e a graça de Deus são eficazes em muitas manifestações fora da igreja.'

«Reconhecer isto numa declaração pela mais alta autoridade de ensino é sem dúvida uma inovação que, em tempos anteriores, quando as pessoas de outras fés eram meramente consideradas à luz da heresia formal, teria sido totalmente inconcebível.

«Mas, disse o Cardeal na sua peroração, 'o reconhecimento do Espírito Santo fora dos limites da igreja católica estabelece uma ponte para os nossos 'irmãos separados' e alarga a ordem da igreja como tal... Isto nós vemos como o primeiro passo do caminho ao longo do qual Deus pode em última análise levar-nos uns aos outros.'» (Time, 4 de fev. de 1964).

Estas palavras ressoam com uma magnificência sombria porque, em essência, aplicam-se a todas as denominações onde a intolerância fez qualquer tipo de incursão. Você também terá observado que os editores da Time reconhecem o Cardeal Dopfner como a «mais alta autoridade de ensino». Contudo, submeto que aos olhos de um omnisciente Rev. Wally White, as declarações do Cardeal poderiam tão facilmente ser interpretadas como «um ataque às doutrinas religiosas estabelecidas» como qualquer um dos dogmas contidos na «heresia formal» da reencarnação.

A intolerância religiosa sofre um exame de raio-X ainda mais penetrante do que aquele administrado pelo Cardeal Dopfner neste breve preceito do ensaísta judeu Harry Golden.

«Talvez, a mais importante de todas as inspirações,» submete Golden, «o antissemita arde frequentemente com um ódio consumidor por Jesus, que ele prudentemente expressa contra o povo que O produziu.

«Odiar os judeus também permite ao antissemita desferir golpes contra a ética restritiva do Cristianismo sem arriscar a sua posição na comunidade.»

Em suma, a euforia narcótica da falsa justiça leva inevitavelmente à perseguição.

A perseguição deve invariavelmente impor retaliação, não importa quão patética ou ineficaz, mesmo nos escalões abandonados da inversão sexual, onde o homossexual é classificado como um monstro em vez de um aleijado glandular. Desprovido de direitos e privilégios sociais, ele herdou o manto do pária excluído que foi usado, no século passado, pelos imigrantes em fuga dos déspotas e guetos europeus. Há cem anos, cartazes nas janelas dos escritórios informavam os desempregados de que «Irlandeses e Cães Não Precisam de Se Candidatar». O judeu encontrava-se tão isolado no seu bairro segregado de Nova Iorque como esteve em Varsóvia ou Praga. O negro foi reduzido à servidão dos humanoides em Atlântida. Esta corajosa nova raça de homens livres, apesar de todo o seu direito de nascença único, ainda fervilhava no caldeirão de fusão; era ainda poliglota; e mesmo agora o verdadeiro americano indígena «concebido em liberdade» tem ainda de emergir.

Mas irá ele emergir; até que toda a intolerância tenha desaparecido dos cinquenta estados?

Cayce, na sua hipnose por si mesmo imposta, diz que não. Esta nação deu a cara como nenhuma nação jamais tinha feito, quando escreveu a sua Constituição — uma aliança tão literal com Deus como qualquer uma na Bíblia. Outras nações, não comprometidas como esta está, não têm de alcançar ou sustentar tais padrões idealistas, mesmo embora metade da Europa e a maior parte da Ásia ainda adiram a manifestos cínicos e obsoletos que negam o direito do homem à «igualdade, fraternidade e liberdade».

A reencarnação reitera em cada dogma, tema e credo que uma religião simulada cria um povo simulado — que a raiz de todo o mal, o veneno letal que o homem ainda se alimenta a si mesmo, é o desejo manhoso e vergonhoso de perseguir sem ser apanhado Nisso.

CAPÍTULO DEZOITO

A REENCARNAÇÃO NO FUTURO

No mundo material, os acontecimentos vindouros lançam sempre a sua sombra, mesmo que estes sejam percetíveis apenas para o olhar retrospetivo do historiador.

Edgar Cayce esteve sempre relutante em impor as suas teorias aos outros, mas nos discursos que fez às pessoas no Hospital Cayce no início dos anos trinta, indicou as suas próprias crenças sobre o que estava para vir. Viu um desenvolvimento nas faculdades do homem, um alargamento dos seus cinco sentidos, e, por implicação, uma aceitação racional e lógica de verdades mais profundas.

Se a reencarnação reside inerente nestas verdades mais profundas, será automaticamente reconhecida e aceite pela raça humana à medida que alcançarem esse patamar de perceção mais profunda.

O próprio Cayce já era capaz de ler mentes e ver auras, e descreveu as suas reações nestas palavras simples: «Desde que me lembro, tenho visto cores em ligação com as pessoas. Não me lembro de um tempo em que os seres humanos que encontrava não se registassem na minha retina com azuis e verdes e vermelhos suavemente a jorrar das suas cabeças e ombros. Foi um longo tempo antes de perceber que as outras pessoas não viam estas cores; foi um longo tempo antes de ouvir a palavra 'aura', e

aprender a aplicá-la a um fenómeno que para mim tinha sido sempre comum.

«Nunca penso nas pessoas exceto em ligação com as suas auras; vejo-as mudar nos meus amigos e entes queridos à medida que o tempo passa — por doença, abatimento, amor, realização. Para mim, a aura é o catavento da alma. Mostra para que lado os ventos do destino estão a soprar.

«Muitas pessoas tiveram experiências semelhantes à minha, não sabendo durante muitos anos que era algo único.

«Tenho ouvido muitas pessoas comentar sobre a prevalência de óculos entre os nossos povos civilizados. Parecem considerar isto uma coisa má. Poderia ser que seja o resultado de um esforço constante da parte dos nossos olhos para verem mais, e para nos levarem ao próximo passo da evolução? Penso que isto é verdade, e será aceite no futuro.

«O que significará para nós se dermos este próximo passo evolutivo? Bem, significará que todos nós seremos capazes de ver auras.

«Uma aura é um efeito, não uma causa. Cada átomo, cada molécula, cada grupo de átomos e moléculas, por mais simples ou complexo, conta a história de si mesmo — o seu padrão, o seu propósito — através das vibrações que emanam dele.

«À medida que a alma de um indivíduo viaja através dos reinos do ser, altera e muda o seu padrão conforme usa ou abusa das oportunidades que lhe são apresentadas. O olho humano percebe estas vibrações como cores.

«Assim, em qualquer altura, em qualquer mundo, uma alma irradiará a sua história através das suas vibrações. Se outra

consciência puder apreender essas vibrações e entendê-las, saberá o estado da sua alma companheira, o infortúnio em que se encontra, ou o progresso que fez.

«Imagine o que isso significará! Todos serão capazes de ver quando tenciona contar-lhes uma mentira, mesmo uma pequena mentira piedosa! Teremos todos de ser francos, pois deixará de haver tal coisa como o engano!

«O perigo, a catástrofe, os acidentes, a morte, não virão sem aviso. Vê-los-emos a caminho, como fizeram os profetas do passado; e, como os profetas do passado, reconheceremos e acolheremos a nossa própria morte, compreendendo o seu verdadeiro significado.

«É difícil projetarmo-nos para um mundo assim — um mundo onde as pessoas verão as faltas e virtudes umas das outras, as suas fraquezas e força, a sua doença, as suas desgraças, o seu sucesso vindouro. Ver-nos-emos como os outros nos veem, e seremos uma raça de pessoas inteiramente diferente. Quantos dos nossos vícios persistirão, quando todos eles forem conhecidos por todos?»

De igual modo, ele explicou a sua atitude em relação ao poder latente da concentração mental, que também está destinado a aumentar na raça humana.

«A minha experiência ensinou-me que praticamente todas as fases dos fenómenos podem ser explicadas pelas atividades da mente subconsciente. Primeiro, deixem-me contar-vos uma das minhas próprias experiências nestas linhas — uma experiência que nunca mais repeti! Ao dizer-vos porquê, posso dar-vos as minhas ideias sobre como a telepatia mental deve e não deve ser usada.

«Há muitos anos, quando eu geria um estúdio fotográfico, uma jovem que era na verdade musicista trabalhava no meu estúdio. Ela tinha-se interessado pela fotografia e pelos fenómenos que se manifestavam através de mim.

«Um dia disse-lhe que conseguia forçar um indivíduo a vir ter comigo. Disse isto porque tinha estado a pensar sobre o assunto e a estudá-lo. Acreditava que por uma concentração profunda se deveria ser capaz de manter uma imagem mental dentro de si e, ao 'ver' outra pessoa a fazer uma coisa, poder-se-ia induzir mentalmente essa pessoa a fazê-la.

«A jovem disse: 'Bem, eu acredito na maioria das coisas que me disse, mas esta é uma coisa em que não acredito! Vai certamente ter de me provar isso!'

«'Com certeza', disse eu. 'Quem são duas pessoas que considera que seria impossível eu influenciar?'

«'Não conseguiria fazer o meu irmão vir aqui acima', disse ela, 'e sei que não conseguiria fazer o Sr. B vir aqui também, porque ele não gosta de si.'

«Disse-lhe que antes das doze horas do dia seguinte, o irmão dela não só viria ao estúdio, como me pediria para fazer algo por ele. 'E no dia seguinte, antes das duas horas', disse-lhe eu, 'o Sr. B virá aqui.'

«Ela abanou a cabeça e disse que não conseguia acreditar em nada disso.

«Ora, o nosso estúdio estava organizado de tal modo que do segundo andar podíamos olhar para um espelho e ver o que se passava na rua em baixo. Às dez horas do dia seguinte, sentei-me em meditação durante cerca de trinta minutos, apenas a pensar no

irmão dela e a perguntar-me se talvez não me tivesse ultrapassado ao dizer que ele me ia pedir para fazer algo por ele, porque a irmã dele costumava dizer-me que ele não tinha paciência para o trabalho que eu fazia.

«Após cerca de meia hora deste pensamento concentrado, vi o rapaz passar na rua em baixo, depois virar-se e vir para os degraus. Ele ficou ali alguns segundos, a olhar para cima na escadaria — e depois afastou-se. Em poucos minutos regressou e subiu as escadas até ao segundo andar.

«A irmã dele olhou à volta e exclamou: 'O que estás aqui a fazer?'

«O rapaz sentou-se na borda da mesa, a rodar o chapéu nas mãos. Depois disse: 'Bem, mal sei — mas tive um problema ontem à noite na loja, e tu tens falado tanto sobre o Sr. Cayce, que eu simplesmente perguntei-me se ele não me poderia ajudar...'

«A irmã dele quase desmaiou!

«No dia seguinte, às onze horas, tomei o meu lugar na mesma cadeira. A rapariga disse: 'Se resultou com o meu irmão, suponho que consiga fazer o mesmo com o Sr. B!'

«Disse-lhe que preferia não estar lá quando o Sr. B chegasse, porque ele não gostava nada de mim, e que ele não saberia por que razão tinha vindo. Ela disse-me mais tarde que ele entrou por volta do meio-dia e meia, depois de eu ter saído. Ela perguntou-lhe se podia fazer algo por ele. Ele disse: 'Não. Não sei o que estou aqui a fazer!' e saiu!

«Mas à medida que estudava mais e mais estes assuntos, decidi nunca mais fazer tal coisa. Qualquer pessoa que queira controlar outra pessoa, pode fazê-lo — mas cuidado! A

mesmíssima coisa que deseja controlar na outra pessoa será a coisa que o destruirá. Tornar-se-á o seu Frankenstein!

«Pois, como diz a informação das Leituras, qualquer pessoa que forçasse outra a submeter-se à sua vontade é um tirano. Nem mesmo Deus força a Sua vontade sobre nós. Ou fazemos da nossa vontade uma com a Dele, ou estamos opostos a Ele. Cada pessoa tem uma escolha individual.

«Então que papel pode a telepatia mental desempenhar nas nossas vidas? Pois tudo o que é bom também pode ser perigoso. Não poderia mencionar nada de bom que não tenha também a sua má aplicação, o seu mau uso. Como podemos nós, então, usar a leitura da mente, ou telepatia mental, construtivamente?

«A melhor regra que posso dar é esta: não peça a outra pessoa para fazer nada que não faria você mesmo.

«Quando o Mestre desceu à Judeia, foi convidado por um dos nobres do distrito, um fariseu, para jantar com ele.

«Assim Jesus aceitou este convite, e os Seus discípulos foram com Ele. Enquanto estavam sentados à mesa, uma mulher das ruas entrou e lavou-Lhe os pés com as suas lágrimas e enxugou-os com os cabelos da sua cabeça. Ela também ungiu os Seus pés com um óleo precioso.

«O nobre pensou para si mesmo — como muitos de nós fariam hoje — 'Que espécie de homem é este? Não sabe ele o tipo de pessoa que ela é?' Jesus, sabendo o que estava na mente dele, disse: 'Simão, tenho algo a dizer-te... Havia um certo credor que tinha dois devedores; um devia quinhentos dinheiros, e o outro cinquenta. E não tendo eles com que pagar, perdoou francamente a ambos. Dize-me, pois, qual deles o amará mais?' Simão

respondeu e disse: 'Suponho que aquele a quem mais perdoou.' E Ele disse-lhe: 'Julgaste bem.' (Lucas 7:36-50)

«Note-se que Jesus não disse a Simão: 'Isto é o que estás a pensar', nem o acusou de ser descortês por não ter providenciado água para os Seus pés, nem óleo para ungir a Sua cabeça. Jesus simplesmente falou de tal modo que despertou em Simão a realização de que não devia encontrar faltas num outro.

«Às vezes, nós também somos capazes de sentir o que as pessoas estão a pensar, e podemos saber o rumo que os seus pensamentos estão a tomar. Nesses momentos, a nossa conversa e ações em relação a elas só podem ser para mostrar — tal como o Mestre mostrou a Simão — que os pensamentos mais íntimos podem ser conhecidos por aqueles que estão intimamente associados com o Divino.

«Aqueles de vós que estudaram algo da história de Atlântida (nas Leituras) sabem que forças como a telepatia mental estavam lá altamente desenvolvidas. Um grande número de pessoas era capaz de pensar com tal concentração que podia trazer coisas materiais à existência pelo próprio poder da sua vontade. Usar tais forças para fins egoístas, como eles as usavam, só pode resultar em destruição.

«Essa mesma força da mente ainda existe, tal como existia na antiga Atlântida.

«Os maiores pecados no mundo hoje são ainda o egoísmo e a dominação de uma vontade individual por outra vontade.

«Poucas pessoas permitem que outros indivíduos vivam as suas próprias vidas. Queremos dizer-lhes como fazer; queremos forçá-los a viver à nossa maneira e a ver as coisas como nós as vemos. A maioria das esposas quer dizer aos seus maridos o que

fazer, e a maioria dos maridos quer dizer às suas esposas o que podem e não podem fazer!

«Alguma vez pararam para pensar que ninguém mais responde perante Deus por vocês? Nem vocês respondem perante Deus pelos outros.

«Se uma pessoa procurar primeiro conhecer-se a si mesma, então a capacidade de conhecer a mente de outra pessoa virá. A maioria daqueles que a praticarem por apenas um pouco de tempo pode desenvolver-se nesta linha. Mas certifiquem-se de que não tentam fazer o trabalho de Deus! Contentem-se em fazer o vosso, e terão as mãos cheias!

«Temos o direito de contar às pessoas as nossas próprias experiências pessoais e deixá-las decidir por si mesmas, mas não de as forçar, pois Deus apela a todos os homens, em toda a parte, para que olhem, prestem atenção e compreendam por si mesmos.

«A resposta chega a cada um de nós sobre se estas capacidades valem a pena ser desenvolvidas ou não. Se tivermos a conceção correta do que 'psíquico' significa, então sabemos que é uma faculdade que existe — sempre existiu — e é nossa por direito de nascença, porque somos os filhos e filhas de Deus. Temos a capacidade de fazer associação com o Espírito. Pois 'Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.' (João 4:23)

«Quando usamos as forças interiores para servir as Forças Criativas e Deus, então estamos a usá-las corretamente. Se as usarmos para os nossos próprios interesses egoístas, elas estão a ser maltratadas. Então tornamo-nos até como o Filho da Perdição — chamemos-lhe o que quisermos.»

E uma vez, quando Edgar Cayce estava em hipnose por si mesmo induzida, perguntaram-lhe: «Como deveríamos apresentar o trabalho da A.R.E. a alguém de fé ortodoxa?»

«Convidai-os a vir e ver», respondeu ele. «Não impondo, não impelindo. Pois apenas aqueles que estão a precisar de respostas para 'algo interior' prestarão atenção.

«Não os perturbeis, não encontreis faltas. Pois se o teu Pai, Deus, tivesse encontrado faltas com cada palavra vã ou cada ato indelicado na tua experiência, que oportunidade teríeis tido nesta experiência?

«Se quereis conhecer a misericórdia perante Ele, sede misericordiosos e indeléveis para com aqueles de qualquer fé ou grupo que encontreis.»

CAPÍTULO DEZANOVE

CONCLUSÃO

A reencarnação, então, não é uma teoria; é um código prático de ética que afeta diretamente a moralidade humana. Era uma parte essencial dos primeiros Evangelhos, e a sua remoção por dois pagãos macabros nunca foi satisfatoriamente explicada. Referências dispersas a ela ainda existem na Bíblia, mas as enciclopédias têm vindo a diminuir com firmeza a sua ênfase sobre ela desde pelo menos 1911 — a última edição da Encyclopædia Britannica a tratar francamente dela sob o cabeçalho de Metempsicose.

As Leituras de Edgar Cayce aceitam-na incondicionalmente, e insistem repetidamente que a conduta positiva e negativa em vidas anteriores afeta ativamente os padrões de comportamento no presente. Aquilo que é negativo pode ser resolvido e superado,

uma vez que o homem esteja preparado para aceitar os seus problemas como sendo inteiramente criados por si mesmo e, portanto, suscetíveis de serem por si mesmo desfeitos.

Em lado nenhum parece ter sido perigosa ou prejudicial para as crenças espirituais ou filosóficas do homem, salvo quando entra em conflito com uma vaidade inflada, ou um ego que se tornou a cauda que abana o cão.

Contudo, a nenhuma crença foi tão obstinadamente negado o benefício da dúvida ao nível paroquial; nunca mais ruidosamente os seus detratores clamaram por «prova». Mas sobre os ombros de quem deveria recair justamente o ónus da prova?

Não há prova histórica de que Atlântida tenha alguma vez existido. Mas há quinhentos anos não havia prova histórica de que a América tivesse alguma vez existido. Quanto a isso, não havia prova histórica de que os Pergaminhos do Mar Morto tivessem alguma vez existido até serem descobertos por um pastor de cabras árabe por uma hipótese em um milhão.

Sobre quase todos os assuntos debaixo do sol, a maioria dos homens acreditará em quase qualquer mentira — desde que seja suficientemente grande, suficientemente absurda e seja repetida com frequência suficiente — e nunca sonhará em exigir prova. Do mesmo modo, acreditará no que lê nos jornais, e no que vê nos noticiários, tão implicitamente como se Moisés os tivesse trazido do Monte Sinai gravados em pedra. Aceitará totalmente as promessas eleitorais de um demagogo. Está cegamente convencido de que o seu advogado, o seu médico e o seu dentista são infalíveis e incorruptíveis. Se o seu médico operar à apendicite e inadvertidamente deixar uma compressa de gaze para trás quando o coser, ele morrerá prestativamente antes de exigir saber por que razão a operação não tinha sido tão bem-sucedida como tinha sido apregoada.

Aparentemente, apenas a reencarnação o enche de um pavor supersticioso, e apenas quando é atormentado por um pavor tão vago como esse é que insiste numa prova tão irrefutável que nem a Mãe de Todos os Vivos a poderia fornecer para sua satisfação.

Por que é a lei cármica do renascimento e da restituição um tal bode expiatório para a mente ortodoxa? Será o facto de que cada alma na criação terá de voluntariamente regressar e experimentar o equivalente emocional, bom e mau, de tudo o que fez os outros experimentar? O facto de que qualquer que seja a fraqueza que perseguimos nos outros, iremos eventualmente herdá-la, com toda a perseguição que lhe é inerente.

O facto de que cada alma é o seu próprio juiz e o seu próprio júri, e passa sentença apenas sobre si mesma.

O facto de que o além não abriga nenhum juiz subornável, nenhum júri para ser ludibriado. O facto de que, em última análise, a única pessoa que alguém alguma vez enganou foi a si mesmo — e sem sucesso.

A nossa preocupação obsessiva com superficialidades externas, e a nossa ansiedade servil em conformar-nos com o moderno não só nos roubam a individualidade e a estatura, como nos corroem até nos tornarmos complacentes e estultificados. Será apenas porque rejeitámos a lei da reencarnação que esbanjamos três quartos das nossas vidas a impressionar os outros, fingindo ser o que não somos? Se assim for, terá de chegar um momento em que acharemos quase impossível ser honestos connosco próprios; e por essa altura nada será mais dolorosa e desesperadamente necessário para a nossa sanidade.

Talvez o ingrediente desagradável resida no facto de que, mesmo quando reduzida aos seus fatores mais humildes, a

reencarnação oferece pouca ou nenhuma consolação ao neurótico indolente que culpa a sua mãe desleixada e o seu pai beberrão pelo facto de nunca ter tido o menor trabalho para se tornar agradável — quanto mais amável — para os outros. Não tem nenhuma panaceia para oferecer ao zângão que ranzinza e espera ser amado por todas as suas faltas — pela sua falta de empenho, pela sua mandriice, pela sua hipócrita sacudidela de água do capote e pelo seu desejo furtivo de armar aos cãos sem ter de pagar a conta por isso.

«Tantas vezes o ego está tão enredado em si mesmo», disse Edgar Cayce, «que teme constantemente perder a sua importância, o seu lugar, a sua liberdade. Contudo, para ter liberdade em si mesmo, dê-a! Para ter paz em si mesmo, faça-a! Estas são leis imutáveis... Pois na paciência possuíreis as vossas almas. Na paciência tornais-vos conscientes de que o corpo é apenas um templo, um edifício exterior. Mas a mente e a alma são as mobílias permanentes do mesmo — os essenciais nos quais habitareis constantemente.»

Isto certamente entra em colisão com a velha e fina máxima materialista de que o mundo odeia um perdedor e admira um figurão que se fez a si próprio, não importa quantas vítimas deixe no seu rasto.

Temos nós, ao descartar a lei da reencarnação, descartado todo o conceito de um Criador justo e amoroso? Então pareceria que criámos as nossas próprias armadilhas com vingança. Pois certamente os cinco sentidos do homem são insuficientes para lhe permitir negar a existência de Deus com qualquer convicção real. Não está o homem em terreno mais seguro aceitando-O em vez de O negar? Pois uma vez que consiga reduzir toda a crença a nada, ele próprio, obviamente, deixa de existir.

Isto pareceria indicar que um ateu assumido é apenas um homem que não consegue contemplar o firmamento sem ter vertigens, porque este não lhe oferece nada de familiar com que o comparar.

Talvez isto explique por que razão ele tem igual dificuldade em tentar contemplar a ideia da reencarnação. A ideia de que é uma das pedras angulares lógicas de uma fé válida carece de uma base materialista sólida e reconfortante. Este facto isolado é suficiente para a tornar suspeita para qualquer penitente por si mesmo condenado que acredita que nasceu em pecado uma e uma única vez, e que o único caminho para a sua própria conceção de uma salvação esfarrapada é através de um sofrimento sem sentido e interminável. Para ele, a heresia duradoura da reencarnação é que o homem é um agente livre e o seu Deus é um Deus de Amor. Isto significa que até que tenha aprendido a amar o seu próximo, nenhuma outra sabedoria sobre o seu Criador lhe estará disponível.

O que o confronta em seguida? O facto desagradável de que nenhum homem é capaz de amar os outros até ter superado os obstáculos que o impedem de amar a si mesmo.

Se ele nunca puder amar ou tornar-se amável para os outros, segue-se tão logicamente como o dia se segue à noite que os outros nunca poderão amá-lo ou tornar-se amáveis para ele.

Nesse caso, ele está agora em sérios e mortais problemas, pois se não pode nem amar nem ser amado, será engolido pela noite eterna da solidão implacável. A solidão é o adversário mais letal do homem, pois é o único veneno que pode, em última análise e inexoravelmente, exterminar a alma.

O leitor que já percebeu a esta altura que qualquer estudo sério da reencarnação não pode ser abordado através de outro

canal que não seja a dependência num Cristo benigno, fará bem em desdogmatizar-se recorrendo ao livro do Rev. Weatherhead, belamente concebido e simplesmente escrito, The Christian Agnostic (Abingdon Press, Nova Iorque, 1965). Nenhum outro clérigo de tão estimável autoridade esteve alguma vez mais em harmonia com a própria interpretação da Bíblia de Edgar Cayce.

No capítulo «Reencarnação e Oportunidades Renovadas», o Dr. Weatherhead encabeça a sua própria aceitação da metempsicose nas seguintes palavras:

«Penso em Betty Smith, nascida num lar próspero, cercada por todas as oportunidades, com uma educação ideal, amando e casando com um homem bem capaz de a manter no mesmo tipo de ambiente, dando à luz meia dúzia de crianças felizes e saudáveis, e passando para a meia-idade e anos posteriores com plena saúde e todas as comodidades possíveis.

«Depois penso em Jane Jones, nascida cega, ou surda, ou aleijada, num lar miserável, onde um pai bêbado faz da vida um inferno para todos. Jane não pode escapar, nunca poderá casar e ter o seu próprio lar, nunca poderá ter as coisas de que Betty desfruta, e morre cedo, digamos, de uma doença maligna...

«Alguns imaginam que 'as coisas serão ajustadas no céu'.

«Irá Betty, então, sofrer noutra vida porque foi feliz na terra? O que faria isso, em matéria de justiça? Nada. E certamente não faria nenhum bem a Jane. Nem ela é vingativa ou mesquinha ao ponto de o desejar. Irá Jane ser 'recompensada' ou 'compensada'?

«Mas que tipo de compensação repara meio século de miséria terrena? Encolhemo-nos quando ouvimos falar de uma concessão de dinheiro dada a um homem injustamente preso. Como pode isso compensá-lo pela aflição mental, pelos anos desperdiçados,

pela miséria e dor de todos os seus parentes? Estas coisas não podem ser 'compensadas'.

«Será a aflição humana apenas sorte, então? Se assim for, quão injusta é a vida! Será a vontade de Deus? Nesse caso, quão diferente de qualquer pai humano Ele deve ser; pois um pai humano que assim exercesse a sua vontade seria metido na prisão, ou num asilo de loucos!»

Estas são palavras fortes do augusto Ministro do City Temple de Londres, mas o Dr. Weatherhead ataca com a mesma força que Cayce. O Dr. Weatherhead acredita apaixonadamente que o Cristianismo é um modo de vida, não «um sistema teológico com o qual se deve estar em acordo intelectual...»

«Sinceramente, pergunto-me muitas vezes por que razão tantas pessoas vão à igreja. O Cristianismo deve ter um poder inerente maravilhoso, caso contrário as igrejas já o teriam morto há muito tempo.»

Ainda assim, à reencarnação não será atribuído nenhum lugar lógico na nossa sociedade até que o dogma ortodoxo deixe de alimentar (e assim apenas atrair) o fator carregado de culpa nas suas congregações. A reencarnação nunca poderá fazer sentido para o homem comum enquanto ele temer e rejeitar secretamente o seu conceito obsoleto de um Deus vingativo e punidor.

O Dr. Weatherhead, tal como Cayce fez antes dele, faz disto a pedra angular de todo o seu argumento, e opõe-se particularmente a um clérigo inglês que, tendo usado todos os brometos especiosos para desacreditar a metempsicose, terminou com o desafio: «A minha alegada pré-existência não pode ter nenhum significado moral presente simplesmente porque estou impedido de me lembrar de qualquer coisa sobre ela.»

Aqui o bem-intencionado benemérito pôs-se a jeito, e o Dr. Weatherhead estava alegremente no seu direito de lhe dar um toque.

«Que declaração absurda!», exclama o Dr. Weatherhead. «Portanto, se algum fármaco fosse agora dado ao Dr. Whale, apagando a memória da sua juventude, quaisquer indiscrições dessa juventude não poderiam ter 'nenhum significado moral presente'! Ele esquece-se de que elas o teriam feito e moldado tão eficazmente para ser o que é, como se se lembrasse delas. Um juiz não está muitas vezes pronto a desculpar um prisioneiro de toda a responsabilidade moral se ele afirmar que não se consegue lembrar de nada sobre isso agora!

«Nenhum de nós se consegue lembrar agora dos seus primeiros anos. Mas qualquer psicólogo enfatizará a sua importância e o efeito que tiveram sobre nós.

«Estes incidentes da infância aconteceram, não a outro, mas a nós, e, embora agora esquecidos, determinaram muitas das nossas reações presentes à vida. O próprio padrão da vida adulta é uma forma de memória armazenada. Não precisamos de nos lembrar de impressões mentais para sermos influenciados por elas.»

E no mesmo estado de espírito de exuberância afável, o Dr. Weatherhead apresenta este argumento direto: «O cristão inteligente acredita que Deus está a elaborar um plano nas vidas de todos os homens e mulheres, e que a consumação deste plano significará que a Sua vontade é 'feita na terra como no céu'...

«[Mas] como pode um mundo progredir nas coisas interiores — que são as mais importantes — se o nascimento de cada nova geração enche o mundo de almas não regeneradas, cheias de tendências animais não domadas? Nunca poderá haver um mundo perfeito a menos que, gradualmente, aqueles que nele nascem

possam tirar partido de lições aprendidas em vidas anteriores em vez de começar do zero. É verdade que o número de prodígios é pequeno e também o é o número de santos, mas pode muito bem haver outros planetas mais adequados do que este para ser a sua sala de aula. Pode ser que tenhamos de renunciar à ideia de esta terra ser o palco da sociedade perfeita.

«Estes pensamentos fazem-me concordar com o falecido Deão Inge, que não era um pensador vulgar, que disse da doutrina da reencarnação: 'Acho-a tanto credível como atraente.'

«A gente pergunta-se por que razão os homens aceitaram tão prontamente a ideia de uma vida após a morte e descartaram em tão grande escala, no Ocidente, a ideia de uma vida antes do nascimento. Tantos argumentos para uma imortalidade num só sentido parecem convincentes para uma vida nos dois sentidos fora do corpo presente.»

Mas mesmo que limitemos a questão à vida após a morte, não podemos fazer melhor do que concluir com uma das parábolas favoritas de Edgar Cayce da Bíblia.

Em Lucas 17:19-31, Cristo conta aos fariseus sobre o mendigo Lázaro, «alimentado das migalhas da mesa do homem rico», que morreu e foi levado para o seio de Abraão. Mas quando o homem rico morreu, encontrou-se no inferno, de cujo ponto de observação podia ver Lázaro instalado no Céu.

«Então ele disse [a Abraão]: 'Rogo-te, pois, ó pai, que o envies à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento.'

«Abraão disse-lhe: 'Eles têm Moisés e os profetas; ouçam-nos.'

«E [o homem rico] disse: 'Não, pai Abraão; mas, se alguém for ter com eles dentre os mortos, arrepender-se-ão.'

«E Abraão disse-lhe: 'Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite algum dos mortos.'»

APÊNDICE

OS QUINZE ANÁTEMAS CONTRA ORÍGENES

Henry Percival imprimiu na íntegra os quinze anátemas contra Orígenes. Estão facilmente disponíveis na admirável obra de Head e Cranston, Reincarnation, An East-West Anthology (The Julian Press, Nova Iorque, 1961) e raramente tais ditames grandiosos carregaram tão desproporcionada substância. Na verdade, parecem mais bombasticamente iletrada do que dogmas responsavelmente concebidos, e literalmente em lado nenhum citam autoridade bíblica para as suas condenações.

«Se alguém afirmar a fabulosa pré-existência das almas», começam eles grandiloquentemente, «e afirmar a monstruosa restauração que se lhe segue, seja anátema (amaldiçoado).»

Cláusula 2: «Se alguém disser que a criação de todas as coisas razoáveis inclui apenas inteligências sem corpos... e que há unidade entre todas elas por identidade de substância, força e energia, e pela sua união com e conhecimento de Deus o Verbo; mas que, já não desejando a visão de Deus, se entregaram a coisas piores, cada uma seguindo a sua própria inclinação; e que

tomaram corpos mais ou menos subtis, e receberam nomes... seja anátema.»

(Isto sugeriria uma contestação de toda a Bíblia, pois até o Antigo Testamento afirma que todas as coisas vivas foram originalmente concebidas na mente de Deus, receberam Entidade por Ele, e subsequentemente rejeitaram a sua fonte e o seu Criador).

As Cláusulas 3 e 5 afundam-se na sua própria ininteligibilidade, mas a Cláusula 7 anuncia: «Se alguém disser que Cristo... teve pena das diversas quedas que tinham aparecido nos espíritos... e que para os restaurar passou por diversas classes, teve diferentes corpos e diferentes nomes, se tornou tudo para todos, um Anjo entre Anjos, um Poder entre Poderes... e finalmente tomou carne e sangue como o nosso e se tornou homem pelo homem... se alguém disser tudo isto e não professar que Deus o Verbo se humilhou e se tornou homem; seja anátema.»

(O texto não abreviado é ainda mais laborioso no seu esforço para desacreditar a encarnação de Cristo numa forma humana; e contudo tenta implicar ao mesmo tempo que Ele poderia ter feito algo vagamente semelhante, mas demasiado obscuro para ser inteligível para a razão mortal. Isto é típico da constante neurose de ansiedade de Teodora de querer ter o seu bolo e obliterá-lo também.)

A Cláusula 8 é um non sequitur ainda mais complexo: «Se alguém não reconhecer que Deus o Verbo... é Cristo em todos os sentidos da palavra, mas afirmar que Ele o é apenas de uma forma imprecisa e por causa do rebaixamento da inteligência, e e converso que a inteligência só é chamada Deus por causa do Logos, seja anátema.»

(Se algum sentido se pode tirar disto, certamente desacredita inteiramente a própria afirmação de Cristo de que era tanto o Filho de Deus como o Filho do Homem.)

As Cláusulas 9, 10 e 11 enredam-se no palavreado uma da outra a tal ponto que anulam a sua redemontada combinada; mas a Cláusula 12 faz um esforço para salvar o melhor das cláusulas precedentes: «Se alguém disser que o julgamento futuro significa a destruição do corpo; e que... a partir daí já não haverá qualquer matéria, mas apenas espírito, seja anátema.»

(Isto faz do triunfo simbólico de Cristo sobre a carne pela Sua morte e ressurreição um gesto sem sentido, realizado para absolutamente nenhum propósito construtivo.)

A Cláusula 14 tropeça ainda mais inadvertidamente no ateísmo passivo: «Se alguém disser que todos os seres razoáveis serão um dia unidos num só... e que os corpos terão desaparecido, e que o conhecimento do mundo vindouro trará consigo a ruína dos mundos... que nesta pretendida apocatástase, apenas os espíritos continuarão a existir, como era na fingida pré-existência; seja anátema.»

(Em suma, «tudo isto não passará».)

Cláusula 15: «Se alguém disser que a vida dos Espíritos será semelhante à vida que era no início, quando os espíritos ainda não tinham descido ou caído; de modo que o fim... será a verdadeira medida do início; seja anátema.»

Pequena maravilha que até o intimidado Papa Virgílio tenha movido céus e terra para conseguir que tal palermice fosse anatematizada por sua vez; e que Justiniano tenha tido de recorrer a uma obstrução bizantina para a fazer passar à força.

Mas havia ainda mais idiotia por vir.

Na sua intoxicação por si mesmo gerada (pois a esta altura todo o processo da criação deve ter parecido tão claro como lama para o Justiniano por si mesmo apoteosizado), ele contribuiu pessoalmente com mais dez anátemas gratuitos contra Orígenes.

Estes são ainda mais perturbados em conteúdo do que os primeiros quinze, exceto que duas das cláusulas são ataques diretos a conceitos da igreja que até antecedem Orígenes. A primeira relaciona-se com a ideia de Cristo descer ao purgatório e submeter-se a uma forma de crucificação ali, como o único meio de remir as almas dos condenados. (A referência a isto aparece com frequência suficiente nos escritos da igreja primitiva para estabelecer que deve ter tido um lugar de honra nos Evangelhos num determinado momento.)

«Se alguém diz ou pensa que Cristo o Senhor num tempo futuro será crucificado pelos demónios, como foi pelo homem, seja anátema», apregoa Justiniano, aos quatro ventos, magnificamente indiferente à possibilidade de ele e a sua formidável esposa poderem um dia begetar entre esses mesmíssimos demónios, em duradoura necessidade de salvação do Filho do Homem.

O ponto seguinte reside ainda mais longe na antiguidade — o conceito poético da alma, uma vez livre dos seus confins materiais, como um brilho luminoso de pura luz. Era uma das imagens de estimação de Orígenes, e Justiniano espeta-a de forma sombria: «Se alguém diz ou pensa que na ressurreição, os corpos humanos se erguerão esféricos em forma e dissemelhantes das nossas formas presentes, seja anátema.»

(Aqui sente-se a ultrajada Teodora a recusar conceber-se no Dia do Juízo como qualquer coisa menos esférica do que uma

Imperatriz pesadamente pejada de joias, com a imunidade diplomática intacta.)

A última das dez cláusulas é a mais petulante: «Se alguém diz ou pensa que a punição dos demónios e dos homens ímpios é apenas temporária, e terá um dia de terminar, e que uma restauração terá lugar dos demónios e dos homens ímpios, seja anátema.»

(Portanto, pode esquecer a parábola do Filho Pródigo.)